

Provedora do Telespectador da RTP

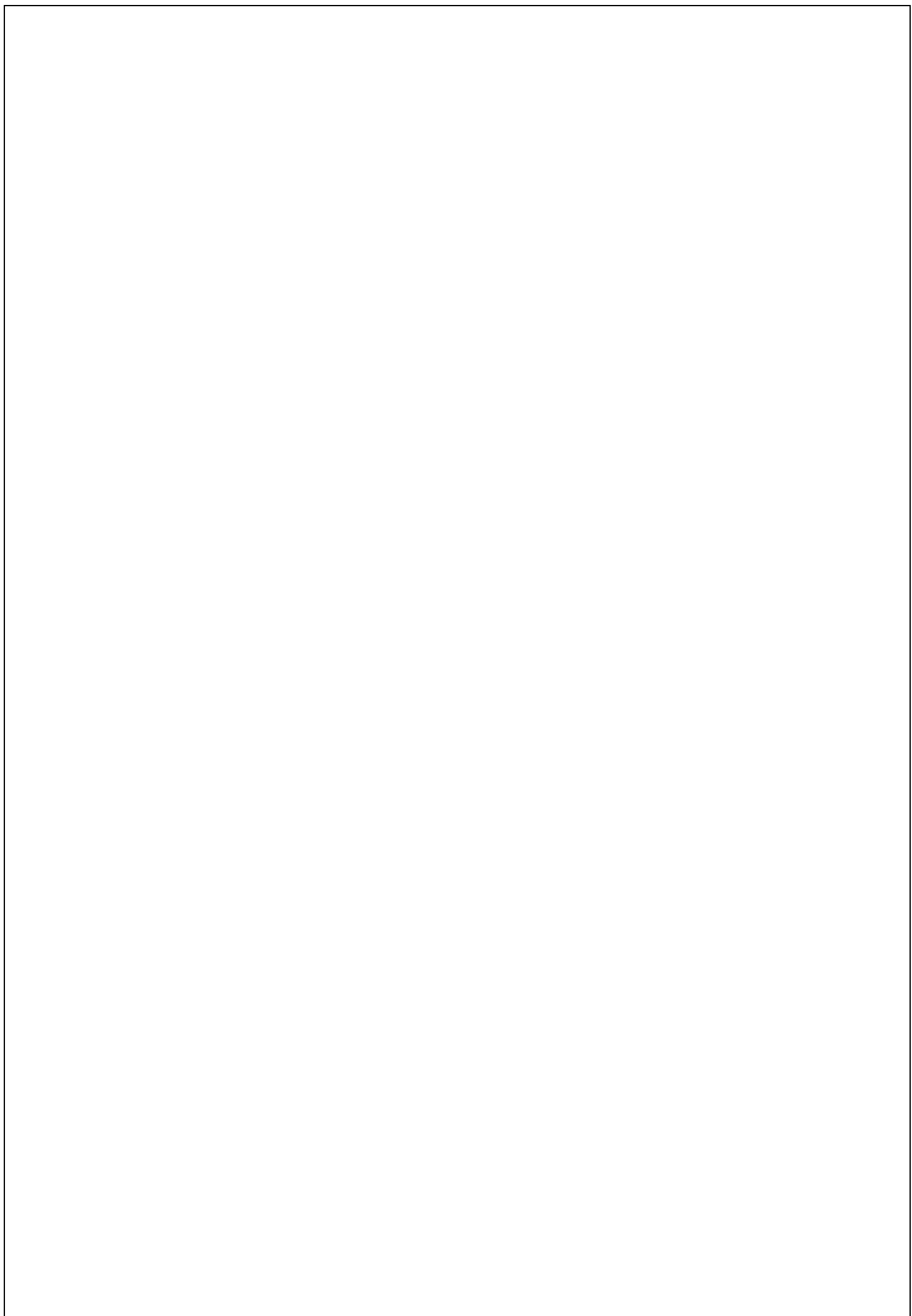
Relatório de Atividade 2024



Ana Sousa Dias

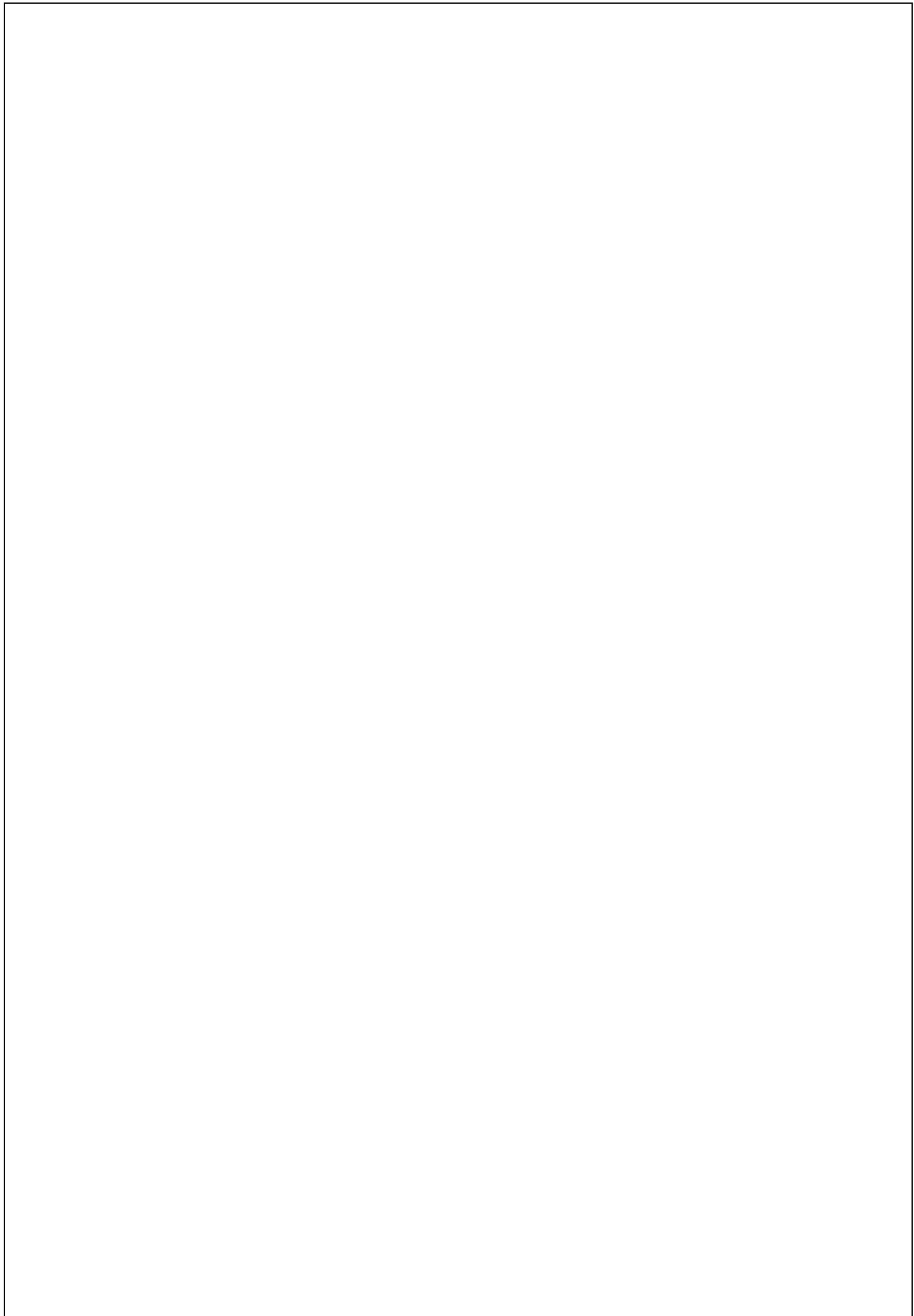
Provedora do telespectador

Lisboa, 2025



Índice

Introdução	1
Mensagens.....	3
Análise gráfica das mensagens recebidas	5
■	6
■ <i>Gráfico 1: Total de mensagens recebidas anualmente desde 2006 a 2024</i>	6
■ <i>Gráfico 2: Caracterização das mensagens</i>	7
■ <i>Quadro 2.1:Caracterização das mensagens</i>	7
■ <i>Gráfico 3: Vias de receção das mensagens</i>	8
■ <i>Gráfico 4: Distribuição de mensagens por canais</i>	8
■ <i>Gráfico 5: Temas das mensagens mais abordados</i>	9
■ <i>Quadro 6: Temas das mensagens</i>	12
■ <i>Gráfico 7: Distribuição por áreas visadas</i>	14
■ <i>Gráfico 8: Temas relacionados com os comentadores</i>	15
■ <i>Gráfico 9: Temas relacionados com os jornalistas</i>	16
■ <i>Gráfico 10: Distribuição geográfica das mensagens recebidas em Portugal Continental e Ilhas</i>	17
■ <i>Gráfico 11: Distribuição geográfica das mensagens recebidas de Portugal e estrangeiro</i>	18
■ <i>Gráfico 12: Distribuição por sexo</i>	19
■ <i>Quadro 12.1: Número de mensagens por sexo</i>	19
■ <i>Gráfico 13: Distribuição por idades e sexo</i>	20
Programa “Voz do Cidadão”	21
■ Temas dos Programas “A VOZ DO CIDADÃO 2024 – Temporada 13.....	24
Balânco de audiências	33
Provedoria	39
Conclusões.....	41
Agradecimentos.....	42
Guiões dos programas “A Voz do Cidadão”	43



Introdução

O meu trabalho enquanto Provedora do Telespectador em 2024 foi uma sequência do que tenho cumprido desde que, em novembro de 2021, iniciei o primeiro mandato, renovado em 2023. No final de outubro de 2025, terminarei estas funções que muito me honraram e que muito enriqueceram a minha compreensão do universo mediático, em particular da RTP, e da sociedade portuguesa.

A tarefa tem-se desenvolvido em três planos, com ligações entre eles: as mensagens dos telespectadores, o programa semanal Voz do Cidadão e o contacto direto com quem trabalha na RTP. Continuei a participar em sessões em escolas do ensino básico e do superior. Participei também em conferências e reuniões em que têm sido debatidos os problemas do sector da comunicação social.

A actualidade, nacional e internacional, é determinante para o fluxo de mensagens que recebo, já que a Informação é a área que mais contactos suscita. Faço, portanto, uma breve revisão dos principais acontecimentos de 2024.

No plano nacional, ocorreram quatro atos eleitorais: para a Assembleia Regional dos Açores (4 de fevereiro), para a Assembleia da República (10 de março), para a Assembleia Regional da Madeira (26 de maio) e para o Parlamento Europeu (9 de junho).

Ao longo do ano, com maior incidência a partir de abril, as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974 marcaram tanto a Informação como os Programas. O grande incêndio da Madeira foi central no mês de agosto: tendo deflagrado no dia 14, só foi considerado extinto a 26.

Em 21 de outubro, a morte violenta de Odaír Moniz, na Cova da Moura, na sequência de uma operação policial, desencadeou uma série de tumultos nos subúrbios de Lisboa.

Na generalidade, estes temas passaram pela caixa do correio da Provedora, particularmente as eleições legislativas, já que os debates entre candidatos durante a campanha desencadearam, como é habitual, muitos comentários.

No plano internacional, em 2024, continuaram e agudizaram-se as guerras na Ucrânia e em Gaza, ocupando grande parte dos serviços noticiosos. As eleições para a Presidência dos Estados Unidos foram tema muito presente também. Catástrofes naturais abalaram o mundo, nomeadamente grandes incêndios, inundações e sismos. Estes temas chegaram à caixa de correio da Provedora principalmente devido à exibição de imagens chocantes.

Os Jogos Olímpicos e outras grandes provas desportivas animaram o panorama, até porque grandes atletas portugueses conseguiram feitos notáveis, mesmo em modalidades nas quais não havia precedentes nacionais. Realço aqui que a RTP passou a transmitir em direto, provas internacionais de modalidades que não eram habitualmente contratadas - o que resultou do facto de se terem revelado novos talentos em áreas como o futebol feminino, o râguebi, a natação ou o ciclismo de pista.

Mensagens

Como aconteceu nos anos anteriores, tentei responder atempadamente às mensagens que recebi, mas nem sempre consegui esse objetivo. Houve uma redução no total de mensagens recebidas, relativamente a 2023, e parte da explicação está na redução drástica das mensagens exigindo a transmissão de touradas pela RTP ou agradecendo o facto de a RTP não as transmitir. Tinham atingido 2855 em 2023, passaram a 378 em 2024.

Globalmente, recebi 4355 mensagens e no ano anterior tinham sido 6343.

De novo, houve momentos em que subiu exponencialmente o número de mensagens sobre um mesmo assunto, confluindo numa opinião idêntica - por vezes com textos iguais. Aconteceu assim aquando de um Spam Cartoon em que figurava Passos Coelho, no início de março. Outra “onda” de protestos acompanhou os Jogos Olímpicos. Na origem estava um problema de dicção de um dos comentadores.

Os Programas e a Informação motivam a maioria das mensagens, mas também o Desporto, encarado globalmente, com incidência maior no futebol.

Destaco duas situações delicadas que foram levantadas ao longo do ano. Uma delas foi a muito comentada entrevista de José Rodrigues dos Santos a Marta Temido no período pré-eleitoral para o Parlamento Europeu. Recebi muitas mensagens de protesto a este respeito. Sobre este tema, mas, de forma global, sobre essa campanha eleitoral, fizemos um programa de balanço em que ouvimos este jornalista e também o diretor de Informação e o jornalista Carlos Daniel, responsável pelos debates finais.

Outra questão foi inesperadamente suscitada por uma jornalista que era, ao tempo, responsável por programa um de reportagem. Evoco esta situação porque se trata de uma questão essencial: a proteção de dados. Seguimos no Gabinete o Regulamento Geral da Proteção de Dados (RGPD) e não divulgamos a identidade dos telespectadores que nos escrevem.

Acontece, por vezes, que é adequado pôr em contacto direto o telespectador e os responsáveis pela área que é abordada. Por exemplo, quando há problemas técnicos, um contacto direto facilita a sua resolução. Mas é sempre pedida a autorização prévia do telespectador para fornecer a identidade e o contacto. No caso a que me refiro, a jornalista pretendia saber o nome do telespectador que tinha criticado um programa da sua responsabilidade, mas apenas para saber de quem se tratava. Perante a minha recusa, solicitou a intervenção dos serviços jurídicos que pediram um parecer ao responsável pela área da Proteção de Dados. O parecer do Dr. Carlos Viana confirmou a minha decisão.

As questões técnicas e os problemas na área digital também continuam a surgir, e são sempre encaminhados para os respetivos serviços.

Como se pode verificar nos gráficos, a maioria dos telespectadores que contactam a Provedora é composta por homens (quase dois terços - 1271 mulheres e 3043 homens). No caso das mulheres, a faixa maior tem entre 45 e 60 anos (404), seguindo-se as maiores de 60 (323) e a faixa de 30 a 45 anos (233). A fatia maior dos homens tem mais de 60 anos (919), seguida da faixa entre os 45 e os 60 (876) e só então vem a faixa entre os 30 e os 45 (642).

Análise gráfica das mensagens recebidas

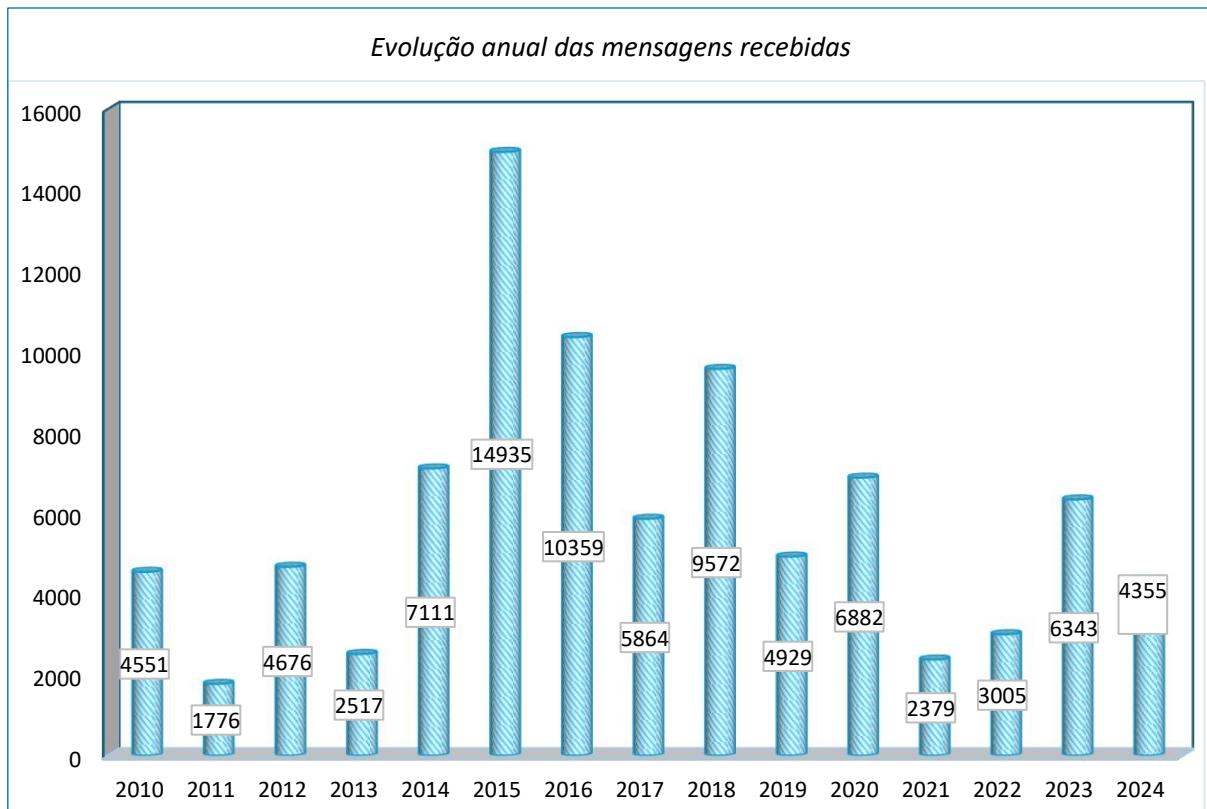


Gráfico 1: Total de mensagens recebidas anualmente desde 2006 a 2024

O gráfico 1 revela o número de mensagens recebidas desde 2010. Em 2024 o total desceu relativamente a 2023, atingindo um total de 4355, superior aos de 2021 e 2022. Em 2023, de facto, recebi 2855 mensagens sobre touradas (a favor e contra a transmissão) e em 2024 esse total desceu para 378.

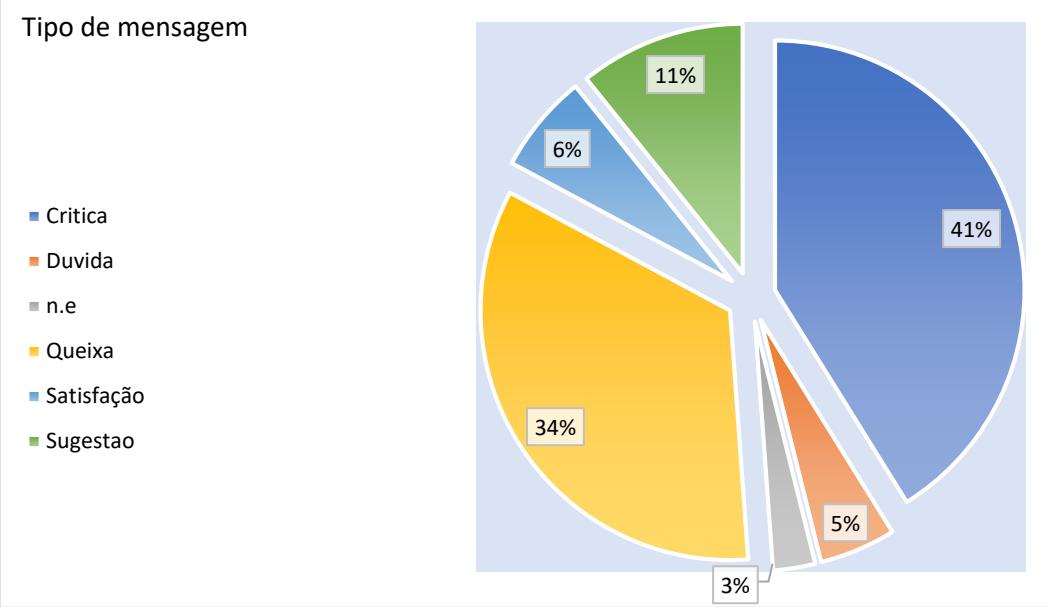


Gráfico 2: Caracterização das mensagens

Caracterização das mensagens	
Crítica	1792
Dúvida	216
n.e. (não especificado)	119
Queixa	1480
Satisfação	279
Sugestão	469

Quadro 2.1 Caracterização das mensagens

O gráfico 2 carateriza as mensagens por críticas, dúvidas, queixas, satisfação e sugestões. Além das 119 (3%) que não são especificadas, as críticas são a maior fatia do bolo, com 1792 mensagens (41%). Seguem-se as queixas, com 1480 (34%). Recebi 469 sugestões (11%), 279 mensagens de satisfação (6%), 216 a expressar dúvidas (5%).

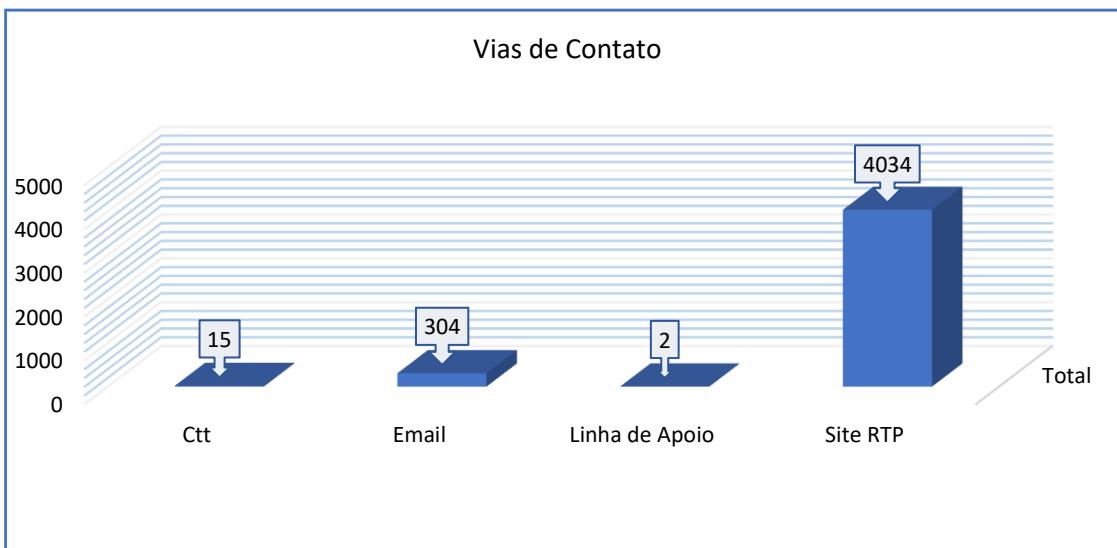


Gráfico 3: Vias de receção das mensagens

O gráfico 3 especifica as vias de recepção das mensagens. A esmagadora maioria veio através do site da RTP - 4034. Por email chegaram 304 mensagens, pelos CTT vieram 15 e duas passaram pela Linha de Apoio RTP.

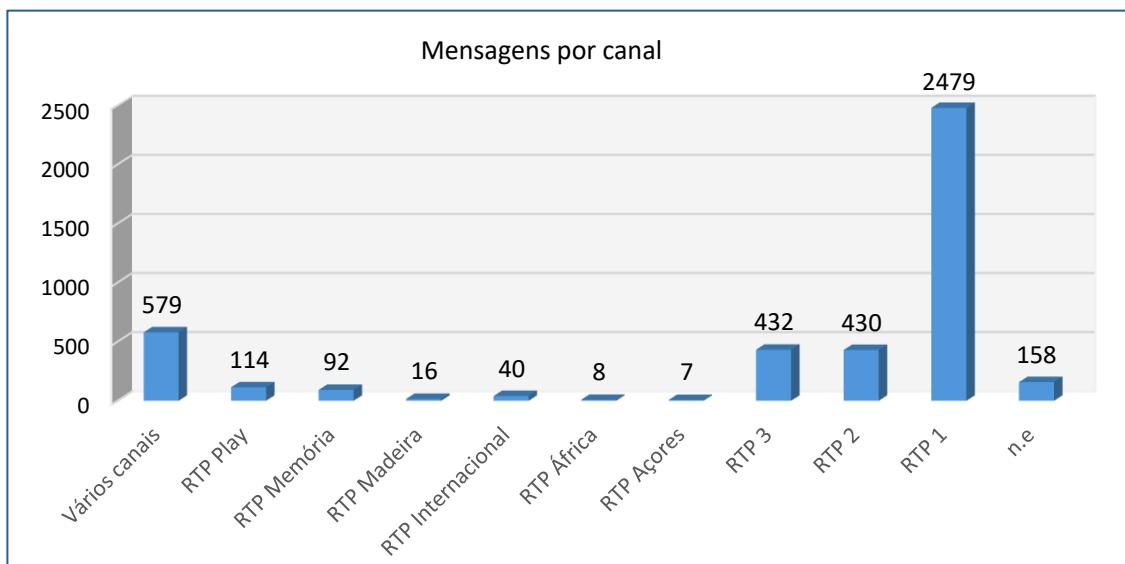


Gráfico 4: Distribuição de mensagens por canais

O gráfico 4 indica a distribuição de mensagens por canais. A RTP 1 é de longe o canal que motivou mais mensagens - 2479. Em seguida vêm as que abordavam vários canais e depois, quase com o mesmo número, a RTP3

(432) e a RTP2 (430). Sobre a RTP Play, recebi 114 mensagens, seguida pela RTP Memória com 92, a RTP Internacional com 40, a RTP Madeira com 16, a RTP África com 8 e a RTP Açores com 7. Chegaram 158 mensagens que não se referiam a um canal em particular.

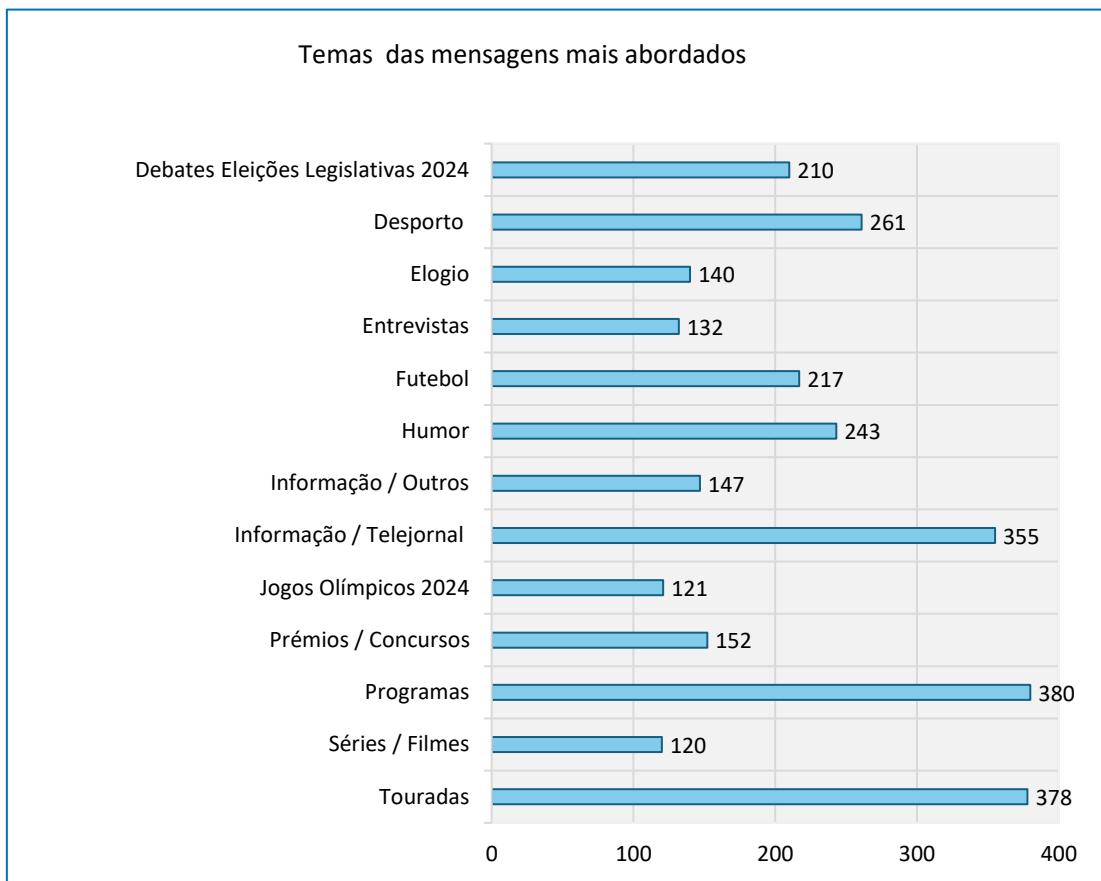


Gráfico 5: Temas das mensagens mais abordados

O gráfico 5 desdobra as mensagens por temas. A Informação provocou um total de 1087 mensagens, 355 das quais sobre o Telejornal, 147 sobre outros serviços informativos, 210 sobre debates para as eleições legislativas e ainda 132 sobre entrevistas.

As 243 mensagens sobre humor devem ser contabilizadas também na Informação, dado que tiveram maioritariamente na origem o Spam Cartoon que caricaturava Passos Coelho como Nosferatu - de notar que se trata de uma rubrica que está inserida na Informação (RTP3) e nos Programas.

O sector dos Programas atingiu um total de 532 mensagens, que se desdobram em 380 sobre Programas em geral, 152 sobre prémios e concursos. As 120 mensagens sobre Séries e Filmes dizem respeito aos Programas e a RTP2.

O desporto suscitou 599 mensagens, divididas por desporto em geral, 261; futebol, 217; Jogos Olímpicos, 121.

Foram 140 as mensagens com elogios. Este número é inferior ao real, uma vez que muitas vezes na mesma mensagem é feito ou uma sugestão ou um reparo, e, portanto, as mensagens são classificadas nesses temas.

Temas das mensagens

<i>Acessibilidades</i>	12
<i>Ambiente</i>	9
<i>Atendimento</i>	2
<i>Bom dia, Portugal / informação</i>	24
<i>Censura</i>	4
<i>Ciclismo</i>	31
<i>Comentários</i>	40
<i>Conteúdos</i>	3
<i>Convidados dos programas</i>	13
<i>Cultura</i>	21
<i>Debates Eleições Legislativas 2024</i>	210
<i>Desporto</i>	261
<i>Direitos de transmissão</i>	37
<i>Divulgação</i>	15
<i>Documentários</i>	26
<i>Elogio</i>	140
<i>Emissão Programas</i>	3
<i>Ensino</i>	1
<i>Entretenimento</i>	62
<i>Entrevistas</i>	132
<i>Erros de Português / Pronúncia</i>	89
<i>Estrangeirismo</i>	2
<i>Eurovisão</i>	92
<i>Falta de Isenção / imparcialidade</i>	30
<i>Futebol</i>	217
<i>Género</i>	2
<i>Grafismo</i>	1
<i>Grelha / Programação</i>	55
<i>Horários</i>	40
<i>Humor</i>	243
<i>Imagens Violentas</i>	16
<i>Infantil</i>	27
<i>Informação</i>	1
<i>Informação / Outros</i>	147
<i>Informação / Telejornal</i>	355
<i>Informação deturpada</i>	57
<i>Informação em Rodapé</i>	2
<i>Informação incorreta</i>	34
<i>Jogos Olímpicos 2024</i>	121
<i>Legendagem</i>	40
<i>Linguagem imprópria</i>	33
<i>Linguagem ofensiva telespectadores</i>	30
<i>Linhas de valor acrescentado</i>	10
<i>Meteorologia</i>	19
<i>Montaria</i>	1
<i>Música / música de fundo</i>	7
<i>n.e.</i>	21
<i>Outros</i>	84

<i>Outros destinatários</i>	25
<i>Política /Partidos</i>	89
<i>Pornografia</i>	1
<i>Prémios / Concursos</i>	152
<i>Privacidade</i>	4
<i>Programas</i>	380
<i>Proteção de dados</i>	2
<i>Provedora</i>	25
<i>Publicidade</i>	76
<i>Questões técnicas</i>	17
<i>Racismo/ xenofobia</i>	7
<i>Redes Sociais</i>	4
<i>Religião</i>	29
<i>Repetição de Programas</i>	30
<i>Reportagem</i>	29
<i>RTP PLAY</i>	28
<i>Saúde</i>	12
<i>Separadores</i>	14
<i>Séries / Filmes</i>	120
<i>Site RTP</i>	10
<i>Som</i>	17
<i>TDT</i>	3
<i>Teletexto</i>	14
<i>touradas</i>	378
<i>Tradução</i>	23
<i>Vários assuntos</i>	44

Quadro 6: Temas das mensagens

O quadro 6 esclarece o anterior, ao especificar ainda mais os temas sobre os quais as mensagens dos telespectadores incidiram. No ano passado, tinha decidido alterar esta lista de sub-temas, mas percebi que essa mudança viria dificultar as comparações com os anos anteriores. O maior contraste está no número de mensagens sobre touradas, que passaram de 2855 para 378. No restante, naturalmente que não tendo havido atos eleitorais em 2023, as queixas relativas às eleições de 2024, sobretudo aos debates promovidos pela RTP, não têm possível comparação, como aliás acontece com os Jogos Olímpicos. Os debates da campanha eleitoral em 2024 suscitaram 210 mensagens.

Os Jogos Olímpicos de Paris 2024 estiveram na origem de 121 mensagens, na maioria visando comentadores de algumas modalidades.

Como sublinhei no gráfico anterior, os Programas e a Informação congregam a maior parte das mensagens recebidas em 2024. Infelizmente, continuam as queixas sobre erros de Português e estrangeirismos - e digo infelizmente porque quase todas as queixas tinham razão de ser.

Recebi 243 mensagens sobre rubricas de humor, designadamente sobre o Spam Cartoon Passos Coelho Nosferatu, emitido no início de março de 2024 e que, como veremos adiante, foi alvo de uma deliberação a ERC. Destaco aqui um aumento no número de mensagens de elogio, que passaram de 98 para 140 em 2024.

O Festival da Eurovisão foi tema para 92 mensagens, grande parte das quais de protesto pela participação de Israel e exigindo que a RTP não aceitasse a presença deste país no certame.

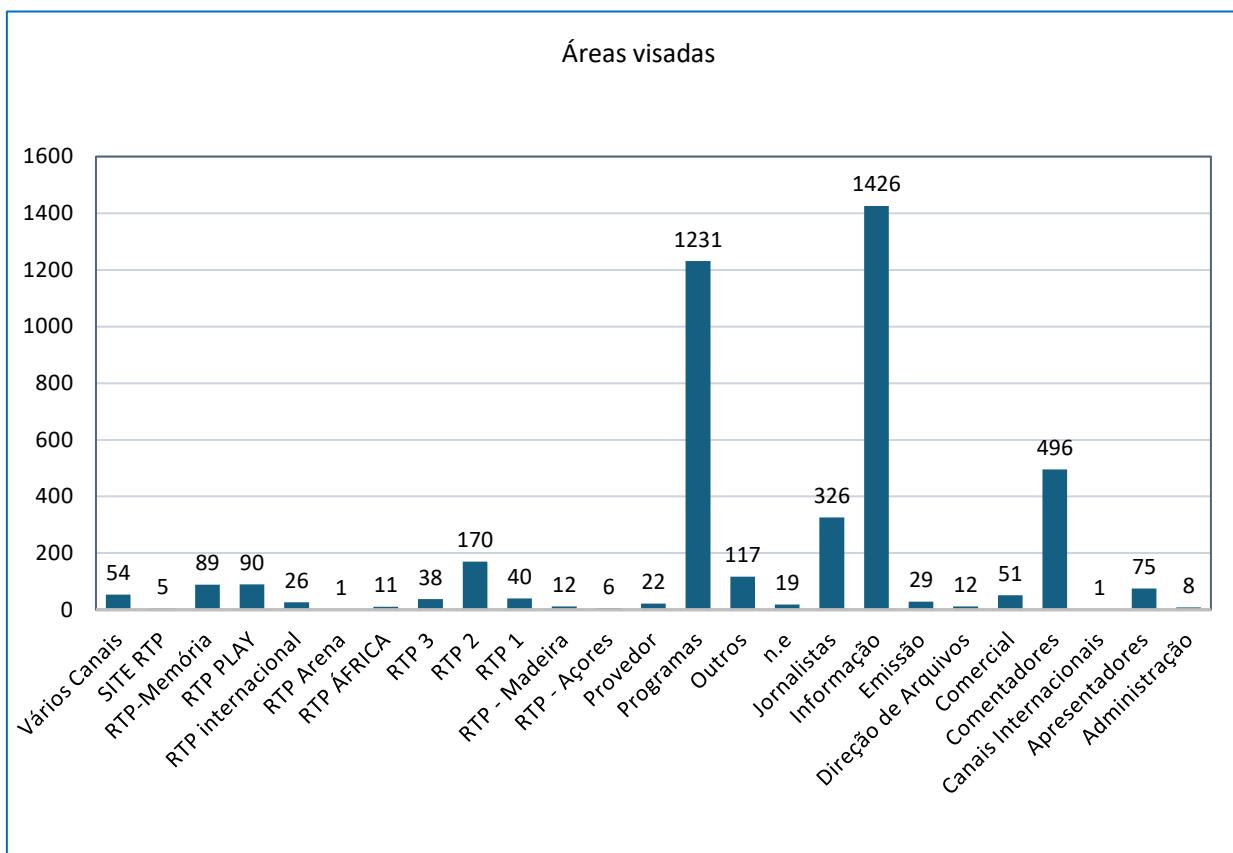


Gráfico 7: Distribuição por áreas visadas

No gráfico 7, com uma análise mais abrangente, verificamos que, como tínhamos visto antes, a Informação concentra a maioria das mensagens, com 1426 (somando diferentes segmentos), a que se poderiam ainda somar os jornalistas (326) e os comentadores (496). Os Programas registam 1231, a que se podem adicionar 75 mensagens sobre apresentadores.

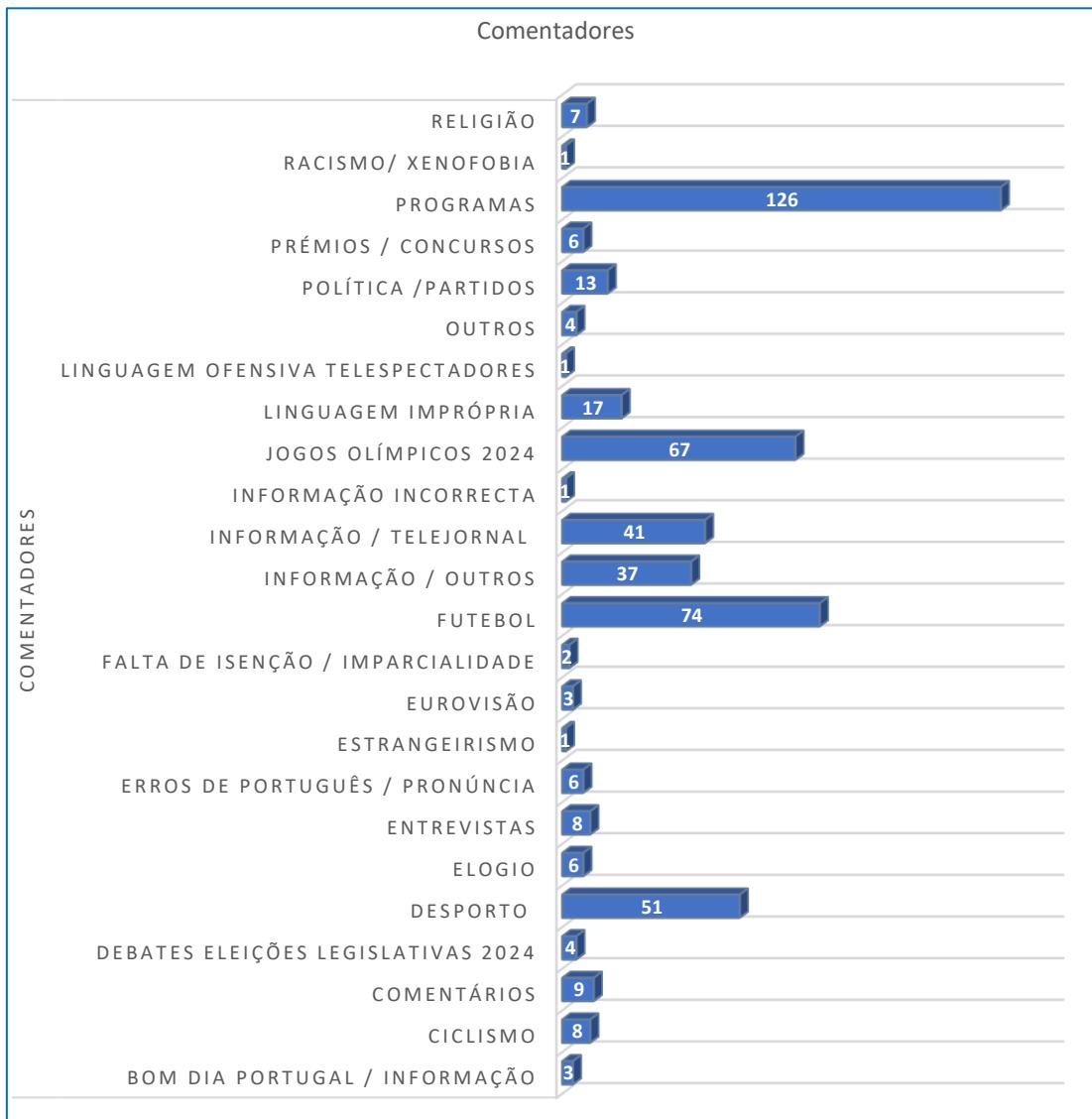


Gráfico 8: Temas relacionados com os comentadores

Gráfico 8: Os reparos sobre comentadores cobrem áreas diferenciadas, que agrupo entre sobretudo Programas (126), Desporto e Informação.

No Desporto podemos juntar o futebol (74), os Jogos Olímpicos (67), diferentes modalidades (51) e finalmente o ciclismo (8). Os comentadores da Informação foram visados em mensagens assim distribuídas: Telejornal e outros noticiários (78), política partidária (13), entrevistas (8), debates pré-eleitorais (4) e Bom Dia Portugal (3). Recebi sete mensagens relacionadas com os programas religiosos da RTP2 e as transmissões em direto de cerimónias religiosas católicas.

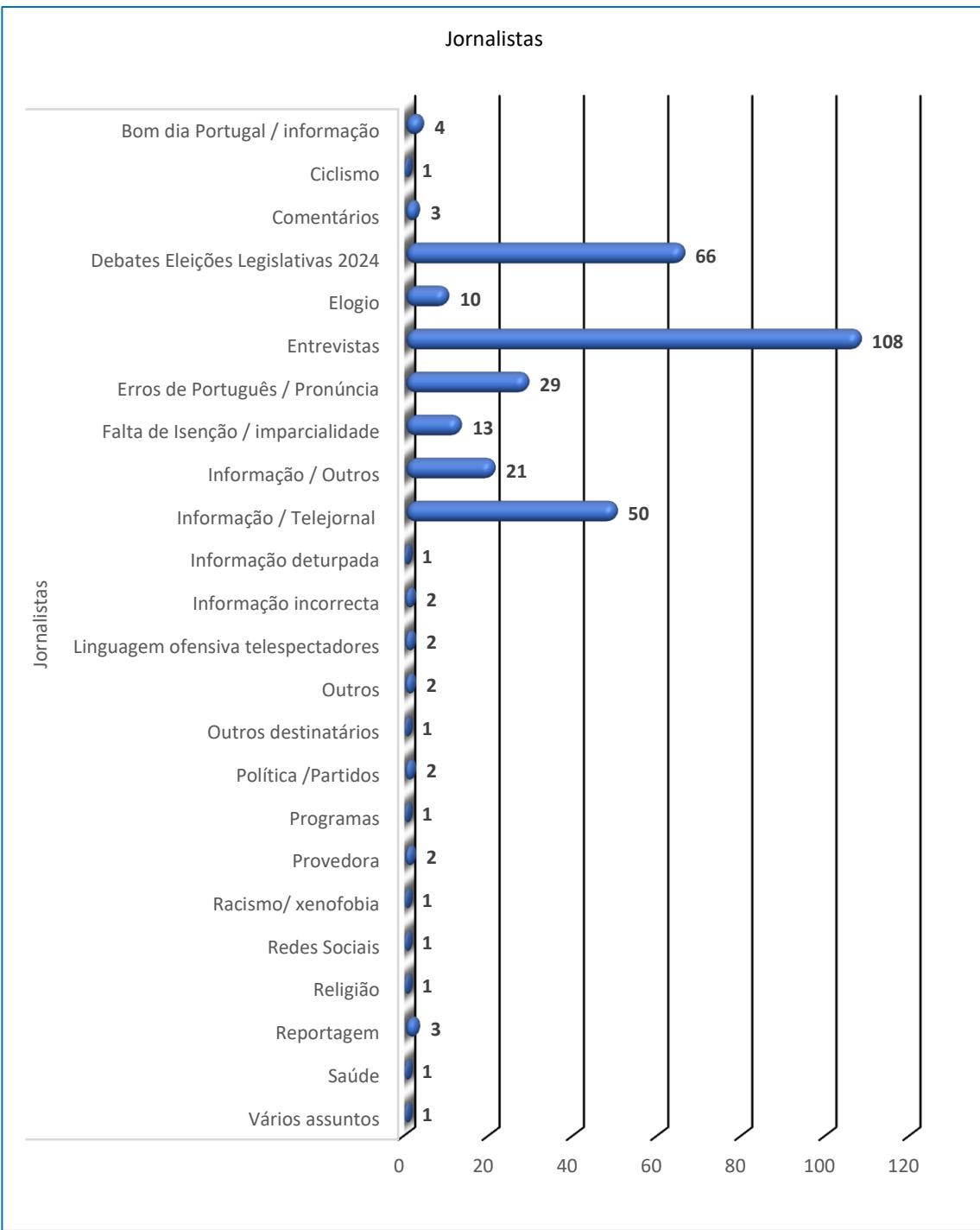


Gráfico 9: Temas relacionados com os jornalistas

O gráfico 9 detém-se sobre os comentários à atuação dos jornalistas, maioritariamente em entrevistas (108), nos debates pré-eleitorais (66) e no Telejornal (50).

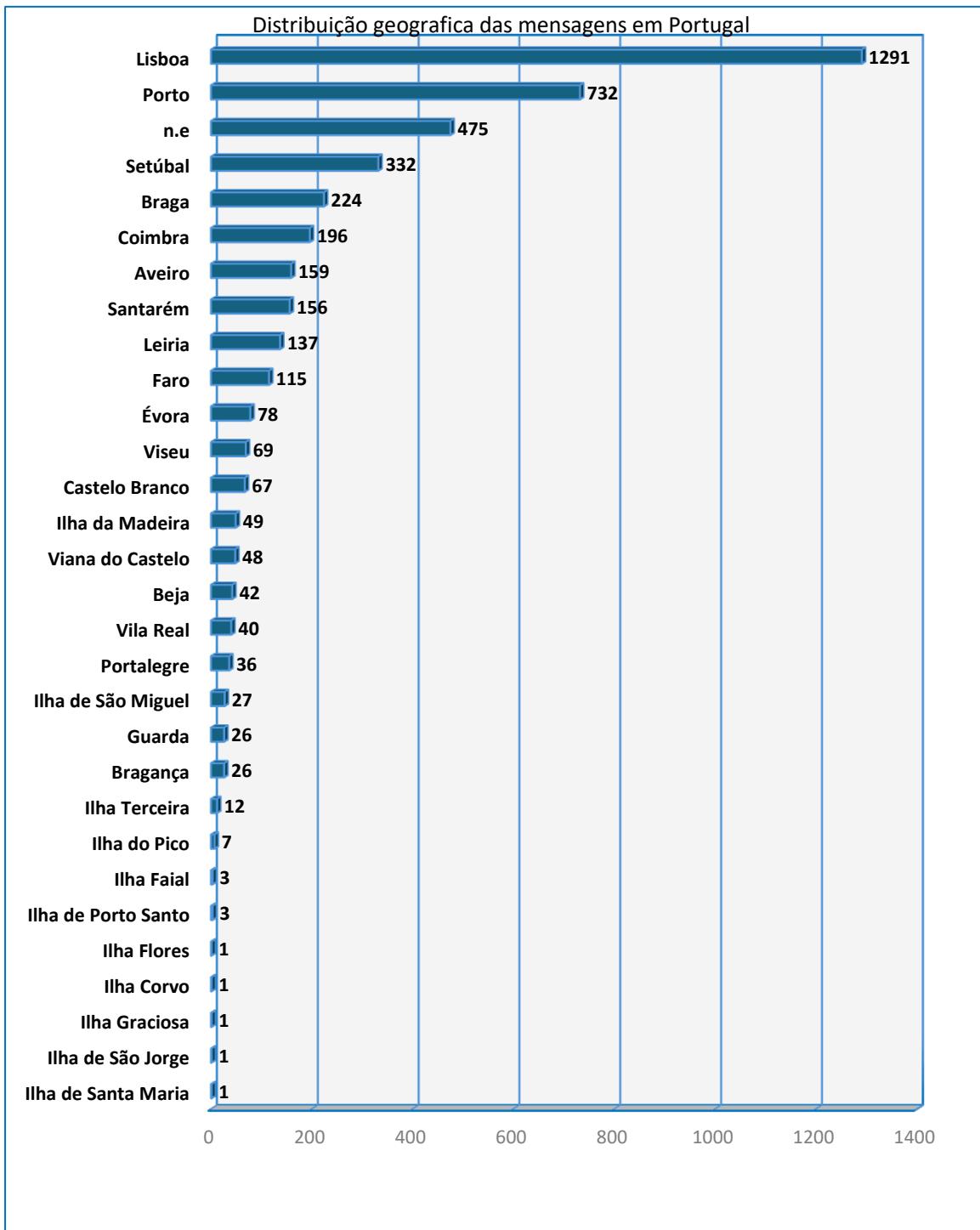


Gráfico 10: Distribuição geográfica das mensagens recebidas em Portugal Continental e Ilhas

O gráfico 10, revela a distribuição geográfica das mensagens recebidas em Portugal Continental e Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. Lisboa concentra a maioria (1291), seguida do Porto (732, Setúbal (332), Braga (224), Coimbra (196), Aveiro 159), Santarém (156), Leiria (137) e Faro (115) : todos os outros distritos têm menos de uma centena.

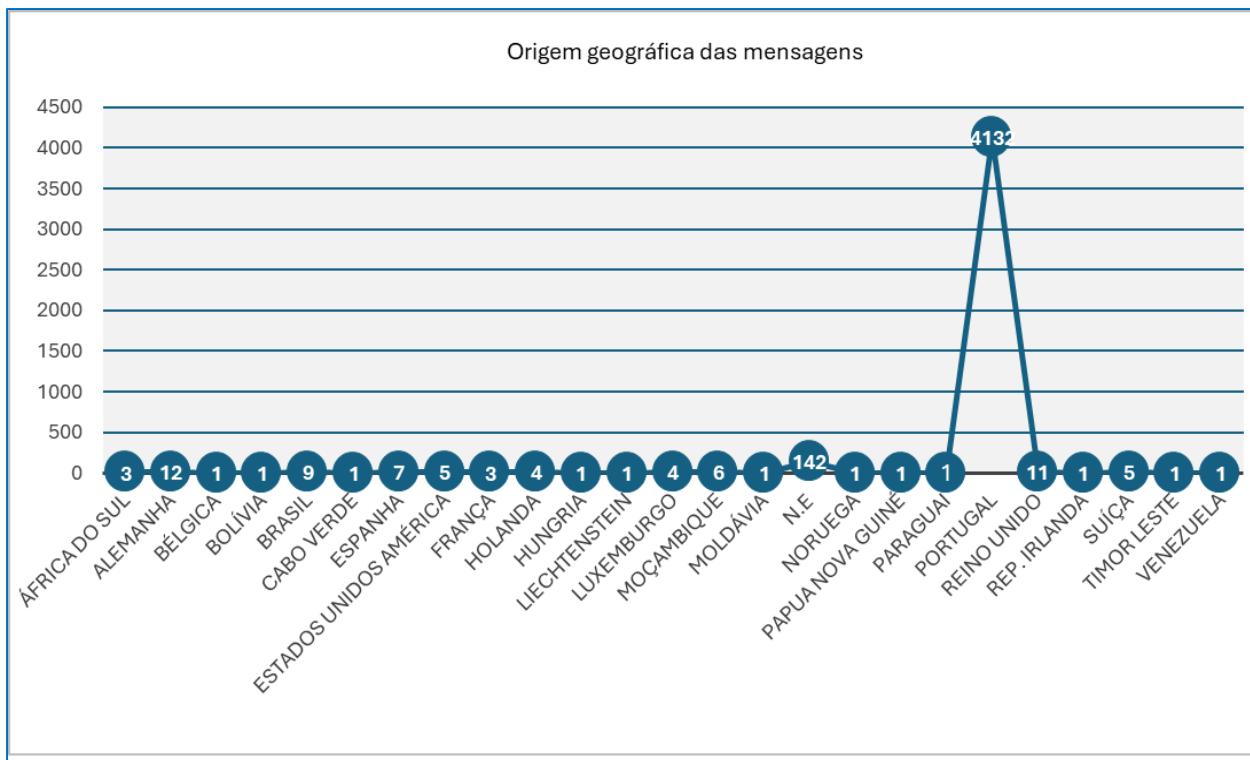


Gráfico 11: Distribuição geográfica das mensagens recebidas de Portugal e estrangeiro

Passando ao gráfico 11, verificamos que a esmagadora maioria das mensagens provêm de Portugal. Mas vieram também da Alemanha (12), do Reino Unido (11), do Brasil (9), da Espanha (7), de Moçambique (6), dos Estados Unidos (5) e da Suíça (5). Em geral, as mensagens provenientes do estrangeiro dizem respeito a dificuldades na recepção do sinal e à programação da RTP Internacional, mas sobretudo ao Geoblocking, isto é, à restrição de vários programas ao território nacional.

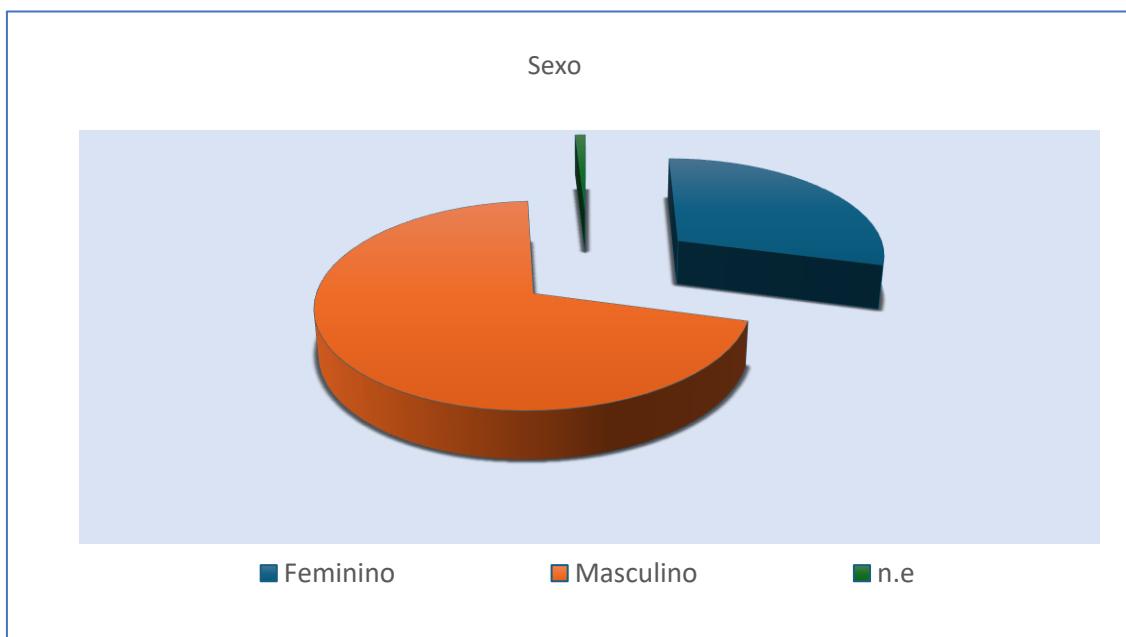


Gráfico 12: Distribuição por sexo

Distribuição por sexo	
Feminino	1271
Masculino	3043
n.e. (não especificado)	41

Quadro 12.1: número de mensagens por sexo

No gráfico 12 vemos a distribuição por homens/mulheres, com 41 pessoas que não especificam o género. Claramente mais homens enviam mensagens (3043) do que mulheres (1271).

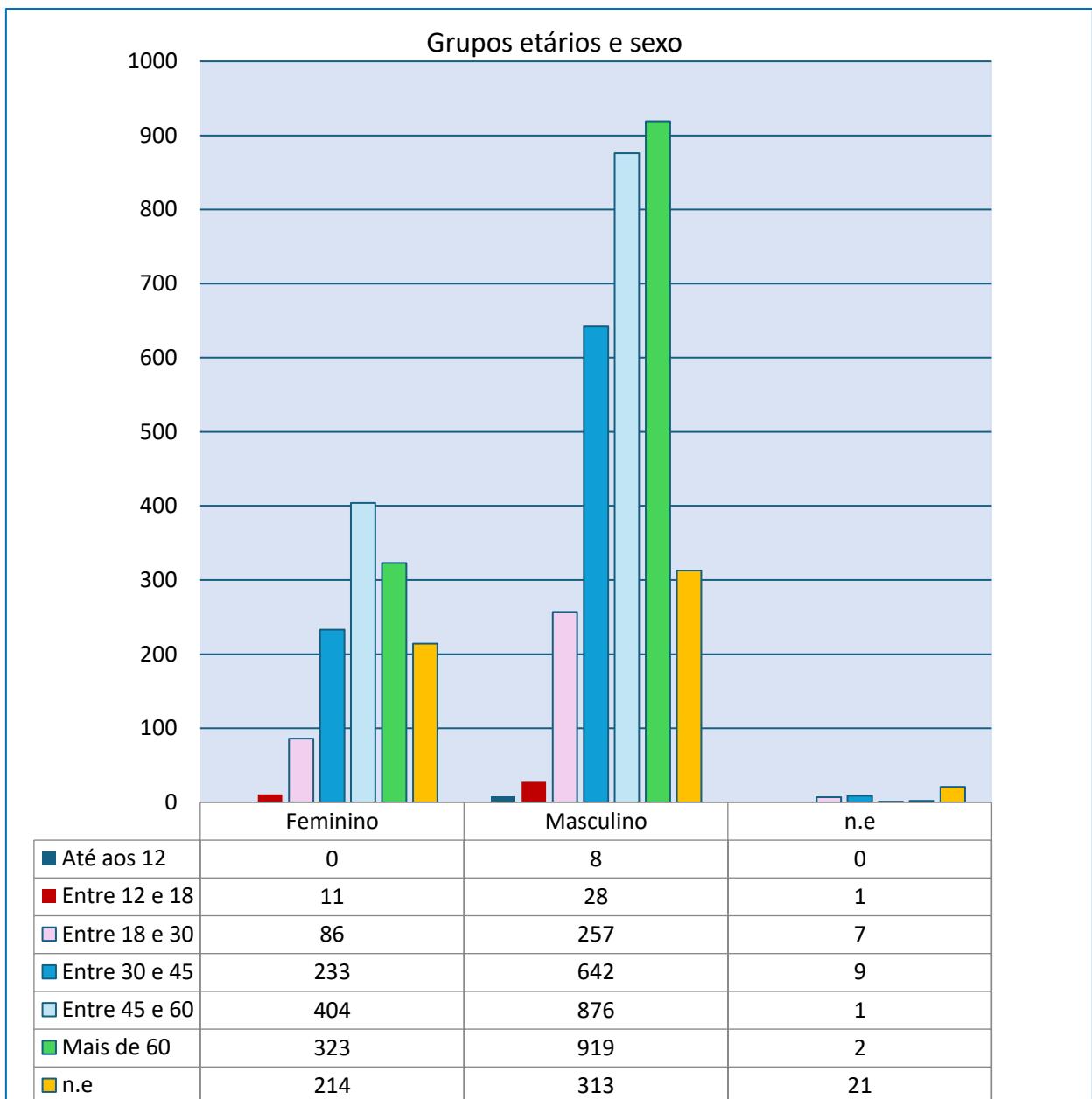


Gráfico 13: Distribuição por idades e sexo

O gráfico 13 mostra que a distribuição por idades e género: a maioria dos homens tem mais de 60 anos (919), seguindo-se a faixa etária entre os 45 e os 60 anos (876) e a faixa dos 30 e os 45 (642), e a faixa entre os 18 e os 30 (257). No caso das mulheres, a maior fatia tem entre 45 e 60 anos (404), seguindo-se a faixa acima dos 60 (323), as que têm entre 30 e 45 (233) e as de 18 a 30 anos (86).

Programa “Voz do Cidadão”

Ao longo do ano de 2024, foram feitos 42 programas Voz do Cidadão sobre temas suscitados pelos telespectadores e outros por minha iniciativa, por considerá-los oportunos e numa tentativa de promover a literacia no campo televisivo. Fizemos programas sobre as emissões dos diferentes canais da RTP para responder a perguntas que os telespectadores colocam com alguma frequência. Questionam os critérios que determinam a programação, pedem explicações sobre a reemissão de programas, sugerem temáticas e séries que gostariam de encontrar na RTP, principalmente na RTP Memória.

Terminei a ronda pelos centros de produção e delegações regionais da RTP - à excepção de algumas ilhas dos Açores, que tenciono ainda visitar. Assim, em janeiro mostrei o Centro de Informação de Évora, e em outubro foi a vez de Viana do Castelo, Bragança e Vila Real. Terminei esse ciclo com um programa que abarcava as delegações em geral.

Fizemos também um Voz do Cidadão sobre os dez anos do programa Visita Guiada, da RTP2, um caso exemplar de persistência e qualidade. Um outro sobre um programa que tem uma longa vida - o Portugal em Direto, um espaço que reflete a proximidade da RTP com as populações. A este propósito, gostaria de sublinhar que neste programa ficam bem evidentes as carências de meios de algumas regiões, responsáveis pela cobertura de vastos territórios - como os casos do Algarve e do Alentejo.

Outros sectores da RTP foram visitados pelo Voz do Cidadão. Por exemplo, a visita às salas da Emissão (frequentemente mostradas com os seus múltiplos ecrãs que seguem todos os canais); o Suporte Técnico e Operações, onde são consertados os materiais com avarias; e a sala da Eurovisão, onde chegam e são distribuídas as imagens das agências internacionais. Fizemos também uma visita à régie principal da Informação de Lisboa, para observarmos como funciona e que riscos envolve em matéria de erros e gralhas nos vários tipos de legendas - assunto que motiva muitas queixas.

A lista de temas abordados está contida em anexo neste relatório, mas, ainda assim, gostaria de salientar alguns. As situações de guerra estiveram muito presentes nas mensagens que recebi, na maioria das vezes acusando a RTP de tomar partido por um ou outro lado, ou de dar voz a comentadores cujas opiniões eram consideradas erradas. A emissão de imagens chocantes e violentas também é criticada.

Dois programas foram dedicados a questões religiosas, na sequência de sete questões levantadas por telespectadores. O primeiro, em abril, sobre os programas que a RTP dedica às diferentes religiões. O segundo, no final de novembro, respondendo a perguntas sobre a legitimidade de a RTP transmitir a Missa Dominical e outros programas relacionados com a Igreja Católica.

Temas dos Programas “A VOZ DO CIDADÃO 2024 – Temporada 13

PGM Nº:	TEMAS:	CONVIDADOS:	DATAS:
Nº 01	PROGRAMAÇÃO RTP 2024	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Andrea Basílio, Responsável de conteúdos infantis; Daniel Rodrigues, Responsável de conteúdos para adolescentes e jovens adultos; Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de Informação da RTP; José Fragoso, Diretor de Programação da RTP 1.	06/01/2024
Nº 02	CENTRO DE INFORMAÇÃO DE ÉVORA DA RTP	Teresa Marques, Jornalista da RTP; Paulo Nobre, Jornalista da RTP; José Carrilho, Repórter de Imagem da RTP; Ismael Marcos, Repórter de Imagem da RTP.	13/01/2024
Nº 03	OFERTA CULTURAL NA PROGRAMAÇÃO DA RTP	Teresa Paixão, Diretora da RTP 2; Daniel Gorjão, Curador de Musicais e artes de palco; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP. Nº. de Queixas: 4	20/01/2024
Nº 04	TELEPROMOÇÕES, PUBLICIDADE E CHAMADAS DE VALOR ACRESCENTADO	Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP; Nota da Direção Comercial dedicada à área do On Line. Nº. de Queixas: 9	27/01/2024
Nº 05	ELOGIOS E SUGESTÕES PARA PROGRAMAÇÃO DA RTP	Mónica Pereira, Telespectadora da RTP; Élio Ribeiro, Telespectador da RTP; Ricardo Cruz Reis, Telespectador da RTP. Nº. de Queixas: 10	03/02/2024

Nº 06	GUERRA	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Filipe Vasconcelos Romão, Comentador da RTP; Gonçalo Madaíl, Coordenador geral do Festival da canção. Nº de Queixas: 9	10/02/2024
Nº 07	PRÉ-CAMPANHA ELEIÇÕES LEGISLATIVAS	Carlos Daniel, Jornalista; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP.	17/02/2024
Nº 08	PROGRAMA VISITA GUIADA - 10 ANOS	Paula Moura Pinheiro, apresentadora do Programa “Visita Guiada”. Nº de Queixas: 2	24/02/2024
Nº09	COBERTURA ELEITORAL DA RTP	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; João Adelino Faria, Jornalista. Nº. de Queixas:4	02/03/2024
Nº10	MULTIQUEIXAS: LEGENDAGENS EM INGLÊS PROVAS INTERNACIONAIS, RUGBY, RUBRICA INFANTIL SOBRE A HOMOSEXUALIDADE, IMAGENS VIOLENTAS; FESTIVAL EUROVISÃO	Notas de Miguel Barroso, Diretor da Área do Desporto; Gonçalo Madaíl, Coordenador geral do Festival da canção. Nº. de Queixas: 7	09/03/2024
Nº11	CENTRO DE INFORMAÇÃO REGIONAL DE CASTELO BRANCO DA RTP	António Nunes Farias, Coordenador RTP Castelo Branco; Pedro Carvalhinho, repórter de imagem da RTP; Jorge Esteves, Jornalista RTP; Nelson Sousa, Repórter de imagem RTP.	16/03/2024

Nº12	BALANÇO TRABALHO RTP ENTRE PRÉ-CAMPANHA E A NOITE DE ELEIÇÕES	Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação RTP; Gustavo Cardoso, Professor Universitário ISCTE. Nº. de Queixas: 8	23/03/2024
Nº13	IMAGENS SENSÍVEIS	Teresa Paixão, Diretora da RTP2; José Fragoso, Diretor de Programas RTP. Nº. de Queixas: 7	06/04/2024
Nº14	RELIGIÃO	José Fragoso, Diretor de Programas RTP; Paulo Rocha, Diretor da Agência Ecclesia; Teresa Paixão, Diretora da RTP 2. Nº. de Queixas: 2	13/04/2024
Nº15	50 ANOS DO 25 DE ABRIL	Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Gil Rosa, Subdiretor da RTP Madeira; José Fragoso, Diretor de Programas RTP; Teresa Paixão, Diretora da RTP 2; Luís Filipe Simões, Presidente do Sindicato dos Jornalista.	20/04/2024
Nº16	RTP MAIS A NORTE DO PAÍS: VIANA DO CASTELO, BRAGANÇA E VILA REAL.	Sandra Sá Couto, Coordenadora de informação na RTP; Maria Cerqueira, Jornalista RTP; Luís Pinto, Repórter de imagem da RTP; Nuno Miguel Fernandes, Repórter de imagem RTP; Patrícia Lopes, Jornalista RTP; Sílvia Brandão, Jornalista RTP.	27/04/2024
Nº17	PORTUGAL EM DIRETO	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Fernando Miravent, Coordenador do Portugal em Direto; Filipa Costa, coordenadora do Portugal em Direto; Dina Aguiar, Apresentadora do Portugal em Direto.	04/05/2024

Nº18	MULTIQUEIXAS: THE VOICE KIDS, POLÍTICA, LEGENDAS ERRADAS, PROGRAMA “A NOSSA TARDE”.	Nota dos responsáveis da RTP Play; Tânia Ribas de Oliveira, Apresentadora RTP; Nº. de Queixas: 6	11/05/2024
Nº19	RTP ÁFRICA	Isabel Silva Costa, Diretora da RTP Africa.	18/05/2024
Nº20	FESTIVAL EUROVISÃO	Gonçalo Madaíl, Música e artes de palco RTP. Nº. de Queixas: 11	25/05/2024
Nº21	MULTIQUEIXAS: INCÊNDIO HDES, PROGRAMA “ALGUÉM TEM DE O FAZER” E RELATORIO ANUAL (2023) DO GABINETE DA PROVEDORA	Rui Goulart, Diretor da RTP Açores; Nota Produtores “Alguém tem de o fazer”. Nº. de Queixas:2	01/06/2024
Nº22	(IM) PARCIALIDADE NO DESPORTO DA RTP	João Pedro Mendonça, Jornalista RTP; Nota Miguel Barroso, Direitos e Produção Desportiva RTP. Nº. de Queixas: 7	08/06/2024
Nº23	TRADUÇÕES	Fernanda Porto, Coordenadora do departamento de tradução e legendagem RTP; Mário Sequeira, Responsável de área do tratamento de programas RTP. Nº. de Queixas: 4	15/06/2024
Nº24	LINGUA PORTUGUESA	Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística. Nº. de Queixas: 8	22/06/2024

Nº25	ERRO– PROGRAMA REPETIDO - “RTP MAIS A NORTE DO PAÍS: VIANA DO CASTELO, BRAGANÇA E VILA REAL”.	Sandra Sá Couto, Coordenadora de informação na RTP; Maria Cerqueira, Jornalista RTP; Luís Pinto, Repórter de imagem da RTP; Nuno Miguel Fernandes, Repórter de imagem RTP; Patrícia Lopes, Jornalista RTP; Sílvia Brandão, Jornalista RTP.	29/06/2024
Nº26	ELEIÇÕES EUROPEIAS	José Rodrigues dos Santos, Jornalista RTP; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Carlos Daniel, Jornalista RTP. Nº. de Queixas: 8	06/07/2024
Nº27	PROGRAMAÇÃO DE VERÃO 2024	Teresa Paixão, Diretora da RTP 2; Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória; Andreea Basílio, Responsável Programas Infantis RTP; José Fragoso, Diretor de Programas RTP.	13/07/2024
Nº28	MULTIQUEIXAS	Rui Matos, subdiretor da Direção da Emissão; Mário Sequeira, Responsável de área de conteúdos adaptados RTP; José Fragoso, Diretor de Programas da RTP 1. Nº. de Queixas: 9	20/07/2024
Nº29	REPRESENTATIVIDADE ETNICO-RACIAL DA RTP	António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; João do Rosário, jornalista da RTP; Flávia Brito, Jornalista RTP. Nº. de Queixas: 4	27/07/2024

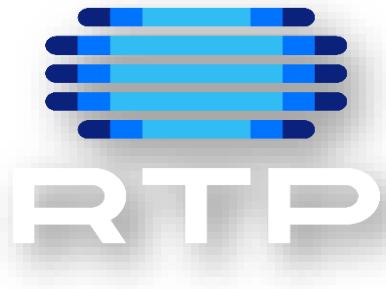
Nº30	MULTIQUEIXAS – JOGOS OLIMPICOS E PARALIMPICOS	Hugo Gilberto, Diretor Adjunto de informação RTP. Nº. de Queixas: 7	21/09/2024
Nº31	MULTIQUEIXAS - INCÊNDIOS NA MADEIRA, NORTE E CENTRO; SISMO E ACIDENTE AÉREO GNR	Gil Rosa, subdiretor de conteúdos da RTP Madeira; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP. Nº. de Queixas: 7	28/09/2024
Nº32	GUERRA ISRAEL - HAMAS	Paulo Jerónimo, Jornalista da RTP; Nota da Direção de Informação da RTP. Nº. de Queixas: 4	05/10/2024
Nº33	DELEGAÇÕES RTP GERAL	Rui Goulart, Diretor do Centro Regional dos Açores da RTP; Tânia Spínola, Coordenadora da Informação da RTP Madeira; Helena Figueiras, Jornalista da RTP Faro; Teresa Marques, Jornalista RTP – Évora; António Nunes Farias, coordenador RTP Castelo Branco; Pedro Ribeiro, Coordenador RTP Coimbra; Patrícia Lopes, RTP Bragança; Hélder Silva, Editor Executivo no Centro de Produção do Norte; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; Martim Santos, Diretor Centro Regional da Madeira; Luís Pinto, Repórter de imagem RTP Viana do Castelo; Roberto Morais, Coordenador da Delegação da Horta RTP; Nelson Sousa, Repórter de imagem RTP Guarda.	12/10/2024

Nº34	CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS DA RTP	Rosário Salgueiro, Correspondente da RTP em Paris; Paulo Dentinho, Correspondente da RTP em Bruxelas; Evgeni Mouravitch, Correspondente da RTP em Moscovo. Nº. de Queixas: 8	19/10/2024
Nº35	RTP MARCA DE CONFIANÇA	Gustavo Cardoso, Diretor da OBERcom; António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP; José Rodrigues dos Santos, Jornalista RTP; Carlos Daniel Jornalista RTP.	26/10/2024
Nº36	FUTURO DA TELEVISÃO	Hugo Figueiredo, Administrador da RTP; Rui Almeida, IPG MediaBrands.	02/11/2024
Nº37	SALAS DA RTP	José Lopes, Responsável pela área de emissão; José Carlos Silva, Subdiretor de suporte técnico e operações; Luísa Mariano, Coordenadora do serviço de eurovisão.	09/11/2024
Nº38	MULTIQUEIXAS – EVENTOS DESPORTIVOS, CULTURAIS	Nota escrita da Direção RTP Açores (Diretor Rui Goulart) ; Nota escrita da Direção Comercial da RTP. Nº. de Queixas: 8	16/11/2024
Nº39	ERROS E GRALHAS NA RTP	Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação; Nélia Nobre, Coordenadora Operacional de Infografismo; José Fragoso, Diretor de Programas da RTP; Nº. de Queixas: 5	23/11/2024

Nº40	RELIGIÃO NA RTP	João Gouveia Monteiro, Professor da Universidade de Coimbra; José Vera Jardim, Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa; Teresa Paixão, Diretora da RTP 2; Nº. de Queixas: 3	30/11/2024
Nº41	ELOGIOS RTP	Nº. de Queixas: 12	07/12/2024
Nº42	PROGRAMAÇÃO DE NATAL E PASSAGEM DE ANO	José Fragoso, Diretor de Programas RTP 1; Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória; Teresa Paixão, Diretora da RTP 2; Gil Rosa, Subdiretor de Conteúdos da RTP Madeira;	14/12/2024

Link dos Programas “A VOZ DO CIDADÃO 2024 – Temporada 13

<https://www.rtp.pt/play/p12662/voz-do-cidadao>



Balanço de audiências

Voz do Cidadão

2024

2024 | Dados gerais de Voz do Cidadão na RTP1 e RTP2

Canal	Comuns				Total Dia Consolidado				
					Universo				
	NIns	Hora Início	Hora Fim	Duração	shr%	rat%	rat#	rch#	Cov#
RTP1	42	14:13	14:28	14:52	8,8	3,0	285	395	3.227
RTP2	42	23:04	23:18	14:52	0,3	0,1	7	21	576

➤ **RTP1 | 8,8%sh e 285 mil espectadores** | Emissão aos sábados na faixa média 14:13h – 14:28h.

- Em média 395 mil espectadores contactaram pelo menos durante 1 minuto com o programa (rch000).

- A **cobertura total** das 42 emissões de Voz do Cidadão na RTP1 é de **3 milhões e 227 mil espectadores** (cov000 | número acumulado de espectadores que contactaram pelo menos durante 1 minuto).

➤ **RTP2 | 0,3%sh e 7 mil espectadores** | Emissões aos **domingos** maioritariamente na faixa do Late Night.

- Em média 21 mil espectadores contactaram pelo menos durante 1 minuto com Voz do Cidadão (rch000).

- A **cobertura total** das **42 emissões** na RTP2 é de 576 mil espectadores.

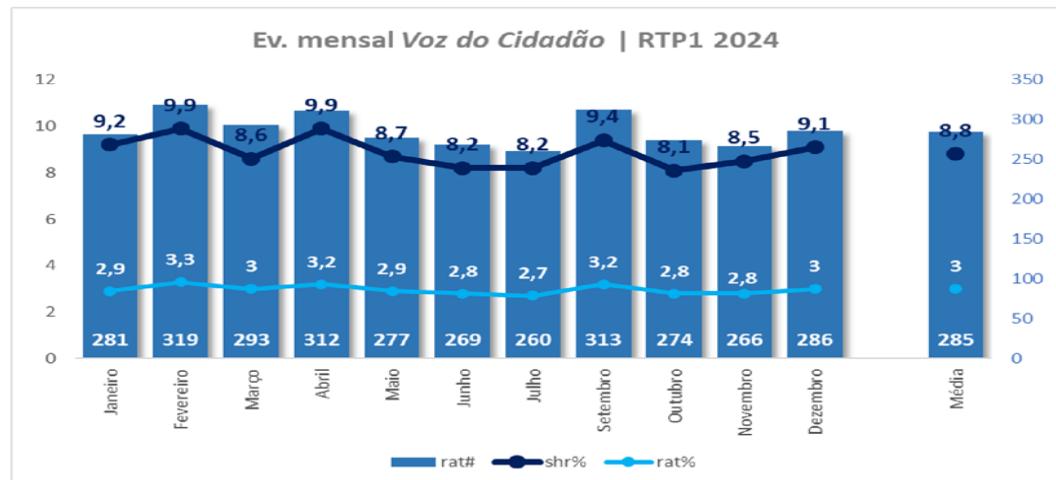


- Durante 2024, Voz do Cidadão acumula 54.393 plays e 24.290 utilizadores, entre consumo LIVE e On Demand na RTP Play.

2024 | Desempenho de Voz do Cidadão na RTP1

8,8%sh e 285 mil espectadores

RTP1



- **Voz do Cidadão** fecha o ano de 2024 com 8,8%sh e 285 mil espectadores.
- Atinge a marca mais competitiva em fevereiro e abril, ambos com 9,9% de share, e a maior plateia em fevereiro, com uma média de 319 mil espectadores.
- O programa supera a fasquia dos 300 mil espectadores em Fevereiro, Abril e Setembro.

Perfil (adh%) e sh% e rating por targets de Voz do Cidadão na RTP1 em 2024

Target	adh%	shr%	rat (000)
Univ	100	8,8	285
Masc	47	9,1	133
Fem	53	8,7	152
4-14	2	1,8	5
15-24	3	3,7	8
25-34	4	3,7	11
35-44	6	5,1	18
45-54	9	5,5	25
55-64	14	7,6	39
>64	63	15,8	180
A/B	20	8,7	56
C	17	8,3	48
D	29	7,1	84
E	34	11,8	98
Norte	36	8,4	101
Centro	23	9,4	66
Lisboa	23	7,3	66
Sul	18	12,9	51
ADULTOS	98	9,4	280
Ativo	27	5,8	77
Não Ativo	73	11	208

Perfil do programa maioritariamente:

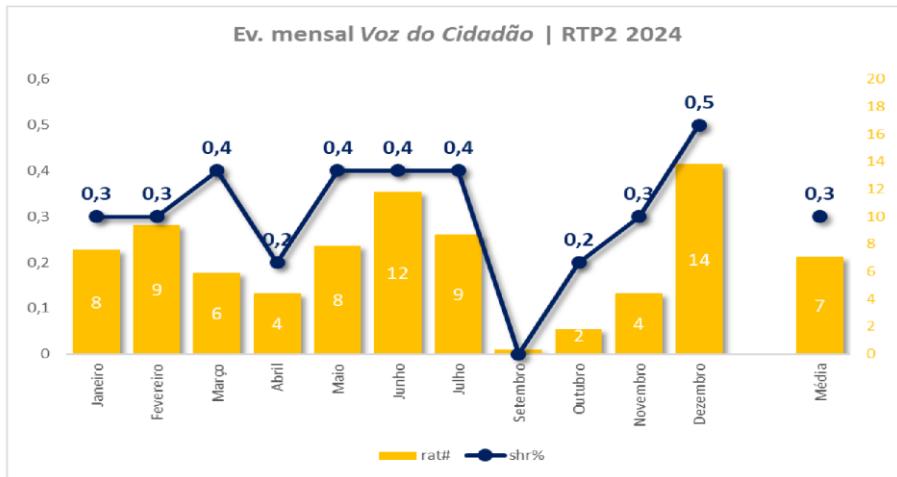
- Feminino (53% adh)
- >64 anos (63% adh)
- Status E (34% adh)
- Norte (36% adh)

○ Na análise por targets. Perfil do programa maioritariamente:

- Feminino (55% adh*)
- >64 anos (63% adh*)
- Status D (36% adh*)
- Norte (37% adh*)

2024 | Desempenho de Voz do Cidadão na RTP2

0,3%sh e 7 mil espectadores



- Na RTP2, **Voz do Cidadão** regista 0,3%share e uma média de 7 mil espectadores.
- Os melhores resultados de share e rat# são atingidos no mês de **dezembro** com **0,5%sh e 12 mil esp.**

Perfil (adh%) e sh% e rating por targets de Voz do Cidadão na RTP2 em 2024

Target	adh%	shr%	rat (000)
Univ	100	0,3	7
Masc	50	0,4	4
Fem	50	0,3	4
4-14	2	0,1	0
15-24	10	0,5	1
25-34	7	0,2	1
35-44	4	0,1	0
45-54	15	0,3	1
55-64	28	0,5	2
>64	35	0,4	2
A/B	37	0,6	3
C	21	0,4	2
D	27	0,2	2
E	14	0,2	1
Norte	41	0,4	3
Centro	17	0,3	1
Lisboa	24	0,3	2
Sul	18	0,5	1
ADULTOS	98	0,4	7
Ativo	39	0,3	3
Não Ativo	61	0,4	4

- O público do programa na RTP2 pertence na sua maioria aos alvos:

- +64 anos (35%adh);
- Classe A/B (37%adh);
- Zona Norte (41%adh).

2024 | Tabela de resultados de *Voz do Cidadão* nos 2 canais



Data	Hora Início	Hora Fim	Total Dia Consolidado	
			Universo	
			rat#	Cov#
Sáb Jan 06, 2024	14:17	14:33	309	448
Sáb Jan 13, 2024	14:15	14:30	286	427
Sáb Jan 20, 2024	14:15	14:32	268	367
Sáb Jan 27, 2024	14:14	14:30	264	402
Sáb Fev 03, 2024	14:15	14:26	244	335
Sáb Fev 10, 2024	14:15	14:34	364	467
Sáb Fev 17, 2024	14:01	14:13	334	470
Sáb Fev 24, 2024	14:13	14:32	308	534
Sáb Mar 02, 2024	14:15	14:30	321	449
Sáb Mar 09, 2024	14:15	14:27	339	426
Sáb Mar 16, 2024	14:15	14:29	328	437
Sáb Mar 23, 2024	14:16	14:33	208	319
Sáb Abr 06, 2024	14:14	14:28	322	389
Sáb Abr 13, 2024	14:15	14:28	311	416
Sáb Abr 20, 2024	14:17	14:36	264	345
Sáb Abr 27, 2024	14:15	14:30	362	474
Sáb Mai 04, 2024	14:09	14:22	286	343
Sáb Mai 11, 2024	14:10	14:26	272	422
Sáb Mai 18, 2024	14:16	14:28	277	350
Sáb Mai 25, 2024	14:01	14:19	275	396
Sáb Jun 01, 2024	14:04	14:17	226	389
Sáb Jun 08, 2024	14:16	14:31	363	490
Sáb Jun 15, 2024	14:01	14:15	240	326
Sáb Jun 22, 2024	14:15	14:28	296	358
Sáb Jun 29, 2024	14:14	14:30	217	346
Sáb Jul 06, 2024	14:07	14:24	290	430
Sáb Jul 13, 2024	14:15	14:30	280	348
Sáb Jul 20, 2024	14:15	14:29	266	344
Sáb Jul 27, 2024	14:11	14:25	201	270
Sáb Set 21, 2024	14:11	14:26	350	448
Sáb Set 28, 2024	14:16	14:35	284	399
Sáb Out 05, 2024	14:13	14:27	372	514
Sáb Out 12, 2024	14:15	14:31	261	401
Sáb Out 19, 2024	14:17	14:33	246	367
Sáb Out 26, 2024	14:16	14:30	225	333
Sáb Nov 02, 2024	14:16	14:30	261	312
Sáb Nov 09, 2024	14:14	14:26	242	294
Sáb Nov 16, 2024	14:26	14:39	293	394
Sáb Nov 23, 2024	14:16	14:32	293	433
Sáb Nov 30, 2024	14:14	14:30	240	327
Sáb Dez 07, 2024	14:16	14:28	270	368
Sáb Dez 14, 2024	14:16	14:30	299	401
[TOTAL] RTP1	14:13	14:28	285	3227



Data	Hora Início	Hora Fim	Total Dia Consolidado	
			Universo	
			rat#	Cov#
Dom Jan 07, 2024	0:37	0:53	4	52
Dom Jan 14, 2024	0:45	1:00	6	21
Dom Jan 21, 2024	0:28	0:46	16	45
Dom Jan 28, 2024	0:15	0:31	3	4
Dom Fev 04, 2024	0:39	0:50	4	19
Dom Fev 11, 2024	23:57	0:16	14	43
Dom Fev 18, 2024	0:22	0:34	0	0
Dom Fev 25, 2024	0:00	0:18	14	18
Dom Mar 03, 2024	0:45	1:01	3	10
Seg Mar 11, 2024	3:45	3:57	3	3
Dom Mar 17, 2024	0:00	0:13	18	37
Dom Mar 24, 2024	1:32	1:49	0	0
Dom Abr 07, 2024	0:19	0:33	4	17
Dom Abr 14, 2024	0:22	0:35	7	18
Dom Abr 21, 2024	0:24	0:44	0	0
Dom Abr 28, 2024	23:53	0:09	8	63
Dom Mai 05, 2024	0:20	0:34	20	42
Dom Mai 12, 2024	0:06	0:23	2	35
Dom Mai 19, 2024	0:03	0:14	8	26
Seg Mai 27, 2024	2:35	2:53	5	10
Dom Jun 02, 2024	23:55	0:08	6	28
Dom Jun 09, 2024	0:41	0:56	10	22
Dom Jun 16, 2024	0:16	0:30	12	29
Dom Jun 23, 2024	23:56	0:10	13	38
Dom Jun 30, 2024	0:15	0:30	17	61
Dom Jul 07, 2024	1:02	1:18	11	21
Dom Jul 14, 2024	0:00	0:14	10	19
Dom Jul 21, 2024	0:22	0:36	7	22
Dom Jul 28, 2024	1:10	1:25	6	26
Dom Set 22, 2024	1:11	1:26	1	8
Dom Set 29, 2024	1:21	1:40	0	3
Dom Out 06, 2024	1:56	2:10	1	13
Seg Out 14, 2024	3:02	3:18	0	3
Dom Out 20, 2024	1:32	1:48	4	11
Dom Out 27, 2024	1:51	2:05	2	16
Dom Nov 03, 2024	1:27	1:41	4	7
Dom Nov 10, 2024	1:24	1:36	1	13
Dom Nov 17, 2024	0:55	1:08	12	16
Dom Nov 24, 2024	0:53	1:09	1	14
Dom Dez 01, 2024	0:39	0:55	5	23
Dom Dez 08, 2024	23:37	23:48	23	34
Dom Dez 15, 2024	23:57	0:10	16	16
[TOTAL] RTP2	23:04	23:18	7	576

➤ Na tabela apresenta-se uma evolução semanal da audiência média (rat000) e da cobertura (Cov000 | valor total de espectadores atingidos pelo programa) nos 2 canais individualmente.

➤ As emissões com maior nº de espectadores a contactar com o programa Voz do Cidadão são:

○ RTP1

05 out. | audiência média | 372 mil espectadores.

24 fev. | maior cobertura | 534 mil espectadores contactados.

○ RTP2

08 dez. | audiência média | 23 mil espectadores.

28 abr. | maior cobertura | 63 mil espectadores contactados

Provedoria

Por último, queria recordar uma das sugestões deixadas pela comissão que elaborou o Livro Branco do Serviço Público de Média. Hoje a RTP não se limita a televisão e rádio lineares, vistas e ouvidas pelo público nos horários a que são transmitidas. Hoje, é um universo em expansão que abarca outros canais digitais como a RTP Palco, a RTP Arquivo, a RTP Ensina, a RTP Arena e aplicações como a appNotícias.

Não me refiro, naturalmente, à RTP Play, já que os seus conteúdos são os mesmos das transmissões lineares. Mas, porque me foram colocadas questões sobre conteúdos da RTP Palco, da RTP Arena e da RTP Ensina, penso que é preciso repensar o modelo da Provedoria. Penso também que é necessário reforçar a equipa, nomeadamente para uma partilha do trabalho desenvolvido por Susana Faria, que acumula múltiplas funções. Contei com a ajuda dos responsáveis das diferentes áreas para responder aos telespectadores, mas não me sinto capaz de analisar pessoalmente os jogos da RTP Arena, por exemplo.

Daí que vá buscar a proposta da Comissão para o Livro Branco do Serviço Público de Média (SPM) de dotar a Provedoria de meios que cubram todos os sectores do universo RTP, nomeadamente na recomendação n.º 55. Com um único provedor, como aponta o Livro Branco, ou com três - Televisão, Radio e Digital - mas sempre com uma equipa reforçada.

Conclusões

Já está em vigor o tão aguardado novo Contrato de Concessão de Serviço Público de Média (e não apenas de Rádio e Televisão, como antes), documento que contém algumas alterações de fundo, sobretudo na autonomia da empresa de serviço público.

Creio que seria justo reforçar os canais internacionais, nomeadamente os da RTP Internacional e a RTP África. Como sublinhei no relatório do ano passado, aos muitíssimos emigrantes radicados pelo mundo fora somam-se hoje muitos outros expatriados, muitos deles jovens e com um nível de escolaridade e de exigência bastante elevados.

É inútil voltar a repisar que hoje o mundo mudou e que as redes sociais e o digital criaram uma nova realidade. Já todos sabemos isso e o que é hoje necessário é ver o mundo por esses olhos e compreender o que está em causa.

Agradecimentos

De novo, quero agradecer a quem durante o ano de 2024 esteve disponível para responder às questões colocadas pelos telespectadores e aos meus pedidos de esclarecimento, dúvidas e protestos. Contei sempre com esta atitude de disponibilidade por parte das pessoas que convidei para o Voz do Cidadão e recebi respostas por escrito ou pessoais aos responsáveis a quem pedi esclarecimentos.

E, naturalmente, mais uma vez mantendo a minha gratidão para com toda a equipa com quem trabalho diretamente e que foram inexcedíveis no empenho e entusiasmo: Paulo Galvão, na coordenação do Voz do Cidadão; Tânia Martins e Sofia Esperto na preparação e nos guiões os programas; e Susana de Faria, sem a qual as múltiplas tarefas que o nosso trabalho envolve seriam impossíveis de realizar. Ao longo deste ano, contámos com diferentes produtoras, e entre elas destaco Ana Paula Alves e, por fim, Marta Soares, que garante atualmente esta função.

Como salientei no relatório do ano passado, deixo um agradecimento a todos técnicos de som, imagem e edição que trabalham connosco para fazer semanalmente o Voz do Cidadão, pois aliam as capacidades técnicas a uma enorme simpatia e disponibilidade.

Guiões dos programas “A Voz do Cidadão”

PROGRAMA VOZ DO CIDADÃO - TEMPORADA 13 – ANO 2024

EPISÓDIO 1 – 06 DE JANEIRO 2024

DURAÇÃO: 16:01 MINUTOS

OFF

Marcamos sempre a chegada de um novo ano como uma festa, esperando que seja um momento de viragem. 2023 foi um ano particularmente difícil em todo o mundo.

A atualidade informativa foi inundada com imagens de guerra de uma violência inaudita e da contínua e terrível realidade dos refugiados. Entre nós, uma inesperada crise política dará lugar a novas eleições em março.

OFF

A par dos horrores a que todos assistimos com total impotência, a Rádio e Televisão de Portugal foi também meio de distração do pesado quotidiano.

Informou, educou e entreteve, e prepara-se agora para começar tudo outra vez. Se os começos são feitos de esperança, nós escolhemos começar o ano a espreitar o futuro da programação da televisão pública.

Hoje, damos as boas-vindas ao novo ano e trazemos novidades sobre as apostas da programação da RTP para 2024.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Nós sonhamos com anos, digamos, um bocadinho mais calmos, mas de facto esta trajetória dos últimos anos, da pandemia às guerras, tem nos mostrado que o mundo continua em convulsões muito aceleradas. E, portanto, já nos convencemos um pouco que a ideia de crise seja política, seja internacional vai ser algo que nos vai acompanhar porventura, eu ia dizer para sempre, mas esperemos que não seja para sempre, mas durante ainda algum tempo. E de facto, no horizonte as guerras mais visíveis porque há guerras que não têm muita visibilidade, mas que continuam, em África nomeadamente, mas no Médio Oriente ou na Ucrânia, tudo indica que os conflitos estão para durar e que nos vão ocupar muita atenção”.

OFF

Ainda sem o novo Contrato de Concessão revisto e atualizado, a RTP continua a projetar a sua programação no futuro. Pedimos aos responsáveis de diferentes áreas que levantassem o véu da programação para este novo ano.

OFF

A RTP é a única estação que desenvolve e produz de raiz conteúdos para o público infantil, juvenil e jovens adolescentes. Os novos tempos pedem que a RTP se adapte não só em termos de conteúdos apresentados, mas também na forma como os disponibiliza aos seus consumidores.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A programação da RTP 2 tem uma grande fatia de programação infantil. Vai manter-se no próximo ano?

Andrea Basílio, Responsável de conteúdos infantis

"A nossa presunção é que se mantenha não é, essa fatia seja bem recheada, são os nossos objetivos. Além dessa fatia dentro da RTP 2 também o nosso objetivo passa por engrossar em termos de conteúdos, a nossa plataforma do Zig Zag Play e também estarmos com mais forças nas redes sociais do Zig Zag."

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Tem noção se o Zig Zag está a ser bastante visto?

Andrea Basílio, Responsável de conteúdos infantis

"Quando comparamos com os dados do linear, o linear ainda é a fatia mais generosa do consumo dos nossos conteúdos, mas o Zig Zag tem vindo a crescer, mas, ainda assim, o grosso do consumo está no linear ainda."

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Que novidades há agora para 2024?

Andrea Basílio, Responsável de conteúdos infantis7

"Temos algumas. Temos algumas, vamos continuar com alguns programas que já são característicos e diferenciadores do Zig Zag, tais como o "Aconteceu Mesmo", um programa em que uma criança, o Mamadú, relata algumas histórias estapafúrdias da história de Portugal, vamos manter o "Radar XS", que é o nosso noticiário para crianças, vamos também manter "A Minha Cena", com novos episódios, em que cada uma das crianças apresenta a sua vida e nos introduz quer os seus amigos, a família e a escola. Também vamos ter "No Mundo dos Animais" novos episódios em que cada um dos episódios é dedicado a um animal. E agora o que nós estamos a trabalhar, em algumas séries internacionais, que já são nossas características, tais como o "Molang", vamos ter uma série muito bonita que é o "Jasmine & Jambo", que é de música clássica, que é muito interessante e que é feita em Espanha, temos a estreia de uma coprodução entre Portugal, Espanha e Brasil chamada "O Diário de Alice", que estará agendada para Março e estamos a concertar com a TV espanhola que a estreia seja na mesma semana. E agora estamos neste momento a preparar um conteúdo para o pré-escolar com a banda Zig Zag. Ainda não temos data de estreia, mas é com as três mascotes, o Zig, a Zag e o Zzz, serão 40 episódios de cerca de 7 minutos e a nossa pretensão é também preparar um magazine para um público-alvo um bocadinho mais velho, com crianças de mais de seis anos".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que há de novo já para os próximos tempos?

Daniel Rodrigues, Responsável de conteúdos para adolescentes e jovens adultos

"Bem, já começámos a fazer experiências, neste caso no Digital, com a Direção de Desporto através de "live stream", em direto de jogos. Fizemos, por exemplo, a Liga Portuguesa de Basquetebol para a plataforma Twitch com comentadores que falam a linguagem do público jovem e correu bastante bem, estamos já a trabalhar em abordagens a concertos em que a RTP

é parceira para o início do ano para conteúdos trabalhados para termos conteúdos especificamente com a linguagem destes públicos e uma série de outras coisas que eu gostava de poder já revelar, mas ainda não posso. Ainda não? Ainda não, algumas que ainda estão no segredo.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Então não podemos indicar nenhuns programas novos para já?

“O que nós podemos indicar é, é muito importante para nós que a RTP, enquanto serviço público, sirva todos os públicos e sentimos que estas duas faixas etárias em particular que contemplam os intervalos dos 13 aos 24 anos, são cruciais para o futuro de qualquer grupo de media, mas do serviço público em particular bastante importantes e que estamos a trabalhar em todas as áreas seja música, desporto ou ficção, para que estes públicos sintam que a RTP os serve”.

OFF

Neste "Voz do Cidadão", estamos nos primeiros dias do ano a antecipar 2024 na televisão pública nas mais diversas áreas.

Hugo Gilberto, Diretor adjunto de Informação da RTP

“Estas transmissões já começaram a ser planeadas e pensadas, não agora, mas nalguns casos, há dois, três anos, outros casos, nos últimos meses. No caso dos Jogos Olímpicos, por exemplo é um trabalho que já começou nos últimos três anos obviamente há um trabalho final importante no último meio ano, que tem que ver com a programação, porque depende, desde logo, de quais são os atletas portugueses que estão qualificados para os Jogos Olímpicos e quais são os horários, como vamos coordenar os horários das várias modalidades, particularmente aquelas onde Portugal tem mais hipóteses de conseguir medalhas e ao mesmo tempo, conjugá-los com aquilo que são os grandes eventos dos Jogos Olímpicos, porque, embora uma das missões do serviço público seja o acompanhamento prioritário dos portugueses, os grandes momentos dos Jogos Olímpicos, como a cerimónia de abertura, como a prova dos 100 metros, dos 200 metros, as finais da ginástica, da natação, são grandes eventos aos quais a RTP também não vai fugir”

OFF

O ano será particularmente exigente e com vários acontecimentos, eventos e transmissões eleitorais.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Internamente, as três eleições são também um motivo de preocupação no sentido de que é preciso organizar muito trabalho de cobertura das campanhas eleitorais, debates que vamos fazer com todas as forças políticas, debates plurais como é timbre do serviço público, mas também eleições noutras paragens. Há umas eleições que, sendo americanas, nos Estados Unidos, acabam por ser eleições que interessam ao resto do mundo. As eleições americanas são também vão merecer da nossa parte muita atenção, porque também nos dizem respeito, também influenciam a nossa vida. A Europa também tem nas eleições europeias, essas estavam no calendário, não são eleições antecipadas, são também eleições importantes. A Europa começa a ter algumas contradições no seu rumo, algumas preocupações sobre até que ponto os valores fundadores da união se vão manter e isso exige debate, escrutínio e trabalho da nossa parte. Portanto vai ser um investimento importante”.

OFF

E da realidade passamos à ficção.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

*"Vamos ter logo no início do ano a estreia de uma belíssima série, um "thriller" do Edgar Medina e do João Maia, que são episódios logo para estrear no mês de janeiro. **Mas relacionados com o 25 de Abril?** Não, esta série é um "thriller" normal depois quando nos aproximamos do 25 de Abril, vamos começar a ter vários conteúdos relacionados com a data. Nós temos neste momento em produção uma série que cruza as vidas de Álvaro Cunhal e de Mário Soares num projeto global, chamemos-lhe assim, que tem cinema e tem série para televisão, portanto, é um projeto que vai estar nos cinemas logo no início do ano e vai estar depois na RTP 1. Temos também documentários para emitir ao longo do ano sobre o 25 de Abril. Há um grande projeto que vou aqui já desvendar do António Pedro Vasconcelos sobre a forma como o 25 de Abril foi montado ao longo do processo todo anterior à noite de 24 para 25".*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

As duas prioridades são jogos olímpicos e o Euro?

Hugo Gilberto, Diretor adjunto de Informação da RTP

*"A primeira os Jogos Olímpicos a segunda, o Euro, mas há imenso desporto. **Porque começa em janeiro e não para, não é?** Começa em janeiro com o europeu de andebol, por exemplo onde nós vamos estar com a seleção portuguesa e transmitir muitos jogos desse campeonato da Europa de andebol. Vamos ter ciclismo, como há pouco falávamos, com a Volta a França, com a Volta a Portugal, vamos ter imensas provas de ginástica, vamos ter atletismo, como sempre acontece, quer Atletismo, os grandes eventos europeus e mundiais de atletismo, quer as maratonas em Lisboa e a Meia Maratona do Porto, que são sempre provas que têm uma grande adesão popular e que são transmitidas também na RTP, como o basquetebol, que acontece regularmente, como as grandes provas de canoagem. Às vezes esquecemo-nos de uma coisa que não acontecia há 20 anos. É verdade que há 20 anos também havia sempre este ano, de quatro em quatro anos, onde há campeonato da Europa de Futebol e Jogos Olímpicos, mas não tínhamos, o desporto português não tinha a força que tem hoje. Hoje há muitas seleções portuguesas, masculinas e femininas, e a RTP tem dado cada vez mais antena ao desporto no feminino, mas dizia eu, há cada vez mais seleções portuguesas masculinas e femininas e atletas individualmente que chegam a grandes momentos do desporto que praticam. Por exemplo, a natação tem um grande português, ainda muito jovem, que é candidato a ganhar provas. Isso era impensável nas últimas décadas. O andebol português hoje é presença assídua nas fases finais de campeonatos da Europa quer em campeonatos do mundo. Foi uma modalidade que cresceu imenso. O mesmo é válido para o râguebi, como vimos no mundial onde transmitimos esses jogos da seleção, para o voleibol, a canoagem com o Fernando Pimenta e não só, passou a ter um destaque português, a bandeira portuguesa sobe muitas vezes quando conseguimos ou ouro, ou prata ou bronze. **O judo também?** O judo que foi medalha naqueles Jogos Olímpicos em que ainda era uma modalidade muito menos enturmada com os portugueses, nos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, quando há a medalha do Nuno Delgado. Daí para a frente, o judo passou a ser candidato a medalhas, foi algumas vezes o destaque português nos Jogos Olímpicos, foi assim nos últimos, foi assim também nos penúltimos no Brasil, com a Telma Monteiro, e assim continua a ser. Há várias modalidades para lá do futebol porque nós falamos sempre muito do futebol, da futebolização do desporto, mas a verdade é que o futebol hoje, sendo obviamente*

aquilo que mexe mais a atenção dos portugueses na TV, o futebol é só uma parte do quanto importante é em inúmeras modalidades do desporto português.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

"No entretenimento, vamos ter os formatos que os nossos espectadores estão habituados a ver na RTP. Temos uma nova série do "Taskmaster" que está também já em edição para exibir ainda no primeiro semestre deste ano, teremos o "The Voice Kids", que vai ser também um dos programas ainda do primeiro semestre, e vamos ter outros conteúdos. O "MasterChef" seguramente estará no ar de novo. Temos também alguns projetos novos que vamos fazer pela primeira vez em Portugal. Temos dois projetos novos para formatos de entretenimento, que vão surgir ainda antes do verão, mas sobre esses ainda não vou falar objetivamente. E vai continuar o "Joker"? Exato, o "Joker" continuará a fazer as noites da RTP 1 e antes do "Telejornal", "O Preço Certo" que caminhará para o 22.º ano de emissões regulares".

OFF

As novidades não se ficam pelo que é transmitido no ecrã. Ano novo é sinónimo de estúdio novo.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

"Este estúdio onde estamos a conversar vai ser remodelado. Vai ser um grande desafio. Os estúdios de informação da RTP vão ter uma nova imagem, a redação da RTP vai ter melhores condições para trabalhar, mais adequadas às linguagens e também aos dispositivos que permitem explicar melhor a informação, mostrá-la com outro brilho, com outra luz, e vai ser um grande investimento que vamos fazer para servir melhor os espectadores".

OFF

É assim que a RTP avança neste novo ano, com uma série de desafios que decorrem das decisões a tomar sobre o seu futuro e que poderão modificar a forma como alguns conteúdos e canais chegarão aos telespectadores.

É aos mais novos que a RTP aponta estratégias, para cativá-los e tentar atenuar a fuga de audiências dos últimos anos. A vida continua com as mesmas guerras e dificuldades de 2023, mas insistimos na esperança em que tudo melhore. Continuarei a responder e a apoiar os telespectadores que me contactam e a mostrar como funciona a televisão pública. Continuarei a defender o serviço público de televisão.

O programa da provedora fica por aqui. Um bom ano para todos e até para a semana.

EPISÓDIO 2 – 13 DE JANEIRO 2024

DURAÇÃO: 14:37 MINUTOS

OFF

No Voz do Cidadão de hoje vamos até ao Centro de Informação Regional de Évora da RTP.

A minha ida até ao Alentejo enquadra-se num objetivo que tracei desde que sou provedora do Telespetador da RTP, isto é, visitar as instalações do canal público de Televisão em Portugal fora da Capital.

Auscular quem lá trabalha, com que meios e quais os problemas que enfrenta no dia-a-dia, tendo em conta as especificidades de cada local onde a RTP desempenha a missão do serviço público de média.

A equipa da RTP, residente em Évora, é constituída por cinco pessoas: dois jornalistas, dois repórteres de imagem e um administrativo.

E a primeira conclusão é que é pouca gente para uma área de cobertura tão extensa.

Teresa Marques, Jornalista RTP

*“Nós cobrimos o Alentejo de uma forma geral, sendo que a zona do Alto Alentejo, mais próxima de Castelo Branco, é uma zona mista em que tanto chegamos nós como Castelo Branco, há algumas zonas que já pertencem a Castelo Branco pela distância a que nós ficamos delas assim como em baixo, com o Algarve, também partilhamos algumas zonas pela distância. Algumas zonas são só do Algarve, outras são zonas mistas tanto podemos ir nós como pode ir o Algarve, de acordo com quem estiver mais disponível e mais próximo, até porque o Alentejo é um terço do país. A única autoestrada que temos é a que liga Lisboa a Elvas e a Espanha, e o resto é um IP que numa boa parte do seu traçado tem duas faixas e são estradas nacionais onde passa todo o trânsito. Passamos nós, passam os pesados de mercadorias, passam os tratores agrícolas, o que nem sempre facilita as nossas viagens. **Fazem quantos quilómetros por mês, é possível fazer um cálculo mais ou menos?** Eu não tenho. Não temos esse cálculo feito, mas eu ...nós temos dias em que até conseguimos fazer trezentos quilómetros num dia”.*

OFF

O Alentejo está dividido por quatro áreas de jurisdição: a parte litoral fica sob a alçada da RTP em Lisboa, a zona mais a norte é dividida entre Évora e Castelo Branco e a área mais a Sul é distribuída entre Évora e o Algarve. Tudo o resto é da exclusiva competência da delegação de Évora, incluindo Beja e Portalegre, distritos sem qualquer jornalista da RTP.

Os profissionais da RTP em Évora fazem muitos quilómetros de estrada para cobrir todo o tipo de assuntos.

São presença assídua no Portugal em Direto, mas também respondem aos pedidos de outros programas de informação dos vários canais do grupo RTP.

Exige-se que por isso que sejam multifacetados e jornalistas especialistas em praticamente todas as áreas.

Teresa Marques, Jornalista RTP

“Nós trabalhamos principalmente para o Portugal em Direto, quando fazemos temas regionais, e é isso, que é pedido pelo programa, mas estamos sempre preparados para responder a qualquer coisa, seja a uma notícia de política, de desporto, de sociedade, seja o Telejornal, seja um jornal desportivo, à RTP 2, à RTP África. Enfim, estamos aqui para todos”.

Paulo Nobre, Jornalista RTP

“Eu costumo dizer que a única especialização que nós temos é o Alentejo. O resto, tudo o que passa pelo Alentejo, nós acabamos por fazer. O que é que isso nos dá? Bom, dá-nos alguma bagagem para de alguma forma conseguirmos pegar em qualquer coisa e tratar. Por outro lado, acho que há situações que são muito específicas e que exigem uma maior acuidade por parte do jornalista para tratar como deve ser, por exemplo, nós vivemos um momento político complicado

*e nós que estamos à margem muitas vezes eu não estou dentro da questão política, tanto quanto seria desejável **porque pode estar a tratar de futebol?** Porque pode estar a tratar de outras coisas e naturalmente, estou a fazer qualquer coisa relacionado com o Alentejo e às vezes isso causa-nos alguns problemas e temos sempre que pedir ajuda onde é que eu pego o que é que eu faço porque às vezes não temos o conhecimento tão aprofundado como seria desejável nestas situações concretas”.*

OFF

Agora que a desgraça ganhou lugar de destaque nas notícias, trabalhar para o Portugal em Direto é uma lufada de ar fresco.

Permite mostrar locais mais recônditos com pouca visibilidade no ecrã.

Paulo Nobre, Jornalista RTP

“Eu acho que é um espaço por excelência exatamente por isso, porque de alguma forma, dá-nos essa liberdade. Não, não, podemos fugir, não fugindo obviamente àquilo que é a notícia, podemos fugir ao clichê da má notícia e ir procurar coisas que que são positivas, que as pessoas fazem, todos os dias nesta Região, em todo o país há gente a fazer coisas, coisas como dizia o Artur Jorge: há gente a fazer coisas boas, coisas bonitas, e é bom nós também mostrarmos que essas pessoas estão lá e continuam a fazer coisas e muitas vezes, se não formos nós serviço público que ainda podemos dedicar algum tempo a isso, isso não aparece em mais lado nenhum”.

OFF

Paulo Nobre é alentejano e jornalista na Região há 30 anos. Começou na RDP e desde a fusão entre a rádio e a televisão públicas passou a ser não só a voz, mas também o rosto das notícias do Alentejo.

Paulo Nobre, Jornalista RTP

*“Muitas vezes o problema é ter que fazer em simultâneo. Ou seja, eu sou o único jornalista no terreno. As coisas estão a acontecer e eu tenho que relatá-las ali. Tenho que relatá-las para um lado e relatá-las para o outro. **Ao mesmo tempo?** Às vezes quase ao mesmo tempo. Às vezes é só uma questão de cair uma chamada e começar outra para começar o relato, sendo que os tempos, sendo que a linguagem é diferente, e às vezes temos que rapidamente armadilhar ali as palavras para fazer as duas coisas. É mais fácil dizer isto, às vezes no terreno as coisas são mais complicadas e não funcionam, precisamente porque os tempos da televisão e os tempos da rádio são absolutamente diferentes”.*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Dava jeito ter cá mais gente?

Teresa Marques, Jornalista RTP

*“Dava jeito ter cá mais gente? Dava. **Para ter mais gente para trabalhar para fazer as coisas ou não só por isso?** Dava jeito de ter cá mais gente para podermos chegar a mais coisas porque somos só dois, sendo que o Paulo trabalha muito para a rádio, portanto, muitas vezes somos só uma com dois repórteres de imagem, portanto dava jeito, ter mais alguém para isso, para conseguir fazer mais coisas, para conseguir dividir o trabalho de outra maneira. Para conseguir, por exemplo, que não acontecesse o que acontece muitas vezes, marcar uma reportagem e no*

dia de manhã ligar e dizer desculpe, não podemos ir, aconteceu por exemplo, na semana passada, quando aconteceu esta operação espelho, o Paulo Nobre ia fazer uma reportagem que estava marcada do dia anterior e a pessoa com quem ele se ia encontrar veio de Castro Verde de propósito a Évora para falar com ele e no momento em que eles se iam encontrar, o Paulo chegou ao pé dele e disse-lhe: Olá, Bom dia, desculpe eu não posso ficar adeus até à próxima e teve que ir para esta Operação Espelho de imigração ilegal que tinha acabado de ser notícia. Este eu acho que é um exemplo paradigmático do que acontece inúmeras vezes no nosso trabalho”.

OFF

Teresa Marques é de Aveiro e tem 20 anos de serviço da RTP em Évora... Antes de rumar a sul trabalhou para a RTP no Porto e em Bragança.

Teresa Marques, Jornalista RTP

“Eu noto uma grande diferença entre a forma como as pessoas se comportam em relação à comunicação social no Norte e no Sul. Nem sempre as pessoas no Sul são tão disponíveis para, perante um microfone e uma câmara dizer o que pensam abertamente. Têm um pouco mais de cuidado, ficam um pouco mais receosas, olham-nos duas vezes. Por vezes não é tão, uma coisa tão espontânea. De resto, eu acho que nós somos muito, muito queridos das pessoas, somos muito bem tratados, muito acarinhados”.

OFF

José Carrilho é quem está há mais tempo no Centro de Informação Regional de Évora com mais de três décadas ao serviço da RTP.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

José Carrilho é a pessoa que trabalha aqui na RTP, no Centro Regional de Évora, há mais tempo há quantos anos?

José Carrilho, Repórter de imagem da RTP

“Há trinta e dois anos, há trinta e dois anos sempre a fazer televisão, sempre como repórter de imagem? sempre como repórter de imagem, Inicialmente com uma equipa apenas um jornalista e eu, depois, com as emissões regionais, numa primeira fase, com três equipas de reportagem, depois a seguir com seis e depois infelizmente passamos a outra fase em que estamos reduzidos agora a duas equipas de reportagem e não são completas, tendo em conta que um jornalista faz rádio e faz televisão e embora algumas cabeças se ache que estão cá dois jornalistas para fazer televisão, isso não acontece. E essa, digamos que é uma das lacunas que nós temos neste momento”.

OFF

A falta de pessoal deixa Jornalistas e repórteres de imagem sempre em prontidão para se deslocarem a um qualquer motivo de reportagem.

Folgas e férias são tiradas de acordo com as necessidades do Centro e muitas vezes interrompidas.

Numa longa carreira ao serviço do canal público de televisão...José Carrilho recorda com saudade as emissões regionais da RTP que considera ser o verdadeiro serviço público de televisão.

José Carrilho, Repórter de imagem da RTP

“Tenho muitas saudades. Foi o momento da minha carreira profissional, em que eu me senti realizado, porque as emissões regionais foram a uma escola. Nós aprendíamos todos com tudo, porque nós tínhamos que fazer tudo, desde a captação à edição e depois a emissão e colocar o nosso trabalho na casa das pessoas”.

OFF

Ismael Marcos lembra-se com carinho da época das emissões regionais.

É o elemento que está há menos tempo no Centro de Informação Regional de Évora, mas soma experiências em outras Regiões do interior de Portugal.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Ismael disse que esteve em várias delegações, começou pela Guarda, delegações sempre da RTP, começou pela Guarda e desde 2015 que está cá. Acaba por conhecer bem o Alentejo? E que tal? Como é que se habitou a uma zona bastante diferente?

Ismael Marcos, Repórter de imagem da RTP

“É uma zona completamente diferente da minha, não é e é uma área será? Eu não quero estar a induzir em erro, mas deve ser a maior área de... coberta por uma delegação é a área do Alentejo e somos poucos para isso somos poucos”.

OFF

Os escassos recursos humanos contrastam com os meios técnicos.

Em Évora as instalações arrendadas são perfeitas para o bom funcionamento do Centro da RTP.

O problema está na falta de um veículo adaptado à orografia do território... São escassas as semanas que não se têm de deslocar a um terreno agrícola.

Ismael Marques, Repórter de imagem da RTP

“Nós vamos muitas vezes a montes e a propriedades onde é preciso onde é necessário ter um carro com essas características não é. Quanto, a meios técnicos sim, estamos bem servidas como estão as outras. E as instalações? Estas são ótimas, eu quando vim para Évora, estávamos numa que não eram delegações, não eram instalações condignas, não tinha nada a ver com estas que são estas são ótimas, sim”.

OFF

O estúdio que existe em Évora está subaproveitado, é utilizado uma vez em cada três meses.

Do Centro de Informação Regional de Évora trago também queixas da falta de oportunidade para os profissionais do Alentejo para fazerem trabalhos fora, sobretudo no estrangeiro.

Não há também fisioterapia para os repórteres de imagem tal como existe em Lisboa e Porto.

Acredito que quanto melhor forem as condições que os profissionais da RTP desempenham as suas funções, melhor servido fica o telespectador e por isso é preciso mais investimento em recursos humanos, em material e formação sobretudo nesta região tantas vezes esquecida e tão vasta.

O Programa Voz do Cidadão fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 3 – 20 DE JANEIRO 2024

DURAÇÃO: 17:52 MINUTOS

OFF

Hoje fazemos um retrato da oferta cultural da programação da RTP. Existem nos diferentes canais do serviço público programas dedicados a cinema, literatura, fotografia, pintura, dança, ópera, música, património. Na maioria, os telespectadores que me escrevem elogiam a oferta cultural da televisão pública, mas querem mais e pedem horários mais acessíveis e menos incerteza na emissão.

Mensagem de Telespectador

“Gostaria de fazer uma sugestão. Os programas de cultura são todos na RTP 2. Acho que a RTP 1 devia ter um programa bem feito, como o ensaio depois do telejornal”.

Mensagem de Telespectador

“Acabo de assistir ao espetáculo Alice no País das Maravilhas, transmitido na RTP dois pelas 22 horas. Em primeiro lugar, gostaria de salientar a qualidade excepcional da referida apresentação, a qual teria merecido, a meu ver, uma presença televisiva mais abrangente, com inclusão na programação da RTP 1. Um espetáculo produzido pela Companhia Nacional Bailado, sendo de particular interesse para o público português, mereceria uma divulgação mais cuidada”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que se escolhe, como é que se define uma programação cultural?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Portanto, temos algumas pessoas que escolhem especificamente o caso do cinema, conheço, sei de cinema, aquilo que uma pessoa que gosta de cinema sabe. Portanto, temos o António José Martins que escolhe o cinema, o caso das artes de palco, o Daniel Gorjão escolhe os artes de palco, o caso dos infantis e, por exemplo, mesmo nos documentários, nos infantis a Andrea Basílio e mesmo no nos documentários em que eu acho que estou bastante apta, a Maria João Saint Maurice fica com tudo o que tem a ver com a biologia e com a astronomia, que são matérias que eu não... sou mais das letras e, portanto, são matérias com as quais estou muito pouco à vontade. Portanto, isto é um grupo de pessoas que que faz. E embora haja uma orientação geral, há depois a orientação também de cada um deles, não é?”

Daniel Gorjão, Curador de musicais e artes de palco

“Estamos a falar de teatro, dança e ópera essencialmente. São estes programas que são estas disciplinas que eu, das quais eu faço a curadoria para a RTP 2, maioritariamente, porque é o canal que tem mais slots para estas, para estas disciplinas. Agora, com esta reestruturação que houve na empresa passamos a trabalhar numa área dedicada especificamente a musicais e artes

de palco, é assim que se chama a área, onde engloba estas performativas, que programa para a 2, pronto, para onde houver slots, inclusive a RTP Palco, que é o site da RTP, dedicado exclusivamente às artes performativas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que faz a escolha? Vai a festivais, é por catálogo, como é?

Daniel Gorjão, Curador de musicais e artes de palco

“Às vezes por catálogo, poucas vezes por catálogo, porque é preciso ir a festivais, é preciso ir a mercados, é preciso conhecer bem os distribuidores, ir ver espetáculos, é fundamental perceber tanto em Portugal como na como na Europa, perceber o que é que se está a fazer, o que é que interessa à RTP ter na sua programação para propormos a gravação do espetáculo, eh, tentarmos entramos às vezes em com produções internacionais para conseguir ter connosco os espetáculos que se que se passam em Paris ou em Berlim ou pronto, uma indústria realmente nessas cidades e que a RTP seja coprodutora, e vai-se muitos mercados, há um mercado muito importante em Berlim, que se chama Avant Première, organizado por um grupo que se dedica exclusivamente à preservação das artes performativas no ecrã, performing on the screen, que é o da qual a RTP faz parte, onde são apresentados todos os anos cerca de 800 programas, de 600 a 800, pronto, varia conforme a produção anual, de programas só de artes performativas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma quota para cada uma das áreas culturais?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Não há uma quota, mas há uma grelha, não é? Há um mapa tipo, antigamente chamava-se mapa tipo, acho que foi o José Nuno Martins que inventou essa expressão. Há um mapa tipo. E e que diz, ok, ao sábado, por exemplo, as artes de palco é, muito fácil de explicar, ao sábado nós não temos ficção à noite. Temos artes de palco, às 10 da noite, o nosso horário mais nobre é ocupado com artes de palco, porque a maior parte do país não tem salas, não tem espetáculos. Uma pessoa em Penamacor, há bailados que só pode ver na televisão ou se for ao sítio onde eles acontecem, mas isso é muito mais difícil, não é?”

Mensagem de Telespectador

“Notei que os canais de documentários privados deixaram de passar cultura e estão a a.admestratégias comerciais. Passam programas de sobrevivência ou de construção de espadas, compra de artigos históricos, por exemplo. Penso que será uma boa oportunidade para a RTP 2 e RTP 3 passarem mais cultura, já que os canais privados mudaram de estratégia”.

OFF

A televisão culta e adulta, slogan que nos remete para a RTP 2, não se limita a este canal. Cultura também é informação e pode ser acompanhada num canal de notícias.

Mensagem de Telespectador

“Queria apenas deixar aqui os meus parabéns pela reportagem emitida na RTP três sobre os impactos da moda no mundo. Achei que estava bastante interessante e muito bem construída”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que se cruza ou como é que a informação vai incluir programas culturais?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Bom, a cultura, a cultura é um conceito que nós teremos alguma dificuldade em delimitar. Ela atravessa muitas vezes outras áreas que nós também por facilidade, encaixamos numas gavetas precisas. Muitas vezes a cultura mistura-se com política cultural, mistura-se com questões que muitas vezes têm a ver com o noticiário de proximidade, seja porque é património, seja porque é uma festividade, enfim, há muitas coisas em que a cultura se atravessa e bem para nós. E por outro lado, temos programas, digamos, mais dedicados a uma determinada área, os livros, temos vários programas na RTP 3 que têm essa preocupação, o cinema, por exemplo, a fotografia. (...) Na altura em que estamos a falar estamos a passar na RTP 3 uma série de seis programas, a pretexto do centenário de Italo Calvino, passou agora por esta altura e ele tinha deixado seis conferências que reuniu depois num livro feitas nos anos 90 sobre o próximo milénio. O próximo milénio é o atual milênio. E nós achamos por bem revisitar essas conferências. Os temas eram temas são temas de sempre, a multiplicidade, a visibilidade, a rapidez, conceitos que também temos dificuldade em encaixar, é um programa cultural, é um programa sobre o quê? É sobre tudo, é sobre a vida. E e portanto, às vezes fazemos programas específicos dedicados a esta ou aquela arte e temos também programas específicos de atualidade cultural. Neste momento, ainda com pouco tempo de vida, temos um novo programa diário de segunda a sexta-feira, que se chama Ensaio, passa na RTP 3, por altura das oito da noite, cerca das 20 horas, e é o nosso, digamos, noticiário cultural que descentralizamos, é feito em Lisboa uma semana, outra semana em Coimbra, outra semana no Porto, tem também apresentadores que vão variando e vamos procurando dar uma amostra daquilo que se vai fazendo em artes diversas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Portanto, temos as artes de palco, o cinema, temos as séries também, também, de algum modo são programação cultural. Sim... porque a escolha é diferente das mais comerciais?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Sim, as series são todas da produção europeia ou se não é europeia, não é americana, ou seja, não é todas produções europeias, porque temos coisas da Argentina e até já passamos uma coisa uma série de côte d'Ivoire. Portanto, não são todas de produção europeia, mas são todas fora do continente americano e norte-americano”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O orçamento é... tem que ser gerido com cuidado, é muito apertado, como é que é?

Daniel Gorjão, Curador de musicais e artes de palco

“O orçamento tem que ser gerido com cuidado, não é? Isto é uma área de nicho mesmo dentro da programação da dois e da empresa. Não há muito dinheiro, mas conseguimos gerir o que nos leva mais dinheiro é sempre a produção nacional, como em qualquer outra área dentro dela. É mais barato, é mais barato que comprar feito lá fora? É muito mais barato, não é mais barato, é mesmo muito mais barato adquirir um produto no mercado internacional do que fazermos do que fazemos nós, não é? Sermos nós a captar, temos todos os custos de produção, de captação, somos nós a produzir um produto exclusivo para a RTP, então isso ainda cresce mais no orçamento, mas pronto, é preciso fazer produção nacional. Eu sou o defensor de que temos que

fazer a produção nacional, temos que mostrar aos nossos artistas, coreógrafos, músicos, atores, encenadores, pronto, é muito preciso, porque é uma grande plataforma de visibilidade. Eu encaro as performativas que são como se encara o cinema, na lógica de coprodução de estarmos juntos da indústria e dos criativos e sermos um apoio, mais de 80% da nossa programação é comprada em mercados internacionais. E eu acho que isso também é o desígnio, principalmente da RTP 2, não é? Ser uma montra daquilo do melhor que se faz no mundo e do melhor que dos melhores espetáculos que conseguimos ter, tanto óperas como bailados, como o teatro é sempre mais complicado por causa da língua, até porque não há muita captação de teatro internacionalmente”.

OFF

A RTP está a assumir os desígnios culturais do serviço público também fora do ecrã, como acontece com o recente clube de leitores, que vai ter importantes desenvolvimentos nos próximos meses.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Criamos agora um clube de leitores, clube de leitores RTP 3, cuja primeira preocupação não foi ser um programa de televisão, foi ser uma iniciativa de proximidade que vai ao encontro das pessoas que gostam de livros em feiras, em festivais, como o Fólio em Óbidos, ou numa livraria, como fizemos há pouco tempo em Braga e vamos fazer agora também em Dezembro, e esse é um evento que deu origem a um podcast, vamos transmiti-lo em streaming quando pudermos para as pessoas terem acesso a essas conversas e vamos também fazendo cobertura informativa. Portanto, é um terreno em que procuramos o que há para fazer é muito, achamos que ainda temos um défice em relação àquilo que gostaríamos de fornecer aos espectadores e muitas vezes na torrente do noticiário que se tornou nos últimos anos muito focado em breaking news, sejam da pandemia, sejam da guerra, na Ucrânia ou agora em Gaza, tudo isso acabou por hegemonizar e por ocupar muito espaço nos noticiários. Temos mais dificuldade em falar de outros temas, não apenas culturais, mas também de outros temas. Ainda por cima estamos com uma crise política interna também, eh, que nos vai ocupando também muito espaço”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Na verdade, quais são os programas culturais, mesmo daqueles aquilo que se chama o programa cultural, por exemplo do nada será como Dante, outros congêneres que a RTP 2 tem neste momento?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Tendo uma visão de que a cultura não é não é apenas os livros e a pintura, não é apenas as artes e a ciência, não é? a cultura é muito mais do que isso. É a percepção do mundo também. Eu acho que já passamos imensos, nós passamos imensos programas culturais. O programa Nada será como Dante é literatura pura e dura, digamos. O visita guiada é património histórico e é um programa também cultural. O Raízes e frutos é outro gênero de programa cultural. É um programa que foi à procura do pensamento também fora. Aquilo foi uma ideia que era, vamos ver o que é que os filhos das pessoas mudaram o mundo, andam a fazer, andam a mudar o mundo ou são ou não fazem nada? Ou vivem à sombra. E encontramos muitas que que estão a mudar o mundo também mas é mas é diferente, é um programa é um programa de pensamento. Acho que todas as os sábados a nossa programação é extremamente cultural. É um espetáculo, uma peça de teatro, um bailado, um concerto, uma performance e a seguir cinema português.

“Eu acho isto hipercultural. (...) Eu acho que as séries, as séries são um manancial de geografia, de história e de costumes e eu acho que isto é muitíssimo é cultura geral, não é?”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Têm alguma, algum feedback das outras estações, como é que compara com as outras estações europeias, por exemplo?

Daniel Gorjão, Curador de musicais e artes de palco

“Nós na Europa somos conhecidos por ser muito irreverentes, a nossa a nossa programação é muito irreverente no sentido de ser muito mais contemporânea, muito menos clássica, é muito mais sistematizado. Concertos de música clássica, ballets clássicos, pronto, os meus colegas tendem a ir mais por esse caminho. Nós passamos muita dança também não é muito habitual e somos vistos como um caso de sucesso na realidade. Acham que a programação é bastante arriscada e diferenciada, por termos um lado muito contemporâneo e de não termos muito medo de pôr coisas diferentes no ar”.

OFF

De acordo com a lei, a RTP deve garantir a transmissão de programas de caráter cultural, educativo e informativo para públicos específicos. O contrato de concessão atribui mesmo à RTP 2 uma forte componente cultural que, como vimos, se pode encontrar noutras canais do serviço público.

Não pode haver medo de perder audiências quando se fala de cultura. Como se pode verificar neste breve retrato dos programas que os diferentes canais da RTP disponibilizam.

A cultura não é uma matéria árida, exclusiva para intelectuais sisudos e académicos. Nela se englobam manifestações com grande adesão popular e com não menos qualidade.

Vale a pena continuar a apostar neste campo.

O programa da provedora fica por aqui até a próxima semana.

EPISÓDIO 4 – 27 DE JANEIRO 2024

DURAÇÃO: 16:12 MINUTOS

OFF

Hoje, voltamos a um dos temas que mais incomodam os telespectadores: falamos de telepromoções, publicidade e chamadas de valor acrescentado.

Mensagem de Telespectador

“Gostaria que me informasse acerca desta “febre” dos chamados sorteios de prémios em cartão. Pela insistência com que “apelam” aos espectadores para ligarem, leva a crer que existe uma qualquer imposição, dada aos apresentadores, nesse sentido”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Cristina Viegas Mais uma vez obrigada por nos ajudar a perceber que perceber e responder aos telespectadores que enviam queixas. Uma delas ou várias delas dizem respeito às

chamadas de valor acrescentado que tinham acabado, voltaram e e aos prêmios em dinheiro também com telefonemas.

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

“Então deixe-me começar por explicar que há dois tipos de IVR’s que nós utilizamos em antena os IVR’s associados aos passatempos que é aquele que está a referir e os IVR’S associados às votações dentro dos programas. E são processos que parecem iguais, mas são distintos e não dependem de nós a decisão de estarem ou não estarem em antena são de outras áreas de gestão. No que diz respeito aos passatempos que refere efetivamente voltaram à antena, são passatempos. Nós fazemos toda a parte logística, de implementação, de contratação, de linhas de desenvolvimento de regulamentos, da comunicação com a Câmara Municipal de Lisboa que regula e controla estas operações no terreno. Toda essa parte operacional sim, é acompanhada e garantimos também que é cumprido o acordo de autorregulação que foi desenvolvido há uns anos atrás entre as estações de televisão efetivamente no sentido de proteger as pessoas mais sensíveis e mais frágeis. Portanto, temos limites máximos de apelos por hora que neste caso são cinco e também implementámos um limite máximo de chamadas por dia, para que as pessoas de facto não se estendam e não... que fiquem, não passem para além daquilo que podem e efetivamente é uma medida para proteger os telespectadores. Esse esse limite é para cada pessoa? sim para cada número de telefone para cada número de telefone. Só pode haver seis chamadas cada vez que se usa, porque nós estamos a usar o sete seis um para o sete seis um. O limite máximo é de seis chamadas de dia.

Mensagem de Telespectador

“Após o “alarido” nacional sobre a dependência do jogo com as raspaldinhas, será natural que a RTP promova um sorteio com as mesmas características, barato, fácil de concorrer e sobretudo sem levar o concorrente a ter a noção do que está a gastar?”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que apareceram estas chamadas que já tinham sido já tinham sido apagadas, digamos assim?

“Bem como lhe disse a decisão é uma decisão de gestão e, portanto, nos compete nos implementá-las o melhor possível e garantir efetivamente. Isso é que é realmente importante que este acordo de autorregulação seja mesmo, mesmo cumprido no sentido de proteger as populações. Esta prática vai manter-se? Eu não tenho indícios, não tenho qualquer tipo de indicação de que alguma coisa se vá alterar para já está a decorrer, entramos no ano de dois mil e vinte e quatro com passatempo, portanto, a indicação que tenho é que é para manter”.

OFF

Estes passatempos desapareceram dos ecrãs da RTP durante cerca de 1 ano, quando havia a expectativa de aumento da contribuição audiovisual. O aumento não chegou a ser adotado e a contribuição audiovisual não tem atualizações desde 2017.

As chamadas de valor acrescentado não se limitam a passatempos ou sorteios de cartões ou automóveis e em alguns casos vezes fazem parte da estrutura dos programas de entretenimento, onde representam um voto para eleger o vencedor, como por exemplo: (...)

Mensagem de Telespectador

"Passou a ser exibida publicidade antes de se poderem ver os programas gravados na box, isto na RTP2, que tem como regra, ou regulamento, não passar publicidade. Esta publicidade é altamente intrusiva, nem todos os canais a adotaram e vai contra o espírito da emissão da RTP2".

Mensagem de Telespectador

"Face à introdução de publicidade por parte das operadoras no acesso aos serviços de gravação de TV, protocolo seguido apenas com alguns canais, quero manifestar o meu desagrado quanto à RTP, canal de serviço público, em particular a RTP2 que, por si só, apenas visaria comportar publicidade institucional. Recordo que até nas gravações feitas pelo próprio espetador este é obrigado, sem alternativa, a essa maçada. Não deveria a RTP rever esta situação?"

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma queixa que me que me surgiu recentemente sobre a publicidade, isto é, quando vamos procurar um programa na RTP dois a RTP dois não tem publicidade comercial, mas se vamos buscá-lo à box, aparece publicidade, como é que isso aparece?

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

*"As operadoras as as as três grandes operadoras nacionais têm uma funcionalidade de facto em que eu acho que isto tem a ver um bocadinho, lançaram esta funcionalidade poder andar para trás para a frente e não de uma forma gratuita, mas as coisas são como são e às vezes é preciso começar a trazer algum retorno para as empresas, nomeadamente das empresas privadas. Portanto, em cima dos conteúdos esta funcionalidade pode obrigar a que se seja um anúncio publicitário, mas é um anúncio de curta duração e, portanto, não é mais. É muito parecida com a experiência que se tem também online quando se vai ao YouTube ou assim para ver um conteúdo, portanto é muito do mesmo género. O mundo evoluiu, o mundo mudou e isto é um bocadinho, uma prática normal para os conteúdos que estão acessíveis de uma forma gratuita. **Não, não compete à RTP, não é publicidade da RTP?** Não é, mas nesse caso a RTP teve que dar o seu a sua aprovação".*

Mensagem de Telespectador

*"Na utilização da aplicação RTP play no meu telemóvel, aquando da visualização de algum programa (que não seja em direto) tenho notado que a cada 10 minutos existe publicidade. Por outro lado, sempre que abro a aplicação há uma publicidade pop-up, sempre da mesma marca, que inclusivamente tem estado sob as atenções da União Europeia por práticas obscuras de privacidade e segurança. **Gostaria de saber qual a legalidade deste tipo de publicidade**".*

OFF

Pedimos respostas aos responsáveis da direção comercial dedicada à área do online.

Nota da Direção Comercial Digital & Rádio

"A inserção de publicidade nos conteúdos disponibilizados online é uma prática generalizada no mercado multimédia. A RTP tem, desde sempre, especial cuidado na introdução de blocos publicitários, fazendo-o particularmente no entretenimento, e com regras muito claras e o menos intrusivas possível, designadamente, privilegiando três momentos de inserção de

publicidade: (I) no início da visualização; (II) após 70% da visualização do conteúdo; (III) no final do conteúdo.”

Mensagem de Telespectador

“Sou telespectador da RTP Play e sou constantemente bombardeado com três ou mais anúncios quando quero assistir a um programa ou série televisiva. Acho que a RTP como canal público não devia ter publicidade pois torna-se muito desagradável estar tanto tempo à espera pelo programa pretendido e ver publicidade sem interesse. Para quem quisesse, devia haver um botão para cancelar a publicidade na RTP Play”.

OFF

A sugestão do telespectador não é acolhida pelos responsáveis da RTP.

Nota da Direção Comercial Digital & Rádio

“O cancelamento da publicidade será sempre dependente da necessidade da empresa em obter receitas.”

OFF

Quisemos saber quantos anúncios, de quanto tempo cada, e qual o total de publicidade são permitidos na RTP Play.

Direção Comercial Digital & Rádio

“A RTP, por sua iniciativa, decidiu aplicar as seguintes limitações: qualquer bloco publicitário tem um máximo de 30 segundos, com um anúncio ou no total de vários anúncios. Por outro lado, sempre que um espectador navegar entre diferentes conteúdos na mesma sessão, só é impactado novamente com o bloco publicitário passados 3 minutos. Esta medida visa uma melhor experiência de navegação na RTP Play.”

OFF

Atualmente, da oferta de conteúdos disponíveis na RTP Play a publicidade está dentro de tudo e apenas fora das celebrações eclesiásticas, e dos programas: Promove - O futuro do Interior, Europa Minha e Elétrico.

Para a administração, retirar a publicidade na RTP Play ou uma possível redução da quantidade de anúncios apresentados não é uma hipótese.

OFF

Voltemos às emissões da RTP1.

Mensagem de Telespectador

“Gostaria que clarificassem o motivo de os apresentadores de programas como a Praça da Alegria, a Nossa Tarde e por vezes o Preço Certo terem de colaborar ativamente no PANEGÍRICO dos produtos publicitados, designadamente programas privados de saúde, produtos auxiliares do tipo parafarmacêutico, dietas, entre outros, não bastando os representantes das marcas, sempre lá presentes para esse efeito. Os produtos são, invariavelmente, os “melhores do mundo”, com a anuência da RTP”.

Mensagem de Telespectador

“Pergunto eu se é correto os funcionários da RTP fazerem publicidade de produtos. Ou seja, apresentadores a fazerem publicidade de seguros de saúde com os respetivos representantes dos seguros de saúde e medicamentos, opinam com os representantes dos produtos e até classificam como bom produto. O porquê desses produtos não serem anunciados em publicidade normal?”

Mensagem de Telespectador

“Interrompem subitamente um grupo de jovens com deficiência que esperaram muito pelo momento de poderem cantar e mostrar o que havia com orgulho planeado e ensaiado! Começam a cantar finalmente, e, poucos instantes depois, são cortados pelas criminosas “Telepromoções” que controlam estes programas, e, sem aviso ou consideração, os jovens deficientes foram cortados da emissão. O que se faz pelo dinheiro! Ainda por cima os “vendidos” dos apresentadores que dizem que tomam todos os produtos que fazem bem a tudo e aliciam os mais vulneráveis”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Na tele promoções, que é um problema que já creio que já falamos anteriormente. Como é que é feito o controlo da tele promoções dos produtos que são apresentados da qualidade dos produtos é feito um controlo?

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

“É feito, mas vou-lhe explicar começando um bocadinho o mundo também. Aqui também houve evolução e as tele-promoções hoje são completamente consideradas como fazendo parte dos intervalos que contam inclusive para o tempo da publicidade de uma maneira tal como qualquer outra publicidade, é um formato diferente, mas é um formato publicitário e hoje já é mesmo assumidamente publicidade. E portanto nós controlamos estes como controlamos os a publicidade toda, a diferença destes é que de alguma forma são mais imediatos, ou seja, são feitos na própria altura em que vão para o ar e portanto, o que nós conseguimos é, do ponto de vista jurídico, validar as mensagens base que vão ser transmitidas dentro daquilo que é a legislação. Agora, tal como qualquer outra publicidade, nós só temos que garantir, só temos não, nós temos mesmo que garantir que cumprimos tudo, tudo aquilo que é legalmente obrigatório. Depois as características técnicas dos produtos. Quando um produto vem para o mercado, nomeadamente os suplementos alimentares ou outro tipo de produto, se compete ao anunciante ou à marca, provar que aquilo que está a dizer é verdade”.

OFF

Não é prática habitual nos espaços publicitários da RTP, mas acontece. Ver um anúncio publicitário uma vez pode ser interessante, ver duas vezes pode ser verdadeiramente maçador e se a insistência se mantém então pode ser mesmo irritante.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há intervalos de publicidade em que aparecem os mesmos anúncios repetidos, porque é que isso acontece?

Cristina Viegas, Diretora Comercial da RTP

“Não acho que aconteça assim imenso, mas acontece até porque nós temos intervalos curtos. Nós temos intervalos de seis minutos, os nossos intervalos são muito curtos e portanto, para entrar em dois anúncios iguais, há alguém que não entra. Portanto isso não é uma prática muito normal, mas acontece e acontece sobretudo porquê os anunciantes, quando fazem o planeamento das suas campanhas, têm em consideração duas métricas, a da cobertura, que é quantas pessoas é que nós vamos conseguir apanhar e a da frequência, quantas vezes, em média, nós vamos conseguir apanhar cada uma das pessoas. E é na combinação destas duas variáveis que se toma a decisão de onde colocar os anúncios. **O que é curioso é que é uma técnica que é considerada em termos de marketing interessante, mas para os telespectadores que me escrevem, é cansativo, é repetitivo, não gostam, ficam irritados em termos de Marketing isso é interessante, uma pessoa ficar irritada?** Não, como é óbvio, nós não queremos os nossos, nem nós queremos os nossos telespectadores irritados nem as marcas querem os seus consumidores irritados com toda a certeza. Pronto, eu acho que é uma. É uma boa dica para eu passar aos meus clientes”.

OFF

A lei permite à RTP1 ter 6 minutos de publicidade por hora, e isso não incomoda os telespectadores. O que os irrita é a repetição do mesmo anúncio num bloco publicitário. Mostram-se também contrariados pela existência de publicidade na RTP Play, e voltamos à questão das chamadas e valor acrescentado e aos concursos por telefone.

Enquanto provedora, recomendo à RTP que guarde contenção nestas práticas. Quem vê a RTP e utiliza os seus serviços deve ser poupado a excessos de práticas comerciais que criam antipatia e afastam quem vê e gosta da RTP.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 5 – 3 DE FEVEREIRO 2024

DURAÇÃO: 11:22 MINUTOS

OFF

A maioria das mensagens que me chegam são de telespectadores descontentes com os serviços prestados pela RTP.

Embora menos expressivas recebo também muitas com elogios ao canal público de televisão.

Abrangem várias áreas, ou porque um telespetador gostou do desempenho de um jornalista ou apresentador da RTP, ou porque gostou de um programa de televisão ou de uma entrevista ou até porque faz questão de felicitar a Programação de um dos canais da Televisão Pública.

O Voz do Cidadão de hoje mostra-lhe o que os telespetadores mais gostam ou gostaram de ver no canal público de televisão e não se inibiram de o dizer.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Acabo de ver, na RTP 1, o magnífico documentário “MONTADO”, o bosque do lince ibérico. Trabalho de elevado valor, deve e merece ser visto por todos os Portugueses, quase sempre desconhecendo o melhor do nosso País. Pela minha parte, vou rever e divulgar!”

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Venho mostrar a minha satisfação pelo vosso programa “Nada será como Dante”. Continuem a promover programação como esta, que dá visibilidade à poesia nacional e internacional, às pequenas iniciativas culturais que são tão importantes num país com um interior abandonado”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“A programação da RTP dos últimos anos tem sido de uma qualidade excepcional e deixo desde já o meu agradecimento pelo serviço público prestado. Gostaria, no entanto, de notar que a reportagem “Longe de Cabul” deixou-me deveras impressionado com a qualidade cinematográfica demonstrada e espero verdadeiramente que este trabalho seja reconhecido publicamente”

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Felictito a programação da RTP2 em geral e em particular os excelentes documentários da tarde e as séries das 22 horas”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Eu gostava de dar os meus parabéns ao Gilmário Vemba pela elegância com que faz o 5 para a Meia-noite”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Dou graças à RTP por ter o melhor programa cultural na área da música, especialmente na divulgação do fado. É um programa que divulga a nossa cultura musical em relação ao fado e suas origens e a ligação também com a música ligeira. Devemos ter orgulho na nossa história e nas nossas origens”.

OFF

Tal como faço com as críticas negativas, também transmito os elogios àqueles cujos trabalhos suscitararam as mensagens. Alguns telespectadores tomam a iniciativa de sugerir alterações ou novos conteúdos. Muitos começam por criticar o que consideram estar mal, mas propõem soluções.

Mónica Pereira, Telespectadora da RTP

*“Eu enviei uma mensagem no sentido de sensibilizar para algum uso, por vezes no programa, os participantes, poderão dizer algumas palavras não tão para crianças e eu acho que este programa tenho percebido que este programa tem vindo a ter outros telespectadores, nomeadamente crianças, e é um programa muito engraçado de entretenimento. Vi alguns dos episódios e também me ri bastante com algumas das provas, mas foi nesse sentido, foi no sentido de alertar, sensibilizar, para algumas palavras que eu acho mais adequadas para adultos, sendo que também são cortadas, mas pronto... **são percetíveis na mesma** nalguns casos...**apesar dos pis...** Sim, sim, eu acho que estaria aí uma grande oportunidade para, uma vez que as crianças também estão a assistir a este programa daquilo que eu tenho percebido. Haveria uma oportunidade interessante de criarem um Taskmaster com e para crianças, é esta a minha sugestão”.*

OFF

O Taskmaster é assumido por José Fragoso como um Programa para juntar as famílias em frente ao televisor e as audiências confirmam isso mesmo.

O modelo de origem britânica chegou a vários Países e tem sido um êxito em Portugal onde se encontra a caminho da quarta série. Mas seria possível termos na RTP um Taskmaster para crianças?

Questionámos o diretor de programas da RTP acerca desta possibilidade.

“A produtora britânica está a produzir um ‘Taskmaster Junior’. O programa só será emitido na televisão a meio deste ano no Channel 4. A RTP está a acompanhar o desenvolvimento deste processo para avaliação futura” – Nota de José Fragoso, Diretor de Programas da RTP.

OFF

Há quem pense em formatos mais indicados para famílias repescando exemplos do passado.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Estive em família a conversar sobre as vossas programações e, chegamos à conclusão que, em vez de transmitirem programas estrangeiros, era preferível voltar a transmitir programas que juntavam toda a família em frente à Televisão. Programas tipo jogos sem fronteiras. Nem que fosse na RTP Memória”.

OFF

Há ainda quem escreva a congratular a RTP pelos conteúdos exibidos e a sugerir a exibição de outros programas.

É o caso deste telespectador que se assume como um grande fã da RTP Memória e de séries clássicas de televisão.

Élio Ribeiro, Telespectador da RTP

“Quando a RTP Memória começou a ser emitida para mim foi quase um sonho realizado porque comecei a ver que a RTP Memória começou a transmitir séries, ou que tinha ouvido falar ou que os pais falavam, ou que até mesmo pequeno, quando via no Agora Escolha ou até na RTP 2, como foi o caso da 5ª Dimensão, vi, só que era muito novo para apreciar e agora que estou um bocadinho mais velho, posso revê-las com mais calma e tentar perceber realmente porque é que elas se tornaram tão icónicas e que ainda hoje são faladas. É um grande telespectador da RTP Memória e acompanha várias séries, o que é que neste momento está a ver? Só o Hitchcock apresenta e estou à espera que as marés vivas acabem para ver o que é que vai dar a seguir, porque marés vivas, na verdade nunca foi algo que me chamasse muito, mas eu sei que já estamos a temporada 11, daqui a umas semanas de começar algo novo como é o caso do Get Smart que eu via quando era criança, ou melhor não via mas os meus pais gravavam porque dava altas horas, o Cheers que também tenho ideia de ter visto, não me pergunte em que canal é que foi., mas tenho ideia que vi e o serviço de urgências que guardo boas recordações, ver com os meus pais. ao final do dia, creio que era a sexta feira que dava à noite, coisas desse género”.

OFF

Há aqueles telespectadores que são fãs de um determinado evento e que consideram que este deveria ser mais explorado, ter mais horas de emissão ou Programas paralelos. É o caso do Festival Eurovisão da Canção que origina sempre muitas mensagens na minha caixa de correio.

Ricardo Cruz Reis, Telespetador da RTP

“Aquilo que eu me foquei nas propostas foi sobre, aquilo que devia ser estratégia de programação da RTP sobre a eurovisão, porque aquilo que é em termos de programação é mais voltada para o espetáculo em si, ou seja, aquilo que era uma estratégia que até havia anteriormente, como por exemplo havia nos anos 70/80 e 90 de apresentação das canções, considero que seria interessante para chegar a um público que não tem tanto acesso à internet, como por exemplo, o público mais velho para dar a conhecer as canções, antes das canções serem reveladas. Por exemplo, atualmente, se não estou errado a Noruega e a Islândia, penso que a Suécia antigamente fazia programas especiais durante durante as semanas anteriores à Eurovisão para avaliar as músicas, apresentar as músicas e através de um painel, avaliar as músicas. Acho que seria uma boa aposta se houvesse um programa desse tipo para apresentar canções”.

OFF

Há mais sugestões que atestam o sentido crítico do telespetador da RTP.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Um dos maiores cantautores portugueses Fausto Bordalo Dias fez 75 anos (26 de novembro). Não necessito de relembrar a sua obra, como tal, julgo que seria merecida uma homenagem ou pelo menos um apontamento nos noticiários da RTP. Aguardo há anos que se faça uma grande homenagem, fica a sugestão”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“No Programa “ Visita Guiada” gostaria de ver uma visita à minha cidade Natal Luanda, sugiro que se desloquem à freguesia de Nossa Sra. do Carmo, que fica no concelho de Luanda, e onde existe a Igreja de Nossa Sra. do Carmo”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Aproveito para sugerir um ciclo de cinema na RTP Memória, dedicado ao mistério/noir, especialmente numa altura de tempo frio, que convida a estar em casa, a ver um filme baseado na obra de Agatha Christie”.

OFF

Muitas sugestões que recebo não são viáveis porque a RTP não detém os direitos de exibição, mas noutras casos a RTP tem acrescentado novidades como acontece com transmissões de desportos, que não o futebol, nos quais atletas portugueses se têm destacado.

Todas as propostas são bem-vindas e canalizadas por mim para as respetivas áreas e realmente são tão validas como as críticas mais negativas. O Programa da Provedora fica por aqui até à próxima semana.

EPISÓDIO 6 – 10 DE FEVEREIRO 2024

DURAÇÃO: 19:35 MINUTOS

OFF

A 7 de Outubro de 2023, o mundo virou-se para Israel.

O dia foi descrito como o mais sangrento da história do País.

Num só dia, foram mortos em Israel, pelo Hamas, cerca de mil e 100 civis e 400 militares e polícias israelitas. Foram feitos reféns cerca de 240 civis e soldados, segundo números oficiais de Israel.

As imagens que imediatamente foram difundidas sobretudo dos atentados terroristas num Festival de música onde morreram centenas de pessoas, sobretudo jovens, causaram choque e indignação.

Volvidos 5 meses as mensagens de telespectadores que me chegam são maioritariamente de condenação do que consideram um genocídio dos palestinianos, perpetrado por Israel.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Ontem fiquei indignada com a entrevista a uma Israelita que alega que todas as pessoas em Gaza são terroristas, que não existem civis. Estamos a assistir a um genocídio, um povo está a ser extermínado com a conivência de um mundo que se diz ser civilizado. O silêncio internacional deveria ser provocado e denunciado pelo bom jornalismo. O jornalismo verdadeiramente independente deveria ter esse papel de abrir os olhos às pessoas. A RTP não deveria chamar de conflito, mas deveria usar as mesmas palavras que utilizou com a Ucrânia, INVASÃO”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Ao descrever a ocupação e massacre sofrido pelo povo palestiniano às mãos de Israel, como “guerra” e “conflito” a RTP contribui para a narrativa falsa de comparação entre os dois lados, quando não há nenhuma equivalência de circunstâncias. O que decorre é o genocídio dos palestinianos, é assim que este deve ser tratado, de forma a transmitir a situação de forma verdadeira aos seus espectadores”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“É vergonhoso que a RTP 1 e 2 se refiram à guerra Israel/HAMAS quando os mundos, exceto EUA, falam e todos sabemos ser a Guerra Israel/ Palestina”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Notamos essa mudança. Há um primeiro momento de choque perante aquilo que vimos que aconteceu em Israel. É isso também que os jornalistas que vão a Israel também constatam no terreno. Houve dúvidas sobre alguns vídeos que foram divulgados por as entidades israelitas, mas foi possível ir ao terreno falar com as pessoas e avaliar a situação. Claro, que depois foi preciso dar contexto a tudo isto. As coisas têm as suas explicações. A diplomacia internacional também foi dando testemunho disso e preocupação, a ONU particularmente e o seu secretário-geral ainda por cima há um português fez apelos sucessivos ao cessar-fogo para permitir que a resposta que Israel deu não fosse tão violenta e permitisse assistir as pessoas que estavam a ser afetadas e mortas, muitas crianças, muitas mulheres. Isso foi sendo dado e a partir de certa altura há uma sensação na opinião pública internacional, também em Portugal, de que o número

de mortos se vai acumulando como resposta àquele massacre inicial, são preocupações muito grandes mas de facto, nós temos feito um esforço para que os dois lados as várias vozes sejam do Irão do Hezbollah, seja do Hamas, seja do governo israelita, seja da ONU no acompanhamento, às vezes em direto que temos feito da Assembleia Geral das Nações Unidas quando discute esta questão, nós temos fornecido essa informação e temos tido a preocupação que os pontos de vista que estão em confronto tenham visibilidade”.

Filipe Vasconcelos Romão, Comentador de Política Internacional na RTP

“Numa fase inicial, depois dos atentados de 7 de Outubro, há uma solidariedade quer dos governos, e vemos isso com a ausência de crítica, por parte dos governos, à posição de Israel, que logo diz que vai reagir mas pouco a pouco essa solidariedade foi-se esbatendo, e essa solidariedade também da opinião pública, das opiniões públicas, vai-se esbatendo porque parece haver uma percepção de que Israel exagera que passa para uma dimensão mais de vingança do que para uma dimensão de legítima defesa. E parece ser esse o momento de uma certa rutura que passa a existir, que acaba por ser confirmada com o realinhamento da posição dos governos. Ora nos estados democráticos liberais dificilmente em matéria de política externa, os governos contrariam muito aquilo que é a posição da opinião pública e o facto é que vimos estados a tornar posições progressivamente mais vincadas contra a ação de Israel. O exemplo aqui ao lado de Espanha é notório”.

OFF

Os telespectadores enviam-me mensagens em que acusam a RTP de imparcialidade ou porque consideram que jornalistas e comentadores se colocam ao lado de Israel ou precisamente o oposto.

Pedem ainda a presença de um jornalista do canal público de televisão portuguesa no terreno: em Gaza.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Para quando um repórter a fazer diretos de Gaza para mostrar os assassinatos cometidos pelo governo de Israel? Para quando “o consta que...segundo informações...possivelmente... deve ser...” citações sempre no condicional desaparecem na elaboração das notícias que se creem verdadeiras, e isentas?”

MENSAGEM TELESPECTADOR

“A RTP apresenta quase sempre imagens e reportagens dos ataques de Israel em Gaza e comentários que apenas defendem os palestinianos e que apresentem apenas motivos de raiva e ódio ao povo de Israel, incentivando assim o povo português a esquecer-se do bárbaro ataque do Hamas a 7 de outubro”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Gostaria de saber o porquê de em vez de uma apresentação imparcial dos acontecimentos infelizes do conflito que está a dizimar a população Palestina, todos os vossos repórteres são extremamente parciais a defender os atos inqualificáveis perpetrados pela força ocupante que é Israel, contra a população que tem direito à terra onde vive, os Palestinos”

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

*“Numa guerra nós corremos sempre esses riscos de poder o nosso trabalho ser mal-entendido desde logo, porque o acesso ao terreno é sempre um acesso condicionado, limitado e às vezes impossível. Por exemplo, fazer reportagem direta, nós RTP ou meios de comunicação ocidentais internacionais entrar em Gaza, por exemplo, que é o digamos, onde as coisas estão a acontecer da forma dramática que conhecemos, tem sido uma impossibilidade. Ainda assim, temos que tentar compensar isso, seja com os especialistas em assuntos internacionais e que acompanham mais o caso e que ajudam a dar contexto. Temos procurado ouvir as partes Pelo menos duas vezes. Entrevistámos em Lisboa, os embaixadores de Israel e da Palestina e, portanto, ouvimos aliás, na mesma altura, podemos ter os seus testemunhos. **Também tive queixas sobre isso, porque houve pessoas que só viram uma das entrevistas e acharam que estava desequilibrado** ... exatamente, mas houve quatro entrevistas já agora e duas ao embaixador de Israel e duas ao embaixador da Palestina e, enfim, outras virão se se justificarem”.*

OFF

Desde o início da Guerra de Gaza e até 31 de dezembro de 2023, foram mortos 79 jornalistas e funcionários da comunicação social, de acordo com o Comité para a Proteção dos Jornalistas.

Uma queixa recorrente que recebo é sobre a violência das imagens de guerra transmitidas pela RTP quer em Gaza quer na Ucrânia.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Costumo almoçar e jantar, quando começa o noticiário da RTP. Acho que é lamentável ter de tomar as refeições com a desgraça da guerra de Israel. Será que é necessário um tamanho desenvolvimento sobre esta tragédia? Não será possível não só reduzir o número e intervenções como também as infindáveis intervenções dos enviados especiais?”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

*“Nós temos chamado a atenção quando as imagens são mais violentas que nos vão chegar de chamar a atenção dos espectadores para essa sensibilidade e essa violência das imagens. Temos procurado também obscurecer a imagem no sentido em que, mesmo que não sejam crianças, até de outras pessoas que estão em situações de entrar nos hospitais saídas de ambulâncias, em que é possível ver seres humanos em concreto, muitas vezes ensanguentados e, ou muitas vezes, já com dúvida se ainda estão vivos, procurar que essa imagem não surja em toda a sua crueza, mas também nos parece errado, ao mesmo tempo, tendo este cuidado, que nós ignoremos por completo que uma guerra está a produzir estes efeitos, está a matar pessoas, está a matar crianças, está a matar mulheres, está a matar civis que nada têm a ver com este conflito. Nós fizemos barreira, isso sim, até porque acho que temos essa obrigação todos, há convenções internacionais sobre não mostrar vídeos que nos chegam de reféns, inclusive alguns que têm também passaporte português, como já aconteceu e recebemos esses vídeos, eles tiveram ao nosso alcance para ser mostrados. Porventura seria... **E evitaram mostrá-los?** Não os mostramos. Ainda esta semana tivemos acesso a mais alguns vídeos que foram divulgados, porque, obviamente, essas pessoas não estavam em condições de liberdade e aquilo que dizem obviamente que é condicionado pela força das armas”.*

OFF

Em simultâneo com a guerra no médio Oriente, na Ucrânia mantêm-se a morte e a devastação, mas esta guerra deixou de estar em primeiro plano.

Filipe Vasconcelos Romão, Comentador de Política Internacional na RTP

“Bem, há uma diferença clara da guerra entre Israel e a Palestina ou entre Israel e o Hamas, em relação à guerra que vivemos na Europa, da invasão da Ucrânia por parte da Rússia. A guerra na Europa é uma guerra tradicional entre estados, uma guerra anacrônica que nos parece anacrônica, porque já não a víamos desta forma na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. No caso da guerra, Israelo-palestiniana é uma guerra assimétrica. O que nós temos é um estado um estado fortemente armado, um estado com um com um grande aliado internacional, que são os Estados Unidos, que está a combater uma fação dos palestinianos. No entanto, essa fação dos palestinianos tem um conjunto de alianças internacionais que inclui não só outras organizações, portanto o Hamas relaciona-se, por exemplo, com o Hezbollah, mas também estados, como é o caso do Irão. Não nos esqueçamos que apesar de muitas vezes falamos do ponto de vista nos órgãos de comunicação social do Médio Oriente, como se estivéssemos a falar de uma área pequena. Mas todo este espaço que é composto pelo Médio Oriente, que se cruza com outros conceitos, como o mundo árabe, como o mundo islâmico, é um espaço muito amplo que vai desde Marrocos até à Indonésia”.

OFF

Nas últimas semanas recebi dezenas de apelos para que a RTP invabilize a participação de Israel no Festival da Eurovisão.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Apelo à RTP que boicote o Festival da Eurovisão de 2024 se Israel participar, visto que o país é responsável pela morte de milhares de palestinianos, não respeita as resoluções da ONU por um cessar-fogo humanitário imediato, não termina os colonatos ilegais e não procura a construção de uma solução de dois estados”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Peço à RTP, como fã da Eurovisão, que boicote a mesma até que Israel deixe de participar. O estado de Israel está neste momento a cometer um genocídio sobre a população Palestina, que o mundo Ocidental insiste em justificar”.

Filipe Vasconcelos Romão, Comentador de Política Internacional na RTP

“Historicamente, a eurovisão tem uma dimensão muito politizada e Politizável não é quer do ponto de vista do tempo da ditadura, e Portugal sentiu quando tinha apenas a solidariedade de Espanha e Espanha de Portugal. Isso e mais tarde, à medida que os conflitos que a eurovisão foi alargando e que os conflitos que se faziam sentir no Pós-guerra fria essas solidariedades e essa dimensão política também se tornou evidente, nomeadamente no que diz respeito, por exemplo, aos Balcãs. Israel é um estado polémico, a própria inserção no quadro europeu nestas organizações como a UEFA ou a Eurovisão fazem muitas vezes que haja crítica por não ser tida em conta a dimensão geográfica e ser tida em conta mais uma dimensão étnica nacional, uma geopolítica étnica e nacional que faz com que Israel esteja nessas organizações. Eu julgo que aqui é normal que, face à situação que se vive de guerra em Gaza, haja por parte de telespectadores, da opinião pública um posicionamento e que esse posicionamento vise afetar o

Estado em relação aos quais esses espectadores são críticos através dessa participação, que tem uma dimensão mediática elevada e que tem uma projeção junto às opiniões e aos telespectadores de vários países”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Gonçalo Madail eu tenho recebido muitas mensagens de telespectadores que apelam a que seja boicotado Israel no Festival da Eurovisão. Isso é uma decisão que compete a quem?

Gonçalo Madaíl, coordenador geral do Festival da Canção

“A decisão de tudo o que é estratégico, determinante e estruturante na eurovisão depende de um núcleo duro chamado Grupo de referência, onde estão representados alguns dos países participantes têm representantes dos países nomeados pelos outros e, juntamente com isso, um supervisor oficial, digamos assim, que é a cabeça máxima da organização da eurovisão. Cabe a esse grupo e a esse decisor decisões como esta, digamos assim como já aconteceu, como por exemplo, no caso da Rússia, na altura da invasão da Ucrânia, que foi banida? que na altura foi banida. Depois de uma forma ou de outra, a eurovisão está, é um dos mecanismos e uma das marcas e eventos pertencentes à EBU, á European Broadcast Union, portanto, a união de todos os operadores de Média públicos da Europa e um pouco mais além é bastante alargada. Tem quarenta e dois países quarenta e tal países, portanto, vai para lá daquilo que é a nossa visão dos vinte e sete da União Europeia. Estou em crer e sempre estive em crer que a eurovisão está primeiro e antes de tudo alinhada com as indicações da EBU e a EBU essa sim como o organismo máximo para este tipo de decisões, que são decisões que podem ser por um lado, de caráter em tudo editorial. Diria que sim, porque são sobre conteúdos, não é. São determinantes. Mas no fim último, são também decisões de caráter institucional, diria até de caráter diplomático, visto ser uma união de países que extravasa a própria União Europeia e, portanto, chega a zonas da Europa, igualmente problemáticas, diga-se de passagem. Temos dentro desta união o Azerbaijão e a Armênia, por exemplo, ou a Grécia e a Turquia não é, países que de alguma forma, cada um na sua, com a sua narrativa e com o seu contexto próprio, têm conflitos ativos digamos assim e, portanto, cabe à EBU neste caso como representante máximo determinar este tipo de decisões”.

OFF

Ao longo dos anos as questões políticas têm sido recorrentes no Festival da Eurovisão. Exemplo disso era a votação residual de Portugal no Estado Novo, como aconteceu com os zero pontos atribuídos à representação portuguesa de António Calvário, com a canção “Oração”, em 1964, era um protesto contra Salazar e contra a questão colonial.

A organização introduziu a proibição de mensagens políticas nas letras das canções, mas todos nos lembramos que a Rússia foi banida do Festival logo após da invasão da Ucrânia em Fevereiro de 2022 e que a Ucrânia venceu o Festival desse ano. E não são raras as manifestações de protesto que acompanham este espetáculo.

Gonçalo Madaíl, coordenador geral do Festival da Canção

“Nós tivemos, por exemplo, em Lisboa, em 2018, um ativista que de forma inesperada subiu ao palco e invadiu o palco em direto, portanto, para o mundo inteiro. Naquele caso, era um ativista creio que de origem albanesa, mas que vivia em Inglaterra, e que protestava de grosso modo contra a globalização e o sistema capitalista, mas como tal há muitos recordo-me, por exemplo, o nosso Salvador Sobral, quando venceu em Kiev em 2017, decidiu por autorrecriação na conferência de imprensa final de vencedor, retirar um casaco e tinha uma camisola a dizer “sos

refugees", era uma questão daquele ponto de vista humanitária, uma mensagem política, logicamente, mas de teor humanitário e até isso gerou pânico junto da organização e toda a gente de repente fica stressada. Eu penso que é uma reação de defesa na medida em que se se for uma porta completamente aberta, é uma porta aberta também ao próprio des controlo, não é? (...) Agora que sentimos essa pressão não só nós a RTP, mas a eurovisão, particularmente este ano, com a questão do conflito israelo-árabe. Neste caso, sentimos. Neste caso o tema é de facto de tal maneira fraturante que eu percebo e antecipo que já estão a EBU e a eurovisão estarão sempre numa posição difícil. Se for o sim, será contestado, se for o não será contestado. Se for uma tentativa de posição neutral será igualmente contestada".

OFF

Aos telespectadores que me escrevem a pedir imparcialidade da RTP na Guerra de gaza recordo que o trabalho dos jornalistas no terreno é quase impossível devido à violência dos ataques de Israel. Tal como aconteceu na invasão da Ucrânia também aqui é difícil aferir a dimensão real desta tragédia como aliás as nações unidas têm constantemente alertado, tem sido negada a ajuda humanitária em Gaza e entre as vítimas contam-se milhares de pessoas indefesas, muitas delas crianças. A RTP prestou neste programa esclarecimentos sobre o apelo ao boicote a Israel na edição do Festival da Eurovisão de 2024, mas esta é uma decisão que depende da EBU, entidade organizadora da qual a RTP faz parte.

O Programa Voz do Cidadão fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 7 – 17 DE FEVEREIRO 2024

DURAÇÃO: 12:25 MINUTOS

OFF

A campanha eleitoral para as legislativas de 10 de março arranca no dia 25, mas o clima de efervescência já se faz sentir. Com os partidos a desdobrar-se ações em diversas frentes, começaram os debates televisivos entre os dirigentes dos partidos que concorrem à Assembleia da República. Um acordo estabelecido entre a RTP, a SIC e a TVI/ CNN e todos os partidos, definiu o calendário e as linhas gerais dos frentes a frente a que estamos a assistir desde o dia 5. Pedimos a Carlos Daniel que falasse sobre como são preparados estes debates. Será ele o moderador dos dois últimos de duas horas cada. Um com os partidos que não têm atualmente assento parlamentar e um debate final com os dirigentes de todos os partidos parlamentares.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Carlos Daniel Muito obrigada por aceitares falar comigo sobre esta situação. Começaram os debates. Como é que é? Qual é a diferença entre fazer um debate e fazer uma entrevista?

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

"Entre o debate uma entrevista, no essencial é que na entrevista, nós focamo-nos na dinâmica do fundo da pergunta resposta. Depois há formas diferentes de poder percecionar isso, uma ideia de chaveta. Se eu perguntar isto, o convidado poderá responder uma ou dois coisas e eu replicarei com uma terceira questão. Enfim, a entrevista tem uma técnica que é muito de uma pessoa para outra. No debate, a grande diferença, na minha opinião, pelo menos, é que nós temos que promover mais o confronto entre as pessoas que vêm debater. Já não é tanto a nossa

pergunta que é absolutamente decisiva. Ela tem de lá estar para lançar temas e lançar temas da forma mais acutilante possível, mas a missão fundamental. É que haja um debate entre os convidados, os os participantes nesse frente a frente ou nesse debate mais plural e já não tanto o diálogo connosco. Ou seja, eu acho que um dos grandes riscos que devemos evitar é condicionar demasiado esse esse debate àquela que é a nossa estrutura de perguntas previamente preparada, o que obviamente já não é verdade no caso de uma entrevista”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que te preparamos? Como é que um moderador de um debate de caráter pré-eleitoral se prepara para 11 debate como esse?

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

“Sem entrar, se calhar em questões muito técnicas propriamente, há dois preocupações fundamentais. Uma é desde cedo, a partir do momento em que temos a noção de que vamos fazer esse trabalho, começar a reunir informação. Não é algo novo para mim, como eu faço agora um debate todas as semanas, é, no fundo, uma réplica de uma preocupação que já tenho e, portanto, eu eu tenho no fundo uma folha no computador e umas notas no telemóvel sempre disponíveis para acrescentar links de artigos, notícias que me chegam, pequenas reflexões que possa fazer e, portanto, eu vou acumulando informação para depois, nos últimos dias um dois dias anteriores, filtrar e agrupar por grandes temas e chegar ao elenco de perguntas. (...) É diferente fazer perguntas a um representante de um partido que esteve no poder ou que partilhou o poder do que a um que não esteve. É diferente fazer perguntas a um partido que tem uma grande responsabilidade na construção da democracia, como são os principais partidos em Portugal do que outros que são mais recentes na vida política. Aí o trabalho é de pesquisa dos programas, das ideias para tentar que em relação a todos, cria algum desconforto no sentido de explicarem coisas que estão menos bem explicadas e que seja útil que nós todos enquanto cidadãos possamos entender”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Mas numa situação destas as duas pessoas que estão a debater entrem num diálogo bastante aceso, que com que começa a dar uma sensação de des controlo. O que é que o moderador pode fazer nessa situação?

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

“Pode marcar a sua posição, mostrar que há um dever essencial que é de esclarecer quem nos está a ver. Aquilo é sempre um serviço para um público. No entanto, o que me parece mais difícil quando do de vista excluindo esta questão do ruído, não é que tem que se anular e compete ao moderador anulá-lo é mais fácil gerir em termos temáticos, um debate em que há um confronto claro, em que as pessoas permanentemente têm coisas para dizer uma a outra do que aqueles debates em que aparentemente e às vezes concretamente, os debatentes não têm propriamente posições antagónicas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como para as pessoas que estão em casa. O que existe é aquilo que é transmitido. Acho que é legítima a curiosidade, o que é que acontece antes e o que é que acontece depois de um debate.

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

“Pode acontecer um pouco de tudo. Já teve situações de finais mais agradáveis ou menos agradáveis entre os convidados, entre os candidatos. Normalmente a preocupação num debate, imagina com como eu tive há dois anos e terei em breve debates com muitos convidados. É evidente que nós temos que tentar manter alguma, algum afastamento para no fundo, tratar todas as pessoas do mesmo modo, mesmo antes do debate começar. (...) No fim é gerir muitas vezes as emoções que resultam do debate não querer nomear pessoas, mas ainda nos últimos anos teve um debate com as pessoas que chegaram ao debate e eram frente a frente, muito cordiais, muito simpáticas, muito amigas e que saíram do debate claramente a quererem evitar-se até para um cumprimento de despedida. Compete-nos, obviamente manter ali a situação o mais serena possível e perceber que há um determinado momento em que por reações até emocionais, as pessoas possam não querer não querer encontrar-se e criar condições para que o final seja o mais o mais desportivo ou com o maior fair play possível, mas nem sempre nem sempre é fácil”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Já te aconteceram situações imprevistas em pleno debate em que tivesses que pensar como é que eu vou resolver isto?

“Sim, claro, posso dar um exemplo no debate de há dois anos, que incluía todos os líderes dos partidos que não tinham representação parlamentar. Houve dois situações relativamente inesperadas. Um dos candidatos que se recusava a fazer teste de Covid, fez o debate a partir de casa e em determinado momento, a imagem ficou quase célebre, pegou num peluche para simbolizar um elefante no meio da sala e de repente é uma situação difícil de controlar provoca riso, desde logo em mim, as pessoas que estavam no debate também. Mas depois houve uma outra situação ainda mais caricata em que falhou a luz, literalmente a luz falhou a eletricidade no debate, no momento em que curiosamente um dos candidatos falava do preço da eletricidade em Portugal. (...) Bem a seguir há que improvisar no regresso, assumir o que aconteceu, como é evidente, é algo que pode suceder. Felizmente foi uma avaria reparável ali no espaço de 10 minutos porque poderia e esse era o maior drama naquele momento ter forçado uma interrupção do debate e já não havia calendário para repetir aquele debate no dia seguinte”.

OFF

Ultrapassada a polêmica sobre a não participação de Luís Montenegro nos debates com o PCP e com o livre, relembramos o modelo de debates previamente acordado.

António José Teixeira, Diretor da Informação da RTP

“Desde 2019 que as três televisões se entenderam, digamos assim, para propor um conjunto de debates que é muito alargado. Aliás, não conhecemos outro país que faça tantos debates em tempo eleitoral, no caso concreto, entre as três televisões, 28 debates nesta altura envolvendo os oito partidos parlamentares. E além destes, ainda mais debates, a rádio e as rádios também fazem um debate com os partidos parlamentares. A RTP, além de fazer esse debate também com todos os partidos parlamentares, fará também um debate com todos os partidos que não estão no Parlamento. Portanto, temos essa abrangência. Um modelo é um modelo que já foi seguido em eleições anteriores desde 2019. Foi um modelo que foi aceite, é um modelo que nos parece equilibrado em relação aos partidos que têm representação parlamentar, e portanto, foi de livre

vontade entre as três televisões que o apresentamos aos partidos e que ele foi aceite e por isso conhecemos um calendário. Portanto, os partidos aceitaram? Sim, por isso há um calendário que eu listei, obviamente que há sempre algum percalço. Há sempre até tomadas de posição. Um dos partidos discorda do modelo, já discordou da última vez, mas aceitou participar, mesmo discordando do modelo. Enfim, há sempre alguma coisa que surge de novo ou que nos pode surpreender, mas também nós não temos a pretensão de obrigar os partidos a seguir a proposta que nós nos apresentamos e que do livre vontade, obviamente aceitaram".

OFF

Não há um modelo ideal para estes debates pré-eleitorais que as televisões portuguesas organizam. Recebo mensagens em que é criticada a curta duração dos frete a frente, outras em que é criticada a intervenção dos moderadores, outras que propõem alternativas e há também quem defenda o fim dos debates, tal como existem.

Neste percurso, houve um debate que foi tema de muitas e realmente muitas mensagens de protesto. Foi o frete a frente de Luís Montenegro e André Ventura e teve uma duração maior do que os anteriores. Verifiquei, entretanto, que os 30 minutos pré-definidos não estavam a ser cumpridos à risca e não apenas na RTP e recomendei aos responsáveis da informação que haja rigor no cumprimento dos horários.

Respondi a todas as mensagens que recebi sobre este assunto, exceto as que contêm insultos gratuitos e linguagem inapropriada. Mas quero expressar aqui preocupação pela facilidade com que uma queixa, mesmo a mais legítima, se transforma em juízo precipitado, pondo em dúvida a integridade e a capacidade de profissionais experientes e de toda uma equipa.

É uma facilidade, chamemos-lhe assim para simplificar, que impera nas redes sociais, como se escrever acusações e insultos graves não tivesse a menor importância.

Á data em que terminamos este voz do cidadão, considero que o trabalho da RTP tem sido sério e cuidadoso e insisto na recomendação para que sejam respeitados os tempos dos debates. Espera-nos a campanha eleitoral que vai para a estrada, com semanas muito exigentes e informação em várias frentes e formatos. Não podemos perder de vista que no dia 10 de março teremos eleições, das quais vão sair os responsáveis pela condução do país nos próximos anos. É a democracia a mostrar-se em pleno no ano em que comemoramos os 50 anos do 25 de Abril. Não deixemos que o discurso do desrespeito contamine também o nosso pensamento.

O programa da provedora fica por aqui até a próxima semana.

EPISÓDIO 8 – 24 DE FEVEREIRO 2024

DURAÇÃO: 18:08 MINUTOS

OFF

Estamos num dos pavilhões da antiga Fundição de Oeiras. Nesta enorme nave industrial está guardada uma memória luminosa das nossas cidades: centenas de reclames em néon colecionados por um casal de estudiosos entusiastas e que estão à procura de uma casa onde possam ser vistos pelo público. É que a Fundição está prestes a ser demolida para dar lugar a um grande empreendimento urbanístico. É um belo cenário para uma conversa com Paula

Moura Pinheiro sobre os quase 10 anos do programa Visita Guiada, que tantas vezes se debruçou sobre património em risco.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Paula Moura Pinheiro muito obrigada. Obrigada eu. Por teres aceitado vir aqui, mas vir aqui para este lugar inacreditável não é de estas relíquias, todas que os que nos transportam para outros tempos, exatamente, já vi aqui muitas coisas da quase da minha infância, eu também. Eu também havia alguns que nos marcaram, não é? Exatamente, vamos ver qual é o futuro deste espólio todo, mas vamos, vamos mostrá-lo pelo menos. Paula, há dez anos que o programa começou. Vai fazer agora dez anos em março. Quando isto começou, tinhas noção de que tinha potencial para durar tanto tempo?

Paula Moura Pinheiro, Apresentadora do Visita Guiada

“Eu confesso que não é um tipo de raciocínio que seja familiar. Calcular se isto vai durar muito tempo ou não. Eu achava que era uma coisa, que à cabeça me apetecia muito fazer, e depois que podia ser útil. É uma pergunta que eu costumo fazer muitas vezes na vida, e não só em contexto profissional, em muitas circunstâncias. Isto serve para quê? E eu achei desde o início, sim. E se eu tive a percepção que podia ser útil no sentido em que rever a história deste território que habitamos há tanto tempo como comunidade e revê-lo pela voz e pelo conhecimento de historiadores, fundamentalmente historiadores, especializados nos vários temas que vamos tratando. Era uma espécie de podia funcionar como se verificou acabou por funcionar como uma espécie de aulas, mas aulas para toda a gente, portanto, abertas a toda a gente, mas construídas naturalmente, num tom acessível, o mais possível a todos sem prescindir do rigor, mas uma coisa generosa. Eu gosto de pensar nisto, no visita guiada como uma partilha generosa do conhecimento, e a generosidade é dos historiadores que nós entrevistamos porque o conhecimento é deles. A minha posição ali é de intermediário entre a academia, as universidades que estudam, que pensam, que investigam e o grande público”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Nos últimos três anos e meio estive na Ucrânia, onde vivi o que todos supõem. Desde então e já depois de regressar a Portugal, todos os dias, o meu serão é passado a ver e a rever o programa “Visita Guiada”. Queria manifestar à RTP o meu agrado, e o de muitos outros, em podermos usufruir de um programa com esta qualidade e interesse que em muito contribui para a cultura, de um modo simples e profundo”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E agora todo este, todo este repositório é uma espécie de arquivo do património nacional?

Paula Moura Pinheiro, Apresentadora do Visita Guiada

“Exatamente, do património nacional. Ele foi construído com essa intenção. O visita guiada não é um bestseller, aliás não podia ser na RTP 2, estreia na RTP 2, mas é um longseller. Cada episódio é construído de maneira a não ter teto temporal, ou seja, nós nunca dizemos há dois anos, há dois anos este museu foi atualizado. Nós dizemos em 2022 este museu foi atualizado porquê? Porque o programa, os episódios são repescados por vários canais da RTP e repetem, repetem. Às vezes cruzo-me com pessoas que me dizem assim então estiveste em Trás-os-Montes esta semana, a semana passada? E eu não vou a Trás-os-Montes há dois anos e estão a referir-se a um programa que foi repetido, sem eu saber, porque perdes o Fio à meada, sabes lá são variados

canais os da RTP, como nós sabemos e portanto, a partir do momento em que o programa é estreado na RTP 2, passa a fazer parte do capital de conteúdos da RTP e pode ser usado por qualquer um dos canais. E isto acontece e, portanto, o programa pode ser, os episódios podem ser repetidos em qualquer altura, o que significa que sim. Nesta altura, há cerca de 250 episódios do visita guiada disponíveis na RTP Play sobre os sítios mais remotos de Portugal e sobre os aspetos mais diversos, volto a dizer, deste nosso território. Eu digo território Ana deixa-me só explicar porquê, porque de facto não é um programa sobre a história de Portugal, é um programa sobre o território onde veio a surgir o Reino de Portugal e onde continuamos nós todos hoje. Nós fazemos muitos episódios sobre pré-história, por exemplo, portanto, muito antes de existir o reino de Portugal e por isso é que eu insisto em dizer sempre é o programa que trata do território português, num arco temporal de milhares de anos, milhares de anos e, portanto, digamos que é interminável, o potencial das histórias que temos para contar".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Para ti também tem sido muito formador, digamos. E deve dar-te a sensação de que há sempre mais coisas, há sempre mais coisas a descobrir, nunca fica?

Paula Moura Pinheiro, Apresentadora do Visita Guiada

"Até porque há uma coisa que há uma coisa que as pessoas às vezes não têm a percepção é que a história é uma disciplina dinâmica, Ah, coisas que eram dadas por adquiridas há uns anos atrás, hoje verifica-se que não foi assim foi de outra maneira. Porque se descobrem outras fontes, porque se cruzam dados de outra maneira. Portanto, a história é uma disciplina dinâmica, mesmo sobre aquilo que nós achamos que não há mais nada a dizer de repente surgem novidades e isso é espantoso. E o grande esforço é o de traduzir, se tu quiseres, um conhecimento que muitas vezes é produzido e usa na sua comunicação, no caso das universidades, linguagens muito codificadas, cheias de gírias próprias dos universos não é, históricos que estão a ser trabalhados e um dos grandes trabalhos que nós que nos compete fazer é traduzir em linguagem corrente sem perder rigor aquilo que os nossos investigadores tratam de aprender e de levantar e de construir como história".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

No ano passado foste a Cabo Verde, suponho que foi a primeira vez que saíste do território português?

Paula Moura Pinheiro, Apresentadora do Visita Guiada

*"Tirando Olivença que não conta não é, em rigor devia ser nossa. Os espanhóis prometeram que devolviam ainda continuamos à espera duzentos e tal anos depois, bom, mas foi o que aconteceu. **Mas a ida a Cabo Verde como aconteceu?** Aconteceu porque era uma coisa que eu confesso que há muito tempo que não só os nossos espectadores através das redes sociais do programa. Os espectadores intervêm imenso. **Com sugestões?** Com imensas sugestões, imensas sugestões. O que é fantástico são uma fonte muito preciosa para muitas das histórias que nós contamos e há muitos anos que andam a existir que nós saímos e de facto, o território nacional. E não era por falta de vontade. É que primeiro, há muitas histórias a contar cá dentro e depois, por razões logísticas não é fácil, tu sabes como é que é, mais caro, leva mais tempo bom e, portanto, essa ideia de sairmos foi se arrastando. Mas pronto o ano passado inauguramos aquilo que eu espero que seja agora, uma nova fase, não é propriamente uma nova fase, é uma nova aventura dentro do contexto do visita guiada, que é tentar uma vez por ano, pelo menos ir a um*

território que não é nacional, com o qual... **Para este ano já sabemos qual é?** Estou a tentar, mas como ainda não tenho a certeza absoluta, não quero gorar expectativas. Não posso ainda dizer qual é o próximo destino, mas estou a trabalhar nisso. **Isso leva-me para tentar saber como é que é feito este programa porque tu és autora, és realizadora também?** A realização é repartida. Eu devo dizer isto é relativamente simples de explicar. O visita guiada tem uma equipa muito pequena. **Quantas pessoas são?** É assim conteúdos somos duas pessoas, em relação à imagem, é uma equipa com três camaras e um assistente de som, somos cinco. Eu estou sozinha a preparar o programa sempre até ao momento da gravação, portanto, escolho temas, convido os historiadores ou os historiadores que me parecem mais indicados. Trabalho bastante com eles antes de irmos gravar, antes de irmos para o terreno se quisermos trabalhamos bastante. Conversamos imenso sobre o que é que queremos comunicar, o que é que não queremos comunicar construo um guião fundamental, eu construo um guião quase como se fosse ficção, com base no conhecimento do historiador. Porquê? Porque nós temos pouco tempo de gravação no terreno e, portanto, a maneira de usar da melhor forma o pouco tempo que temos é levar tudo muito bem preparado. Volto a dizer sempre acordado com quem nos vai dar a lição, quem nos vai guiar nesta visita. Portanto, digamos, que 70% do tempo é ocupado, investido em pré-produção, **Isso pode durar quanto tempo?** Depende dos programas, mas posso dizer-te que este um programa ou pelo menos dois ou três programas que eu quero fazer no exterior de Portugal, agora, neste ano de 2024, estou há dois meses e meio de volta da matéria porque é uma matéria extensa, São três episódios extensa, complexa há muito para contar e há que fazer uma edição prévia. O que é que se vai contar? Quais são as histórias? O que é que se quer sublinhar, qual é a narrativa? A partir de investigações, o mais sólidas possível, o que se conhece, o que é que vai ser comunicado aos espectadores E, portanto há este investimento de 70% que varia em função da natureza do programa que se vai fazer. Mas 70% do tempo é investido e eu estou sozinha a trabalhar nisso e depois vamos para o terreno no terreno é rápido as gravações onde quer que estejamos. Nunca temos mais de dois dias para gravar um programa um dia para as entrevistas e o outro dia para colher tudo o que são imagens, drones, os detalhes quando se trata de história da arte, todos os detalhes do objeto que está a ser tratado, o edifício ou a peça, o que for. E depois temos também um grande investimento em termos de tempo não tão longo como a pré-produção, mas uma semana de edição por cada episódio".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Tudo tem que ficar... redondo, redondo? Não pode ser umas imagens à toa.

Paula Moura Pinheiro, Apresentadora do Visita Guiada

"**Não e sobretudo, quer dizer é tudo e depois há outros aspetos, olha um aspeto do qual eu, no qual eu não tenho qualquer responsabilidade e é das coisas mais eu acho que bem-sucedidas no programa é a banda sonora. Nós temos sempre em cada episódio uma banda sonora contemporânea do objeto que está a ser tratado. Claro que quando se trata de pré-história é um bocadinho difícil. Portanto, é alta-costura. Nós estamos ali precisamente para o programa durar para poder ser útil e é útil. É utilizado em universidades bem, então, em escolas de guias turísticos, por razões evidentes, não é? Os estudantes usam e os professores recorrem muito à visita guiada também. Mas é muito usado nas escolas, é muito usado nos vários níveis de ensino. É bastante usado o programa que é... agora pediram imagina, coisa que me encheu de orgulho, para que a autorização para traduzirem e legendarem os episódios de visita guiada para alunos de português em Goa".**

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Maravilhoso, um programa de excelência. Parabéns à RTP e à apresentadora de um programa de eleição”.

Paula Moura Pinheiro, Apresentadora do Visita Guiada

“Uma das coisas mais fascinantes no Visita Guiada é perceber como tudo se repete. Nós somos os mesmos, a tecnologia mudou. Aparentemente somos muito sofisticados. Não, não somos. Somos tão sofisticados como eram os homens que construíram os menires que levantaram os menires, os aumentos, por exemplo, somos os mesmos. Somos exatamente os mesmos amamos, odiamos, temos rivalidade. Há desejos de poder e é tudo isto que move que nos move. E depois, a feição que a coisa assume vai variando ao longo dos tempos. Mas o fundo é sempre o mesmo”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Ao longo destes dez anos, dos 250, cerca, cerca 250 episódios, houve certamente situações mais divertidas, inesperadas, às vezes não tão divertidas. Houve alguns percalços certamente, apesar de toda a planificação somos todos humanos?

Paula Moura Pinheiro, Apresentadora do Visita Guiada

“Há sempre percalços. Bem lembro-me de coisas hilariantes. Sei lá, gaivotas a atacarem o nosso drone lembro-me de uma vez, e a culpa foi minha, que o nosso drone caiu e foi absolutamente culpa minha não foi do João Nuno Soares, coitado que ele não queria fazer, aquela aquele plano sobre o jardim zoológico e não devíamos tê-lo feito, mas eu insisti, Ele levantou o drone e o drone afogou-se num dos lagos dos macacos. Apanhamos já todas as condições como calculas, meteorológicas, nas mais diversas de estarmos a escorrer de suor, olha no Portugal dos pequenitos, por exemplo, com as crianças todas à nossa volta aos gritos para conseguirmos levar uma frase até ao fim e estavam trinta e tal graus. E pelo contrário, lembro-me de apanharmos tanto frio, tanto frio, tanto frio e temos que fazer, sobretudo e eu e o historiador no caso era uma historiadora, foi em Lamego, foi o sítio onde apanhamos mais frio dentro do Museu de Lamego, que é altamente esclarecedor também do estado em que em que as pessoas muitas vezes têm que trabalhar dentro do patrimônio neste país. E, portanto, os percalços têm sido mais anedóticos desta natureza porque, de uma maneira geral, é um grande privilégio andar por Portugal a fazer a visita guiada”.

OFF

São residuais as mensagens que me chegam sobre o programa Visita Guiada, que cumpre 10 anos de vida, e todas elas manifestam contentamento. Penso ser importante destacar no programa da Provedora o que de melhor o serviço público de televisão tem para oferecer e que não tem espaço nos outros canais generalistas. Penso que é bom saber como são feitos estes programas, quais os objetivos que a autora tem e qual é a história que está por trás de cada um destes edifícios, de cada um destes monumentos, de cada uma destas instalações.

Nesta era em que tudo é descartável e com vida curta, é de enorme importância que a RTP ajude a valorizar o património e a divulgá-lo nos canais da RTP. E já agora a eternizá-los na Plataforma RTP Play, onde pode encontrar todos os programas Visita Guiada.

O programa da Provedora fica por aqui. Até à próxima semana.

EPISÓDIO 9 – 02 DE MARÇO 2024

DURAÇÃO: 15:37 MINUTOS

OFF

Hoje vamos abordar a cobertura eleitoral da Estação Pública de Televisão. É frequente, em momentos eleitorais, mas não só, receber correspondência de telespectadores que criticam o tempo de emissão dedicado às várias forças partidárias. Não me refiro aos tempos de antena, mas ao espaço de cada partido num alinhamento noticioso.

Mensagem de Telespectador

“No ano em que se comemora o 50º aniversário do 25 de Abril, vejo o cada vez maior espaço mediático que dão ao partido de extrema-direita, o Chega. Venho por este meio exigir que deixem de mais espaço que o minimamente exigido pela lei, em qualquer Telejornal passam o tempo todo a falar deles e isto é uma ajuda enorme para o seu crescimento. É preciso tratar os partidos por igual, por isso deem também espaço a outros partidos como o Livre, BE, PAN, entre outros”.

Mensagem de Telespectador

“Na última semana, em todos os serviços noticiosos foi dado espaço às diversas candidaturas, com exceção do Partido Comunista, que foi absolutamente silenciado. Custa-me crer que no ano em que se assinalam os 50 anos do derrube da ditadura, também a RTP, à semelhança de outras estações televisivas, silencie de modo tão descarado a força política que mais combateu o antigo regime, privando assim o telespectador de ouvir as suas propostas”.

Mensagem de Telespectador

“Serve esta mensagem para reclamar contra a gritante falta de pluralismo na informação e divulgação de partidos concorrentes às eleições nos Açores. Foi um consistente apagão de campanhas e mensagens de alguns partidos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que no noticiário se define quanto tempo tem cada partido? Porque eu recebo queixas de que há partidos que são mais invisíveis, menos visíveis, muito visíveis.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Nós não temos uma métrica concreta, isto é, não definimos ao segundo. Enfim, as coisas as peças nos alinhamentos, nomeadamente no Telejornal podemos defini-las, ao segundo, porque elas são em regra pequenas. Portanto não temos uma métrica rigorosa em que damos o mesmo tempo exato para todas as candidaturas. Temos sempre um critério editorial e o critério editorial é a nossa primeira preocupação, mas nestes períodos temos também uma segunda preocupação, que é de sermos equilibrados e de darmos oportunidades, sobretudo tendo em conta duas coisas: por um lado a representatividade dos partidos, por outro também aquilo que eles estão a fazer no terreno, porque muitas vezes avaliamos ausências ou presenças nos alinhamentos dos jornais, querendo na aparência dizer que estamos a excluir ou incluir este ou aquele. Muitas vezes esquecemo-nos que há partidos obviamente mais pequenos, que nem sempre fazem campanha eleitoral, nem sempre têm iniciativas na altura em que estamos a falar, nem todos estão a ter iniciativas diárias, portanto, obviamente que nós também não podemos ser nós, a criá-las, digamos assim. Mas temos uma preocupação, acrescida de equilíbrios e de

fazer uma correspondência entre aquilo que nos parece ser o valor notícia do que está a acontecer e esses equilíbrios que queremos dar, com particular realce para os partidos parlamentares nesta altura, oito partidos”.

OFF

Durante o período pré-eleitoral, a maioria das mensagens que me chegaram visavam assuntos como: imparcialidade jornalística, a exposição mediática das forças políticas, a invisibilidade de pequenos partidos e até comentários após os debates televisivos sobre os debates e a atitude dos moderadores.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Também há quem diga que são curtos os períodos que são debates de meia hora. No fundo, são vinte e oito minutos úteis, digamos, viável ter debates de uma hora sucessivos todos os dias, com todos os partidos?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Não, não era porque nós seguimos regras que nos parecem que respeitam os próprios partidos e os espetadores que os podem ver em primeiro lugar, não ter mais do que um debate por dia a cada partido, depois de não haver debates sobrepostos. Ainda assim, há dias que temos de fazer três debates no mesmo dia, depois há outros acontecimentos que também não gostamos, que não queremos que venham perturbar o acesso a estas oportunidades, jogos de futebol, nomeadamente, alguma ocasião especial durante o calendário do mês e, portanto, encaixar todos estes debates foi muito difícil para as televisões e todas mostraram a disponibilidade para os acolher em horário nobre, em horários onde é possível acompanhá-los, digamos, com facilidade”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Agora que já passaram os debates, os frente a frente, como é que achas que correram?

João Adelino Faria, Jornalista da RTP

“Eu acho que esse juízo deve ser feito pelo telespectador. Para uns terão corrido bem, para outros terão corrido mal. É óbvio que estes debates como modelo de 30 minutos são muito exigentes quer para quem está a moderar, quer para quem está a debater mas foi um modelo que foi proposto em 2019, aceite pelos partidos então e já foi feito dessa maneira em 2019 e agora foi repetido, foi outra vez proposto este modelo, os candidatos aceitaram e perceberam que são 30 minutos em que temos de falar sobre as questões que preocupam os portugueses e ver quais as fraturas em termos de propostas das pessoas que estão frente a frente para mostrar o que é que os aproxima e o que é que os diferencia. Por vezes correm bem, outras vezes correm mal, mas o objetivo era que lá em casa pudesse os espetadores perceberem em que partido, aqueles que têm dúvidas, devem votar, porque aqueles que são do Partido A ou do Partido B obviamente que já têm a sua decisão tomada. A nossa preocupação foi jornalisticamente tentar encontrar os temas mais importantes para mostrar as diferenças entre os vários partidos e para ajudar quem está indeciso a tomar uma decisão, isso depende do moderador e depende também obviamente de quem está a debater. Muitas vezes, infelizmente, a mensagem não é clara e aí, se calhar, a responsabilidade é um bocadinho de todos nós”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Das queixas que eu recebi, e forma muitas, duas sobressaem, uma que interrompeste muitas vezes os candidatos e a outra que deste mais tempo aos debates com o Chega.

João Adelino Faria, Jornalista da RTP

“Ora bem, quanto a interromper os candidatos o objetivo era que fossem claros nas propostas que traziam e como qualquer jornalista tento levar o tema e se o tema é educação e pergunto qual é a sua proposta para a educação nestas eleições e o candidato decide mas eu quero falar dos comboios ou do aeroporto, e eu digo já lá vamos mas a minha pergunta é sobre educação e muitas vezes eu tinha que chamar a atenção três ou quatro vezes do candidato A ou do candidato B, isso pode dar a ideia que eu não estou a deixá-lo ou a deixá-la acabar a sua ideia mas a pergunta era sobre educação, não era sobre o aeroporto por exemplo e muitas vezes eu tive de fazer isso para que esse assunto e eu gostaria jornalisticamente de tratar com os dois candidatos viesse para a mesa. Quanto ao tempo de duração. O que foi estabelecido com os partidos foi um modelo com 30 minutos que era cada debate. A forma como se conta o tempo de um e de outro candidato está no ecrã, nem todas as televisões a fazem da mesma maneira. O que aconteceu como os espetadores viram, em muitos debates, foi muitos gritos, muita sobreposição e se eu que estava ao pé dos candidatos e não percebia qual a ideia que estava a ser defendida porque era uma sobreposição de ideias de voz e às vezes até de exaltação, no debates em que houve uma exaltação maior o que a RTP decidiu foi tentar equilibrar o tempo e no momento em que os dois candidatos se sobreponham um ao outro acabou por esse tempo ser descontado porque ninguém percebeu nada e no final houve uma compensação de 4/5 minutos no total do debate”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma questão que tem vindo a ser muito estudada, que é a questão de os jovens verem cada vez menos televisão em direto pelos meios tradicionais. Como é que pensam que é possível fazer chegar a campanha eleitoral aos mais jovens? Há algumas medidas previstas para isso?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Nós criámos aqui na RTP desde esta semana em que estamos a falar, portanto, ainda muito cedo, um mini site, digamos assim, que tem apenas conteúdos, que tem a ver com as eleições legislativas deste ano. E é uma maneira de agregar aquilo que a rádio e que a televisão produz conteúdos próprios também, que acrescentamos esse site e que também disponibilizamos, seja como promoção dos debates, por exemplo, através das redes sociais. Portanto, também temos a preocupação de colocar alguns dos nossos rostos nos telemóveis e as chamadas de atenção para os debates que estamos a fazer também ocorrem por aí. Depois, também vamos traduzir os debates em podcast, ou seja, eles também podem ser ouvidos se alguém for a correr e fazer o seu jogging e pode ouvir um debate que não teve tempo de ouvir. E eles são, sobretudo para ouvir mais do que para ver. Obviamente, também há outras linguagens que se jogam no espaço da televisão, mas eles dão para ser consumidos de outra maneira, de uma maneira não linear. Estão disponíveis nas plataformas, estão repetidos na televisão ao fim da noite, depois de vinte e quatro horas, nós repetimos os debates do dia, os nossos e das outras televisões. Portanto, vai haver muitas oportunidades de recolher informação, de obter links para os programas dos partidos, de saber quem são os candidatos. Essa informação vai ser muito alargada”.

Mensagem de Telespectador

“No Telejornal deste Domingo eleitoral nos Açores assisti a mais uma entusiástica exibição de uma sondagem com os possíveis resultados das eleições. Estando a escassas horas de serem conhecidos os resultados reais e definitivos, qual a vantagem obtida pela televisão pública neste investimento de utilidade a que não encontro sentido”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Vamos falar de sondagens, porque há dois tipos de sondagens as sondagens que vão sendo feitas ao longo do tempo, enfim, ao longo do tempo, mesmo depois mais próximas das eleições e depois as sondagens à boca das urnas. Qual é a utilidade? São úteis para quem está a fazer o acompanhamento da noite eleitoral?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Eu estava a pensar na pergunta ao mesmo tempo que eu formulava nestes termos. Seria difícil imaginar uma noite eleitoral olhando para a televisão às oito da noite e pensar que não tínhamos uma sondagem, ou seja, que íamos começar apenas a dizer o escrutínio começou e daqui por duas horas, três horas, talvez percebemos o que é que foi o voto dos portugueses. Estas são as sondagens, digamos, mais perfeitas chamemos-lhe assim se é que eu posso usar a expressão porquê? Porque elas ocorrem precisamente no momento em que os portugueses estão a votar em sítios concretos em que, depois de votar, eles vão introduzir de novo votar uma segunda vez desta feita para as empresas de sondagem e, portanto, a probabilidade de erro é bastante mais encurtada, digamos, é mais reduzida. E elas se aproximam-se em regra muito daquilo que de facto vai acontecer nessa noite Por exemplo, na sondagem de Boca, durma que fizemos em relação às eleições nos Açores, desde a previsão da abstenção ou o intervalo de mandatos de cada partido, percentagens de voto, tudo bateu certo. Ou seja, se alguma vez podemos dizer que as sondagens falham, então devemos falar destas sondagens.

OFF

Está na estrada a campanha eleitoral para a Assembleia Legislativa. A acompanhá-la, estão também na estrada inúmeras equipas da RTP com a obrigação de fazer chegar aos portugueses as ações de campanha dos partidos, com isenção e imparcialidade. Tenho recebido mensagens de telespectadores que criticam a Informação da RTP, e a acusam de ser parcial a favor de diferentes partidos. Mas considero que a televisão pública tem respeitado nesta cobertura as regras da deontologia, com imparcialidade. Não são uma novidade estas críticas, comuns quando os antagonismos são muito marcados e em áreas muito diversas, desde as situações de guerra às simples provas desportivas.

É difícil a um telespectador ter uma visão abrangente de toda a informação produzida em vários canais e em sucessivos serviços noticiosos. Mas cada mensagem é analisada para verificarmos o que de facto aconteceu e considero muito positivo que os telespectadores saibam que têm quem analise as suas opiniões. Muitas queixas resultam de uma reação imediata, outras são desencadeadas por apelos em redes sociais. Estamos a viver uma campanha eleitoral, é normal que as posições fiquem extremadas. Vêm aí as eleições, momento alto da democracia, da decisão dos eleitores depende o nosso futuro próximo com a calma possível e muita ponderação.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 10 – 09 DE MARÇO 2024

DURAÇÃO: 11:42 MINUTOS

OFF

Hoje fazemos uma ronda por alguns temas que suscitaron mensagens dos telespectadores.

A Volta ao Algarve regressou à estrada, de 14 a 18 de fevereiro, e a RTP acompanhou toda a prova. Para os adeptos do ciclismo, e são muitos em Portugal, esta foi a oportunidade de seguir de perto e em direto todas as etapas. Mas nem tudo agradou a quem viu.

Mensagem de Telespectador

“Gostaria de perguntar qual a razão para o grafismo da Volta ao Algarve, transmitida pela RTP1, estar todo em inglês. "Peloton", "head of the race" são alguns dos termos. Mesmo a descrição dos locais está em inglês. Trata-se de uma prova portuguesa, transmitida pelo canal público português e, portanto, não consigo compreender”

Mensagem de Telespectador

“Porque é que uma prova portuguesa, disputada em solo português, por um canal estatal português tem as informações em inglês?”

OFF

Já no ano passado recebi perguntas sobre estas legendagens em inglês em provas internacionais e esclareci oportunamente os telespectadores que que as colocaram. A resposta é simples, segundo os responsáveis pelo Desporto da RTP:

“A cobertura televisiva em direto da Volta ao Algarve é totalmente da responsabilidade da Federação Portuguesa de Ciclismo e financiada, entre outros, pelo Turismo do Algarve e pelas autarquias locais, com o propósito principal de promover internacionalmente o evento e a região, através da sua exibição por diversos operadores televisivos no mundo inteiro. Desde o ano passado, esse sinal televisivo é também retransmitido pela RTP. Pelos objetivos que visa e atendendo ao público a que se destina prioritariamente, a transmissão é integralmente identificada em inglês, tal como sucede com os jogos da Seleção Nacional de Futebol, com o Rally de Portugal e com outros eventos desta dimensão emitidos pela RTP.”

OFF

Pesando vantagens e desvantagens, considero que este é um mal menor e que o importante é que a prova seja transmitida na Televisão Pública.

OFF

Ainda na área do desporto, voltamos ao râguebi e desta vez para falarmos do torneio europeu que está a decorrer e no qual Os Lobos têm tido uma ótima atuação.

Mensagem de Telespectador

“Ao ver o entusiasmo que a participação da nossa equipa de rugby provocou no campeonato do mundo, pensei que era uma excelente oportunidade para continuarem a promover este

desporto. Lamento ver programados jogos de futebol de praia e a falta de transmissão do Roménia vs Portugal que teve um desfecho magnífico para os LOBOS”.

OFF

Pelo segundo ano consecutivo, a seleção nacional de râguebi apurou-se para a final desta competição, mas a RTP não está a transmiti-lo.

Mensagem de Telespectador

“A seleção nacional de râguebi garantiu lugar na final do Rugby Europe Championship 2024, mas por incrível que pareça, não houve transmissão televisiva do acontecimento, nem sequer foi notícia no Telejornal!”

OFF

Eis a resposta dos responsáveis da programação desportiva:

“A Sport TV detém direitos exclusivos de transmissão do Campeonato Rugby Europe. Por não se tratar de um campeonato europeu absoluto (que não existe nesta modalidade), ao contrário dos jogos de Portugal no Campeonato do Mundo de Râguebi em 2023, os desafios da seleção nacional nesta competição não estão classificados como Evento de Interesse Generalizado do Público (EIGP), nos termos da Lei da TV, pelo que nada obriga a Sport TV a prescindir da sua exclusividade. A RTP optou por não concorrer à transmissão deste evento, pelo que nunca esteve previsto transmitir as meias-finais ou a Final”.

OFF

O diretor desta área disse-me ainda:

“Acreditamos que prestamos um Serviço Público mais eficiente e útil quando investimos na transmissão televisiva em canal aberto de outros acontecimentos desportivos, classificados de IGP (interesse Generalizado do Público), nos quais a participação nacional visa títulos europeus e mundiais absolutos – como o Campeonato da Europa de Andebol, em Janeiro; os Campeonatos do Mundo de Desportos Aquáticos e o Campeonato do Mundo de Futebol de Praia, em Fevereiro; e os Campeonatos do Mundo de Atletismo em pista coberta (março) – só para referir alguns eventos do primeiro trimestre de 2024.”

OFF

Creio que todos concordamos na enorme vontade de assistir aos jogos da seleção de râguebi, e ainda mais quando tem um desempenho tão bom como Os Lobos têm conseguido. Espero, assim, que tenhamos boas oportunidades de acompanhá-los no serviço público em próximas competições.

OFF

Não é só a área do Desporto a levar os telespectadores a escrever-me. Um micro programa da área infantil suscitou o protesto de uma telespectadora.

Mensagem de Telespectador

“Hoje, antes das 8.00 horas, no programa Zig Zag houve uma rubrica sobre homossexualidade. Acho inapropriado para crianças temas sobre heterossexualidade ou homossexualidade. Há

tantos temas infantis, com valor sobre cidadania para abordar, e fazem programas com temas desajustados a esta faixa etária”.

OFF

“Pulga atrás da orelha” é um micro programa destinado a um público entre os 8 e os 12 anos que responde a perguntas sobre Ciência, História ou Cidadania, entre outros temas. O que foi a revolução industrial? O que é o dinheiro? O que é o autismo? Estas são algumas das perguntas sugeridas pelas próprias crianças, que as enviam por email, pelas redes sociais ou através de contactos mais diretos. A homossexualidade deixou de ser um tema tabu e é, aliás, abordado na escola a partir do 3º ano. Vi o programa em causa e não encontrei nele nada que pudesse considerar inapropriado para crianças.

OFF

A informação é uma das áreas mais visadas pelos telespectadores que me escrevem. Entre muitos temas, algumas mensagens relatam a exibição de imagens sensíveis para os telespectadores.

Mensagem de Telespectador

“Passou-se no dia 24 de fevereiro, no programa Bom Dia Portugal. Assinalavam-se os dois anos da guerra na Ucrânia, e foi passada uma peça com imagens do massacre de Bucha. Foram mostrados vários cadáveres e imagens de forte impacto visual sem qualquer tipo de aviso. A RTP deveria ter a responsabilidade de não contribuir para a normalização da violência junto das famílias portuguesas, responsabilidade essa que se torna acrescida num horário onde muito provavelmente crianças estarão a assistir”

um facto que a RTP tem garantido quase sempre a proteção dos telespectadores, evitando imagens de reféns e ocultando muita da extrema violência que as agências internacionais e outros órgãos de informação disponibilizam. No Bom Dia Portugal de 24 de fevereiro, no entanto, foram exibidas sem aviso prévio imagens de um dos momentos mais terríveis, o massacre de Bucha. Mantenho a minha recomendação para que se tomem todas as precauções. Não podemos ignorar a realidade, mas também não podemos deixar que se banalize a violência.

OFF

A dois meses do Festival da Eurovisão, continuei a receber apelos para que seja excluída a participação de Israel na edição deste ano, por razões de carácter político. Trata-se de um movimento de opinião e verifica-se igualmente noutros países europeus e já levou a que fossem feitas alterações à letra da canção de Israel anteriormente escolhida, considerada “excessivamente política”.

OFF

Estes telespectadores apelam para que a RTP pressione a EBU, a União Europeia de Radiodifusão, entidade responsável pelo Festival, com vista à exclusão de Israel. Em alternativa, propõem que Portugal não participe no festival de Eurovisão.

Mensagem de Telespectador

“A União Europeia de Radiodifusão (EBU) declarou que Israel terá permissão para participar no Eurovision 2024, mesmo que no passado países como a Rússia tenham sido proibidos por cometerem atos semelhantes de violência. Portanto, a participação de Israel sinalizaria que todos os artistas e emissoras participantes apoiam a violência de Israel contra civis. Solicito que a RTP exija da EBU a exclusão de Israel do Festival da Eurovisão. Se a EBU não proibir Israel, então peço à RTP que se retire da Eurovisão para evitar ser cúmplice da violência em massa de Israel contra civis”.

OFF

A organização introduziu a proibição de mensagens políticas nas letras das canções, mas todos no lembramos de que a Rússia foi banida do festival logo após a invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022 e que a Ucrânia venceu o festival desse ano.

OFF

Este tema já foi referido no Voz do Cidadão emitido a 10 de fevereiro deste ano. Nessa edição, ouvimos Gonçalo Madaíl, Coordenador Geral do Festival da Canção da RTP.

Gonçalo Madaíl, Coordenador Geral do Festival da Canção da RTP

“Que sentimos essa pressão não só nós RTP, mas Eurovisão particularmente este ano com a questão do conflito israelo-árabe neste caso sentimos. Neste caso o tema é de tal maneira fraturante que eu percebo e antecipo que a EBU e a Eurovisão estão numa posição difícil, se for o sim será contestado, se for o não será contestado, se for uma tentativa de posição neutral será igualmente contestada”.

OFF

O comité da Eurovisão ainda não tomou uma decisão definitiva e esperamos que seja anunciada em breve.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 11 – 16 DE MARÇO 2024

DURAÇÃO: 13:46 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão vai hoje até a zona centro de Portugal, mais precisamente ao Centro de Informação Regional de Castelo Branco da RTP, que em 2024 comemora 25 anos. A área de intervenção abrange os distritos de Castelo Branco, Guarda, Santarém e Portalegre e vai ainda além-fronteiras com reportagens feitas frequentemente na vizinha Espanha.

António Nunes Farias, Coordenador RTP Castelo Branco

“Eu, eu arriscaria a dizer que é quase que um terço do país, não é? A nossa área de intervenção e contando com os colegas, a equipa que que está na Guarda vai desde, enfim, Barca D'Alva ou Foscoa até às franjas do distrito de Portalegre para o oeste vai até franjas do distrito de Santarém e depois há toda uma área muito perto e mesmo em Espanha aquela toda aquela zona raiana na qual também trabalhamos e tentamos cobrir o melhor possível. Aliás hoje, neste dia está uma equipa em Espanha precisamente a fazer uma reportagem? Está uma equipa em

Espanha e isto também é um pouco a solidariedade entre colegas porque a nossa correspondente Ana Romeu está a fazer um serviço em Madrid e, portanto, pediu se haveria problemas de fazer deslocar uma outra equipa, aquela que estivesse mais próxima da cidade de Cáceres e realmente foi isso que aconteceu foi uma equipa, um repórter de imagem, um repórter e um jornalista redator foram fazer a cobertura desse evento”.

OFF

Já chegaram a ser 17 os profissionais do Centro de Informação Regional de Castelo Branco da RTP. Hoje são apenas 7, já contando com a equipa de um jornalista um repórter de imagem da Unidade de Produção de Informação da Guarda, que está sob a coordenação de Castelo Branco. Na prática, existem apenas três equipas completas compostas por jornalista e repórter de imagem para uma vasta área do território.

António Nunes Farias, Coordenador RTP Castelo Branco

“Se calhar fazia-nos falta eventualmente mais uma equipa completa de televisão. Porquê? Por uma razão muito simples é que eu costumo dizer que aqui em Castelo Branco temos uma equipe e meia sem menos preso para o colega jornalista redator, mas ele está vinculado à rádio, à Antena Um e faz televisão porque quer. Daí a necessidade de termos alguém que estivesse que pudéssemos contar com ele permanentemente em relação à televisão, para às vezes não haver até aqueles choques de... bom, tenho de fazer para a rádio, mas, entretanto, também tenho isto para a televisão. E às vezes à mesma hora? E às vezes à mesma hora acontece às vezes, até que temos de falar com o colega da Guarda, porque o de Castelo Branco vai fazer para a televisão. O da guarda pode fazer para a rádio ou vice-versa. É isso que às vezes acontece. Portanto, a nível de meios humanos, a nossa necessidade neste momento seria essa seria um jornalista redator de sim”.

OFF

A coordenação em Castelo Branco planeia os trabalhos, tendo em conta a agenda própria e os pedidos que vêm das redações de Lisboa e do Porto. Com a limitação de recursos humanos, a prioridade recai quase sempre nos pedidos das dois maiores redações da RTP.

António Nunes Farias, Coordenador RTP Castelo Branco

“Tudo o que seja material para o telejornal e o que seja para o Jornal da tarde, basicamente assim, sobrepõe-se a nossa agenda, porque temos uma agenda também própria que aqui também coordenamos, não é? Porque temos que, enfim, ir equilibrando os locais onde há notícia, onde se faz a notícia, temos que ter uma certa equidade de tratamento (...) Em relação a jornais, como o telejornal, o Jornal da Tarde, sim, eh qualquer pedido que venha de Lisboa ou do Porto, obviamente que sim, que se sobrepõe ao resto do trabalho que temos que fazer”.

Quantos quilómetros vocês fazem por semana?

Pedro Carvalhinho, Repórter de imagem da RTP

“Depende das semanas, mas facilmente 1000 quilómetros e às vezes mais, não é? Porque com uma distância da nossa área de onde operamos do que é o distrito de Castelo Branco e distrito da Guarda, basicamente. Daqui a Guarda são 100 quilômetros daqui a Foscoa são 180 e depois é de operar porque é voltar, não é ida e volta. Muitas vezes estamos dois horas de carro para começar a trabalhar e às vezes somos lá meia hora e v- e vimos embora, não é? Portanto grande

parte do nosso trabalho passa por andar de carro e que para chegar aos sítios onde há reportagem, claro”.

OFF

Pedro Carvalhinho está na RTP em Castelo Branco, desde a abertura do Centro de Informação Regional em 1999. Os 25 anos de repórter de imagem permitem-lhe ser conhecedor de praticamente todo o território. Os incêndios e as reportagens no ponto mais alto de Portugal Continental continuam a ser os trabalhos mais desafiantes.

Pedro Carvalhinho, Repórter de imagem da RTP

“Já tivemos eh situações onde já tivemos rodeados de fogo, onde tivemos que sair rapidamente da da situação do sítio onde estávamos. Mas também com os anos e com a com a experiência que vamos adquirindo, sabemos que a vida é a coisa mais importante, não é? Portanto, não nos vamos pôr em risco de propósito, não é? Às vezes estamos em risco porque a situação acontece, não é? Porque um incêndio é uma coisa imprevisível e de um momento está o fogo está a 100 metros passados 10 segundos está ao pé de nós. Temos que ter essa temos que ter essa essa noção como os incêndios. Temos, por exemplo, a neve na Serra da Estrela e o mau tempo não é lá está, são as duas são as duas estações e e pronto. Quer dizer, é isso mesmo que quando é neve é igual. Eu não, não, não, não me vou meter. No sítio onde sei que posso perder se levanta a nevoa de repente e depois porque a serra é assim, é muito imprevisível. As pessoas gostam muito de neve. É uma coisa muito bonita, mas a Serra da Estrela é muito complicada. Se está um dia de sol e não há vento, aí tudo bem. Agora, quando há quando há tempestade, é muito, muito perigosa e muito, muito difícil. Trabalhamos em condições muito difíceis”.

OFF

Mas para os profissionais da RTP instalados em Castelo Branco, o mais importante é mostrar o que as pessoas fazem. O Portugal em Direto é, por isso, um espaço preferencial para mostrar esta região. (...) É precisamente o jornalismo de proximidade, o que mais entusiasma Jorge Esteves. O jornalista que começou na RDP Covilhã e está na delegação da Guarda da RTP desde a sua criação, há quase 20 anos.

Jorge Esteves, Jornalista da RTP

“Eu costumo dizer quando é quando há tragédias num sítio qualquer, vêm todos. Quando há outras coisas, mesmo notícias mais positivas. Estamos lá nós. Temos felizmente o nosso espaço que é aquele para que trabalhamos quase todos boa parte do tempo, que é o Portugal em Direto. Em todas as delegações, seguramente falam nisso é um espaço que nos permite. De facto, ter um Portugal diferente eh mostrar o Portugal que ainda mantém tradições que tem coisas distintas, apesar de ser um território pequeno, mas que tem tanta diversidade no seu território. Tem tantas tradições diferentes de sítio para sítio.

Pedro Carvalhinho, Repórter de imagem da RTP

“Nós temos consciência que o Portugal em Direto é um programa que é muito visto porque retrata a realidade que muitas pessoas não conhecem e as pessoas que estão desejosas a dar a conhecer essa realidade. E uma coisa importante é o feedback, nós temos feedback. Quando fazemos peças, as pessoas dizem Ah, eu gostei muito da peça. Olha o meu familiar na França ligou-me a dizer que me viu e gostou. Isso aí é para nós é muito bom, porque é o nosso trabalho que é reconhecido”

OFF

Responder a solicitações da reportagem de quem, na maioria das vezes não conhece a realidade do interior, é muitas vezes um desafio para quem conhece as circunstâncias da região e de quem lá vive. Esta é, aliás, uma queixa recorrente de quem trabalha nas delegações da RTP, longe dos grandes centros.

Pedro Carvalhinho, Repórter de imagem da RTP

“Muitas vezes responder a pedidos que nós no terreno, achamos que são despropositados. Porque muitas vezes porque outros órgãos de comunicação social fizeram porque houve alertas, houve avisos põem-nos num tipo de contexto que nós andando pela rua, percebemos isso não se passa. Estamos a falar, por exemplo, na última vaga de frio em que chegaram. Estamos a falar em temperaturas negativas de sete graus sete graus negativos para a Guarda, por exemplo, que não seria nada dramático, ainda assim, mas depois vai-se saber chegou aos 2, depois há sítios onde não mora ninguém, onde pode ter chegado aos 12 negativos, mas não há absolutamente ninguém. Às vezes é este tipo de tentativa de explicar a quem nos está a fazer pedidos da relação central do Porto, das nossas coordenações explicar-lhes que olha que isto não é assim e lá porque outro órgão de comunicação social, enveredou por aí nós não temos que fazer o mesmo. Estou cá para pôr as coisas conforme elas são. Agora, se não há notícia, também é difícil depois estar a inventar a forma de a de a fazer”.

OFF

Trabalhar longe da sede da RTP traz também outro desafio a formação e integração de novos membros na equipa. Nelson de Sousa é repórter de imagem e o funcionário que está há menos tempo na RTP de Castelo Branco. Com o curso de comunicação e multimédia terminado, a formação deu lugar a trabalho efetivo.

Nelson de Sousa, repórter de imagem da RTP

“É assim para mim foi um quase foi mais duro, mais agressivo, porque eu saí dos estudos e passado pouco tempo, entrei logo para a RTP. E se calhar, devido à necessidade que era precisa na delegação da guarda de um repórter de imagem. Se calhar não tive aquela formação inicial, ou seja, não tive aquele tempo de preparação, foi dado pelo tempo que era possível pelos colegas aqui de Castelo Branco, algum tempo livre que eu ia aprendendo também com eles e iam-me ensinando e depois foi de saída para saída em reportagem era aí que eu ia aprendendo e de umas para as outras íamos melhorando”.

OFF

É no interior que se estreitam mais os laços entre o público e a RTP. Apesar de grande parte dos contactos serem feitos à distância, ainda há quem faça a questão de ir bater à porta da RTP.

Pedro Carvalhinho, Repórter de imagem da RTP

“Mas ainda há aqueles e aquelas pessoas com mais idade que que acabaram de chegar da segurança social que vem que vem lá com um problema para resolver e que se lembram que vamos ali à RTP, porque isto acontece-nos muito ainda”.

António Nunes Farias, Coordenador RTP Castelo Branco

“Nós já cá estamos há um quarto de século. Daí já temos uma lista de contactos e de conhecimentos que nos permitem estar um pouco à vontade em relação àquilo que se vai

passando. As pessoas chegam, batem à porta e entregam um envelope. Não é um envelope com dinheiro, é um envelope com informação de que a associação Y vai fazer isto de que o rancho folclórico vai fazer aquilo nos mais diversos locais deste território depois por telefone. O Meu telefone é um telefone pessoal e de serviço, como é o telefone pessoal e de serviço do Pedro, do Mário ou do Paulo. Estamos perfeitamente acessíveis 24 horas por dia”.

OFF

As instalações da RTP em Castelo Branco foram cedidas pela Câmara Municipal. Este é um edifício sobredimensionado para apenas cinco trabalhadores e que apresenta algum estado de degradação.

António Nunes Farias, Coordenador RTP Castelo Branco

“No início era um edifício, há 25 anos era um edifício fantástico e é pelo espaço, mas depois notam-se, passados 25 anos, deficiências complicadas. Chegaram e viram que estão a fazer obras aqui numa das entradas da RTP é que parte do telhado ia caindo”.

OFF

Instalações desadequadas e a necessitarem de obras, falta de recursos humanos e discrepância em critérios editoriais com as redações em Lisboa e Porto foram as principais dificuldades que encontrei no Centro de Informação Regional de Castelo Branco. Brevemente estarei em visita às instalações da RTP mais a norte de Portugal.

O programa Voz do Cidadão fica por aqui. Voltamos na próxima semana.

EPISÓDIO 12 – 23 DE MARÇO 2024

DURAÇÃO: 16:58 MINUTOS

OFF

Agora que Luís Montenegro já foi indigitado como primeiro-ministro, o programa da provedora faz um balanço ao trabalho da RTP entre a pré-campanha e a noite das eleições. O canal público de televisão empenhou muitos meios humanos e técnicos de norte a sul do país, para proporcionar o máximo de informação aos telespectadores.

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação da RTP

“Nós tivemos uma vastíssima equipa no terreno, na chamada campanha eleitoral no terreno. A RTP cobriu também não só a campanha eleitoral dos partidos com assento parlamentar, mas também dos partidos sem assento parlamentar, partidos que concorrem a estas eleições e muitos deles não tinham sequer campanha eleitoral prevista. Fizemos esse esforço de dar conta das ideias e dos projetos desses partidos mais pequenos, os partidos sem assento parlamentar. Realizámos um programa diário que acompanhou a campanha eleitoral, o Diário de Campanha na RTP 3 (...) Fizemos entrevistas aos líderes partidários dos partidos com assento parlamentar. Essas entrevistas foram exibidas no telejornal e depois replicadas nos outros serviços informativos. Fizemos debates, todos os líderes tiveram a oportunidade de partilhar as suas

ideias e os seus projetos para o país igual oportunidade, e a RTP fez ainda dois debates que mais nenhuma televisão fez. Fizemos um debate os partidos, e teve que ser dois porque na verdade eram muitos partidos, um debate com partidos com assento parlamentar, todos em que tiveram a oportunidade de debater todos em conjunto, um debate com partidos sem assento parlamentar. Portanto, foi uma campanha dura, exigente que nos esforçamos para acompanhar com maior rigor e exigência jornalística”.

OFF

Mas esse esforço não foi suficiente. Há telespectadores que apontam falhas na informação disponibilizada pela RTP durante a campanha. Há quem acuse a RTP de falta de isenção e de favorecer este ou aquele partido em detrimento de outros e dando-lhes mais tempo de antena.

Mensagem de Telespectador

“Ao assistir ao jornal da Tarde da RTP um, confirmei mais uma vez o tendencialismo desse órgão de informação público. Julguei que estava a assistir a algum programa emitido por um qualquer canal propriedade da geringonça, tal o facciosismo das notícias sobre os vários partidos”

Mensagem de Telespectador

“No dia um de março de 2024, o tempo dado à coligação AD no âmbito da campanha eleitoral durante o jornal das 12 da RTP 3 foi manifestamente superior ao dado a outras forças políticas, particularmente ao PS. Aliás, Tais factos foram recorrentes também na pré-campanha, ficando com a sensação de não ver por parte dos promotores uma total isenção e independência, o que, como cidadão livre, venho lamentar”.

Mensagem de Telespectador

“No Bom Dia Portugal de hoje, deram ciclicamente reportagens sobre as campanhas do dia anterior de todos os partidos com representação parlamentar, exceto o PS. Parece-me estranho”.

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação da RTP

“Quem se queixa normalmente, foca-se muito num determinado telejornal ou jornal da tarde ou num determinado dia. E nós temos que olhar aí para a campanha como um todo, na verdade, não é? E como tal como já referi, olhamos para a campanha como um todo desde o dia em que o presidente da República marcou eleições. E portanto, é dessa forma que temos que avaliar a cobertura. É natural que do de vista noticioso e de interesse jornalístico e interesse informativo, um determinado dia seja mais interessante ou tenha maior atividade ou demos maior tempo a um determinado partido e outros dias isso acontecerá com outros partidos. O exemplo mais simples, se calhar é de referir é os dias em que os antigos dirigentes de cada partido, tanto do PSD como do PS, entraram na campanha. Nesse dia, no dia em que o Passos Coelho entrou na campanha ou o antigo ou o primeiro-ministro Durão Barroso, é natural que tenha havido maior atenção sobre AD no dia em que António Costa entrou na campanha ao lado de Pedro Nunes Santos, é natural que nesse dia tenha havido uma maior atenção e maior tempo dado ao PS”.

OFF

Houve quem se queixasse de desrespeito ou tratamento menos digno para com determinados candidatos ou figuras públicas. Muitas queixas dirigiram-se especificamente a cartoons de vários autores que satirizavam políticos e que foram apresentados no jornal de campanha da RTP e no final do Jornal da Tarde, ao longo dos 15 dias de campanha.

Mensagem de Telespectador

“Acabei de assistir ao jornal da Tarde da RTP um, que no final deixou um enxovalho ao candidato André Ventura. Não me parece correto que os dinheiros públicos sejam usados para enxoalhar este ou qualquer outro candidato. Além de não mostrar imparcialidade, demonstra que o canal público subsidiado por todos nós deve mostrar respeito, se não pelo candidato, pelo menos pelo cidadão”.

Mensagem de Telespectador

“A RTP resolveu apresentar um cartoon sobre o anterior primeiro-ministro Pedro Passos Coelho, de muito mau gosto, mas acima de tudo, quebrando a isenção que deve ter sempre e em especial no período de campanha eleitoral relativamente aos partidos concorrentes. A RTP deve pedir desculpas aos telespectadores no mesmo horário em que foi apresentado o cartoon”.

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação da RTP

“A ideia de ter cartoons num espaço diário que acompanha a campanha eleitoral não é deste ano. Sempre já o fizemos por várias vezes, nomeadamente o cartoon é um espaço que ah que que está inserido no diário de campanha, que é o espaço da RTP três que acompanhou a campanha eleitoral e que depois esse cartoon é replicado noutras, nomeadamente no Jornal da Tarde, a fechar. Para isso, a RTP contratou cinco cartoonistas que são pessoas premiadas, respeitadas entre os seus pares e que publicam regularmente noutras órgãos de comunicação social são artistas e é um espaço de liberdade e de criatividade. A RTP não encomenda um cartoon específico sobre um partido político ou sobre um líder partidário, encomenda um cartoon e a pessoa responsável pelo espaço do cartoon tem liberdade para criar o desenho, tal como ele interpreta a realidade. Todos os líderes partidários foram retratados. Todos os partidos políticos foram retratados. Este cartoon não representa ou não identifica, não representa uma posição editorial da RTP, mas é um espaço de liberdade que prezamos”.

OFF

Outro tema visado por telespectadores foram as sondagens. Para alguns, foi feita uma leitura deturpada dos resultados e houve informação difundida com erros. A fiabilidade das sondagens também é posta em causa pelos telespectadores.

Mensagem de Telespectador

“No dia um de março no Jornal da Tarde da RTP 1 soubemos que o número de pessoas que não sabem em que partido votar corresponde a 20% dos inquiridos para a sondagem da Universidade Católica para a RTP. À pergunta. Quem são estes eleitores informa-nos que são 26% mulheres

12% homens. A informação apareceu escrita e foi repetida pelo jornalista que apresentou o noticiário. Uma vez que esses eleitores, na grande maioria 62%, não são mulheres nem homens. Faltou completar a notícia dizendo-nos à RTP o que são?”

Mensagem de Telespectador

“A sondagem da Universidade Católica não foi apresentada tecnicamente da maneira mais correta. A sondagem tinha sete perguntas em cinco das quais Luís Montenegro ganha claramente a Pedro Nunes Santos e tinha dois perguntas em que houve empate técnico RTP, sendo uma televisão pública, tem que ter um elevado rigor técnico para que não possa existir qualquer dúvida que está a beneficiar um partido em relação a outros”.

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação da RTP

“A RTP encomenda por várias vezes sondagens, encomendou durante a campanha eleitoral, no início, no arranque da campanha, no meio da campanha eleitoral e nas vésperas do encerramento. A sondagem, tal como todo o resto, um debate, uma entrevista, um espaço de comentário é um instrumento que nos que nos ajuda neste momento tão particular, que é uma campanha eleitoral, umas eleições antecipadas. Este ano as sondagens tiveram um dado muito relevante, que foi um enorme número de indecisos. Até quase ao fim? até ao fim, até ao fim. E nós apercebemos disso. A nossa preocupação foi tentar sempre explicar e sublinhar este dado. E é sempre importante ter um ter presente que uma sondagem é um retrato num determinado momento, no momento em que a sondagem é feita, a sondagem, mesmo a sondagem dois dias de terminar a campanha eleitoral, mesmo essa sondagem nunca é uma projeção do que vai acontecer na noite eleitoral. A nossa preocupação foi explicar nas peças e sempre que é possível e também no espaço de documentário, que acompanhava a divulgação da sondagem, tudo o que é estimativa, o que é a projeção, como é que os indecisos eram distribuídos, eh demos mais destaque à intenção de voto do que porventura demos em anos anteriores. Usamos a sondagem como mais um instrumento nesta cobertura informativa”.

OFF

Voltemos ao período de pré-campanha eleitoral em que os candidatos tiveram a oportunidade de transmitir aos cidadãos as suas ideias e projetos para Portugal em espaços de debate. Os líderes partidários confrontaram ideias em programas que tiveram uma duração inferior ao tempo usado em comentários que se seguiram. Este é um problema de todas as televisões portuguesas e não exclusivamente da RTP, como defende Gustavo Cardoso, numa análise feita ao trabalho desenvolvido pelo canal público de televisão nestas eleições legislativas.

Gustavo Cardoso, Professor Universitário ISCTE

“No primeiro momento, aquele que foi o dos debates eu acho que nós tivemos um conjunto de situações um pouco anômalas. Nós aqui estamos a falar da RTP, mas as pessoas em casa, muitas vezes olham para o conjunto da televisão como um todo, nesse conjunto, mas também no caso da RTP, nós tivemos muito mais tempo a falar dos candidatos do que propriamente a ouvir as suas ideias. O modelo é um modelo que é consensualizado por todas as televisões, mas na realidade, depois aquilo que acaba por acontecer é que funcionando dessa maneira, nos dá uma ideia de que temos 15 minutos, não são exatamente 15 minutos, mas pronto, foram 12 e meio para cada um dos candidatos e que depois a seguir temos horas sem fim a comentar aquilo que foi dito. Estamos a falar dos comentadores pós frente a frente? É porque nestas eleições, nós não mudamos assim tanto o comportamento daquilo que é a oferta sobre política na televisão,

mas entramos para o período eleitoral sem um problema ou sem a consciência que tínhamos um problema e saímos dele com claramente um problema que é o comentário. O comentário hoje em dia tem uma percepção excesso. Existe demasiado comentário e poucas notícias para alimentar esse comentário”.

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação da RTP

“O comentário é um é um instrumento muito útil durante a campanha e não só, não é? É muito útil para descodificar o discurso político, sobretudo nestas eleições e nesta campanha eleitoral que teve tanto inesperado quanto interessante, não é? Em todos os dias se discutiram cenários de governabilidade e que, aliás, continuamos a discutir. Os comentadores ajudam a descodificar esse discurso, ajudam a apontar caminhos, ajudam a dar pistas sobre o que poderá acontecer, sobre o que foi dito. A RTP tem essa preocupação porque nós achamos que é um instrumento útil para nos ajudar a perceber a realidade e o que acabou de ser dito. Tenho ideia de termos tido menos espaços de comentário do que as televisões concorrentes. Certamente não demos notas a políticos nos nossos espaços de comentário”.

OFF

Na opinião de Gustavo Cardoso, a noite eleitoral da RTP foi a mais equilibrada entre as estações televisivas portuguesas.

“Eu acho que o modelo da RTP tende a ser mais equilibrado do que as outras. E isso mais uma vez tem a ver com as escolhas dos comentadores. Nós nas televisões, atualmente, temos em termos de comentadores, que são aqueles que têm o espaço semanal marcado. No conjunto da oferta televisiva portuguesa, nós temos cerca de 70 e poucos comentadores fixos. Depois temos todos aqueles comentadores que são chamados residentes, que são aqueles que aparecem com alguma regularidade, mas não tem um espaço semanal fixo e depois ainda temos aqueles que aparecem de repente, porque é necessário chamar alguém para falar de um assunto. É muita gente. E depois isto acaba por marcar também uma dinâmica para a noite eleitoral. Se se tem comentadores que são claramente associados a partidos e que são esses que são aqueles que estão presentes. Isso dá sempre uma, um viés para o conjunto, ou seja, não vale a pena termos debates com todos e termos debates em que estão todos presentes ao mesmo tempo e depois termos na noite eleitoral, algumas disfuncionalidades, que é ir buscar aqueles que nós temos sempre que não representam todos os partidos e depois tentar encontrar algum equilíbrio, também acho que é algo que temos que pensar sobre isso. E quando eu falava sobre o comentário, não é que sobre a questão do comentário na RTP em geral, efetivamente, nós tivemos pela primeira vez publicamente discussão sobre o papel que se os candidatos podem os candidatos comentadores, ou seja, se os candidatos podem convidar comentadores para ir aos seus comícios, quando esses comentadores são claramente presenças permanentes durante o ano inteiro e se isso é uma coisa que faz sentido em termos éticos e em termos também daquilo que deve ser uma república saudável. Acho que tivemos essa discussão também no final e, portanto, é mais coisa que fica também em cima da mesa. Porque é que não havia comentadores do Chega? Porque existiam comentadores de um partido que não tinha representação na Assembleia da República, que era o CDS. Ou seja, o CDS durante este período entre as últimas eleições e estas que tiveram lugar agora teve nas televisões uma presença muito superior àquela que era a sua representatividade, que era zero na Assembleia da República e, portanto, se obviamente que a escolha editorial é escolha editorial, é soberana. Não se pode misturar resultados eleitorais com aquilo que é a escolha dentro da redação sobre que comentadores chamar e ter permanentes mas no final, quando somamos as televisões todas,

nós temos um universo do país e nesse universo do país, somando todos os comentadores, nós tínhamos claramente mais comentadores de um partido que não existia do que os comentadores de um partido que existia e tinha representação parlamentar”.

OFF

O país esteve mobilizado nos últimos meses para escolher um novo parlamento, um novo governo. Nas eleições mais disputadas das últimas décadas. Foram semanas exaustivas para todos, comunicação social incluída.

A desinformação e a manipulação continuam a ser um desafio para quem trabalha na informação. Acompanhei a pré-campanha, a campanha eleitoral e a noite das eleições na RTP um e na RTP 3. Não creio que tenha havido no geral, favorecimento a um ou outro partido.

Preocupa-me a questão do excesso de comentadores e não apenas no que diz respeito ao processo eleitoral. Tenho consciência de que o trabalho dos analistas é muito útil no decifrar dos discursos políticos, mas gostaria de ver mais jornalismo, mais investigação e maior contenção no tempo reservado a comentários.

O programa da provedora fica por aqui até a próxima semana.

EPISÓDIO 13 – 06 DE ABRIL 2024

DURAÇÃO: 13:31 MINUTOS

OFF

A programação televisiva que inclui linguagem ou imagens potencialmente sensíveis para os telespectadores, independentemente do género ou formato do programa está delimitada por lei. Mas ainda que todos os pressupostos sejam cumpridos, há conteúdos que são considerados por alguns telespectadores, como ofensivos ou despropositados para uma estação pública de televisão.

Mensagem de Telespectador

“É lamentável o que aconteceu por volta das dois e meia da manhã. Tinha acabado de chegar de viagem com as minhas filhas menores ligamos o televisor e deparei-me com o espetáculo lastimável A exibição de um filme de homossexuais com sexo oral explícito, sem que existisse qualquer aviso, que má imagem para um canal público que é financiado também com os meus impostos”.

OFF

Este tipo de alertas surge normalmente sobre filmes ou séries de ficção que exibem cenas de sexo, erotismo, nudez ou violência. O filme de que este telespectador fala tinha sido assinalado como tendo imagens que poderiam ser chocantes. Tinha a chamada Bolinha vermelha e estava a ser emitido às duas e meia da manhã. Hora a que em princípio, não haveria menores a assistir.

Mensagem de Telespectador

“Só tem uma coisa a dizer tenham vergonha”.

OFF

Esta última mensagem refere-se ao espetáculo com direção e dramaturgia da bailarina e coreógrafa argentina Marina Otero, exibido no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, onde foi gravado. Foi emitido na RTP dois depois das 23 horas.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP 2

Também recebi uma queixa por causa de uma de um espetáculo que foi filmado no CCB e que tinha homens nus?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

"Sim tinha, mas eu gostaria de dar os parabéns ao nosso realizador, que nunca explorou o corpo dos bailarinos, não é? Aquilo aconteceu como se fosse natural e não houve, não houve planos aproximados do corpo, nem nada disso. Mas esse espetáculo é um espetáculo para adultos. Foi às 11 da noite para o ar, já na hora em que a RTP se pode permitir. É um espetáculo de uma coreógrafa argentina que tem outras coisas muito interessantes, para além de ter os senhores e até ela própria, pois no fim aparece nua, mas esse espetáculo estava absolutamente dentro da lei. De qualquer modo, eu gostava só de dizer uma coisa que é. O serviço público de televisão não diz em lado nenhum, pelo contrário, no contrato de concessão até diz que deve acompanhar a contemporaneidade, a modernidade, as várias criações. Não é uma coisa só bem-comportada. Nós somos bem-comportados a maior parte do tempo, mas não é só bem-comportado. Não é para isso que serve. Serve também para alargar horizontes, para mudar mentalidades, para criar novos públicos. Serve para todas essas coisas. E eu acho que esse espetáculo está dentro disso e foi, desse ponto de vista, eu defendo-o inteiramente. Não houve nada que não se fizesse dentro da legalidade daquilo que manda, que mandam as normas da lei. É possível saber quantas pessoas assistiram a esse a esse espetáculo? 30 mil".

(...)

OFF

Esta é a advertência apropriada e que deve ser exibida sempre e antes de qualquer programa, conteúdo ou imagem que possam ser perturbadores para público mais sensível, além do conhecido sinal da bolinha vermelha, que deve acompanhar toda a emissão.

Mensagem de Telespectador

"A série Homens Fora Trabalho na loja na RTP 2, que é apresentada por volta do meio-dia, tem cenas explícitas de sexo, pelo que não me parece muito apropriada neste horário, que pode ser visionado por crianças. A cena a que me refiro passa-se numa casa de banho entre dois mulheres. Não é por ser uma cena entre mulheres que é menos crítica do que se fosse uma cena heterossexual".

Mensagem de Telespectador

"Tenho seguido a série Homens fora Trabalho na loja A série australiana transmitida diariamente pelas 11:15 mais ou menos, são oito episódios, estávamos no 5, ontem seria o 8º, pois, entretanto, colocaram outra série, o que é feito dos restantes três episódios? Agradeço que a RTP 2, da qual eu sou espetador diária, não me desiluda".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Esta série já não está no ar o era de facto uma série que tinha sexo e que por isso não devia ser passada àquela hora?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“A série de facto tinha algumas cenas de sexo, mas eu acho que às vezes as pessoas se prendem nisso. Eu percebo que o sexo seja uma coisa muito complicada, porque ela é feita entre quatro paredes e a televisão desvenda. Mas a série tinha outras questões que do meu ponto de vista são muito mais interessantes. Tinha a questão da discriminação dos nativos australianos. Tinha a questão das mulheres que os homens foram embora para a guerra e elas tiveram em muitos casos, sem nunca ter trabalhado que resolver os problemas da família, não é? Financeiros da família? Daí chamar-se homens fora... Trabalho na loja. Tinha a questão da discriminação das das homossexuais, das pessoas que não se alistaram a pressão sobre as pessoas que não se alistaram pacifistas ou porque entendiam que não se deviam alistar E. Além disso, tinha a moda. Era uma cena muito bonita dos anos 40, tinha a moda tudo isto são questões que para mim são muito mais interessantes do que de repente aparecer um casal, seja hétero ou homo enfim, a simular uma cena de sexo a ter afetos ou o que seja e por isso tenho pena que as pessoas As pessoas se prendam nessas questões, embora comprehenda, mas tenho pena que se prendam nisso, não tem mal nenhum, não é matar, não é fazer nada disso. Há séries que passam às três da tarde, cheias de tiros, cheias de mortos. Esta não tinha nem um tiro, nem um morto e, portanto, tenho mais preocupação quando escolho uma série, quando se escolhe um programa em evitar escolher uma coisa que seja extremamente violenta do que do que evitar e extremamente violento, incluo o sexo violento, o sexo com violência do que uma cena dentro de um quarto. Acho que é muito mais benigno”.

OFF

Conteúdos que alguns telespectadores consideram ofensivos não se limitam a imagens uma expressão, um gesto, uma determinada atitude, uma palavra são potenciais geradores de descontentamento, o suficiente para serem alvo de protestos que me fazem chegar.

Mensagem de Telespectador

“Venho por este meio demonstrar a minha indignação pela linguagem medíocre usada no programa Got Talent de Portugal. É vergonhoso que para um programa familiar, um dos elementos do júri esteja sempre a dizer asneiras das piores que eu não vou reproduzir. É pena e é triste, pois este era um programa familiar. A RTP devia selecionar as imagens e anular por completo esses comentários, em vez de colocar o típico para minimizar a linguagem usada”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Recebo de vez em quando, mensagens de telespectadores que se mostram chocados por serem ditos chamados palavrões, palavras menos próprias, digamos, sem haver um Piii por cima. Quais são os limites que são estabelecidos ou que são aceitáveis?

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“Eu acho que os limites são os do bom senso e, portanto, eu acho que os próprios espetadores têm noção desses limites, até porque a RTP 1, no caso, é o canal que tem contacto com mais espectadores do grupo RTP. Nós por dia somos vistos por 3 milhões e meio de pessoas que passam ao longo do dia pelos nossos vários programas. Temos picos de 1 milhão de espectadores no horário do preço certo, por exemplo, ou no fim nos fins de semana, muitas vezes atingimos

os 750 mil, 1 milhão de espectadores com alguma facilidade em formatos como o The Voice ou Got Talent e tanto esses esses períodos são períodos em que temos uma grande quantidade de pessoas a ver a RTP e acho que quem vê a RTP e vê também os outros canais, percebe a diferença e o cuidado que existe nos nossos conteúdos”.

Mensagem de Telespectador

“Esta jurada utiliza uma linguagem exagerada, muitas vezes sexista, com expressões de falta de educação. Pretende dar nas vistas ser protagonista e notada, mas está a destruir o programa e a arrastar para a má imagem os outros elementos do júri. Aliás, as anteriores edições primavam pela elegância e pedagogia dos jurados”.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“No entretenimento também pode haver situações, sobretudo em programas em direto, em que escapa uma palavra e que não é possível nessa altura cobrir com um PI, mas também estamos a falar de situações muitíssimo raras. E não estamos a falar de palavrões, palavrões daqueles de escala superior e o o nosso objetivo aqui é tentar que essa prática se alargue a todos os nossos programas, desde o entretenimento até aos conteúdos de ficção, num trabalho que é feito cotidianamente com os produtores e até com os próprios guionistas no caso das séries. No caso no caso do cinema, por exemplo, temos o horário das 10 e meia da noite para filmes que têm conteúdos. Nós tentamos que o cinema português também mais cedo possível e muitas vezes no cinema, não há qualquer capacidade de intervenção nossa e, portanto, o realizador e as equipas criativas têm total liberdade. O que acontece é que o filme vai estrear mais tarde. Às vezes recebemos queixas de porque que aquele filme não passou mais cedo e não passou muitas vezes não é porque o filme não tenha relevância e importância, mas porque tem uma linguagem menos adequada ao horário antes das 10 e meia da noite. Que intervenção tem a direção de programas numa produção externa sobre a questão da linguagem? Nós fazemos sempre esse aviso tanto desde logo os temas são escolhidos nas nossas consultas de conteúdos, sobretudo ou quando os produtores nos apresentam projetos, percebe-se logo se o projeto tem uma tem um perfil adulto ou se tem um perfil de todos os públicos. Nós temos séries completamente desenhadas para adultos. Nós vamos estrear agora a Operação Mar Negra, que é uma série de ação que vai estrear às 10 e meia da noite, porque tem um perfil adulto, pode ser vista por jovens de 16 18 anos, mas não é uma série indicada para públicos mais novos, ou então pode ser vista, mas com os pais presente. Portanto há séries que são até desenhadas já para ter esse contexto de linguagem mais cru, que é mais próximo da realidade dos nossos dias e dos nossos tempos”.

Mensagem de Telespectador

“Soldados, uma história de Ferentari com uma linguagem que eu nunca ouvi na rua, todos os calões possíveis e imaginários para os sexos dos homens, mulheres e atos sexuais fora as cenas em si, tal como o filme Liberté Qual filme pornográfico diferente de erótico, com ou sem a dita bolinha, os vistos valem o que vale. As pessoas veem os filmes se quiserem, mas a RTP 2 devia salvaguardar-se com a mesma, evitando assim críticas”

OFF

Não é a primeira vez que a voz do cidadão faz referência a imagem e linguagem suscetíveis de ferir a sensibilidade de alguns telespectadores. Recordamos o enquadramento legal para estas situações. A Lei da televisão é clara e define mecanismos para proteger os telespectadores, principalmente os mais novos, de imagens violentas ou suscetíveis de ferir sensibilidades.

Como se viu antes, a série Homens fora trabalho na loja foi retirada do ar devido ao horário em que era emitida. O mesmo não se aplica a um espetáculo ou um filme que sejam antecedidos de avisos de conteúdo sensível, marcados pela tão conhecida bolinha vermelha e emitidos em horários tardios. Nestes casos, não há violação das normas legais.

O programa da provedora fica por aqui até a próxima semana.

EPISÓDIO 14 – 13 DE ABRIL 2024

DURAÇÃO: 13:12 MINUTOS

OFF

Tenho recebido mensagens de telespectadores sobre conteúdos religiosos emitidos na RTP. Atualmente, existem vários programas dedicados às confissões religiosas. São eles: A Fé dos Homens; 70x7 e o programa Caminhos. Além desta programação fixa, é também na RTP que os telespectadores assistem a missas, peregrinações ou eventos religiosos católicos.

Mensagem de Telespectador

“Não percebo como, num Estado suposto ser laico, continuamos a passar rituais católicos num canal público pago por todos os contribuintes sejam eles católicos ou não. Não percebo porque haveria de contribuir para uma religião que não é minha, pois nesse caso o correto seria passar todo o tipo de celebração religiosa e não restringir o acesso televisivo a uma única crença. Entendo a liberdade religiosa, mas então porque só existe espaço público para uma única religião?”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

“Não é muito frequente, mas recebo por vezes, mensagens de telespectadores que consideram que vivendo nós, num Estado laico, não compreender porque é que o serviço público tem uma atenção tão permanente à Igreja Católica, em particular com a missa dominical e depois com os outros programas sobre religiões que até são bastante ecuménicos, digamos. Porque é que a RTP transmite a missa?

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“A RTP no seu caderno de encargos tem como objetivo servir todos os públicos, ou seja, a RTP existe para garantir que, dos mais novos, aos menos novos, de norte a sul, do mar ao interior ilhas incluídas, os espectadores são, digamos, servidos com uma oferta que é diversificada, que tem qualidade e que tem preocupação de proximidade. A Missa é um conteúdo que serve muitos espectadores que não têm condições para ir a uma missa física, Não se conseguem deslocar, vivem em sítios remotos, vivem muitas vezes em situações de isolamento e, por isso, a missa serve para cumprir um papel que eu acho que é importante”.

Mensagem de Telespectador

“É imperioso a RTP1 passar a Missa Dominical quando somos uma República laica com cidadãos nacionais de vários credos, crentes e não crentes cidadãos nacionais que pagam os seus impostos que penso eu uma parte é canalizada para a RTP e para os seus vários canais. Eu sei que a maioria dos cidadãos de nacionalidade portuguesa é católica, mas que eu saiba Portugal não tem uma religião de Estado”.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“A nossa emissão de domingo de manhã da missa tem uma audiência próxima de meio milhão de espectadores. Portanto, há todas as semanas, meio milhão de pessoas que seguem aquele conteúdo que é programado já há muitos anos, naquele horário, e que serve para que essas pessoas que têm dificuldade em presencialmente, assistir a uma missa ou possam fazer através da televisão, claro que Portugal é um país laico. Claro que a preocupação de alguns espectadores eu entendo, mas a verdade é que o serviço público deve também cumprir esse desígnio que é garantir que essas pessoas não ficam sem contacto com o conteúdo que para elas é importante. (...) as pessoas têm, obviamente liberdade de escolha e por isso quem não tem interesse em ver um determinado conteúdo pode fazer uma mudança de uma simples mudança de canal ou outro conteúdo que lhe interesse. Mas a verdade é que a RTP deve, do meu ponto de vista, continuar a garantir a umas largas centenas de milhares de espectadores o acesso a um conteúdo que para elas é importante para estes espectadores. É importante e tem aqui na nossa oferta uma possibilidade de o ver”.

OFF

A Lei de Liberdade Religiosa, inscrita na Constituição da República, determina que nos serviços públicos de televisão e de radiodifusão deve ser “garantido às Igrejas e demais comunidades religiosas inscritas um tempo de emissão.

Um dos princípios de atuação estabelecido pelo contrato de concessão da estação pública de televisão, é a possibilidade da expressão e debates das diversas correntes de opinião, designadamente de natureza política, religiosa e cultural.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Porque é que estando num Estado laico, o serviço público deve ter programas dedicados à Igreja Católica em particular?

Paulo Rocha, Diretor da Agência Eclésia

“Obrigado por de facto por este convite e por poder também passar alguma informação sobre a natureza destes programas, cuja origem remonta, enfim, ao início da RTP, nomeadamente a missa dominical. E aí nesse princípio mais genérico, a RTP enquanto serviço público, querendo de facto, prestar os serviços de comunicação para o seu público, público português, há de ser acredito em torno das temáticas em torno das causas que representam esse público e o tema religião acho que está presente, enfim, é um tema transversal a todas as sociedades também a sociedade portuguesa, sendo que na sociedade portuguesa, enfim, em meados do século vinte e na segunda metade do século vinte, sem dúvida ainda muito em torno da Igreja Católica em torno da Igreja Católica. Agora cada vez mais no século vinte e um com uma pluralidade religiosa, mais acentuada, mais visível, mais visível, daí que parece me que é natural que, para além de obrigações legais de construção de serviço público, que é natural que os conteúdos religiosos estejam no serviço público de rádio e de televisão”.

OFF

70 X 7 é o programa de cariz religioso com mais longevidade na antena da RTP, pois estreou-se em televisão em 1979. Os conteúdos são da responsabilidade editorial do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais, órgão da Conferência Episcopal Portuguesa. O programa é exibido na RTP2, ao domingo.

OFF

O Programa 'Fé dos Homens' está em antena há 27 anos e é um espaço dedicado às diferentes religiões reconhecidas em Portugal e instituídas através de uma Igreja própria.

OFF

O PROGRAMA CAMINHOS tem um perfil mais informativo, dedicado às atividades das diversas Igrejas representadas em Portugal, e aborda as atividades religiosas inerentes a cada uma.

O programa trata também de temas de interesse para a sociedade atual como os direitos das mulheres, a educação moral e religiosa nas escolas, a música e os jovens, entre outros temas.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Teresa Paixão na RTP 2 Teresa Paixão RTP dois mantém-se programas que têm religioso, isto é, que se debruçam sobre várias religiões ou só sobre a religião católica. Porque é que a RTP os transmite?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

"Porque a lei obriga a uma lei do serviço público e da liberdade religiosa que prevê que haja na RTP 2 uma percentagem de programas, uma percentagem de tempo de programas da Igreja Católica e uma percentagem de tempo dedicado a outras religiões. Há uma comissão que se chama a Comissão da Liberdade Religiosa. É essa comissão que nos diz o que é uma religião, portanto, se considerarem a partir de agora que um determinado grupo religioso passou a ser uma religião e que terá direito a estar nesses programas, informa. A RTP diz a partir de hoje que tem que incluir esta religião. São programas da lei, não são programas que se debruçam sobre religião, são programas de proselitismo, são programas que são como os tempos de antena de cada uma das religiões. A RTP não tem qualquer intervenção nesses programas, tirando obviamente não podem ser. Não podem dizer nada contra a lei contra a constituição contra isso, com certeza as pessoas também não estão aí para isso, mas nós não temos verdadeiramente nenhuma intervenção, são programas que fazem parte da prestação do serviço público dentro de uma determinada perspetiva e, portanto, estão considerados na lei".

OFF

A atribuição e distribuição do tempo de emissão têm em conta a representatividade das respetivas confissões, através de um acordo entre a Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas e a RTP.

Paulo Rocha, Diretor da Agência Eclésia

"Esta Comissão do Tempo de Emissão, quando foi constituída, é constituída para gerir os espaços de programação, os espaços disponíveis de emissão, nomeadamente as grelhas, enfim, para promover também o conhecimento recíproco entre as várias confissões religiosas. Acreditamos também que a possibilidade de informar o que é que cada confissão religiosa, as atividades que faz através desses tempos de emissão, constitui essencialmente para a promoção de uma cultura de diálogo entre as confissões religiosas, que creio que caracteriza a sociedade portuguesa e nós poderemos, enfim por vezes, entre nós falamos sobre isso, que destes programas não saem grandes audiências mas saem a promoção de uma cultura de diálogo, creio que é o fundamental que estes programas fazem é a promoção de uma cultura, de diálogo e de conhecimento do

outro, capaz de o respeitar, capaz de conviver com ele e capaz de aceitar que, como qualquer confissão religiosa, qualquer crente tenha um contributo a dar a sociedade portuguesa”.

OFF

A leitura do artigo 25.º Lei da Liberdade Religiosa clarifica as dúvidas de quem considera contraditório que, sendo Portugal um estado não confessional, o serviço público de televisão transmita conteúdos religiosos. Como vimos, os períodos atribuídos a cada confissão são regulados pela Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas, num processo que envolve os ministérios da justiça e da comunicação social. Daí a existência dos programas A Fé dos Homens, Caminhos e 70 X 7.

A RTP não se tem limitado a cumprir a lei, pois acompanha cerimónias católicas como a Missa Dominical, as principais procissões de Fátima, a mensagem de Natal do Cardeal Patriarca e ainda recentemente, a Via Sacra de Sexta Feira Santa, presidida pelo Papa Francisco.

Concordo com o diretor de Programas quando considera que estas transmissões, e em particular a Missa Dominical, são importantes para muitos telespectadores que não têm condições, por isolamento, doença ou outras razões, para se deslocarem a uma igreja. Não esqueçamos que a audiência da RTP1 nas manhãs de domingo atinge o meio milhão de telespectadores.

Destaco ainda que na área da Informação as questões que envolvem as diferentes confissões religiosas são, como devem ser tratadas segundo as regras de deontologia jornalística.

Como outros campos, a minha recomendação vai no sentido de que as situações sejam avaliadas a cada passo, com a sensatez e a maturidade que a Constituição definiu em 1976. Recordo aqui o que diz este diploma fundador da democracia: “A liberdade de consciência, de religião e de culto é inviolável. As igrejas e outras comunidades religiosas estão separadas do Estado e são livres na sua organização e no exercício das suas funções e do culto.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 15 – 20 DE ABRIL 2024

DURAÇÃO: 19:32 MINUTOS

OFF

Este é o som da liberdade. O primeiro comunicado dos militares que fizeram o 25 de Abril foi lido pouco depois das 4 da manhã no Rádio Clube Português, pelo jornalista Joaquim Furtado que se encontrava de serviço nessa noite e viu os estúdios tomados pelos militares do movimento das forças armadas.

A Democracia está de parabéns e a RTP vai assinalar estas cinco décadas de liberdade resgatando a nossa História e as estórias que ainda estão por contar.

Para lá do que cada canal está a produzir, a primeira iniciativa a destacar, e que está em curso desde março, é o site “50 anos do 25 Abril”, uma plataforma agregadora de conteúdos exclusivamente dedicados ao tema e desenvolvido em parceria com a Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de abril.

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

“É para o cidadão, para o espetador ou, neste caso, para o utilizador uma facilidade enorme. Diria ter esta plataforma gratuita inteiramente disponível onde pode encontrar, aí sim todos estes conteúdos organizados que podem ser visualizados obviamente a qualquer momento. Também tem o cuidado de ter alguma da programação as grelhas programáticas destes diversos canais para que quem queira procurar estritamente sobre a temática de abril no grupo da RTP. Este site serve obviamente ele próprio para essa grande demonstração também uma forma de a RTP mostrar um pouco a sua capacidade de produção e de trabalho com o seu magnífico arquivo ao longo destes anos”.

OFF

A informação da televisão pública dará destaque a todas as comemorações, com transmissões em direto na RTP1 e RTP3.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

Haverá muito para mostrar durante esses dias e para recordar.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E no próprio dia haverá também emissão da Assembleia da República presumo?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

*“Sim, haverá as comemorações oficiais, que desta feita serão, digamos, mais largas e elas começam no Terreiro do Paço, no dia 25, com os militares da Força Aérea da Marinha do Tejo. **Do dia 25 ou 24?** Não, estou a falar de 25, na manhã de 25, começam a vinte e quatro Sim, logo de Santarém, haverá uma coluna militar que virá para Lisboa. Vamos acompanhar esse processo mesmo ao longo da noite. Mas haverá também uma reunião dos presidentes de todos os países da CPLP na tarde, além das cerimônias oficiais na Assembleia da República e o desfile militar que haverá no Terreiro do Paço, a manifestação na Avenida da Liberdade, a descida da avenida, tudo isso, mas não apenas Lisboa. É importante olhar para aquilo que se faz no país e também olhar o que foi o vinte e cinco de abril e o que temos de memória guardada sobre como é que no país se viveu a revolução há cinquenta anos, normalmente situamo-nos muito no centro dela que foi muito de Lisboa, mas o país inteiro obviamente se mobilizou e vibrou e veio para a rua e essa memória é importante”.*

OFF

A informação da RTP quer levar os telespectadores aos locais onde a revolução aconteceu.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Vamos tentar, nesses dias mais próximos, estar muito no exterior, fazer emissões no exterior de debates Jornais Portugal em direto RTP três Vamos está muito fora ao encontro das pessoas e, portanto, procurando também com isso, mostrar um outro rosto da informação”.

OFF

Como já vem sendo hábito, o trabalho documental e de investigação jornalística é também uma das apostas da área da informação. Mais uma vez, procura-se a história por contar. Agora pelos olhos dos outros.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“A RTP foi um centro também da Revolução de vinte e cinco de abril. Os estúdios do lumiar foram ocupados nessa noite e por isso a RTP, uma das histórias que vamos recuperar é um pouco essa demorou tempo, digamos a mostrar a revolução. Verdadeiramente só ao fim do dia é que ela foi mostrada as imagens nas ruas de Lisboa e houve um repórter de imagem que nós que nós reencontramos João Rocha, que saiu para a rua por livre iniciativa, digamos, ultrapassando o bloqueio e a desconfiança que havia sobre se a RTP poderia, enfim, fazer ali um pouco a contrarrevolução. Portanto, essa confiança demorou tempo porque não se dominava, precisamente o centro emissor de Monsanto e portanto, ele saiu para a rua a meio da tarde, enfim, eu estou a contar aqui um bocadinho da história, vamos recuperá-la as imagens que ele fez com uma pequena câmara e que foram mostradas à noite por volta das dez e meia da noite. O Jacinto Godinho vai contar essa história. Celebrarmos com a Assembleia da República um protocolo no sentido de olharmos para a democratização do Parlamento, da Assembleia Nacional à Assembleia Constituinte da Assembleia Constituinte da Assembleia da República ver como todo esse processo decorreu, e, portanto, vamos fazer dois documentários que que vão ser trabalhados nos próximos tempos. Vamos ter alguns formatos que já vêm de trás. Nós temos conversas como os filhos da madrugada, Anabela Mota Ribeiro, que vai ter a terceira temporada. Estamos a acabar de gravar. Ela vai para o ar dentro de poucos dias e vamos ter vinte e cinco conversas, desta feita num formato um pouco diferente, com familiares, pais e filhos, que que vão dar ali testemunho de que foi essa memória e esses cinquenta anos”.

OFF

A RTP Madeira está também a preparar a sua programação para celebrar o dia da Liberdade.

Gil Rosa, Subdiretor da RTP Madeira

“O 25 de abril de 74 proporcionou que, dois anos depois, a Madeira conseguisse o seu estatuto de região autónoma. Ao longo destes cinquenta anos, vamos atualmente dar conta disso. Estamos a preparar um documentário onde vamos precisamente retratar estes cinquenta anos do 25 de abril, na Madeira, que coincidem com 48 anos da autonomia regional. Estamos a preparar um documentário sobre essa matéria, onde, um dos nossos jornalistas, Luís Filipe Jardim está a tratar dessa questão e também estamos a preparar aqui um concerto, um concerto que terá a designação de melodia de voz na Madeira. Vai ser um concerto que vamos ter um coro com mais de cem crianças, 100 alunos dos ensinos público e privado da região, que vão cantar também, como a orquestra, uma orquestra da direção de serviços de Educação Artística da Madeira, que vão cantar precisamente músicas alusivas ao 25 de abril, aquelas canções emblemáticas. Vamos fazer por exemplo no dia 24 à noite um grande debate envolvendo enfim várias figuras da sociedade madeirense, que vão falar da importância do 25 de Abril. E depois, vamos também na área da informação acompanhar todas as iniciativas e são muitas aquelas que também acontecem na Madeira relacionadas com estes cinquenta anos do 25 de abril”.

OFF

Na RTP 1, a programação contará com ficção, séries documentais e música.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“Dentro destes géneros nós vamos continuar com alguns conteúdos que já estavam em andamento Este mês de abril. Já transmitimos dois concertos relacionados com o 25 de abril. Vamos ainda transmitir mais um ou dois concertos durante este mês que estavam gravados. Mas

no próprio dia 24 de abril, vamos transmitir em direto o concerto que vai acontecer no Terreiro do Paço, em Lisboa e no Porto, também um concerto idêntico nos Aliados. E vamos transmitir estes dois concertos em direto, com ligações ora ao porto, ora a Lisboa e esses dois concertos terminarão com uma grande festa. Fogo-de-artifício na noite de vinte e quatro para vinte cinco. Esse será, digamos, um grande momento musical com as duas cidades juntas numa emissão na RTP”.

OFF

O último trabalho realizado por António Pedro Vasconcelos, uma série documental desenvolvida pelo realizador nos últimos quatro anos e terá estreia na RTP1.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“Portanto, há uma série de nove documentários de quinze minutos cada um. Ele entrevistou dezenas de pessoas ligadas à forma como o 25 de Abril foi sendo trabalhado ao longo de muitos meses antes do dia propriamente dito, entrevistou, como disse muitas figuras, muitas personalidades ligadas a esse movimento, sobretudo, militares que estiveram ligados ao 25 de abril. A série chama- se a conspiração e é realmente um dos nossos principais destaques para estes dias centrais do 25 de Abril e vamos ter também na área da ficção, em termos de destaque no próprio dia 25, à noite, emitir um filme “O implicado”, que é o filme sobre o Salgueiro Maia sobre o capitão, um dos capitães centrais na Revolução do 25 de abril e que será emitido na própria noite do 25 de abril”.

OFF

A RTP 2 não esquece os mais pequenos e para este público foi pensada uma programação muito especial.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Já começamos a celebrar no dia um de abril no Zig Zag, começou uma série chamada vinte e cinco curiosidades sobre o vinte e cinco de Abril, que tem uma canção muito engraçada e que explica às crianças o que é que como é que se vivia na escola e na vida antes do vinte e cinco de abril. O que é que era a vida de uma criança antes do 25 de abril. Desde logo que que não se estudava. Até aos dezoito anos, só se estudava até aos onze. Que os professores até podiam ter uma régua que agora isso seria impensável. E outras coisas da vida quotidiana”.

OFF

A programação culta e adulta vai privilegiar conteúdos mais alternativos, procurando os lados menos visíveis e testemunhos singulares do 25 de abril.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Vamos ter uma história da luta operária em Portugal. São cinco episódios dirigidos pela historiadora Raquel Varela. Todos os dias, durante a semana do 25 de Abril, portanto, começa a 22, começa segunda-feira e acaba na sexta-feira, a 26. Vamos ter dois episódios sobre as mulheres no exílio. Fala-se imenso não é de muitas pessoas que foram exilados Doutor Soares, Doutor Álvaro Cunhal. Mas nunca se fez nada sobre como é que as mulheres viveram o exílio.

Portanto, vamos ter dois episódios no dia 24 e 25 porque as senhoras ainda estariam exiladas nessa altura, as mulheres no exílio. No dia 25 vamos ter um programa de músicas do 25 de abril, a seguir ao 25 de abril mas as de segunda linha, as que não ficaram tão conhecidas e depois a seguir teremos uma biografia do João Abel Manta, que é o designer dos cartazes a seguir ao 25 de abril e depois continuaremos até dia 1 de Maio a ter, por exemplo, uma biografia do editor Ribeiro de Melo, que era um homem extremamente extravagante e que fez coisas muito engraçadas e que é que edita livros que foram censurados e teremos ainda um outro programa chamado rua do prior quarenta e um, que é a história de um homem italiano, um jornalista italiano que veio a correr a seguir ao 25 de abril para Portugal, ver o que é que isto era e que voltou quase cinquenta anos depois para ir aos sítios onde ele viveu e aos sítios onde esteve instalado, nomeadamente no quarenta e um da Rua do prior, que agora é um condomínio fechado e que naquela altura era uma casa abandonada”.

OFF

O 25 de Abril está na memória de muitos portugueses, mas para os que não viveram esta transição histórica, social e política, a RTP memória vai trazer para ao presente o nosso passado.

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

“Há algumas produções próprias, todas elas feitas através do arquivo RTP. Naturalmente dou alguns exemplos, por exemplo, os Caminhos de Abril, que são uma coleção de mini episódios, uma coleção temática que no fundo ilustra todos os laivos e tentativas de liberdade até chegarmos a setenta e quatro que foram tentados, digamos assim, no país. Mas também depois, os primeiros sonhos, as primeiras grandes ilusões pós Abril. Temos, por outro lado, também, um trabalho feito com o Paulo Dentinho, chamado os Últimos Dias, que reflete exatamente os últimos seis dias antes do dia vinte cinco de abril de setenta e quatro. O que se via nas notícias? Qual era o espírito do mundo, o gist, digamos, no momento e cada um dos episódios para estes seis dias, sendo seis episódios, tem seis convidados que vão ajudar a relatar um pouco essa história com este apoio dos noticiários, com as exatas notícias do noticiário desse dia temos também um outro trabalho com algum fôlego feito pelo nosso colega Rui Alves, que está a desenvolver um documentário sobre a história do futebol e um pouco a história do desporto em torno da revolução que se viveu antes. O que se viveu depois? As dificuldades, as mudanças estruturais que houve, o federativo e a própria Federação, toda a organização desportiva, as tentativas, o que ficou para trás ou não, com o título muito sugestivo chamado Salazar, não ia à bola. Além disso, nos últimos tempos, a RTP Memória tem vindo a produzir, por exemplo, com o Paulo Dentinho, também com o jornalista Paulo Dentinho. As imagens de abril, uma conversa longa feita percorrendo o próprio dia vinte e cinco de abril todo com o grande fotógrafo Alfredo Cunha. Enfim, para não falar logicamente de todos os trabalhos de fundo, como por exemplo, fizemos Memórias da Revolução, que são boletins diários, que poderão ser consultados num site online, também dedicado para o efeito de todo o período do verão quente desde o 11 de março até ao 25 de novembro. Para além disto, naturalmente a RTP memória é também ela própria, um agregador e um repositório de muitas outras produções”.

OFF

Não podemos celebrar abril sem falar do jornalismo, dos jornalistas e da informação, mas também da desinformação. A liberdade não se escreve sem jornalismo. Foi o tema do sindicato dos jornalistas para a greve geral de 14 de março que fez parar vários órgãos de comunicação social.

Há mais de 40 anos que não havia uma greve geral de jornalistas e não podemos falar de democracia, de uma democracia saudável sem falar de jornalismo. Quais serão os desafios para os próximos 50 anos?

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Estamos num momento difícil?

Luís Filipe – presidente do sindicato de jornalistas

"Estamos num momento muito difícil e estamos num momento de perceber que não é por acaso que se diz e que é um dos pilares da democracia a informação. Nós vivemos num tempo em que a desinformação tem grandes investimentos. É hoje uma máquina muito cada vez mais perfeita como as deep fake, por exemplo, nós vemos políticos, pessoas da sociedade a dizerem o que não disseram, vemos retóricas a serem construídas com algum fundo de verdade, mas completamente desvirtuadas, em função da realidade. E é aí que entra o jornalismo. E o que é que é possível fazer para defender esse jornalismo livre? Se o jornalismo tem a responsabilidade de se aproximar das pessoas, contarem a vida das pessoas, provarem que a informação é neste momento essencial para que todos nós, enquanto sociedade, tenhamos a informação correta para podermos decidir de uma forma mais correta, mais distante. Então, esse jornalismo deve ser apoiado, tem de ser apoiado e neste momento, não é apoiado. É uma das áreas com menos apoios, área é muito precária, um jornalista que é precário, que tem salários muito baixos, dificilmente responde a esta exigência e, portanto, isto é um todo. Não há uma cura, não há uma cura milagrosa para de hoje para amanhã termos um jornalismo sustentável e saudável, todos nós, enquanto sociedade, E não só os jornalistas, mas também nós jornalistas, temos que fazer este caminho".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Já que estamos a falar de 50 anos de passado. Vamos falar de quinze anos de futuro. Quais são os principais desafios da comunicação social e dos jornalistas? Tanto quanto é possível saber 50 anos.

Luís Filipe – presidente do sindicato de jornalistas

"Os jornalistas têm de reconquistar a capacidade de ir para a rua. Falar com as pessoas têm a responsabilidade de que todos nós, quando vemos televisão, quando ouvimos rádio ou compramos jornais, possamos sentir, está ali um pouco de mim. O nosso trabalho não é nosso, é das pessoas e esse é o desafio nos próximos cinquenta anos".

OFF

Não sabemos como serão os próximos 50 anos, mas temos a obrigação de tentar conhecer e mostrar o que se passou nestes 50 anos de democracia e o que eles trouxeram de diferente das décadas da ditadura.

Todos estes conteúdos que aqui foram anunciados ficarão disponíveis no site criado pela RTP para assinalar os 50 anos do 25 de Abril. A televisão pública associou-se, e bem, às comemorações oficiais, criando novos programas e desvendando nos seus preciosos arquivos mais materiais que são hoje matéria de História. Porque não podemos esquecer.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana

EPISÓDIO 16 – 27 DE ABRIL 2024

DURAÇÃO: 15:35 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão viaja hoje até às instalações da RTP mais a norte de Portugal. Viana do Castelo, no Minho, Bragança e Vila Real, em Trás-os-Montes.

A coordenação destas delegações é feita a partir da RTP Porto, em diálogo com os jornalistas locais para a definição das reportagens do dia-a-dia.

Sandra Sá Couto, coordenadora de Informação na RTP

“Nós, aqui no Porto, lidamos diretamente com Viana do Castelo, Vila Real e Bragança, e funciona de duas maneiras ou há alguma coisa de agenda, um líder partidário, por exemplo, que vai a uma das delegações e, portanto, conversamos com o jornalista ou repórter de imagem para ir lá mas, na maior parte das vezes, as delegações propõe-nos histórias, propõe-nos temas que nós aceitamos, consoante o tema que nos é proposto. Percebemos qual é o jornal para o qual se destina e é a melhor maneira de funcionar, porque são os jornalistas que trabalham nestas áreas que conhecem realmente a Região”.

OFF

É o caso de Maria Cerqueira. Acompanhou a abertura da Delegação da RTP, em Viana do Castelo, há precisamente 30 anos.

Maria Cerqueira, Jornalista da RTP

“A primeira década, se pensar nos grandes acontecimentos, eu lembro-me do orçamento do queijo Limiano, lembro-me do pós-orçamento do Queijo Limiano quando Paulo Portas deixou Daniel Campelo de castigo. Foi uma década com muito trabalho político, que foi para mim também uma grande escola, com Jorge Coelho cá muitas vezes, José Sócrates, primeiro-ministro, António Guterres e portanto, acho que o Alto Minho, nessa década foi assim digamos um bauzinho de muitas negociações políticas e posso também associar a essa primeira década o auge dos estaleiros, digamos assim, os estaleiros na baixa, numa empresa com centenas de trabalhadores, encomendas de todo o mundo. Era a grande escola de construção naval e nessa altura, até o presidente do Conselho de Administração chegou a ser Duarte Silva, ex-ministro da agricultura, que já faleceu infelizmente e, portanto, havia também muito valor notícia nos estaleiros, com muitas encomendas. Na segunda década, temos o caso Prestige e temos a decadência dos estaleiros e também temos a percorrer estas três décadas o prédio do Coutinho, portanto, o prédio do Coutinho, na primeira década, anunciaram que iria ser demolido sem os moradores nunca terem... souberam pela RTP. Eu cheguei a entrevistar moradores que viviam em França e que iam almoçar e estávamos nós em direto e eles souberam pela RTP que a casa ia abaixo”.

OFF

O naufrágio do Navio Prestige, a 13 de novembro de 2002, libertou 77 mil toneladas de fuel e causou a maior catástrofe ambiental da costa galega. O caso teve até consequências políticas em Espanha e ajudou à queda do Governo de Aznar. Foi uma cobertura marcante na vida profissional da jornalista da RTP de Viana do Castelo.

Maria Cerqueira, Jornalista da RTP

“Nós fomos os primeiros a chegar eu orgulho-me que as nossas imagens ainda foram vendidas para muitas televisões e ficamos até o fim. Portanto, e e foi um caso que além de ter sido uma grande uma grande catástrofe ecológica com grande prejuízo para a pesca, porque sabemos que a Galiza tem a maior frota pesqueira e são os maiores produtores, por exemplo, de mexilhão, e foi complicado a nível económico, a nível ambiental, mas foi também a causa de Aznar ter perdido as eleições”.

OFF

O fluxo noticioso de Viana do Castelo faz com que esta Delegação seja quase uma extensão da RTP Porto. São muitas as notícias de interesse nacional e até internacional que saem daqui, mas os trabalhos de âmbito regional, nomeadamente para o Portugal em Direto, também são uma parte importante. A jornalista assume ter um compromisso com a Região e especial gosto pelo jornalismo de proximidade.

Maria Cerqueira, Jornalista da RTP

“Já abandonei a praia para ir fazer a grande cobertura dos incêndios em plena Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, em que até a pousada de Santa Luzia teve que ser evacuada a meio da noite, mas tenho orgulho nisso, tenho muito orgulho nisso. Eu gosto do jornalismo de proximidade. Contesto, muitas vezes, aquilo que dizem o sotaque em televisão e em rádio, porque eu acho que a diferença também está por aí, não é porque é que temos todos que procurar um sotaque neutro, mas o sotaque neutro provavelmente não é o de Cascais. E, portanto, eu acho que o país e o jornalismo de proximidade são importantes na nossa casa. É o nosso dever de serviço público, deve ser acarinhado e mantido e melhorado, desenvolvido. Defendo isso, e defendo isso também como um compromisso que eu tenho, é um compromisso que eu tenho com a região”.

OFF

Maria Cerqueira trabalha em equipa com Luís Pinto. O repórter de imagem tem 38 anos de casa. A sua carreira passou por Lisboa e pelo Porto, e finalmente Luís Pinto optou por ir para Viana do Castelo por motivos pessoais e também para abraçar um novo desafio profissional.

Luís Pinto, Repórter de imagem da RTP

*“A maioria das vezes as peças são editadas por nós, já têm de estar prontas e editadas. E a maneira como as editamos será por computador, porque a região ainda é grande e a delegação é aqui em Viana do Castelo mas se estivermos em Monção ou Melgaço, não temos tempo para vir editar e então no computador e em vários sítios, até há um pormenor muito engraçado que muitas pessoas conhecem as regiões, às vezes num caderninho onde tomam nota dos restaurantes onde se come melhor, nós tomamos nota de onde há melhor internet, ou seja, num café, numa biblioteca, numa pastelaria, num restaurante que é precisamente para que a reportagem chegue o mais depressa possível para não correr o risco de não ser emitida. O facto de trabalhar aqui e fazer uma coisa diferente acho que o complementar. As duas coisas ao fim de tantos anos na RTP foram as duas coisas que me deram. Ainda tenho força para trabalhar mais uns aninhos e fazer coisas diferentes. **O equipamento que dispõe aqui na aqui em Viana do Castelo. O equipamento que dispõe aqui é suficiente. Precisavam? têm queixas?** É evidente, não digo que o caso de Viana de Castelo seja diferente de todos os lados da RTP e RTP. Eu acho que, em geral, mais tarde ou mais cedo, vai ter que investir em equipamentos novos como esta*

Câmara, que já tem muitos anos, vão se desgastando. Ah, agora a verdade é uma das verdades aqui que o equipamento tem vindo sempre a melhorar”.

OFF

Os meios técnicos não são o maior dos problemas para as três delegações mais a norte de Portugal. É a falta de recursos humanos que traz o maior dos desafios para quem veste a camisola da RTP em Viana do Castelo, Bragança e Vila Real. O caso mais gritante é o do Centro de Informação Regional de Bragança que já teve 15 trabalhadores. Hoje são apenas três.

Nuno Miguel Fernandes, Repórter de imagem da RTP

*“O grande problema é os recursos humanos, é a falta de pessoas que é transversal também à região na verdade. Mas é uma coisa que eu também não entendo muito, até porque nós fazemos reportagens todos os dias a falar disso, da falta de pessoas em trabalhos agrícolas, em todo o tipo de trabalhos e depois a nossa própria empresa também tem, tem o mesmo problema, não é? E sim, nós temos aqui um problema que é o problema distância, enquanto no litoral nós podemos falar sempre em quilómetros. Nós aqui temos que falar em tempo, porque os quilómetros feitos no litoral são diferentes dos quilómetros feitos aqui na região e porque ainda temos estradas nacionais e muito bonitas, até, e que eu gosto muito, mas o que é certo é que demoramos mais tempo a chegar. E para dar voz àqueles todos da região, às vezes não é assim tão fácil. Eu dou um exemplo, por exemplo, se formos a Freixo de Espada à Cinta são cerca de duas horas e dez, duas horas e um quarto e a andar bem. **Portanto, mas faz parte do vosso território?** faz parte do nosso território, exatamente o nosso território é o maior de todos do país. **Portanto, quantos distritos é que representa?** nós representamos aqui dois distritos de Bragança, Vila Real São vários concelhos distritos, mas estão muito afastados. Eu não consigo dizer a distância, mas estão muito afastados, **vamos falar na distância em horas?** Se nós formos de uma ponta de um distrito a outra ponta do outro distrito, são pelo menos quatro horas. Isso acontece e nós estamos aqui em Bragança. E pode acontecer nós hoje termos que ir a Boticas fazer uma reportagem e estarmos a chegar ou ou ainda estarmos a caminho e mandarem-nos a Freixo de Espada à Cinta ou termos que ir a Freixo de Espada à Cinta. Isso não acontece todos os dias, mas acontece e o que é certo é que às vezes não conseguimos e na realidade, quando não conseguimos, nós também ficamos chateados, porque na realidade, não estamos a fazer o serviço público que queríamos”.*

OFF

Patrícia Lopes é jornalista do Centro de Informação Regional de Bragança. Está há 25 anos na RTP, mas por motivos de força maior o seu trabalho é hoje feito apenas na redação. Das suas mãos saem muitas vezes trabalhos da área internacional para os espaços de informação da RTP.

Patrícia Lopes, Jornalista da RTP

“Neste momento, eu já não faço reportagem no exterior. Trabalho só no mesmo dentro da delegação e o que eu faço nesta altura é mais reportagem internacional, venho de manhã, claro. Trabalho mais para o Jornal da Tarde. Peças do Dia de Internacional. Tenho acesso às agências de notícias e é aí que vou buscar a informação. Faço o texto e faço também edição porque para trabalhar aqui e para fazer edição eu tive que ter formação. E acho que a falta de pessoal é que a principal dificuldade, porque nós já tivemos aqui quando havia as emissões regionais das regiões, éramos quinze pessoas ao longo do tempo foi-se esvaziando a delegação e neste momento somos três”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

São três elementos, na verdade só um repórter de imagem, portanto a equipa de reportagem na verdade acaba por ser só uma equipa de reportagem?

Sílvia Brandão, Jornalista da RTP

“Acaba por ser só uma equipa de reportagem sou eu e o repórter de imagem o Nuno Miguel Fernandes que acabamos por cobrir toda todo o distrito de Bragança. É certo que as coisas em termos de acessibilidades melhoraram muito nos últimos anos, mas ainda continuamos a ter que percorrer longas distâncias e isso acaba por ser um constrangimento que ainda, que ainda verificamos no nos tempos atuais e portanto sou eu e ele, acabamos por reportar todas, todo este distrito e temos ainda que muitas vezes, dar apoio também ao distrito de Vila Real, que nem sempre tem equipa alocada, não é?”

OFF

Essa falta de pessoal é reconhecida pela coordenação do Centro de Produção do Norte da RTP. As reportagens ficam muitas vezes limitadas ao número de jornalistas e repórteres de imagem afetos às delegações de Viana do Castelo, Bragança e Vila Real. Hoje existe apenas uma equipa completa por delegação para cobrir uns territórios vastíssimos.

Sandra Sá Couto, coordenadora de Informação na RTP

“São poucas pessoas. Viana do Castelo tem uma jornalista, Vila Real, mais um jornalista e Bragança, outra jornalista. Portanto, para um território tão grande, é óbvio que são poucas pessoas e que, muitas vezes, quando estão de fora, por exemplo, Vila Real está de folga e Bragança está a trabalhar muitas vezes, Bragança tem que ir à área de Vila Real. Portanto a área ainda se torna ainda maior. São poucas pessoas fazem tudo o que é possível, mas muitas vezes não se conseguem desdobrar. E, quando isso acontece, e quando há algo realmente importante nessas regiões, também aqui no Porto, há um esforço para os jornalistas e para os repórteres de imagem se dirigirem a essas regiões para fazer esses trabalhos. Agora, se me pergunta se eu gostava de ter mais jornalistas em Viana do Castelo, em Vila Real, ou em Bragança eu adorava. Só que os constrangimentos financeiros são por toda a gente e, portanto, nós conseguimos compreender que não seja fácil nesta altura contratar pessoas”.

Sílvia Brandão, Jornalista da RTP

“Há um a um processo de interação. Procuramos responder àquilo que nos pedem, mas sugerimos muitas coisas, até porque somos nós que estamos no terreno e acabamos por ter uma percepção da pequena história às vezes e de grandes, de grandes histórias também, que acabam por se transformar em reportagens que depois entram em todos os jornais. Não é? E o relacionamento é bom. Vamos gerindo isso dia a dia. É evidente que há conflitos, ah, muitas vezes, porque exatamente porque não há recursos humanos para fazer tudo aquilo que nos que nos pedem e que sugerimos. O que é que costuma cair? o que é que costuma cair normalmente as notícias de âmbito local”.

OFF

Falemos agora das instalações destes núcleos. Viana do Castelo funciona hoje numa sala da Escola Superior de Educação que, apesar da ótima localização, não tem condições de insonorização para gravar peças. Idêntica situação é a de Vila Real, instalada numa sala da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Bragança tem, sem dúvida, as melhores instalações das delegações mais a Norte de Portugal, com espaço de sobra para os três trabalhadores que fazem autênticos milagres para assegurar o trabalho numa região tão vasta.

É muito importante dar a estas regiões os meios necessários que garantam a visibilidade destes territórios e das suas populações. O trabalho aqui feito destina-se aos serviços noticiosos nacionais e também a programas como o Portugal em Direto ou eixo Norte Sul, garantes de um jornalismo de proximidade que tanta falta faz. São zonas periféricas face aos grandes centros urbanos, e por isso mesmo, ainda mais importantes na informação do País que a RTP deve dar.

O Programa da provedora fica por aqui. Até à próxima semana.

EPISÓDIO 17 – 04 DE MAIO 2024

DURAÇÃO: 13:07 MINUTOS

OFF

Está no ar há quase 20 anos. O Portugal em Direto é um dos Programas com maior audiência no canal público da televisão portuguesa.

De segunda a sexta-feira a partir das 5 e meia da tarde, o Programa de Informação da RTP 1 dá a conhecer os problemas da população de Norte a Sul do País, sem esquecer as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Mostra também o que de melhor se faz em Portugal numa ótica de jornalismo positivo e de proximidade. Para a Direção de Informação, o Portugal em Direto já entrou para a história da Televisão em Portugal.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“É um programa histórico que falo do Portugal em direto, como um programa que, aliás sucedeu a outro programa, também com os mesmos objetivos, chamado Regiões, o Portugal em direto vai fazer no próximo ano vinte anos. Portanto, já é um programa da história da televisão portuguesa não apenas da RTP, e é o programa mais, digamos, mais óbvio dessa ligação de proximidade às comunidades, à sociedade portuguesa. Procuramos que esse jornalismo de proximidade, local, regional tenha visibilidade e espaços próprios. Não quer dizer que a informação regional local fique por aí. Queremos que ela faça parte dos jornais, seja da RTP 3, seja da RTP 1 ou da RTP 2, e, portanto, é obviamente um programa que temos que temos muito carinho por ele, não só pelo tempo que leva, mas porque é ele que muitas vezes representa a RTP junto das pessoas de norte a sul”.

OFF

Para dar voz a todos os portugueses, de Trás-os-Montes, do Algarve ou da Madeira, o Portugal em Direto conta com o precioso trabalho dos correspondentes espalhados por Portugal Continental e ilhas. Só assim é possível mostrar um Portugal completo sem excluir o que acontece num interior mais afastado dos grandes centros. Mas para quem trabalha em pequenas redações nem sempre é fácil responder a todos os pedidos para os vários espaços de informação da RTP.

Fernando Miravent, Coordenador do Portugal em Direto

“É fundamental contar com as delegações, porque se o programa procura ser um retrato do que vai acontecendo e do que é importante de norte a sul do país e também na Madeira e nos Açores, temos que ter de contar com o trabalho deles e eles têm dificuldades porque há delegações que têm poucos meios de Bragança mesmo do Alentejo. Évora tem uma equipa a trabalhar em permanência e tem uma pessoa que substitui em caso de férias ou doença. Portanto, quando eu digo uma equipa é um jornalista e um jornalista-repórter. Isso é curto”.

Filipa Costa, Coordenadora do Portugal em Direto

“Muitas vezes estamos a contar com uma reportagem, mas eles têm que ir para um direto, como ontem aconteceu, um incêndio numa fábrica, seja que tipo de assunto for e, portanto, infelizmente não podemos ter as equipas sempre disponíveis apenas para o Portugal em direto, mas também não é essa a missão dos centros de informação regional, porque tem que responder a todas as solicitações da informação”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Em regra, digamos este esticar de lençol, não deixa de lado o essencial e mesmo quando achamos que hoje era o dia certo, se não formos lá hoje iremos lá amanhã e o Portugal em direto tem sido uma montra disso mesmo do que se vai fazendo a vários níveis, nas tradições, na cultura, na política local, nos problemas que surgem nas várias áreas económicas e sociais, e portanto, é essa montra que é muito relevante e é emblemática. É um programa com grande audiência. É um programa grande, de cerca de hora e meia, que todos os dias, diariamente, asseguramos tem um rosto emblemático. A Dina Aguiar é uma das faces. Às vezes muitas vezes é o programa da DINA e isso é uma coisa boa para nós e é uma grande profissional que temos à frente desse formato e também do eixo Norte Sul na RTP 3”.

OFF

Não é fácil dissociar Dina Aguiar do Portugal em Direto. A jornalista que trabalha há mais tempo na RTP, com 46 anos de carreira, não esconde o orgulho que sente em apresentar desde sempre um Programa com que se identifica e onde se sente realizada.

Dina Aguiar, Apresentadora do Portugal em Direto

“Faço de facto com muito prazer e muito amor as temáticas. O conteúdo do programa tem muito a ver comigo com aquilo que eu sou com as minhas origens e desde que eu faço há praticamente há trinta anos o Portugal em Direto, estou ligada desde o início desde que passou, por isso passou a ser o programa da Dina mas o Programa Regiões começou em 95 eu começo mais tarde, não propriamente no início, mas desde aí estive sempre ligada à informação regional, alternando com várias apresentadoras, desde a Fátima Campos Ferreira, a Patrícia Galo, a Ana Fonseca e em 2005, quando se decidiu este formato a direção na altura escolheu, escolheu-me a mim como a única protagonista apresentadora clara. Só substituída em tempo de férias? em tempo de férias, exatamente. (...) O Portugal em Direto marca existe pela diferença, é serviço público e é serviço público. De facto, eu acho que hoje o Portugal em direto ganhou um espaço e é um programa âncora da estação e talvez por essa diferenciação no conteúdo, na informação, as pessoas acabam por se sentir bem, porque além disso, tem o meu cunho positivo, a forma de ouvir a vida de forma positiva. Mas é a filosofia do programa, é mostrar o lado positivo da vida das pessoas, do trabalho que se faz neste país. Informar, formar e isso acaba por atrair as pessoas, porque as pessoas estão fartas de desgraças, de coisas negativas que é ...estão cansadas e sentem que, de alguma forma, ao estarem a assistir ao programa estão muito mais

relaxadas e aliviadas e no fundo acabam por conhecer coisas do país que não conheceriam de outra forma”.

OFF

Dina Aguiar é também o rosto do Eixo Norte Sul da RTP 3. Este é um programa de meia hora que passa no canal de notícias da RTP, para o qual são selecionadas peças mais curtas, numa espécie de mini Portugal em Direto. É no Portugal em Direto da RTP1 que as peças são mais abrangentes. Garantir uma hora e meia de Programa diário, cinco dias por semana, com todos os imprevistos e limitações, é o maior desafio para quem coordena o Portugal em Direto.

Fernando Miravent, coordenador do Portugal em Direto

“Para mim, este é um dos programas que marca de facto, a essência da própria RTP, do serviço público e do serviço público de informação. É o programa de informação regional e de informação de proximidade. Quer dizer que as pessoas compreendem muito facilmente do que estamos a falar e anseiam porque decodificamos as coisas, denunciamos situações que estão mal, mas também divulgamos iniciativas coisas que estão a transformar o nosso país, sobretudo o nosso país interior, que divulguem as iniciativas em que tantas autarquias, as associações se empenham, com as quais querem mexer com as regiões. E elas sabem que este espaço de informação é o espaço deles e muito a pena nossa, temos de não poderem correr a todos e a todos os que mereciam~”.

Filipa Costa, Coordenadora do Portugal em Direto

“Temos sempre o nosso chamado nosso stock. Portanto, nós vamos fazendo sobretudo pela equipa de Lisboa, que também não é muito grande, mas nós vamos tentando fazer reportagens que sejam o que nós chamamos intemporais e que possam estar ali sempre para avançar quando uma coisa que nós tínhamos previsto para o dia não foi feita por um colega, porque teve que ir atender à prioridade da informação”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Consegue-se chegar a todo o lado?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Com vontade conseguimos com um planeamento e com um esforço há que dizê-lo E se não conseguirmos porque no terreno não é possível desmultiplicar o mesmo profissional em em várias saídas para o terreno, alguém irá em seu seguro do outro lado. Portanto, essa gestão permanente de recursos, face à tal escassez, tem que ter muita criatividade e muito esforço de ver o que é que podemos fazer em cada momento tentando tirar partido dos recursos que temos”.

OFF

O problema de falta de recursos humanos é generalizado na RTP, não atinge só os territórios do interior - faltam jornalistas também na redação de Lisboa.

Filipa Costa, Coordenadora do Portugal em Direto

“Os nossos colegas estão aqui em Lisboa, fazem toda a área até ao Ribatejo, portanto: até Abrantes cobrimos toda a zona oeste até Alcobaça e toda a Costa Vicentina até Sines. Portanto é uma grande área, uma área muito extensa”.

OFF

O Portugal em Direto prepara-se para percorrer o País, ainda em 2024. Dina Aguiar e a sua equipa vão sair do estúdio para trabalhar dos telespectadores.

Dina Aguiar, Apresentadora do Portugal em Direto

“Eu antes de me reformar antes de deixar o programa. E isso vai acontecer. Um dia eu desafiei a direção que gostaria de andar pelo país a pôr em prática esse jornalismo de proximidade, ir junto das pessoas e ficou a promessa até do próprio diretor António José Teixeira na apresentação da grelha de que este ano o programa ia andar pelo país e espero que isso se venha a concretizar. Já o fizemos, já estivemos em Podence e de facto há uma... as pessoas ficam muito mais satisfeitas, sentem que não estamos isolados no estúdio e essa proximidade acho que dá outro valor ao programa”.

OFF

A equipa do Portugal em Direto recebe a reação dos telespectadores e até gostava de receber mais. Este retorno chega de Portugal, mas sobretudo além-fronteiras.

Filipa Costa, coordenadora do Portugal em Direto

“Nós recebemos às vezes alguns telefonemas e emails de emigrantes, gostávamos de ter mais retorno de saber o que é que as pessoas gostam mais de ver. Às vezes as pessoas também não têm às vezes a noção das suas vidas pessoais e profissionais não conseguem também contactar-nos a toda a hora, mas o retorno que temos é sempre muito positivo, porque as pessoas quando nos contactam ficaram muito contentes porque seja no Canadá, na Austrália, no Japão, gostaram de ver a sua terra retratada no Portugal em direto”.

Dina Aguiar, Apresentadora do Portugal em Direto

“É engraçado porque nós não temos noção da dimensão deste programa. Para além... eu fui aos Estados Unidos e parecia que estava nos anos oitenta no telejornal, porque é um programa que é visto à hora do almoço nos Estados Unidos que as pessoas veem, porque é através do Portugal em direto que as pessoas têm notícias das suas terras e do que se passa em Portugal. Portanto, e este é um programa que, quando começou, por exemplo, lembro-me de nós estarmos a pensar. E agora, como é que nós vamos preencher uma hora de programa será que há conteúdo? Será que há notícias para uma hora do programa? Sempre houve, passámos para a hora e meia e voltamos aí já não tínhamos tantas dúvidas. Já sabíamos que se conseguíamos preencher uma hora também iríamos conseguir preencher hora e meia e, portanto, e hoje em dia eu acho que até poderíamos ir mais um bocadinho às duas horas, mas eu não quero. Já é a informação regional a mais”.

OFF

Considero que os programas Portugal em Direto e o Eixo Norte Sul são exemplos de serviço público de televisão. É um tipo de jornalismo que não encontramos em nenhum outro canal nacional.

Através deles os telespectadores de todo o mundo - uma audiência significativa e constante - têm acesso a realidades da vida dos portugueses, no que têm de positivo e festivo e também nas dificuldades quotidianas.

A Associação Portuguesa de Imprensa reconheceu estas qualidades quando, no ano passado, lhe atribuiu um merecido prémio. Creio também que é recomendável que sejam reforçados os meios de que esta equipa dispõe, para que possa cumprir ainda melhor a sua função.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 18 – 11 DE MAIO 2024

DURAÇÃO: 16:26 MINUTOS

OFF

Hoje, no Voz do Cidadão vamos abordar diversas questões colocadas pelos telespectadores que escrevem à provedora.

Continua a ser frustrante para muitos telespectadores residentes fora de Portugal não conseguir aceder a conteúdos emitidos nos canais RTP através da RTP Play.

Esta plataforma é grátis e de livre acesso em todo mundo, mas os direitos que permitem disponibilizar programas, séries, filmes e provas desportivas nem sempre estão garantidos.

Mensagem de Telespectador

“Vivo na Alemanha, na RTP Play está a ser emitido o The Voice Kids, mas eu não consigo assistir porque surge a mensagem “sem direitos de transmissão on line”. Então porque está disponível este programa na RTP Internacional?

OFF

Em resposta a esta mensagem os responsáveis da RTP indicam.

“De facto, a RTP conseguiu negociar os direitos do programa para ser transmitido na RTP Internacional, mas apenas para a emissão linear, ou seja, transmissão em contínuo e em sinal aberto. A RTP Play não é um canal é uma plataforma de streaming – e a Produtora não vende os direitos de streaming para o The Voice fora do território (Portugal).

OFF

Sobre o mesmo programa recebi outro tipo de sugestão.

“Porque não ponderar a hipótese de passar o programa The Voice kids para o domingo à tarde? A hora a que transmitem este programa que todas as famílias poderiam assistir juntas, faz com que o mesmo acabe tardíssimo. Quem não tem box (para ver noutra altura) não consegue ver ou então rouba horas ao descanso! Seria uma excelente opção, em vez de programas da tarde que abusam da música pimba/popular e, francamente, não trazem nada de novo! Ao menos com este programa, há cultura, humor, humanidade e entretenimento de qualidade”.

OFF

Encaminhei esta sugestão para a Direção de Programas.

OFF

A área que me traz mais protestos continua a ser a informação. Num semestre recheado de eleições, o tema mais recorrente é a política.

Mensagem de Telespectador

“No passado dia 18 de abril, o partido ADN realizou a apresentação da sua candidatura às eleições europeias e, em particular, da candidata cabeça-de-lista, Joana Amaral Dias, figura pública nacional. Compareceram na apresentação da candidatura às eleições europeias alguns órgãos de comunicação social, cumprindo, assim, com o disposto na Constituição que consagra o princípio de direito eleitoral da igualdade de oportunidades e de tratamento das diversas candidaturas. Lamentavelmente, a RTP, empresa pública, financiada com dinheiro dos impostos dos contribuintes, não compareceu à apresentação da candidatura às eleições europeias do partido ADN. Espero, como portuguesa, que a RTP cumpra a lei e, principalmente, não continue a discriminar o partido ADN.”

Mensagem de Telespectador

“Verifico com alguma surpresa que a indicação das listas pelas diferentes forças políticas foi coberta pela RTP de forma tendenciosa e até anticonstitucional ao não referir de todo a candidatura por parte do partido ADN - Alternativa Democrática Nacional e da sua cabeça de lista, Joana Amaral Dias. Mesmo pondo de parte a isenção jornalística exigível, e se tivermos apenas em conta critérios editoriais, o facto deste partido ter sido largamente referido nas últimas eleições legislativas assim como o já largo percurso político da referida pessoa, parece-me no mínimo suspeita de tentativa de silenciamento de ambos os intervenientes por parte da estação pública”.

OFF

A RTP anunciou no dia 17 a candidatura de Joana Amaral Dias às eleições para o Parlamento Europeu como cabeça de lista do partido ADN. A candidatura foi oficialmente apresentada no dia seguinte, mas já tinha sido noticiada pela RTP.

A Lei n.º 72-A/2015, de 23 de julho, determina o seguinte:

“Durante o período da campanha eleitoral, os órgãos de comunicação social devem observar equilíbrio, representatividade e equidade no tratamento das notícias, reportagens de factos ou acontecimentos de valor informativo relativos às diversas candidaturas, tendo em conta a sua relevância editorial e de acordo com as possibilidades efetivas de cobertura de cada órgão”.

OFF

Considero que, nesta situação e nas presentes circunstâncias, a RTP cumpriu a obrigação de informar. Estarei, como é minha função, atenta a qualquer incumprimento da lei e a qualquer falha de equidade no tratamento dado pela RTP às diferentes candidaturas.

OFF

É frequente os telespectadores apresentarem problemas de caráter técnico e, naturalmente, peço sempre ajuda aos responsáveis das áreas respetivas.

Mensagem de Telespectador

“Vejo frequentemente os programas nacionais da RTP com a legendagem para surdos ativada e acontece que, por vezes, as legendas não correspondem ao programa que está a ser exibido. Foi o caso do Linha da Frente de ontem, 30 de março, cujas legendas correspondiam a um documentário sobre chá. Estou curiosa em saber se existe algum motivo técnico para que isto acontecer.”

OFF

Conforme nos explicou a responsável da área, neste caso em concreto não se tratou de um problema técnico, mas de uma possível ativação da página de teletexto incorreta para o programa exibido. Por ter sido entregue com pouca antecedência, o programa Linha da Frente do dia em causa nem sequer tinha sido legendado - talvez daí tenha nascido o engano.

“A plataforma Teletexto que serve os canais RTP1 e RTP2 é a mesma, ou seja, o mesmo conteúdo é rececionado da mesma forma em qualquer um dos canais RTP que tenha este serviço incorporado no sinal de emissão. No entanto, no caso da legendagem, o que distingue cada canal é o número da página que é necessário ativar para ter acesso às legendas corretas. Na RTP, ao contrário dos operadores privados, utilizamos várias páginas para a legendagem. Por isso temos a seguinte ordem de páginas para a legendagem: 884 – legendagem automática em programas direto na RTP2; 885 – legendagem automática em programas direto na RTP1; 887 – legendagem preparada em programas gravados na RTP1; 888 – legendagem preparada em programas gravados na RTP2 e a Pág. 889 – legendagem preparada em programas gravados na RTP Internacional. Neste caso o que aconteceu foi que a telespectadora abriu o teletexto e ativou a página 888 do teletexto (legendagem RTP2) quando estava a assistir ao programa Linha da Frente, da RTP1. De facto, à mesma hora, a RTP 2 estava a emitir um episódio da série documental PELA CHINA DE COMBOIO, que a dada altura fala sobre a produção de chá na China. Convém também esclarecer os telespectadores que quando um programa é emitido com legendas, junto ao logotipo do canal, na imagem em casa, surge a indicação da página que os telespectadores deverão ativar para ter acesso às respetivas legendas.”

OFF

Há cinco anos que A Nossa Tarde faz companhia aos telespectadores de segunda a sexta-feira. O programa em direto, conduzido por Tânia Ribas de Oliveira, procura ser uma alternativa à restante oferta televisiva no mesmo horário, cumprindo a missão de um serviço público de televisão: formar, informar e entreter.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Tânia como é que se consegue fazer todos os dias úteis um programa de 2 h e 30 com temas variados?

Tânia Ribas de Oliveira, Apresentadora da RTP

“Com muito amor, uma grande paixão, muito trabalho e muita confiança nas pessoas que fazem parte da equipa, por um lado os tratam dos conteúdos, por outro aqueles que produzem para que os conteúdos possam acontecer em televisão depois toda a equipa técnica e sabendo que todos os dias há uma aventura diferente e que a máquina não para.

OFF

Semanalmente A Nossa Tarde recebe em estúdio cerca de 50 convidados. Dos conteúdos do programa fazem parte histórias de vida, momentos de culinária, consultórios médico e jurídico, música e jogos.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Tens sempre que te adaptar às pessoas com quem estás, aos temas que estás a tratar, é difícil isso? Fazes isso com naturalidade ou é um trabalho que tens de pensar vou fazer assim.

Tânia Ribas de Oliveira, Apresentadora da RTP

“Não, eu faço isso com naturalidade para já porque nós quando desenhamos o programa e o cozemos não cozemos um assunto efetivamente pesado com uma música popular logo de seguida até porque isso nem sequer faz sentido dentro da cabeça de quem está a fazer o programa, muito menos de quem verá. Portanto as coisas já são feitas com esse bom senso previamente mas eu acho que é precisamente com essa onda, eu vejo este programa como o mar a bater na areia, há ondas maiores e há ondas mais pequeninas, é o facto de tanto estar na cozinha a falar da gastronomia como estar aqui a fazer o consultório médico com chamadas de fora ou consultório jurídico sobre assuntos de advocacia e sobre solicitadores porque as pessoas têm pouca possibilidade de irem a advogados exporem os seus casos em Portugal, acho que cumprimos aqui também essa tarefa de serviço público. Como depois ter música mais erudita, e também à sexta-feira termos dia de baile, termos jogos também à sexta-feira sempre para tornar o assunto mais leve, temos histórias de vida, temos reportagens incríveis porque o Tiago Góis Ferreira, a Inês Carranca e o Hélder Reis fazem trabalhos incríveis de reportagem que eu tenho imenso orgulho aqui no nosso programa, portanto eu acho que é o facto de andarmos aqui a navegar esta onda que torna esta onda bonita de ser navegada”.

OFF

Foi um dos conteúdos apresentados nestas emissões em direto que levou uma telespectadora a escrever à provedora.

Mensagem de Telespectador

“Hoje passou no programa a "Nossa Tardé" um tema Importíssimo, relacionado com as doenças respiratórias, um flagelo nos dias de hoje em todo o mundo e também muito comum em Portugal. Durante o programa falou-se, para além de outras doenças a DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÓNICA permito-me informar o nome da doença porque em Portugal pouca gente sabe o que é. O assunto merecia mais tempo de antena o que não aconteceu. Para além disso a apresentadora tratou-o de forma lamentável rindo do que as excelentes fisioterapeutas tentaram em tão pouco tempo explicar. Os assuntos desta importância devem ser tratados com respeito, o que não aconteceu”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que me trouxe aqui foi, enfim posso dizer ao fim de 2 anos e meio de provedora recebi uma mensagem a queixarem-se de um programa teu e a queixa dizia respeito de uma situação, estavam a falar sobre doença pulmonar obstrutiva crónica, e a pessoa que me escreveu achou que tu tinhas tratado do assunto com demasiada ligeireza. Tu lembras-te da situação? Lembra-me. Tu achas que estavas com demasiada ligeireza ou achas que estavas simplesmente a tentar dar um tom mais simples à coisa?

Tânia Ribas de Oliveira, Apresentadora da RTP

“Eu acho que a partir do momento em que a pessoa, e eu já tive obviamente a possibilidade de ler esse email, levou este tema para um lado mais pessoal eu tenho que pedir desculpa. Porque como responsável por aquilo que é dito neste programa, porque é feito em direto e acho que é importante as pessoas saberem disso, nada daquilo que eu digo está escrito por alguém não é fácil 2h e 30 de improviso constante e nesse caso em particular portanto peço desculpa a essa telespectadora se feri o seu lado pessoal porque sei que teve um caso muito próximo na família mas os constrangimentos de trabalhar em direto são também esses, às vezes aligeiramos o que

não deve ser aligeirado e tornamos pesado o que até pode ser mais leve. Porque um dia não são dias, porque nós somos todos pessoas, e todas as pessoas têm coisas muito boas e têm também muitas falhas e ainda bem que as têm. Mas eu lembro-me muito bem no final desse conteúdo o facto de me ter engasgado com um copo de água não ajudou ...desconcentraste-te? Desconcentrei-me, comecei-me a rir mas obviamente do facto de me ter engasgado e nunca...e atenção aquilo não era uma conversa sobre DPOC, era uma conversa com três fisioterapeutas respiratórias que estavam a dar variadíssimos exercícios, portanto uma conversa super prática, em pé, nada pesada, em que uma das fisioterapeutas estava sentada e a outra a fazer exercícios, e, portanto, era até por si só, e até em termos físicos no estúdio, uma conversa desconstruída nunca foi uma conversa séria. (...) Portanto enfim, quando li esse email percebi que era um caso pessoal, mas obviamente que o assunto não foi tratado com nenhum desrespeito por ninguém muito menos para com as pessoas em causa que estavam aqui no programa. Falamos nós de Portugal que é um dos países da Europa com maior número de doenças respiratórias e cardiovasculares, portanto claramente não foi assim, agora a partir do momento que há alguém que se dá ao trabalho efetivamente de escrever um email para a RTP porque está descontente da forma como o assunto foi abordado sim devo pedir desculpa mas eu sinto a consciência tranquila em relação ao trabalho que tenho vindo a fazer na RTP ao longo dos últimos 20 e alguns anos já, no entanto, eu sou uma pessoa como todas as outras e há dias mais felizes do que outros".

OFF

Ao longo destes primeiros meses de 2024, já muitos assuntos foram trazidos à Provedora do Telespectador. Alguns problemas tiveram uma solução imediata ou o mais rápida possível. Outros ficaram pendentes de um pedido de explicações sobre o do sucedido.

Há outros, como a falta de direitos de transmissão de alguns conteúdos para fora do território nacional, que ficam à espera de eventuais medidas de caráter político, com grande pena minha, já que me parece muito importante a ligação a Portugal de quem vive fora.

Continuo a tentar responder atempadamente a todas as mensagens, exceto, como já disse várias vezes, as que contêm insultos e linguagem imprópria. Mas nem sempre é possível responder em tempo útil, devido à grande quantidade de mensagens e sobretudo ao recurso frequente a campanhas massivas de mensagens sobre um mesmo assunto, regidas por apelos em redes sociais.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 19 – 18 DE MAIO 2024

DURAÇÃO: 11:44 MINUTOS

OFF

Hoje, dedicamos o programa ao canal de televisão generalista destinado aos países africanos de língua oficial portuguesa: Cabo Verde, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe e Guine Bissau.

A RTP África Iniciou a emissão a 7 de janeiro de 1998 e é um canal empenhado em espelhar na programação as identidades culturais, sociais e políticas de um território tão vasto e tão diverso como o Continente africano.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que organizas as vinte e quatro horas da RTP África?

Isabel Silva Costa, Diretora RTP África

“A RTP África tem desafios, como é óbvio. Porque até pelos constrangimentos financeiros, porque passamos todos, mas tem ao longo destes anos tentado sempre diversificar a sua oferta, não apenas na parte informativa, que mesmo assim já é quase 50% da programação do canal mas na sua grelha e nós temos mais de cinquenta por cento da nossa grelha de programas é feita especificamente para este canal, o que quer dizer que não é normal na oferta internacional dos canais do género. Aliás, não há mais nenhum canal deste género em que não é uma antiga Colónia, uma antiga, um antigo país a emitir para as suas colónias e a querer qualquer coisa em volta. Isto não é assim como eu expliquei, não é de cá para lá. Não, é de lá, porque são os nossos colegas africanos nas delegações são os produtores africanos que estão a fazer programas e que nos trazem e que nós, por razões técnicas, somos nós a emitir cá”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Tens, disseste cinquenta por cento de informação que a informação, não só sobre África é a informação, uma informação mais generalista e depois tens informação especificamente sobre África, mas não apenas sobre os países onde se fala português.

Isabel Silva Costa, Diretora RTP África

“Não, nós fazemos, nós temos na nossa grelha alguns serviços informativos da RTP, que passam também na RTP Internacional, nomeadamente o Jornal da Tarde, o Bom Dia, o Telejornal e uma parte do vinte e quatro horas, Mas depois temos muita informação dos diferentes países e da diáspora cá em Portugal, que também é muito importante nos nossos, Chamemos dizer assim nos nossos telejornais e jornais da tarde, que é o Repórter África, primeira edição e repórter África, segunda edição, mas depois também temos, por exemplo, o Zuma África, que é um olhar pela atualidade africana, E esta é uma é um fator chave, porque não a informação que não passa nos outros canais na Europa ou passa muito pouco, porque nós cingimo-nos aos nossos círculos afetivos de informação e ninguém gosta de se alargar muito e portanto, o facto de chegar também a essa outra informação dos outros países. Claro que África não é um país África, são muitos países e completamente diferentes uns dos outros é muito importante porque é um continente inteiro que normalmente passa quase esquecido nos serviços noticiosos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

As notícias que aparecem em geral nos noticiários generalistas são notícias de catástrofes E é como se África fosse uma catástrofe permanente, não é todos os todos os aspetos positivos, todos os desenvolvimentos passam despercebidos na informação generalista.

Já na RTP, em África, não passam despercebidos?

Isabel Silva Costa, Diretora RTP África

“Não passam despercebidos e há milhões de histórias por contar. E, portanto, e não é só essa. Essa versão de África pobrezinha cheia de fome ou a viver muito mal. Há megacidades em África, há imensos empreendedores jovens. Aliás, a população africana é maioritariamente e muito maioritariamente jovem”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Isabel, estamos a falar de informação e vamos falar também de programas.

Há programas que são feitos especificamente aqui em Portugal para a RTP África e há também programas feitos fora de Portugal por outras televisões e que são emitidos na RTP África?

Isabel Silva Costa, Diretora RTP África

“Há alguns que são feitos por produtoras especificamente para a RTP África e estou a falar, por exemplo, de dois que me lembro assim que são já programas que nos orgulham muito e que que os diferentes países até nos fazem chegar também informação de que são importantes. Por exemplo um que está a ser emitido este ano, que se chama africando, africando é andando por Angola pelas dezoito províncias angolanas mostrando o que é A realidade angolana. Outro, por exemplo, que me estou a lembrar foi um que já fizemos este ano, que era a Cidade Velha com vida a Cidade Velha com vida junta música de Cabo Verde junta a Cidade Velha, berço da Cabo-verdianidade e do Homem Crioulo, com grandes nomes da música de Cabo Verde, já o tínhamos feito no dele no ano passado. Este ano mudámos para a cidade velha, mudámos de intérpretes. Também há programas que porque temos parcerias com os diferentes serviços públicos dos cinco o Palop. Há programas da TPA, da TVM da TCV que são emitidos na RTP África”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Que produção é feita aqui em Portugal para a RTP África especificamente para a RTP África?

Não estou a falar de informação, agora estou a falar de programas.

Isabel Silva Costa, Diretora RTP África

“Alargamos este ano até para diminuir um pouco o Bom Dia, que era muito virado para as notícias de Portugal. Alargamos o bem-vindos que é um dos esteios deste canal, porque junta entrevistas e música de manhã e à tarde são programas day time e depois tem todos os outros sobre a saúde, sobre a literatura, sobre negócios que são também tratados aqui. E este ano vamos arrancar com um novo programa à noite chamar-se-á Miradouro da Lua e junta aqui em estúdio Música em entrevista Música em direto com banda e entrevista será apresentado pela Nádia Silva. É para mim, muito importante que seja também uma mulher a apresentar um programa de noite, na RTP África, porque não há muitas nem nos nossos parceiros africanos e, portanto, esse programa será um dos esteios do canal. (...) No ano passado, no dia 24 de setembro, arrancamos com o nosso site da RDP África. É uma forma de amplificar a voz da RTP África através de novas tecnologias, porque estão lá os programas estão lá, as notícias que nós passamos no canal e falando de parcerias, por exemplo, este ano arrancou também, já no dia sete de março, o dia da RTP um, uma plataforma que nós chamamos a RTP net, que é uma plataforma de troca de conteúdos entre as televisões de serviço público. Todos nós colocamos lá notícias que todos podem usar e, portanto, eu, se não tiver imagens de um acontecimento qualquer na Guiné-Bissau, posso ir lá buscar e eles podem ir lá buscar as nossas reportagens também”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quantas pessoas estão envolvidas no trabalho da RTP África?

Isabel Silva Costa, Diretora RTP África

“Aqui em Lisboa somos dezoito em África são setenta, setenta e um. A RTP África é para mim o melhor projeto da RTP de sempre, porque é um canal que é feito... que é o melhor do serviço público. É o porque faz chegar a Portugal a África e traz a África a Portugal e traz. E não é um não é um canal de lá para cá, é um canal de lá que passa por aqui e volta para lá e portanto, é feito no terreno e feito logicamente em Lisboa. E essa forma de juntar povos, culturas, história que temos muitas coisas em comum, para mim é o máximo”.

OFF

Não podemos medir a audiência da RTP África, mas sabemos que é muito mais do que um canal de televisão. É uma ligação entre países que têm uma língua em comum, e traz a Portugal e a quem tem raízes e laços nesses países informação que raramente está presente na nossa comunicação social. Produz e distribui programas que envolvem todo um continente.

É certamente um dos braços do serviço público que a RTP tem por missão, contribuindo para mostrar as realidades de povos diversos e porque deve continuar a ser uma aposta para a empresa e para a tutela, deve contar como mais meios para se consolidar.

O programa da Provedora fica por aqui. Até à próxima semana.

EPISÓDIO 20 – 25 DE MAIO 2024

DURAÇÃO: 17:41 MINUTOS

OFF

Portugal chegou à final do Festival da Eurovisão pelo quarto ano consecutivo, foi um espetáculo visto por uma grande audiência em todo o mundo. Iolanda, a representante de Portugal, foi apurada na primeira semifinal e obteve um honroso décimo lugar.

Neste programa vamos responder a questões dos telespectadores da RTP e fãs da Eurovisão, sobre uma das mais controversas edições de sempre. Começamos por falar da segunda semifinal.

Queixa de Telespectador

“Acho inadmissível que a RTP não esteja a transmitir a segunda meia-final do festival Eurovisão da canção. Além de que, na mecânica das votações, não podem os espectadores portugueses participar. Apresento assim o meu protesto e a minha desilusão por esta falha”.

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

“Nós em Portugal podemos votar apenas no programa em que a nossa participação existe. Quando Portugal está a concurso, as pessoas podem votar, não podem votar no seu próprio país. Portanto não podemos estar em Portugal, mas temos a liberdade de votar em todos os outros. Na segunda semifinal, como aconteceu este ano, Portugal não participou logo não está aberta a votação para nós, porque não estamos em prova e, portanto, é muito simples, é apenas essa a razão”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é habitual, recebi muitas mensagens de protestos sobre diferentes aspetos e algumas até contraditórias umas com as outras. O que me parece é que este Euro festival foi diferente dos outros e que poderá marcar uma viragem ou não?

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

"Sim, eu diria que há dois ou três aspetos que de facto de conjuntura e de contexto que nos levam a concluir que foi de facto um festival ou um evento diferente ou com um impacto diferente. Primeiro, um momento da actualidade, um momento em que se sentimos que há uma fratura muito grande na opinião pública a nível europeu sobre a questão do conflito israelo-árabe sobre as posições tomadas de ambas as partes, que decorre também de uma grande controvérsia gerada em torno da decisão da EBU, entidade que organiza os associados do serviço público todo europeu e que organiza a eurovisão, a decisão de manterem Israel como um país participante. Portanto esse é um primeiro contexto que eu diria de quente, um fator muito quente que obviamente nos fez a todos prever que à medida que fôssemos avançando até ao dia do grande evento, que a tensão iria crescer. Depois, porque a cidade de Malmö, na Suécia, onde se organizou a eurovisão deste ano, é uma cidade onde vivem ou coabitam cento e oitenta nacionalidades diferentes, e portanto seria mais ou menos expectável que as grandes comunidades turcas muçulmanas, as grandes, uma grande comunidade palestiniana também, organizasse se organizasse para protestar, como protestou de forma veemente e de forma até eu diria em grande dimensão, aproveitando também obviamente o facto de haver uma atenção mediática muito grande. Temos que compreender que a propósito da eurovisão a imprensa de todo o mundo está em Malmö nestes dias não é e portanto, o grau de exposição e de alcance de qualquer mensagem é experiência, juntaria este, de facto também uma questão que me parece a mim da minha visão mais pessoal, cultural que tem a ver com a comunidade artística em geral, a nossa artista e todas as outras ter hoje em dia uma atenção e uma, enfim, uma intenção de se posicionar e de demonstrar a sua visão do mundo também perante este estes momentos e estes conflitos".

Queixa de Telespectador

"A RTP, televisão pública de um país democrático e plural, deve chamar a atenção da EBU de que censurar é errado e também é um ato político. É falso que a EBU não toma posições políticas. Tomou por exemplo ao excluir a Rússia pela invasão da Ucrânia. E concordo, mas as regras têm de ser iguais para todos. Israel também não devia participar, porque não respeita a paz, direitos humanos e diversidade que a Eurovisão diz serem seus valores. Depois da censura da EBU, já nem acredito que o resultado da votação anunciado para Israel seja verdadeiro".

Queixa de Telespectador

"É lamentável que o televoto português desses 12 pontos a Israel, um país que está debaixo de fogo pelos atos cometidos na Faixa de Gaza, provocando uma crise humanitária desencadeada pela forma aterrorizante e desumana do exército israelita naquela região. Devia-se dar mais atenção e não dar muita voz aqueles que fizeram jogo sujo a favor de um país que, na minha opinião, nem devia ter participado".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A RTP teve... colocou alguma vez a hipótese de não participar de ou de se opor à participação de Israel?

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

“A nossa posição, que é uma posição da RTP como associado da EBU, foi sempre de não pôr em causa a nossa participação, mas junto dos órgãos obviamente institucionais, demonstrar a nossa preocupação acima de tudo pelo cuidado de haver um critério, um critério na decisão da participação ou não de Israel, especialmente baseado acima de tudo, também nas próprias regras do concurso nas regras como cada país deve e pode aderir, regras que passam, por exemplo, pelo facto de as letras ou o aspeto lírico das canções não terem mensagens políticas. E nós fomos um dos países que questionou mais do que uma vez inclusivamente uma primeira proposta da canção israelita que a nosso ver e não fomos os únicos, tinha de facto uma mensagem política e aí pronunciamos contra. E foi alterada? E foi alterada na altura”.

Queixa de Telespectador

“O concurso, de cariz cultural, obedece a regras que não permitem mensagens políticas. Questiono: houve da parte da RTP e dos seus representantes em Malmö sensibilização para a artista em causa não se manifestar, incorrendo em sanções para a RTP?”

Queixa de Telespectador

“A artista lolanda, a representar Portugal no festival da Eurovisão, resolveu inesperadamente, transformar a sua participação numa manifestação política. Tendo a artista direito à sua opinião, parece incoerente que tenha optado por participar num evento onde sempre foi claro que Israel também participaria. A sua canção e apresentação no Festival da canção não tiveram qualquer pendor político por isso muito me admirou que, já na Suécia, a artista apoiada pela delegação da RTP, tivessem sentido a necessidade de manifestar publicamente as suas opiniões pessoais quando não está a participar a título privado, mas em representação do seu país”.

Queixa de Telespectador

“A posição política da RTP e da artista lolanda está contra a dos portugueses que assistiram ao festival da Eurovisão e que, através do VOTO, deram 12 pontos a Israel”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Alguns telespectadores que manifestam desagrado por lolanda ter assumido as suas opiniões, ter manifestado as suas opiniões na pintura das unhas, no facto de ter escolhido um estilista palestiniano para a roupa e, em geral na sua atitude, dizendo que ela estava a representar Portugal, e, portanto, não tinha o direito. E é mesmo assim que os telespectadores dizem não tinha o direito de o fazer?

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

“Nós entendemos esta questão de forma, primeiro em tudo subjetiva e de forma sensível, na medida em que temos obviamente noção de que estamos a representar Portugal através da RTP através do serviço público que se pretende e tem na sua missão ser primeiro estudo plural e, portanto, isso para nós é obviamente inquestionável e entendemos que as regras do concurso da EUROVISÃO promovem o pluralismo, e é por isso que nós as aceitamos. Também é preciso lembrar que a RTP também aceitou as regras vigentes do concurso a partir desse momento que

entendemos que essas regras garantem os mínimos do que se considera ser o bom pluralismo. E daí nós também concordarmos por não haver mensagens políticas nas canções e, acima de tudo, de forma concreta e ostensiva. Daí até entrarmos, digamos, no universo da liberdade de expressão individual, que é um direito universal. Convenhamos que a meu ver passa e ultrapassa qualquer regra de concurso e qualquer estatuto. Obviamente, conseguimos equilibrar as coisas e a nossa artista, a meu ver, soube ela própria cumprir muito bem esse desígnio do que é o cumprir o cumprimento das regras do concurso, onde o pluralismo está garantido e aquilo que é, para ela uma oportunidade de manifestar a sua opinião, ainda que de forma profundamente contida. Agora também reside na liberdade individual dela a escolha do seu estilista, que podia ter qualquer nacionalidade, podia ter inclusivamente nacionalidade israelita e nós também teríamos o mesmo grau de respeito, logicamente”.

Queixa de Telespectador

“Considero eu e muitos outros espectadores provavelmente, que houve uma clara censura à nossa performance e em particular aos padrões que a lolanda apresentou nas unhas de apoio à Palestina, visto que nos canais oficiais de YouTube apenas foi publicada a sua atuação após o final do televoto, desrespeitando a sequência da final, e no Instagram e site oficial, onde foram postadas imagens da semifinal como sendo da final. Apelava ainda a que se discutisse um possível boicote à Eurovisão em 2025, pois considero que este tipo de atitudes por parte da União Europeia de Radiodifusão é absolutamente inaceitável”.

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

“No que toca à questão das unhas, eu também posso ser claro nisto, a questão das unhas é uma textura, obviamente que nós entendemos que há uma mensagem, também entendemos que ela está dentro do regulamento. Não há, enfim, nós, se calhar podemos ter levado também os motivos das cornucópias portuguesas, por exemplo, ou do Galo de Barcelos, ou outro. Entendemos que estava dentro de um limite do argumentável e do defensável cumprindo também lá está a liberdade individual de expressão da nossa artista da lolanda. Houve notícias de que a delegação portuguesa tinha sido assediada por Israel? Eu confirmo até porque estive no terreno presente. Confirmo que houve um mal-estar bastante grande, não só de Portugal, mas de vários países, sobre o comportamento na generalidade da delegação israelita, assim que entrou no recinto, relembro que nós, aquilo que na eurovisão se chama bubble que é uma bolha no fundo os bastidores onde se encontram todos os países, que é acima de tudo também um ambiente e uma oportunidade ótima de convívio, onde se trocam muitas sinergias até artísticas, artistas de vários países que combinam trabalhar juntos no futuro e portanto há um ambiente de festa que promove a missão da eurovisão não é? E aí notámos de facto um ambiente e um comportamento a nosso ver que era ostensivo e provocador também que deixou desconforto não só a nossa artista como de muitos países”.

Queixa de Telespectador

“Aquele que durante muitos anos era um programa que víamos em família com os nossos pais, não pode agora ser visto com os nossos filhos. Os homens elegantes de fato e as mulheres com vestidos de noite glamorosos deram lugar a um espetáculo que ultrapassa o limite do aceitável, mesmo em tempos em que a liberdade de expressão é a palavra de ordem. Vimos homens quase nus com espartilho, tacão alto e fio dental exibindo as suas nádegas para o público; pessoas

medonhas com cornos e dentes pretos capazes de nos fazer perderem o sono; mulheres com fatos de lycra transparente a deixar muito pouco à imaginação...entre outras performances que claramente não passaram por qualquer tipo de controlo pela organização do programa que devia, claramente, impor limites a estes exageros desnecessários em nome da decência e da família”.

Queixa de Telespectador

“Como telespectadora assídua, esperava que os conteúdos veiculados fossem adequados para toda a família, mas eu e os meus filhos fomos surpreendidos com a apresentação de músicas com associação a nudez, sexo e danças de cariz sexual”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Qual é a opinião sobre isto?

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

“Eu sou particularmente e a título pessoal, sou particularmente sensível a essa questão. Primeiro que essa questão tem dois níveis, uma de caráter formal e o nível formal legal, aquilo que é a nossa regulação, Obviamente, esta eurovisão ou o programa, independentemente dessas questões, cumpria, digamos assim, a lei no sentido em que não tinha conteúdo considerado extremo nesse sentido e, portanto, a lei está cumprida nesse aspeto, Mas obviamente que estas questões ultrapassam muitas vezes o ambiente formal e entram no domínio da sensibilidade e entendo que a eurovisão, que, aliás é famosa, Há uma certa tradição de ser um pouco este e ser também ela própria uma oportunidade muitas vezes não só para as minorias, mas para uma certa ideia de um de um de um extremismo artístico, de uma demonstração estética Muitas vezes não vou dizer fora da caixa disruptiva, é uma tradição da própria eurovisão. Ora, o mundo em que vivemos tem-nos mostrado isso a muitos níveis. A eurovisão penso que é só mais um reflexo neste programa é só mais um reflexo daquilo que temos visto e, portanto, eu comprehendo a sensibilidade de algumas pessoas para esse aspeto. Compreendo também, por outro lado, algo que balança e que equilibra que é a própria liberdade de expressão artística e, portanto, estes artistas entendem que esteticamente são colocados demonstrar e mostrar-se muitas vezes nestas condições e com esta linguagem E portanto, eu acho que há aqui um balanço cuidadoso entre ambas as partes. Eu pessoalmente, sou particularmente sensível a essa questão também, também sou pai de filhos, não é? E comprehendo bem. Também entendo, por outro lado, que as mentalidades evoluem. O mundo tem evoluído aquilo que hoje é considerado, se calhar um pouco mais aceitável, há uma década, há duas décadas atrás, era completamente inaceitável, e, portanto, também há aqui, obviamente, um ar dos tempos e uma liberdade artística de demonstração”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O próprio presidente da RTP referiu-se criticando manipulação que terá havido ou que houve do som ambiente, isto é, quando havia apupos eram transformados em aplausos. Isto aconteceu?

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

“Isto aconteceu e nós temos uma posição muito clara, enquanto a RTP nesse sentido. Aliás, a EBU, ela própria é uma entidade que promove, obviamente os bons princípios do jornalismo, os bons princípios da liberdade de informação, mas da própria seriedade e, portanto, um combate

à desinformação, à manipulação de informação. E, portanto, quanto a isso é, para nós, muito claro, essa questão de disfarçar ou de alterar o ambiente sonoro da sala, entre o que está ser realmente na sala e aquilo que passa na televisão. Discordamos, veementemente e, aliás, é uma das enfim, dos protestos das queixas que nós colocamos aos órgãos devidos junto da Eurovisão”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Com tudo o que aconteceu este ano, é possível que o próximo Festival da Eurovisão tenha modos diferentes.

Gonçalo Madaíl, Música e Artes de Palco da RTP

“Eu penso que algo terá que acontecer, isto é, eu acho que a realidade também se impôs, seja por motivos mais fabricados, seja por motivos puramente espontâneos, eu acho que algo mudou e isto obviamente é o devido dos tempos. Eu encaro isto como obviamente uma questão conjuntural e o contexto em que vivemos agora. A seriedade com que a eurovisão gera estes processos foi muito questionada por toda a controvérsia colocada e, portanto, eu acho que a Eurovisão tem ela própria que redobrar todos os seus cuidados, os seus princípios de seriedade, de pluralismo é um desafio grande nos próximos anos eu diria, já que o próximo ano será um grande desafio para a participação dos países para a participação dos artistas que queiram ou não estar envolvidos. E, portanto, eu acho que é um momento, pelo menos no mínimo, um momento de corrigir alguns erros e mas acima de tudo, um momento de grande reflexão sobre o futuro que a eurovisão tem de ter no mundo em que vivemos”.

OFF

Estão aqui respondidas algumas das questões que maiores dúvidas levantaram a quem me escreveu sobre a edição deste ano do Festival Eurovisão da Canção. Algumas questões pendentes, como o atraso da publicação nas redes sociais do vídeo da atuação de Portugal na final, só terão resposta depois da reunião pedida pela RTP à EBU.

Sei que a artista que nos representou e a própria RTP têm sido alvo de retaliações, ameaças e assédio, por causa das posições assumidas no decorrer do Festival, e quero deixar aqui a minha condenação destas atitudes.

A EBU é promotora dos princípios da liberdade e da diversidade, e, portanto, não se comprehende que a União Europeia de Radiodifusão promova atos de censura e de desinformação como os que tiveram lugar na edição deste ano. Se o objetivo é unir os povos através da música, algo de diferente terá de ser feito na edição do próximo ano.

O programa da provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 21 – 01 DE JUNHO 2024

DURAÇÃO: 12:49 MINUTOS

OFF

Esta semana detemo-nos em alguns assuntos que mereceram a atenção dos telespectadores. Vamos falar também do relatório anual da provedora.

(...)

OFF

Manhã de sábado, 4 de maio, um incêndio deflagrou no Hospital do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada. Enquanto se viviam estas horas de aflição entre a retirada urgente de pacientes destas instalações e o combate às chamas, havia quem em casa, quisesse acompanhar esta ocorrência em direto na RTP Açores, que a esta hora estava com a emissão da RTP 3.

Queixa de Telespectador

“Deu-se o incêndio no maior hospital desta região, onde poderia ter havido uma calamidade e onde existem doentes internados de todas as outras ilhas, nove no total, que estavam sem notícias do que se estava a passar com os seus familiares e amigos. A emissão da RTP três estava no ar e não foi interrompida para passar assim a RTP Açores a informar a população. Somos Ilhéus, mas que eu saiba, somos portugueses. Temos o direito de ser informados pelo canal implantado na nossa região. O dito incêndio deu-se pelas 945 desse dia e tivemos que aguardar pelo serviço noticioso da RTP Açores, que aconteceu por volta das dois da tarde, cerca de cinco horas depois. Gostaria que fossem apuradas as responsabilidades”.

OFF

Pedi explicações à direção de informação sobre este assunto. A primeira reportagem em direto foi feita às 12:37 (11:37 nos Açores) e depois houve novas reportagens no Jornal da tarde às 13 e nos jornais das 14 e das 15 horas. Era essa a informação que chegava também a quem estava a acompanhar a RTP Açores, visto que nesse horário é emitida nesse canal a programação da RTP 3, que não foi interrompida para uma emissão regional.

Rui Goulart, Diretor da RTP Açores

“Esta é uma situação fácil de explicar. Tínhamos o Santo Cristo, são três dias, cerca de 15 horas de emissão na RTP Açores, um canal regional em que os profissionais da produção e da informação trabalham todos juntos. Tivemos até às duas da manhã a trabalhar na sexta-feira. O incêndio foi no sábado, por volta das 10 horas. Imediatamente quando tivemos conhecimento, quando a informação foi oficial, enviamos uma equipa, retiramos do Campo de São Francisco, o local onde decorrem as festas, para fazer diretos para a RTP 3, que está no ar, porque a RTP Açores só abre a sua janela por volta das 16 horas. Mesmo assim, colocamos toda a informação disponível no site da RTP e nas plataformas da RTP Açores. Tivemos conhecimento, de acordo com contactos com os bombeiros, que o fogo estava relativamente circunscrito por volta das 11 e meia/ meio-dia. Curiosamente, fomos surpreendidos por uma espécie de explosão, numa segunda explosão no hospital de Ponta Delgada, segundo consta provocada por baterias de suporte e que voltou a reacender o incêndio. É nesse momento que decidimos fazer uma emissão especial que foi para o ar por volta das 13:30, uma emissão especial em que ouvimos o presidente do governo, o presidente da Câmara, a Secretaria Regional da Saúde, em que ouvimos as pessoas que estavam a participar na operação no hospital, em que ouvimos também pessoas que estavam preocupadas com a situação de familiares. Isto apesar da emissão da RTP Açores só abrir às 16 horas. Entretanto, estivemos sempre uma equipa, com uma equipa permanente a fazer diretos para a RTP 3 às 11 ou meio-dia, ao Jornal da Tarde e por aí fora, incluindo o telediário do canal 1. Portanto, julgamos na nossa opinião, que fizemos um bom serviço público face ao que estava a ser desenvolvido noutras frentes, nomeadamente um jogo de basquetebol,

a mudança da imagem do Santo Cristo, um Atlântida que estava a ser gravado também para a RTP Internacional e para a RTP Açores e RTP Madeira. E por isso mesmo, acho que a equipa fez um bom trabalho, respondeu dentro da nossa da nossa realidade de forma muito positiva, porque trata-se no fim de semana em que ocupamos todos os meios possíveis e imaginários na RTP Açores".

OFF

Evitou-se uma tragédia no Hospital do Divino Espírito Santo, com o empenho de todos os que combateram o incêndio e com a retirada a tempo de todos os doentes. Uma informação desta relevância na cidade de Ponta Delgada certamente teria tido um acompanhamento mais pormenorizado na RTP Açores se esta estivesse a emitir. Os meios da RTP Açores estavam mobilizados para as festas do Senhor Santo Cristo. Este é um bom exemplo da importância de as delegações do serviço público estarem dotadas de recursos humanos e técnicos mais adequados.

OFF

Na noite de 4 de maio foi emitido na RTP um +1 episódio da série *Alguém Tem de o fazer*. Nele, José Pedro Vasconcelos veste a pele de diferentes profissionais, acompanhando todos os passos das suas jornadas de trabalho e sentido na primeira pessoa a dedicação, mas também as dificuldades diárias de cada um deles. Já foi cabeleireiro, militar da Marinha ou cantor popular. Neste episódio, apresentou-se como guia intérprete, profissão que é apelidada geral e erradamente como guia turístico.

Queixa	de	Telespectador
<i>"Venho por este meio expressar o meu mais profundo desagrado relativamente ao programa Alguém Tem de o Fazer apresentado por José Pedro Vasconcelos. A profissão referida no programa é de guia intérprete. O Guia turístico como profissão não existe. Depois, esta é uma profissão digna que exerce há 39 anos e que muito contribui para a economia nacional. A maneira como este programa apresenta a profissão é absolutamente errada. Ainda por cima, diz-se que se recebem gorjetas. Eu não vivo de gorjetas, vivo do meu trabalho, pago impostos e exige respeito pela profissão. A maneira leviana, ligeira como esta profissão foi referenciada, é absolutamente errada e mesmo indigna e não me parece que os guias intérpretes mereçam tal atitude".</i>		

OFF

Recebi meia centena de mensagens a propósito deste episódio e procurei informações adicionais. Neste programa e segundo a produtora responsável, o guia foi recomendado pela Câmara Municipal de Aveiro. Segundo os produtores:

"Este é um programa de entretenimento e não pretende em nenhum momento fazer uma descrição cabal e ortodoxa das profissões que dele fazem parte. O nosso apresentador é reconhecido pela sua veia cômica, o que não significa que a ideia do formato seja a de ridicularizar as atividades. Muito pelo contrário. O objetivo é conseguir um tratamento e um ângulo leve, original, embora mantendo a dignidade e o respeito pelas profissões retratadas".

OFF

O estilo humorístico de José Pedro Vasconcelos é perfeitamente reconhecível. Compreendo e lamento muito que os guias intérpretes que me escreveram não se tenham sentido representados neste quadro que passou em horário nobre na RTP. Mas é evidente que não se trata de um programa da área da informação. Este é um programa de humor, de entretenimento, onde há liberdade criativa dos autores e do apresentador.

OFF

Apresentei recentemente na Assembleia da República, o relatório da atividade do gabinete da provedora relativo ao ano 2023. Este ano foi marcado pela continuação da guerra na Ucrânia e pelo eclodir da guerra em Gaza. Em Portugal destacaram-se a Jornada Mundial da Juventude Católica e a visita do Papa a Portugal na primeira semana de agosto.

Destacou-se igualmente a agitação social de diferentes setores de atividade, forças policiais, professores, médicos, entre outros, e já no final do ano, a sequência de acontecimentos que resultou na demissão do primeiro-ministro e na marcação de eleições para o Parlamento. Todos estes factos tiveram reflexo na atividade da provedora, já que os telespectadores procuraram esclarecimentos ou apresentaram protestos relativos à respetiva cobertura mediática.

Como se pode ver neste quadro, o número de mensagens recebidas mais do que duplicou relativamente ao ano anterior, atingindo em 2023 um total de 6352. Quero voltar a salientar que sinto que há um défice de resposta por parte da RTP a perguntas simples dos telespectadores, por exemplo, sobre alterações à programação. À falta de outro canal, os telespectadores enviam perguntas que deveriam ser respondidas por um serviço da empresa. Quando distribuímos as mensagens por canal, verificamos que a RTP 1 é o canal que mais mensagens suscita com 69,8% do total. A RTP 3 vem a seguir, mas em muito menor percentagem e logo depois a RTP 2. Seguem-se a RTP Play, a RTP Internacional, a RTP Memória, a RTP Açores, a RTP Madeira e a RTP África. Há uma fatia relevante de mensagens que se referem a mais do que um canal. Analisamos agora o tipo de mensagens 34% são críticas, 32% contêm sugestões, 25% têm queixas, 4% manifestam satisfação e fazem mesmo elogios. Finalmente, em três por cento dos casos, os telespectadores pedem esclarecimento de dúvidas. Os temas abordados pelos telespectadores são muito variados, mas destacam-se as touradas com 2855 contactos com a provedora, incluindo mensagens pró e anti touradas. Estas atingem 45% da correspondência recebida. Surgem também queixas por não serem transmitidas em direto, provas desportivas, quer no caso do futebol, quer nas outras modalidades. Continuam a surgir queixas relativas a erros de português, na maior parte devido a erros ortográficos nos rodapés, 4 mensagens apontavam casos de estrangeirismos que obviamente são de evitar. A irregular atualização do teletexto continua a ser criticada pelos telespectadores, com 16 queixas recebidas em 2023.

Na classificação por temas, apenas aparecem duas queixas relativas à contribuição audiovisual, mas na realidade, trata-se de um tema referido pela maioria dos telespectadores. Protestam contra um determinado assunto e fazem notar que pagam uma taxa, também classificada de imposto, que sustenta a RTP.

Na esmagadora maioria, as mensagens são provenientes do território nacional. Vindas de telespectadores residentes no estrangeiro chegaram 17 dos Estados Unidos e entre elas, várias que se referiam a questões técnicas de receção das emissões da RTP Internacional, devidamente encaminhadas para os serviços adequados, mas chegaram também mensagens dos quatro

cantos do mundo de todos os continentes. Dá que pensar a RTP chega a todo o lado, de facto. A maioria dos telespectadores que enviam mensagens é constituída por homens, 63%, a que se juntam 31% do sexo feminino e 6% sem especificação de gênero. O relatório completo está disponível em rtp.pt

O programa da provedora fica por aqui até a próxima semana.

EPISÓDIO 22 – 08 DE JUNHO 2024

DURAÇÃO: 14:50 MINUTOS

OFF

O Futebol Clube do Porto venceu pela vigésima vez a Taça de Portugal de Futebol neste ano de 2024.

No jogo realizado há duas semanas e transmitido na RTP 1, os dragões derrotaram o Sporting por 2-1 no prolongamento.

A final da Taça atrai habitualmente milhares de adeptos ao Jamor e dezenas à minha caixa de mensagens. Este é um motivo mais do que suficiente para abordar neste Voz do Cidadão a emissão da festa da Taça, feita pelo canal público de televisão.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Não sendo adepto de qualquer um dos finalistas torna-se ainda mais ridículo ver a tendência dos comentários em favor de uma das equipas. Pessoas que são pagas pelos nossos impostos podiam e deviam ser isentas”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Como telespectador assíduo e amante do futebol, considero essencial que a narração dos jogos seja feita de forma profissional e imparcial, proporcionando uma experiência justa e informativa para todos os adeptos, independentemente das suas preferências clubísticas. Infelizmente, isto não tem sido o caso, e a parcialidade evidente dos comentadores compromete a qualidade das transmissões”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Venho mais uma vez questionar o porquê da falta de isenção dos comentadores RTP na emissão que decorreu na RTP1. O Futebol clube do Porto merece respeito e isenção por parte de profissionais pagos com o dinheiro de todos os contribuintes. Falta de ética não merece destaque”.

João Pedro Mendonça, Jornalista da RTP

“O desporto e o tratamento jornalístico do desporto têm aqui uma conjugação ou colisão, dependendo do ângulo, entre duas ordens de fatores, a razão e a emoção. Ela está presente em todos nós, como indivíduos e, obviamente, em todos nós como profissionais. Quando os adeptos se queixam, estão apenas a fazer o seu trabalho, o adepto é na sua gênese parcial. Eu nunca farei o papel de adepto da forma correta se eu não for parcial, se não defender a minha parte, é a função do adepto, a função do jornalista, numa série emocional de acontecimentos como é o desporto, será sempre o de tentar trazer a razão e o conhecimento. Quanto melhor for o sucesso

do jornalista nesta vertente, mais hipóteses tem de uma das partes não concordar. A narrativa "ah ele gritou o golo com mais força neste do que do outro adversário". É o mesmo que submeter os pais. Por exemplo, há o desafio de quando dá um beijo a um filho ou lhe diz Amo-te, termos um medidor de intensidade para a palavra que ele disse ao mais velho ou mais novo e estou a transportar isto para exemplos, a todos lá de casa, que todos jornalistas, narradores, da televisão ou do que quer que seja, vivemos. Não é possível ser profissional, ser um descodificar, ser diferenciador. Se formos parciais, não, não somos parciais".

OFF

Os jogos de futebol transmitidos pela RTP originam grande parte das queixas que recebo na área do Desporto.

Desde que sou provedora e ao longo de todo o ano recebo mensagens de telespectadores que acusam a RTP e os seus profissionais de beneficiarem determinados clubes em detrimento de outros. Às vezes essa acusação repete-se para ambas as equipas, num mesmo jogo, e de acordo com a preferência clubística de cada um.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP:

No tipo de comentários que eu recebo, dá, às vezes a sensação de que se vos encontrassem, se os jornalistas, os comentadores, que estão a acompanhar um jogo, se fossem, se estivessem frente a frente com certas pessoas que me fazem mensagens, algumas das pessoas, que teria havido algum momento difícil, já passaste por momentos difíceis, com adeptos?

João Pedro Mendonça, Jornalista da RTP

"Sou particularmente bem tratado. Tenho essa sorte, ainda que pudesse contar histórias de ter levado com garrafas, com uma pedra da calçada, com um polícia que estava ao serviço de um dirigente. Tenho desde 1988 muitas histórias que poderia contar, mas tenho o foco positivo de dizer que a esmagadora maioria das pessoas me é extremamente justa. E mais ainda, sinto-me honrado com isso, muito, muito amiga, muito reconhecedora. Eu não sei quantos mails recebeste, dezenas eventualmente? Se vinte encontraram uma forma de, através de um e-mail nos chamar a atenção e eu agradeço mais uma vez espero da forma correta. 2, 5 milhões não desligaram e escolheram a RTP. Porque é que eu digo que isto. Espero que não considere que me estou a vangloriar, é fantástico porque esta não é sequer uma emissão RTP. Nós não produzimos o sinal. Quem produz aquela transmissão é a Federação Portuguesa de Futebol, nós personalizamos aquela transmissão e atendendo é que nem sequer fomos o único canal a transmiti-lo. Se dez, vinte, trinta, cinquenta, 100 encontraram forma de se sentirem defraudados e esperemos, não tenho ambições de chegar nunca à hegemonia, mas pelo menos a esmagadora maioria chegámos com gosto porque senão o exercício do masoquismo far-se-ia, o que é que estavam dois milhões e milhões de pessoas a fazer perante gente que não sabe aquilo que faz?

OFF

João Pedro Mendonça é jornalista de Desporto na RTP há largos anos.

Admite que a final da Taça de Portugal é um dos trabalhos que mais prazer lhe dão apesar das muitas horas de trabalho que implica.

João Pedro Mendonça, Jornalista da RTP

“Muitas horas. Não consigo contabilizar, porque, obviamente, a preparação do jogo e aquele é um jogo muito, muito relevante para quem gosta de jornalismo, porque temos acesso direto às fontes. Hoje em dia, a mediação entre o jornalista e a fonte primária, que é assim, que tecnicamente chamamos, àqueles que produzem a notícia, no caso os jogadores, os treinadores, é feita através da mediação da assessoria. Ali, nós estamos perante os próprios indivíduos e temos a possibilidade de representar, é isso que é o jornalismo no fundo, representar toda a necessidade de informação toda a curiosidade daqueles que estão lá em casa, perante aquele indivíduo. Essa é uma enorme responsabilidade. São muitas horas de preparação para todos, sem dúvida, porque temos de estar a par de todas as notícias. Sei lá, eu tenho de saber se aquele jogador fará o seu último jogo, se aquele treinador se vai despedir ou vai continuar e é muita gente, esta informação demora tempo a recolher”.

OFF

As críticas de falta de isenção e imparcialidade surgem nos jogos de futebol mas também nas outras modalidades.

Também aqui são os comentadores o maior alvo dos telespectadores.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Estou a presenciar a transmissão da final da Taça de Portugal em Andebol e estou estupefacto com os vergonhosos comentários dos “jornalistas” escalados para a cobertura, com total falta de isenção. Só faltam os cânticos de apoio a favor do FC Porto. Uma autêntica vergonha. Exige-se alteração de critérios de nomeação de jornalistas na cobertura de eventos e a exclusão destes senhores de futuras coberturas”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Entro em contato no sentido de mostrar o meu desagrado perante os comentários do jogo de basquetebol entre Oliveirense e Benfica. A maneira tendenciosa como os comentadores se entusiasmaram perante o recuperar de pontos da Oliveirense ultrapassou, a meu ver, o aceitável. Num cesto da Oliveirense, levou-me a pensar que estava a ver a Azeméis TV”.

João Pedro Mendonça, Jornalista da RTP

“O comentador é um descodificador, o lance mexe do lado do adepto com a sua ânsia de ganhar. Parece-me óbvio que um comentário distanciado em relação a uma realidade é subjetivo, porque não é o conhecimento que nos traz objetividade plena. Dou um exemplo. Começo por dar um exemplo meu, eu tenho uma falha de análise a três metros de um jogador em pleno relvado. Ela aconteceu em direto e foi retratada em direto. Eu estou atrás da baliza do Sporting e o guarda-redes do Sporting comete um penálti. Eu estou a seguir o lance e vejo sair com o punho à frente com o objetivo total da bola, do meu ângulo parece-me que ele toca na bola antes de tocar no adversário e digo-o porque é essa a minha função, mas também remeto imediatamente para as repetições para imediatamente também tirarmos a dúvida e a imagem que vai limpar, esperamos nós, a imagem que vai limpar aquilo que é a opinião, a convicção ou a percepção, nenhum de nós está isento de erro. Nós somos humanos e dói-nos o erro. Felizmente fui cauteloso o suficiente para remeter para a imagem, mas uso o meu próprio erro para me defender e para me atacar. A minha prova da humanidade está ali”.

OFF

Apesar da RTP assegurar a cobertura de várias modalidades, os telespectadores nem sempre reconhecem a diversidade de conteúdos que só o canal público de televisão proporciona.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"Proponho que a RTP negocie com a Federação Portuguesa de Futebol para transmitir um jogo por jornada da Liga Feminina. A Liga Feminina geralmente joga-se aos domingos de manhã, por volta das 11:00. Esse horário, na RTP, costuma estar preenchido com repetições do programa "Aqui Portugal". Transmitir os jogos desta Liga seria uma excelente oportunidade para oferecer conteúdo desportivo ao vivo e de qualidade, além de promover a igualdade de género e valorizar a mulher na sociedade e no desporto".

OFF

A estes telespectadores a RTP responde:

Miguel Barroso, Direitos e Produção Desportiva:

"Entre aquilo que foi transmitido desde o início de 2023 e o que está planeado ser transmitido até final de 2024, há 87 jogos de futebol feminino transmitidos pela RTP, nos seus canais ou plataformas. Esta quantidade pode crescer até 93 jogos, dependendo do desempenho desportivo das equipas portuguesas".

OFF

Os telespectadores têm razão em muitas queixas que me apresentam, por exemplo vejamos este caso.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"Apresento a minha desilusão por não ter ocorrido a transmissão do campeonato europeu de ginástica de trampolins que decorreu em Guimarães, sendo uma prova tão importante para a modalidade pois trata-se de um apontamento para os jogos olímpicos. Assim perde-se a oportunidade de dar a conhecer uma modalidade tão importante como outras. É importante salientar que existem mais de 40 atletas portugueses na prova referida."

OFF

Pedi explicações ao responsável da RTP.

Miguel Barroso, Direitos e Produção Desportiva:

"A RTP transmite anualmente mais de uma centena de horas de campeonatos mundiais e europeus de ginástica, incluindo os campeonatos do mundo de trampolins. É natural que os telespectadores estranhem a ausência da transmissão deste campeonato europeu realizado em Portugal. O que a RTP também lamenta. A RTP e a EBU (União Europeia de Radiodifusão) têm um contrato com a federação europeia de ginástica que prevê a transmissão de diversos campeonatos europeus, pagando por isso uma soma considerável. O contrato estabelece que a responsabilidade pela cobertura televisiva dos eventos gímnicos europeus e os respetivos encargos competem à Federação Europeia de ginástica. Porém, esta obrigação aplica-se somente aos campeonatos europeus de ginástica artística e de ginástica rítmica."

Nos restantes eventos, que a própria Federação Europeia de ginástica classifica de menor importância, a produção duma cobertura televisiva é facultativa, cabendo à Federação europeia de ginástica e ao organizador local encontrar os meios para a sua concretização.

Apesar do natural desejo, partilhado pela RTP e pela Federação de Ginástica de Portugal, de haver uma transmissão televisiva do evento, não foi possível encontrar fontes de financiamento para a produção dos campeonatos europeus de trampolins, realizados em Guimarães. Por esse motivo, quer a RTP, quer os restantes membros da EBU ficaram inibidos de transmitir, em direto, os magníficos resultados obtidos pelos ginastas portugueses”.

OFF

A nível desportivo, a RTP tem duas importantes missões em breve: o Campeonato Europeu de Futebol que arranca já na próxima semana, no dia 14 na Alemanha e os jogos olímpicos de Paris, de 26 de julho a 11 de agosto.

João Pedro Mendonça vai coordenar a Operação da RTP, em Paris.

João Pedro Mendonça, Jornalista da RTP

“Estaremos com quatro mais uma equipas, para espero eu, o mesmo número de atletas e o mesmo número de desafios, quatro equipas de televisão a que vão de Portugal e o José Manuel Rosendo, que é uma ótima mais-valia, porque além de ser um dos repórteres internacionais mais experimentados da RTP também ele começou no desporto e a obrigação será de estar em todos os momentos mais decisivos da história do desporto português que oxalá sejam muitos não é? e portanto, sabes quantas horas vão ser de transmissão? Nós teremos um segmento equivalente. Não consigo precisar o número de horas, mas teremos, até pelo mesmo nível de contrato, o mesmo tipo de cobertura que teremos nos jogos anteriores com a grande vantagem tudo isto se passa no nosso fuso horário, ao contrário do que acontecia no Japão. Passar de uma competição para a outra estar em todo o lado, é um desafio muito maior quando estamos no mesmo fuso horário, mas também uma percepção para os espectadores do imediatismo da notícia e da possibilidade de não gastar tantas horas de sono para ouvir na RTP”.

OFF

O Voz do Cidadão fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 23 – 15 DE JUNHO 2024

DURAÇÃO: 13:54 MINUTOS

OFF

O Voz do Cidadão debruça-se hoje sobre as traduções, um tema que passa quase sempre despercebido, nunca é alvo de elogios e só desperta a atenção dos telespectadores quando são detetados erros.

As traduções erradas ou imprecisas originam queixas de quem conhece a língua original.

Na RTP, o serviço é feito por tradutores da casa ou recorrendo a tradutores externos.

Há ainda a chamada entrega “chave na mão”, isto é, séries ou documentários adquiridos com a tradução feita. Quer o trabalho de tradução seja feito dentro ou fora do canal público de televisão todos os trabalhos são passíveis de erros.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Nos noticiários dos últimos dias, e não só, tanto na rádio como na televisão, tenho ouvido a palavra “inteligência” como equivalente português da palavra inglesa “intelligence”. Essa tradução, no contexto em que tem sido utilizada, está profundamente incorreta, já que a palavra portuguesa para “intelligence” será “informações”. Infelizmente, nos nossos órgãos de informação, parece que ninguém tenta obter informação sobre o que são informações em contexto de operações militares ou afins”.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“No programa “Descodificando a máquina climática”, exibido na RTP3, por várias vezes a palavra inglesa “silicon” foi incorretamente traduzida para português como “silicone”. Silicone é usado para vedação de juntas e para implantes mamários (entre outros). A tradução correta para português é “silício”, um semicondutor extensivamente utilizado em equipamentos eletrónicos”.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Estou a ver a série “O Fantasma de Canterville” e como vem sendo habitual, a tradução deixa muito a desejar...desta vez do inglês. Já não é a primeira vez: na série “All things big and small”, a tradução de “mince pies” foi empada de carne picada! Isto demonstra não só uma enorme ignorância linguística, mas também um total desconhecimento da vida quotidiana britânica. Agora, “Your highness” é traduzido por Majestade! Pergunto-me como será a tradução de “Your majesty?”.

Fernanda Porto, coordenadora do Departamento de Tradução e Legendagem da RTP

“As traduções são feitas por pessoas, e o erro humano nós tentamos eliminá-lo ao máximo e nem sempre...de vez em quando passam coisas, porque a emissão tem tantas horas que eu não sei se não será quase impossível eliminar os erros todos, erros que podem ser erros de interpretação, podem ser erros por cansaço, por simpatia. Pode acontecer que o erro venha do guião sim, porque há um guião? em muitas circunstâncias, em muitos casos há um guião idealmente vem na língua original? As séries nórdicas, por exemplo, são acompanhadas de um guião em inglês. Ah, e já aí temos que partir do princípio que está tudo, ou seja, que as cadeiras são cadeiras, que os quadros são quadros e que não são o bebedouro, por exemplo. Porque nós não temos tradutores em Portugal, que falem norueguês, finlandês, nada disso. Portanto, temos que nos basear já numa tradução anterior e idealmente as séries todas têm guião”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu por vezes recebo queixas sobre traduções, coisas muito concretas. Queria saber como é que funciona o serviço de traduções da RTP. Quantos programas traduz? Como é que é?

Mário Sequeira, Responsável de Área do Tratamento de Programas Estrangeiros e Conteúdos Adaptados RTP

“É assim, nós aqui nesta área do tratamento de programas estrangeiros, tratamos programas estrangeiros como ele diz, documentários, infantis, performativos, concertos, séries de ficção. Durante o ano 2023 tratámos cerca de 500 projetos, programas estrangeiros, estamos a falar

de uma coisa mais ou menos de 2400 episódios. Recebemos os programas, identificamos as línguas em que os programas são falados com as necessidades que os programas requerem. No caso dos infantis, com a parte para dobragem para português. Na ficção, legendagem, documentários fazemos legendagem e locução dos documentários e depois, consoante as necessidades dos canais que têm em fazer as grelhas nós tratamos os programas em função disso”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que eu tenho verificado e há queixas que me aparecem nesse sentido é que do inglês não há assim tantas queixas quando há traduções de inglês, do francês há muitas queixas. Confesso que do servo-croata e do finlandês. Não tenho queixas, porque as pessoas eventualmente não, são como nós não sabem essa língua e, portanto, não sabem detetar os erros. Isto leva-me a pensar primeiro. Há um problema com o francês neste momento?

Mário Sequeira, Responsável de Área do Tratamento de Programas Estrangeiros e Conteúdos Adaptados RTP

*“A língua principal queiramos quer não é o inglês, a nível mundial. A nível internacional, a língua do mercado é o inglês, e nós sentimos muito essa essa questão. Porque é cada vez mais difícil encontrar tradutores de francês, tradutores de audiovisual de francês e há mais tradutores de inglês é um facto. **Mas chega a acontecer, por exemplo, com programas em francês?** Chega a acontecer com programas em francês. Chega a acontecer com programas em francês, programas que são franceses, produzidos de origem em França, países francófonos e chegam-nos em versões em inglês. Claro que na altura de distribuir trabalho e de a adjudicar esses trabalhos a tradutores, a empresas externas, não havendo tradutores franceses disponíveis, faz-se essa tradução a partir do inglês. Também existem as versões inglesas também têm os seus erros, ou seja, estamos a fazer uma tradução de uma tradução”.*

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“No programa “Maravilhas da Europa” os tradutores não sabem quem foi Bernini traduzindo-o por Le Bernin, e lá assistimos nós a um chorilho de “Le Bernin”. Já não é a primeira vez que observo nos documentários, sobretudo de origem francesa, dificuldades de tradução ridículas como estas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O francês é uma língua que quando eu era pequena era a língua que nós todos falávamos, agora não é. Agora é difícil arranjar pessoas que saibam francês?

Fernanda Porto, coordenadora do Departamento de Tradução e Legendagem da RTP

“É muito difícil. Sim. E o inglês conquistou o mercado. Portanto, quando temos séries maiores ou consecutivas, francês, italiano e até já em alemão, começa a haver alguma dificuldade. Temos.... É mais complicado, porque temos menos pessoas e as pessoas têm que ter o tempo de fazer uma para depois fazerem outra, porque também idealmente um tradutor deve fazer uma série mais ou menos seguida. Aqui por exemplo, fazemos questão de que seja o mesmo tradutor a fazer todos os episódios da mesma série, porque isso evita que se perca os pormenores desse género, porque se a Ana fizer um episódio eu fizer outro. A Ana, por exemplo, trata cherry por querido. E eu entendo que cherry para mim é amor, então o espectador está em casa e leva no episódio um

com o querido e depois venho eu com o episódio dois e é amor, amor! Amor. Não há coerência e não há coerência e não fica”.

OFF

Traduzir é um trabalho muito complexo, mais complexo do que parece. Envolve conhecimento da língua, da cultura e muitas vezes é feito numa corrida contra o tempo.

Mário Sequeira, Responsável de Área do Tratamento de Programas Estrangeiros e Conteúdos Adaptados RTP

“Nós, por exemplo, sabemos, nós fazemos a adaptação de documentários estrangeiros, muitos, para a RTP 3 para o canal de notícias e muitas vezes são documentários que surgem ali no, no calor da actualidade. Ou seja, agora mais recentemente, quando iniciou a Guerra de Israel Palestina, ah, surgiram uma série de documentários sobre o Hezbollah sobre o Hamas sobre a Palestina e Israel, que tinham de ser tratados na hora, porque fazia sentido entrarem naquele espaço. Aí sim, e, temos que fazer aquilo o máximo e o melhor que conseguimos no mais breve curto prazo de tempo para disponibilizar o conteúdo”.

Fernanda Porto, coordenadora do Departamento de Tradução e Legendagem da RTP

“Como tradutora a maior dificuldade, às vezes são os prazos. Há séries que exigiriam um tempo e uma reflexão ou porque a temática é desconhecida. Vamos imaginar que é uma família de pescadores e eu preciso de saber coisas, nomes de nós, de embarcações, uma série de coisas e o tradutor deveria ter esse tempo”

OFF

Por vezes é necessário recorrer a especialistas de outras áreas para uma tradução mais precisa ou que implique conhecimentos científicos que os tradutores naturalmente não têm nem têm de ter.

Mário Sequeira, Responsável de Área do Tratamento de Programas Estrangeiros e Conteúdos Adaptados RTP

“No caso, se for um documentário de vida animal, por exemplo, nós temos aconselhamento técnico por um biólogo que faz essa verificação, até porque com nomes de espécies. É importante ter essa, essa verificação e essa validação do biólogo, de forma a conseguirmos providenciar o maior rigor possível naquilo que fazemos”.

OFF

A solução para melhorar o serviço da Tradução da RTP passa pelo mesmo que todas as outras áreas da RTP reclamam... maior orçamento!

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Se ano passado, fizeram duas mil e quinhentas horas em grosso modo de tradução. Quantos tradutores é que é que trabalham aqui?

Mário Sequeira, Responsável de Área do Tratamento de Programas Estrangeiros e Conteúdos Adaptados RTP

“É assim nós, nós temos tradutores freelancers, cerca de doze, treze tradutores freelancer e depois temos empresas externas, várias empresas externas que estão implementadas no mercado já há vários anos”.

Fernanda Porto, coordenadora do Departamento de Tradução e Legendagem da RTP

“E às vezes os melhores tradutores onde se paga melhor e ficam aqueles que não sendo maus, são mais inexperientes e que precisariam de se calhar de mais um ano ou dois para poderem estar à vontade. Porque as séries que a RTP emite normalmente tem uma complexidade em termos de cultura que se calhar não tem uma série americana de uma sitcom, por exemplo”.

OFF

As legendagens são fundamentais num programa de língua estrangeira, mas também recebo pedidos de telespectadores que querem aceder a legendagens em conteúdos falados em português.

Esta é uma mais-valia, por exemplo, para quem tem problemas de audição. O serviço existe e está disponível nos serviços noticiosos da RTP 1 e RTP 2.

Mário Sequeira, Responsável de Área do Tratamento de Programas Estrangeiros e Conteúdos Adaptados RTP

“Claro que isto funciona para quando é falado em português, nas peças faladas em língua estrangeira não permite fazer isso e, aliás ele reconhece, mas o sistema está, está, está feito e foi criado para língua portuguesa a língua portuguesa. já temos este serviço disponível já há cerca de doze anos e vai aperfeiçoando? e a cada dia que passa vai melhorando mais, vai recebendo mais feedback, vai, vai alargando a base de dados e vai e vai depois proporcionar um melhor resultado às pessoas”.

OFF

Tive a oportunidade de perceber que os meios humanos da área das traduções são escassos não deixando margem para refletir, rever e melhorar o trabalho feito. A RTP tem a responsabilidade de não falhar nesta área e de ser exemplar sob pena de induzir os telespectadores em erro e perder a confiança de quem segue o serviço público porque gosta do serviço público. É por isso que é necessário um reforço do investimento nesta área

O Programa Voz do Cidadão fica por aqui, até à próxima semana!

EPISÓDIO 24 – 22 DE JUNHO 2024

DURAÇÃO: 13:11 MINUTOS

OFF

Hoje é dia de Língua Portuguesa no Voz do Cidadão e contamos com a participação da professora Sandra Duarte Tavares.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Sandra obrigada por mais uma vez podermos conversar sobre português, que é o tema da sua vida também?

“É verdade, é verdade. E Parabéns pelo Doutoramento. Obrigada”.

Sandra qual é o panorama do ponto de vista de uma professora que conhece bem alunos, jovens como é que estamos?

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“Oh Ana eu sou uma pessoa otimista, mas como sabemos, lamentavelmente, as notícias não são as melhores, provavelmente porque apesar de nós termos muitos livros publicados há pouca gente que lê, que lê os livros e nós lemos cada vez mais no digital. Lemos notícias no digital, lemos, há quem leia, eu não mas há quem leia livros no digital e por isso o panorama não é positivo”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Mas porque é que faz diferença ser no digital ou em papel?

“Porque muitas vezes o que lemos no digital, nós encontramos muitos erros, muitas incorreções e o que é que acontece as palavras têm uma imagem gráfica, por exemplo se eu vejo um erro como mal-estar, a forma correta é mal estar, eu vejo o erro mal-estar, a palavra fica registada imediatamente no meu cérebro e quando eu preciso de usar a palavra na escrita ou na oralidade eu uso-a como a palavra está registada e depois até há aquele debate, eu escrevo incorretamente e alguém me corrige: não é mal-estar e eu direi não eu sempre vi escrito mal-estar. Portanto as palavras têm uma imagem gráfica e por isso se nós não lemos bons livros e se nós não temos contacto com a palavra bem escrita naturalmente a nossa produção linguística não vai ser eficiente”.

OFF

Recebo com frequência mensagens de telespectadores atentos ao que se diz e ao que se escreve na estação pública de televisão. Apesar de muito esforço desenvolvido, continuam a surgir erros de ortografia e de pronúncia.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Sandra, aqui na RTP a Sandra tem colaborado com o Centro de formação, Academia e tem feito formação na área do português, precisamente?

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“Verdade, e Ana tem sido uma formação regular. Mensalmente nós temos formação à distância para conseguirmos ter os colegas da RTP Madeira, da RTP Açores, Porto e mensalmente fazemos formações diferentes. O tópico é sempre a língua portuguesa, mas são formações específicas. É ótimo que haja toda essa formação, no entanto, eu continuo a receber mensagens a apontar erros e os erros são reais”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“No jornal da RTP 3 escreveram “estrema” direita. Passou em rodapé em letras garrafais. Se na tv se veem erros destes, será muito difícil combater a deterioração da educação. A TV é um meio de comunicação por excelência e serve de exemplo para muitos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Por exemplo, a palavra “estrema”, no caso era extrema-direita que estava escrito, estava “estrema” com s.

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“ES? Sim, não é a forma correta de escrevermos essa palavra. Essa palavra escreve-se com EX e porquê? Porque provém do latim Extremus, EX, na verdade, Ana a forma como nós escrevemos as palavras e até a forma como as prenunciamos tem que ver com a sua origem, a origem da palavra, nesse caso, a palavra é de origem latina, portanto escreve-se conforme a origem latina com x”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Agora mesmo vejo escrito “vassilaram” ? Do verbo vacilar.... Por favor, instem os responsáveis a melhorar a qualidade de quem faz estes textos nos noticiários”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Vacilar, no caso era vacilaram, a forma verbal vacilaram, escrito com dois ss?

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“Esse verbo escreve-se com c, do mesmo modo tem que ver com a sua origem, com a sua etimologia, vacilar provém do latim, vacilare, em latim terminava em e, e em latim, de facto tinha um c curvo, portanto vacilar escreve-se com c”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Constantemente os locutores e repórteres no exterior dizem vai haver reuniões. Ainda agora, essa frase foi dita após a reunião da IL com a ministra da justiça”.

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“O verbo haver quando ele é o predicado nós não podemos ter plural tanto que eu digo que no presente indicativo há dez pessoas, no pretérito perfeito houve vinte pessoas, no pretérito imperfeito havia trinta pessoas, no futuro haverá quarenta pessoas, e quando o verbo haver é acompanhado de um verbo auxiliar esse verbo auxiliar também não pode ter plural, então nós devemos dizer vai haver reuniões, pode haver reuniões, deve haver reuniões. Portanto o próprio verbo auxiliar está proibido de ter plural, portanto sempre no singular há, houve, havia, haverá, vai haver, deve haver, pode haver”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“O apresentador do Telejornal, José Rodrigues dos Santos, aos 13 minutos e 50 segundos, referiu “TER MORTO...”. Seguidamente, na reportagem, foi novamente referido “TER MORTO”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Ter morto, ter matado como é?

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“Ora bem, esse é um erro muito frequente, ter morto, ter aceite, ter impresso, a regra, eu creio que é simples, há verbos que têm dois participípios passados, um participípio passado regular e outro participípio irregular. Por exemplo, o verbo morrer. O participípio regular morrido irregular morto, matar, matado morto, imprimir – imprimido – impresso, aceitar- aceitado – aceite e há uma regra, com o participípio maior, que é o participípio regular nós devemos usar sempre o verbo auxiliar ter. Eu já tinha imprimido o trabalho, tem morrido muita gente no médio oriente, eu tenho matado mosquitos, qual era o outro verbo? Obrigada por teres aceitado o convite. Com o

participípio irregular, o mais breve, nós devemos usar o verbo auxiliar ser. Eu tinha imprimido o trabalho, o trabalho foi impresso. Obrigada por teres aceitado o convite, o convite foi aceite. Tem morrido muita gente, as pessoas são mortas. Nesse caso "ter morto" é um erro, nós devemos dizer ter matado, ser morto".

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"Estava a assistir ao telejornal e, por volta das 8 e 44 da noite, na peça sobre a expansão da linha Amarela do metro de Lisboa, a palavra "expansão" apareceu escrita como "expanção". Poderá ter sido apenas uma gralha, mas queria alertar-vos para esse facto".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Expansão escrito com ç, não é assim que se escreve?

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

Não, não é assim que se escreve. Expansão escreve-se com S, na última silaba, do mesmo modo como referimos à pouco, tem que ver com a sua origem. É uma palavra que tem origem no Latim, expansione, não sei se é esta a pronúncia correta em latim mas em latim escrevia-se com S e, portanto, uma vez que em latim se escrevia com s metemos a escrita com s, no português.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"No programa "uma cidade em 2 ou 3 dias", voltou-se a repetir um erro muito comum. No momento em que apresentam o trabalho de conservação e restauro de azulejo, é referido constantemente "restauração".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

No caso de restauro de azulejos antigos, por exemplo, é restauro ou é restauração?

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

"A nossa telespectadora tem razão. Neste âmbito da recuperação de uma obra artística nós devemos efetivamente usar a palavra restauro. Portanto, restauro designa a recuperação de uma obra de arte, em relação à palavra restauração designa também recuperação, mas de qualquer objeto. Também designa uma atividade, a atividade dos restaurantes? Exatamente, a língua é mesmo rica também designa a atividade dos restaurantes".

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"Hoje assisti à transformação de "ringue" em "rinque"!!! Procurei em diversas encyclopédias e dicionários, e a palavra "rinque", nem sequer existe!"

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Numa das mensagens que recebi, na minha resposta eu indiquei que o telespectador estava errado porque dizia que a palavra rinque não existe, que só existe a palavra ringue, que tinha procurado em dicionários e que só existia ringue, mas não é assim pois não?

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“Não, não é assim. A palavra rinque existe e está consagrada em português. Vamos começar pelo esclarecimento da palavra ringue, cuja última silaba termina em GUE. RINGUE. Ringue provém do inglês ring, que em inglês termina em g e designa o recinto específico para a prática de boxe, luta livre, e outros desportos como estes. Em relação à palavra rinque, cuja última silaba é QUE, provém do inglês rink, e em inglês termina em K e designa o recinto específico para a prática de patinagem artística, hóquei em patins, e portanto existe a palavra. Designa outro tipo de desporto diferente do desporto que se pratica no ringue”

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Será que não há ninguém na RTP que ouça o que eu ouço e diga aos vários apresentadores, comentadores e repórteres que se diz militar e não melitar; ministro e não menistro; autocarro e não ôtócarro; solidariedae e não solariedade; credibilidade e não credebelidade e muito menos crebelidade; meteorologista e não metrologista. Andamos há anos a ouvir isto na RTP”.

Sandra Duarte Tavares, Professora Universitária e Consultora Linguística

“Em contexto formal devemos articular corretamente as palavras, estou, estás, mesmo em vez de memo, também em vez de também, reunião em vez de runiao, telefonar, futuro em vez de feturo. Mas nós de facto, na comunicação oral informal temos tendência para, se me permite a expressão, comer algumas silabas e algumas vogais mas na verdade mas num contexto formal devemos ter esta tendência de articular corretamente as palavras”.

OFF

A RTP tem de dar exemplo no tratamento que dá à língua portuguesa. Só assim pode garantir e merecer a confiança de quem a vê. É preciso aumentar o escrutínio de tudo o que é dito e escrito nos ecrãs da Televisão pública e corrigir os erros, e neste capítulo, insisto que é fundamental procurar uma solução para os sucessivos erros nos rodapés. É necessário recorrer com frequência a dicionários e prontuários e reforçar na empresa a formação em língua portuguesa. Só assim poderemos pensar numa melhoria do desempenho da RTP nesta matéria.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

**EPISÓDIO 25 – 29 DE JUNHO 2024 – REPETIÇÃO POR ENGANO DO PROGRAMA (EPISÓDIO 16)
EMITIDO NO DIA 27 DE ABRIL DE 2024.**

DURAÇÃO: 15:35 MINUTOS

EPISÓDIO 26 – 06 DE JULHO 2024

DURAÇÃO: 16:22 MINUTOS

OFF

No dia 9 de junho os portugueses escolheram os 21 deputados que os vão representar no Parlamento Europeu.

Durante o período de campanha eleitoral, a RTP preparou espaços de entrevista aos cabeças de lista no Telejornal da RTP 1 e no Programa de Informação 360 da RTP 3.

Foram feitos vários debates aos candidatos dos partidos com e sem assento parlamentar. Houve ainda a habitual cobertura de campanha dos vários partidos com reportagens emitidas nos espaços de informação dos canais RTP.

Os telespectadores fizeram-me chegar críticas, reparos e, em menor quantidade, elogios à forma como o canal público de televisão informou os portugueses acerca das candidaturas ao Parlamento Europeu.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Queria deixar por esta via o meu elogio à postura do jornalista José Rodrigues dos Santos nas entrevistas rápidas que fez no Telejornal aos cabeça-de-lista dos partidos candidatos às Eleições Europeias. O seu estilo, pouco frequente nas televisões portuguesas, dando espaço aos candidatos de responder às suas questões, permitiu questionar os candidatos em relação a temas pertinentes na Europa e a sua relação com Portugal, e deixou claro quando é que os candidatos estavam a incorrer em imprecisões ou contradições”.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Tal como já tinha acontecido anteriormente, José Rodrigues dos Santos desempenhou o papel de debatente e de opinador, em vez de entrevistador o que, a meu ver, não se enquadra nas funções de jornalista”.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Deselegância, sobranceria e populismo não deveriam ser um comportamento de um jornalista com décadas de experiência. Nenhum jornalista deve ser subserviente, mas nenhum tem o direito de se comportar como este senhor se comporta num canal público”

QUEIXA DE TEELESPECTADOR

“Venho por este meio mostrar o meu desagrado em relação às entrevistas conduzidas por José Rodrigues dos Santos nomeadamente no que diz respeito à diferença de tratamento entre os candidatos do Partido Socialista e do Bloco de Esquerda, com notória hostilidade, em comparação com a suavidade da condução da entrevista ao candidato da AD, Sebastião Bugalho”.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

“O nosso grande problema na sociedade de hoje é perceber o que é esta crítica genuína e o que é que é a movimentação partidária, as máquinas partidárias que designadamente nas redes sociais, mas também nos programas de antena aberta, nas queixas ao diretor dos jornais e tudo muitas vezes fazem se passar, e à provedora também, e à provedora também como é evidente, está, está implícito. Mandam mensagens que são as máquinas partidárias que o fazem para condicionar, para condicionar, para criar percepções para intimidar, mas fazendo-se passar pelo público, as redes sociais então está cheio disso. Portanto, eu tenho dificuldade, até de credibilizar essas críticas porque não sei qual é a verdadeira motivação”.

OFF

A entrevista de José Rodrigues dos Santos a Marta Temido levou mesmo a uma reação de descontentamento da cabeça de lista do Partido Socialista ao Parlamento Europeu.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

“A entrevista da Marta Temido o tema escolhido foi os subsídios que nós recebemos da União Europeia desde 1985, mas tinha sido escolhido entre os dois não, foi escolhido por si? Não

não...ela antes da entrevista foi informada e eu mais lhe disse que daria alguma latitude Se ela começasse a fugir às perguntas, eu iria atrás dela. O tema era difícil para ela, reconhecidamente, porque efetivamente desde 1985, quando entramos na União Europeia até agora nós continuamos naquilo que Elisa Ferreira designou como os países atrasados, sendo que em 2004 houve uma série de países, que entraram na União Europeia mais pobres que nós e que recebendo menos dinheiro, portanto tendo menos tempo a receber dinheiro, nos ultrapassaram alguns deles até rapidamente. (... excerto da entrevista de JRS a Marta Temido) E ela disse olhe que não oito vezes e depois eu pergunto se está a negar estes fatos? e ela responde estou, estou. Ora, bem, ela estava a negar e aqui já não estava apenas com fuga à pergunta estava também com declarações factualmente erradas e, portanto, eu tive que começar a ir a repique. O que é que aconteceu na entrevista? Eu estou primeiro a tentar obter a resposta à pergunta que ela está. Eu pergunto lhe A, ela está a responder B e eu, que é das obrigações enquanto Jornalista de ir procurar a resposta. Até porque é uma resposta importante, porque este é um problema central da nossa vida e se nós não diagnosticarmos o problema, não percebermos que é um problema, não o diagnosticamos não podemos depois falar como é que vamos resolver este problema".*

OFF

Também Catarina Martins do Bloco de Esquerda reagiu no momento às perguntas de José Rodrigues dos Santos em particular quando o jornalista evocou a situação da Venezuela.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

"Eu estive a ler o programa eleitoral. Aliás, chama-se manifesto eleitoral do bloco de esquerda e chamou-me à atenção a questão da independência do BCE que o Bloco de Esquerda estava a colocar em questão e achei que era interessante colocar esta questão e explorar esta questão com a Catarina Martins quando comecei por perguntar como é, que porque é que eram contra a independência do Banco Central (... excerto da entrevista de JRS a Catarina Martins)Depois fiz a pergunta seguinte, que era que me dê casos de sucesso a longo prazo de bancos centrais que não são independentes e que provoca sucesso a longo prazo. E ela diz todo o período pós da prosperidade do pós-guerra até aos anos oitenta. Ora, bem, esta resposta tem problemas a nível factual porquê? Primeiro. De facto, é verdade que houve grande prosperidade depois da guerra até aos anos oitenta. Não vejo nenhuma maneira de documentar que isto tem a ver com o facto de os bancos serem controlados pelos políticos. Uma vez que ela estava a falar da democracia e eu dei lhe um exemplo atual de um país que não é democrático, que é a Venezuela. **A Venezuela pareceu-me um pouco exótico naquele contexto** ...primeiro ponto, a Venezuela mostra que não há uma relação direta entre democracia e Banco Central controlado, porque, a não ser que me digam que a Venezuela seja, seja uma democracia pronto. E eu aí já não sei o que diga mais. Não é? **mas trazer isso para um debate sobre eleições para o Parlamento Europeu**, peço desculpa a questão que estava ali em causa. Era qual é a vantagem de nós termos os políticos a dar ordens sobre os bancos centrais? Essa é a questão que está ali. A entrevistada exaltou-se, não percebo a razão de se exaltar, porque a pergunta foi feita de uma forma educada, era legítima, Tinha a ver com a questão da independência dos bancos centrais, os efeitos que há quando os políticos interferem e os efeitos que há quando os políticos deixam de interferir a Venezuela é um caso lapidar e atual dessa situação e, portanto, houve ali uma exaltação que eu não compreendi".*

OFF

Acusado de ter tratado de forma diferenciada as candidatas do Bloco de Esquerda e do Partido Socialista e de ter sido condescendente com o candidato do PSD, Sebastião Bugalho, José Rodrigues dos Santos responde que não pode ser exigido o mesmo a quem já esteve no poder e a quem nunca esteve.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

“O tema, o contexto do entrevistado, o contexto de governação. Porque quando a pessoa não está no governo, o partido não está no governo, nós não temos pontos de referência para o confrontar. O senhor está a dizer isto, mas aconteceu aquilo. Não, ele pode prometer tudo, não é? Quem está no governo, está numa situação diferente ou quem esteve longamente no governo porque aí nós podemos confrontar”. (... excerto da entrevista de JRS a Sebastião Bugalho)*

OFF

Também o jornalista João Adelino Faria que fez algumas das entrevistas foi alvo de críticas.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Sinto imensa vergonha pela forma desproporcionadamente agressiva com que João Adelino Faria tratou o Dr. João Oliveira, na sua qualidade de candidato às eleições europeias”.

OFF

Para a Direção de Informação, o formato de entrevistas rápidas no Telejornal poderão ter fomentado maior confronto entre entrevistador e entrevistado.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“As entrevistas curtas têm sempre uma questão que o tempo condiciona-as muito e, portanto, elas, em regra, têm outro ritmo são muito mais intensas do que em entrevistas em que os entrevistadores e os entrevistados dispõem de mais tempo. As entrevistas por princípio, não são um debate e, portanto, para responder a algumas críticas. É evidente que aquilo que se pretende e também não foi isso que esteve de certo na cabeça dos entrevistadores. Não foi apenas um, foram dois entrevistadores que as fizeram no telejornal, mas a circunstância seja porque acharam que as perguntas não estavam suficientemente respondidas, seja porque acharam que havia dados contraditórios. Tudo isso acabou por ajudar a que fossem mais intensas, mais incisivas, mais confrontacionais. Enfim, é difícil ser um juiz completo num exercício que acaba por ser um exercício único naquela circunstância”.

OFF

Carlos Daniel foi o moderador dos debates para as eleições europeias.

O jornalista da RTP refere que as maiores dificuldades são a gestão de tempo e evidentemente a preparação do debate.

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

“A preparação é mais difícil porque enquanto, por exemplo, numa noite eleitoral é menos difícil de preparar, porque tu vais ter matéria noticiosa a acontecer. O debate depende em grande parte, uma parte substancial daquilo que tu preparaste, os temas que escolhestes da ordem deles da pergunta a que cada um poderá responder dentro daquele tema. Portanto, sem dúvida, a preparação é mais difícil. E depois, no ar tem muito a ver com a questão de tempos e ao mesmo

tempo a percepção do que cada um está a dizer. E a melhor pergunta que pode acontecer a seguir. Portanto, são muitas preocupações ao mesmo tempo. São oito ou nove candidatos, sobretudo quando foram os debates com todos em que tu tens referências de tempo de cada um. Depois tens de ter a referência de tempo global. Quanto é que falta para o intervalo para acabar como é que eu equilibro isto? E no meio disto, o mais importante que é o conteúdo, as perguntas e a atenção às respostas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Depois há aquele debate, o debate com os os pequenos partidos, chamemos-lhe assim, os candidatos de pequenos partidos, que é mais complicado, porque visto de fora parece mais complicado, porque de um lado, quando são os grandes partidos tens políticos profissionais experientes e depois tens uns partidos que que às vezes as coisas a conversa escapa para áreas inesperadas?

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

“Sim, Sem dúvida, esse tipo de debate eu considero que tecnicamente é o mais difícil. De facto (...) Eu tenho sempre uma preocupação e isto não é apenas dizer alguma coisa que fica bem, eu creio que nós podemos não gostar das ideias no limite até não respeitar algumas daquelas ideias, mas temos de respeitar as pessoas, eles estão ali, são candidatos legalmente constituídos e, portanto, trouxeram aquelas ideias. Espaço público também é o espaço de acolher e o espaço público democrático de acolher até os não democratas e eu creio que, sobretudo a preocupação tem de ser essa. O debate não é com eles, não é meu com eles é entre eles. E a minha parte é mesmo não gostando das ideias, respeitar as pessoas que as trazem”.

OFF

A Direção de Informação admite que os debates da RTP causaram alguma insatisfação junto dos telespectadores e de alguns partidos políticos.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Venho por este meio, enquanto cidadão e espectador da oferta pública de televisão, fazer uma queixa, na medida em que a RTP não está a garantir o direito de igualdade ou até de tratamento proporcional a todas as candidaturas às Eleições para o Parlamento Europeu 2024. A RTP não está a cumprir com o disposto, ao dar um tratamento diferenciado entre os debates dos partidos com assento na Assembleia da República e os partidos sem assento na Assembleia da República, tal é intolerável por parte do canal público de TV”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Os debates foram, aliás, a primeira, o primeiro acontecimento que motivou alguma polémica, ou por estes partidos não estarem ou outros não estarem ou não se perceberem os critérios. Convém agora, à posteriori, esclarecer que nós demos voz e nós à RTP a todos todas as forças políticas, não apenas as que estavam obrigatoriamente no Parlamento Europeu, mas aquelas que ao longo destes cinco anos, sobre a última eleição europeia, ganharam expressão no país, houve três eleições legislativas e elas foram coerentes com o reconhecimento de outras forças políticas”.

OFF

Ainda no período pré-eleitoral recebi protestos sobre a distribuição dos tempos dedicados a cada partido nos espaços noticiosos.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“No passado dia 18 de abril, o partido ADN realizou a apresentação da sua candidatura às eleições europeias e, em particular, da candidata cabeça-de-lista, Joana Amaral Dias. Compareceram na apresentação da candidatura às eleições europeias alguns órgãos de comunicação social, cumprindo, assim, com o disposto na Constituição que consagra o princípio de direito eleitoral da igualdade de oportunidades e de tratamento das diversas candidaturas. Lamentavelmente, a RTP, não compareceu à apresentação da candidatura às eleições europeias do partido ADN. Espero, como português, que a RTP cumpra a lei e, principalmente, não continue a discriminar”.

QUEIXA DE TELESPECTADOR

“Hoje. Durante a transmissão das múltiplas reportagens dos vários candidatos às eleições europeias de 2024, no jornal 18/20 da RTP 3, não passou nenhuma reportagem do partido Livre. É lamentável que a empresa pública de televisão, não faça uma cobertura isenta e plural. Por isso, escrevo para alertar para este caso, pois não é a primeira vez que acontece”.

OFF

Apesar das críticas, a Direção de Informação da RTP faz um balanço positivo do trabalho desenvolvido nas eleições europeias.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Foi um trabalho, obviamente que exauriu muito os nossos meios. Foi um trabalho que exigiu muito esforço, mas é um trabalho sempre compensador, porque nos obriga também a fazer um exercício de por um lado, aproximação aos temas, àquilo que são as preocupações dos portugueses, mesmo que sejam eleições europeias como foram estas últimas, e portanto é de novo uma oportunidade de colocar na agenda temas que não estariam necessariamente na agenda”.

OFF

Tem razão o jornalista José Rodrigues dos Santos quando refere que há campanhas concertadas incitadas por apelos nas redes sociais. Tenho falado repetidamente sobre este assunto e sublinho que envolvem por vezes expressões de ódio e de grande agressividade, mas isso não me pode levar a minimizar ou ignorar as opiniões dos telespectadores descartando-as todas como se fossem fruto de campanhas organizadas e infundadas.

As entrevistas curtas feitas no Telejornal, que foram seguidas de imediato por entrevistas longas na RTP 3 com maior fôlego poderiam ter sido mais esclarecedoras se em alguns casos não tivessem assumido a forma de debates.

Cada jornalista tem o seu estilo próprio, isso é evidente e incontestável, e a firmeza no questionamento de políticos experientes é geralmente salutar e clarificador, no final de contas o objetivo de entrevistas e debates em período pré-eleitoral é informar quem está a assistir sobre as opções e propostas que os futuros deputados pretendem levar ao Parlamento Europeu.

O Programa da Provedora fica por aqui. Até à próxima semana.

~

EPISÓDIO 27 – 13 DE JULHO 2024

DURAÇÃO: 14:33 MINUTOS

OFF

Hoje, mergulhamos na programação de verão da RTP.

Dias mais longos e quentes pedem programas mais leves e refrescantes. Os programadores e diretores de canal cabe a tarefa de cativar os espectadores nesta época do ano em que a televisão fica, ou não, em segundo plano.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

É diferente fazer programação para o resto do ano e para o verão para o período de férias?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Na nossa cabeça é. Eu não tenho a certeza de que a nossa cabeça esteja a pensar bem, mas na nossa cabeça é e é por vários motivos. Partimos do princípio que as pessoas saem de casa, saem da sua casa habitual, onde podem ter cabo e podem ir para casas onde isso não existe. Se vai para uma casa dos pais que vivem na numa aldeia, ou assim podem não ter. Eu acho que em princípio, em Portugal há uma, há uma grande extensão já de cabo, mas pode, pode não ter. Portanto, isso funciona na nossa cabeça. As crianças estão de férias, os adultos também estão de férias em muitos casos e, portanto, há uma disponibilidade diferente para ver a televisão por um lado. Mas depois o clima é um grande concorrente”.

Gonçalo Madaíl, Diretora da RTP Memória

“Mesmo as pessoas que seguem a RTP memória ao longo do ano sentem obviamente um ambiente diferente, querem outra frescura, querem também e nós notamos muito isso, conteúdos com mais leveza, conteúdos que mostrem o país, portanto diria que é um verão muito dedicado ao exterior e a nossa programação vai nesse sentido”

OFF

É na programação infantil que assistimos às maiores alterações de grelha. Seja pelos conteúdos apresentados ou por alterações de horário para estes mini - espectadores, a RTP desenha uma programação adequada ao período de férias.

Andrea Basílio, Responsável Programas Infantis RTP

“A programação dentro da RTP 2 é maior, ou seja, começa das sete e vai até à uma da tarde e o horário da tarde mantém-se o mesmo das cinco até às oito e meia e o mesmo se aplica também aos conteúdos disponíveis no Zig Zag play. E é diferente porquê? Despimos um pouco daqueles programas mais relacionados com a escola e vamos mais para a área das praias, da natureza, do ar livre, de época balnear e então temos sempre programas que espelham mais ou menos o que está a passar com as crianças nesta fase”.

OFF

Já na RTP1 a programação não se rege pelas estações do ano ou pelo calendário escolar e esta época de férias não reflete grandes mudanças na programação. Ainda assim elas existem e são motivadas pela natureza dos conteúdos.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“Há despectivas diferentes também na abordagem da dos programas. Nós temos ficção ao longo do ano inteiro. Ah eu posso dizer, mas eu, no verão vou pôr uma comédia, mas eu também posso pôr uma comédia em janeiro e posso por um thriller no verão, nós tivemos o “Matilha” que era um thriller no verão. Depois a seguir tivemos o “erro 404”, que era praticamente era uma série, não é bem uma comédia mas anda lá próximo. Portanto, mas ao longo do ano temos que ter ficção nos períodos todos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Teresa Paixão já estamos em pleno verão. O que é que a RTP 2 tem para o público?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Digamos que há três linhas, mas os andaluzes em pleno verão dizem que têm uma televisão de fiesta e siesta. E nós temos festa e festa. Não há sesta, então crianças, jovens e família. Crianças, o zig-zag vai alargar o seu espaço, jovens porque há os Jogos Olímpicos e nós vamos transmitir muitíssimas horas de desporto da parte do desporto que não, que não é profissional naquele caso, Em princípio, ninguém é não é, mas não transmitiremos futebol transmitiremos os outros desportos de ginástica, natação, natação em águas abertas, skate transmitiremos todos os desportos que, em princípio não são profissionais ou são menos profissionais e e depois a seguir os paralímpicos, portanto, muito desporto, muita gente muito nova no ecrã. E a partir das dez da noite nove e meia, vinte e uma e trinta, vinte e duas então teremos umas séries de família e teremos documentários mais de família, ou seja, evitaremos tudo o que o que possa incomodar para agregar gerações”.

Gonçalo Madaíl, Diretora da RTP Memória

“Por um lado, nós trabalhamos com séries e repomos séries que são séries veraneantes ou com muitos ambientes de verão. O caso do hotel cinco estrelas. O caso de um lugar para viver que são séries que emanam famílias em modo de verão e o mesmo acontece com a telenovela que colocaremos no ar a telenovela de 2014 a água do mar, como o próprio nome diz uma telenovela muito dedicada ao ambiente da praia com muita gente nova.

É sempre uma oportunidade também que sentimos no caso dos espectadores da RTP Memória de reverem estas séries e reverem os atores e as atrizes como é que estavam? Como é que evoluíram no tempo como eram há dez anos atrás? Estamos a falar de ficção acima de tudo da última, dos últimos dez, quinze anos de 2010 para cá. Por outro lado, e tem sido uma tradição nestes últimos dois, três anos muito, muito muito pedida, muito solicitada pelos nossos espectadores, que é muito curioso que é a reposição dos jogos sem fronteiras. Os jogos sem fronteiras, alguns não eram no verão, alguns eram no inverno, mas tem de facto um ambiente muito divertido, muito com muita água sempre e também uma outra coisa muito interessante que é as pessoas reverem as capitais da Europa e reverem acima de tudo as equipas portuguesas que na altura representavam distritos, o distrito de Aveiro, a equipa de Évora, a equipa de Braga, muita gente que se revisita que se revê a si própria, também, portanto, é muito divertido e é muito curioso. E as manhãs de verão da RTP Memória é uma tradição, são dedicadas aos Jogos sem Fronteiras. Ao fim de semana, apostamos acima de tudo, também numa ficção mais nacional. São muitos os telefilmes que a RTP tem e também as curtas-metragens, porque dentro

das curtas-metragens não há só o trabalho, digamos o cinema de autor. Há também coisas muito divertidas, portanto, o fim de semana é ele todo muito carregado, desculpem a expressão de ficção nacional e depois temos uma outra coisa que revisitamos que tem um efeito muito curioso que são os magazines. São vários magazines, viagem ao centro da minha terra, a volta ao mundo que são magazines, que mostram acima de tudo o país, mas mostram o país num tempo de há uma década atrás e portanto, as pessoas têm muito interesse em ver, por um lado, porque tem, emana, um ambiente regional e local e, portanto, as pessoas aderem muito a essa expressão, é muito ao conteúdo local e regional. Depois, porque mais uma vez revisitam sítios e espaços".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Que novidades é que há? São de facto programas diferentes ou são programas que já foram que são repetidos agora?

Andrea Basílio, Responsável Programas Infantis RTP

"É um misto de ambos. Nós temos várias estreias e posso aqui realçar para o pré-escolar temos duas séries muito bonitas, uma é "Feliz o ouriço", que é um pequeno ouriço e trata o tema da empatia, da amizade, do relacionamento com os outros e do estar próximo da natureza. E o Edmundo e Lúcia, que também é isso, é um bocadinho o descobrir a floresta, as árvores e ao mesmo tempo também temos muitos piratas e temos o puff piratas que é uma série mesmo, aquática de piratas de aventura. Depois para os públicos, para o público, um bocadinho mais velho, com idades compreendidas entre os oito e doze anos temos o droners que é mesmo drones em meio aquático temos uma série que pode ser um bocadinho nostálgica para pais e avós que são as Argonautas, as Argonautas é uma série espanhola que não é bem-parecida com o verão azul, mas é uma série de aventuras numa praia e então as crianças também andam de bicicleta e andam ali em aventuras e a deslindar mistérios e também temos o regresso do Tom Sawyer, que também é um programa icónico do zig zag. Durante o verão, tentamos responder o que é que está a acontecer a nível internacional. Então, também temos uma série que é "ensina-me se conseguires", que é uma série de futebol e temos uma série muito gira que funciona como separadores, que são os atléticos e então também para homenagear os Jogos Olímpicos, também temos essa série no Zig Zag".

OFF

O verão de 2024 distingue-se pelos marcantes eventos desportivos e alguns deles têm emissão, em direto, nos vários canais da RTP.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

"Nós, este ano temos um verão em termos desportivos muito repleto, porque temos o campeonato da Europa de futebol, tivemos já um campeonato da Europa de futebol também de sub-17, onde Portugal esteve na final, vamos ter a volta a Portugal em bicicleta que passa na última semana de julho, e depois na primeira semana de Agosto, também já um grande clássico da nossa programação de verão. Vamos ter também os Jogos Olímpicos, que vão estar a passar pelos canais todos da RTP e também pelas plataformas pela nossa plataforma digital. Portanto, digamos que em termos de desporto vamos ter também ainda a final da Supertaça que marca o arranque da temporada de futebol ali no início logo de agosto".

OFF

A estratégia da RTP 1 é manter a grelha habitual e ao mesmo tempo trazer algumas estreias à antena.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“Nós vamos estrear um grande formato de verão que vai ser feito pela primeira vez em Portugal. É um formato muito inovador em termos de conceito televisivo, chamado Super Estrelas, que é um formato onde as pessoas vão pessoas como nós, que saibam cantar, não é o nosso caso, mas que vão cantar temas dos seus artistas preferidos e por isso esse formato é um formato com uma enorme participação de fãs musicais e vai estar no ar aos domingos durante todo o verão”.

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

*“Nós gostamos de levar os nossos programas para a rua. Isso é sabido, todos os anos fazemos isso com alguns formatos. Este ano vamos fazer isso com o programa em casa da Amália. **Deixa de ser na sala?** Vai durante o verão, vai viajar por nove localidades do país. Em termos de ficção, estes meses de verão nós vamos ter uma comédia chamada Salto de Fé, que é a história de um padre que vai ser colocado numa aldeia do interior do país e é um padre que não mente e por isso é um problema para enfim para a comunidade toda dessa aldeia. Porque ele ouve a confissão e depois não é capaz de não mentir quando está a falar com outras pessoas. Em termos de ficção temos também ainda uma participação grande da RTP em filmes portugueses e que vamos ao longo do ano, estrear vários filmes portugueses que temos direitos agora de um ano, depois de estrearem nas salas, podem vir à televisão”.*

OFF

Programar televisão é jogar em antecipação e neste calendário televisivo a época mais assinalável é a chamada rentrée televisiva que chega em setembro.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

“Retomamos o Atlas de Pandora com os textos da Irene Vallejo. Com uma diferença a Irene Vallejo escrevia um texto curto de quinze em quinze dias na revista do jornal El País e agora escreve uma vez por mês um texto longo, portanto será diferente, mas continuamos a ter os seus textos, retoma a visita guiada, retoma o faça chuva ou faça sol, o nosso programa de agricultura que agora para neste tempo. Vai haver retomas, obviamente que são sempre diferentes, com alguns acrescentos, mas e depois haverá, com certeza coisas novas evidentemente que estamos a preparar para isso”.

Andrea Basílio, Responsável Programas Infantis RTP

“Em relação à rentrée, já estamos a prepara-la, como é óbvio, nós temos aqui regresso de novos episódios no mundo dos animais, que é uma série que é produzida aqui, nacionalmente, vamos ter a estreia de uma série de animação, é feita em Portugal, que é a boleia da ciência e temos também outras séries que também espelham de alguma maneira o conhecimento e a escola que ainda estamos a preparar. E a grande estreia posso já também partilhar convosco que é, nós fizemos uma série pré-escolar com a banda Zig Zag e é uma série de 7 minutos que vai estrear dia 16 de setembro”.

Gonçalo Madaíl, Diretora da RTP Memória

“No princípio de outubro, a RTP Memória fará 20 anos e, portanto, é obviamente mais do que merecedor fazer a devida celebração e quem sabe, revisitar uma outra marca que nos últimos tempos marcaram muito a RTP Memória, trazer de volta alguns rostos que há uns meses,

digamos assim, há um ano que não aparecem na antena. Portanto, estamos a guardar aqui uma grande surpresa para essa altura dos 20 anos da RTP Memória”.

OFF

Antes de partir para férias, quisemos no Voz do Cidadão entender como os programadores adaptam as grelhas no período de verão.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 28 – 20 DE JULHO 2024

DURAÇÃO: 13:47 MINUTOS

OFF

Neste Programa Voz do Cidadão e quase a entrar em tempo de férias, vamos debruçar-nos sobre alguns dos assuntos que incomodaram telespectadores da RTP nas últimas semanas.

Ainda no rescaldo do Europeu de Futebol, começamos por um problema técnico que retirou aos espetadores a emoção do início do jogo da seleção nacional com a Turquia.

Quem estava a ver a partida na RTP 1, detetou um problema de sincronização entre áudio e imagem. O comentador gritou o golo de Bernardo Silva, aos 20 minutos, quando na imagem ainda o jogador não tinha a bola.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Na transmissão do jogo de Portugal frente à Turquia, o som estava adiantado em relação à imagem. Ouvir o comentador gritar golo, enquanto que na imagem a bola ainda nem chegou aos pés do jogador, retira muito daquilo que é a emoção e a experiência do jogo. Podem por favor tentar resolver este problema antes do próximo jogo?”

“A transmissão do jogo do euro 2024 entre Portugal e Turquia peca pela qualidade do som que está adiantado em relação à imagem. Isso tira todo o entusiasmo e emoção ao ver o jogo. Não merecemos como telespectadores e adeptos de futebol tirarem essa mesma emoção de um jogo de futebol da nossa seleção”.

OFF

Os telespectadores que protestaram têm razão. Houve um atraso na imagem em relação ao áudio do jogo de Portugal com a Turquia no dia 22 de junho. O problema atingiu todos os que assistiam à partida através da RTP 1, e aconteceu porque uma avaria na Central Técnica da RTP impediu que os testes que antecederam a transmissão.

Rui Matos, Subdiretor da Direção de Emissão

“E o que acontece é que esse som do comentador vem por um meio diferente do que vem o vídeo, vem... neste caso, antigamente vinha linha telefónica, atualmente vem por internet que é voice sob IP, vem pela internet e chega aqui cerca de um segundo cerca, convém dizer cerca, de um segundo depois do que o vídeo. Conclusão: nós temos que acertar esse som, atrasando, temos equipamentos para atrasar o som para que ele fique síncrono com o vídeo, ou seja, a questão básica. O que aconteceu neste jogo já tinha, já tínhamos feito isso em outros jogos, todos os

jogos de Portugal e convém frisar em que Portugal joga e que dá na RTP o comentador está no local e não está aqui. Não acontece com os outros jogos do campeonato. No primeiro jogo foi Portugal- Chéquia, nesse caso não houve problema nenhum. Depois veio o da Turquia que já houve problema que está a dizer e foi real. E depois a seguir já houve outro que foi o da Eslovénia. Sim, senhor, não houve problema nenhum também porque é que houve no da Turquia? Eu vou explicar porquê porque existe uma maneira profissional e correta de acertar, digamos esse esse o sinal do comentador com o sinal de vídeo, chamada um período que se faz duas horas antes do jogo, que é um período de claque, em que há um indivíduo que se mete no estádio a fazer poc poc poc... e nós temos cinco minutos que é os cinco minutos de claque mais ou menos e temos cinco minutos para acertar o som para ficar síncrono. Quando eu disse um segundo de adiantamento que tem o áudio, pode ser um segundo, um segundo e meio, meio segundo. Quer dizer, anda por aí e então o que é que o que é que aconteceu? Nessa altura tivemos uma avaria nesses cinco minutos, tivemos uma avaria aqui e não conseguimos fazer esse teste. Conclusão o que é que nos restava fazer um teste um bocadinho às cegas com o comentador a falar e isso é complicado quando o comentador diz o nome de um jogador, ele tanto pode dizer antes de ele tocar na bola, porque às vezes há alguns indivíduos que são mais rápidos também pode ir muito tempo depois e então quando começou o jogo fomos atrasando o áudio para ficar síncrono até que vem o golo e aí no golo ficamos com a certeza que ainda era preciso mais um bocadinho. Então demos um bocadinho final de atraso do áudio e então ficou até o fim do jogo bom".

OFF

Ainda numa área técnica, mas muito diferente da anterior vejamos as queixas relativas à audiodescrição.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"É extremamente desagradável não conseguirmos ouvir a letra e música dos espetáculos com o som da comentadora. Hoje ainda não consegui perceber a letra e música das marchas, tendo sempre a sobrepor a voz da comentadora! É lamentável!".

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"Estou a assistir aos prémios play da música portuguesa e torna-se muito desagradável e quase insuportável tentar acompanhar um programa que é uma festa da música portuguesa e não conseguir ouvir pois constantemente há uma descrição dos cenários, do aspeto físico das pessoas, das suas expressões e reações. Certamente que as pessoas invisuais têm todo o direito de usufruir destes programas, mas era muito importante que se arranjasse outra solução que não colidisse com o direito daqueles que querem acompanhar o programa sem constantes interrupções"

OFF

É rara a semana em que não recebo uma mensagem na caixa do correio por causa das transmissões em direto serem acompanhadas de descrições permanentes e incomodativas.

Isto acontece com telespectadores que não se apercebem que têm a audiodescrição activada e, portanto, assistem a uma missa ou às marchas populares com uma descrição pormenorizada de tudo o que está a aparecer no ecrã.

A audiodiscrição é uma ferramenta extremamente útil para quem tem problemas de visão, mas totalmente dispensável para quem dela não necessita.

Mário Sequeira, Responsável de Área de Conteúdos Adaptados RTP

“As pessoas não deveriam estar a receber a descrição, se não, se não precisam desse serviço. Para isso, as pessoas só têm de confirmar nos seus aparelhos recetores têm o serviço de audiodescrição, ativado ou não. Para isso, precisam de ir ao menu de áudio confirmar se essa definição da audiodescrição está ligada ou não e desligar. É difícil para nós RTP conseguirmos, acompanhar todos os casos, uma vez que existem vários modelos de recetores no mercado, especialmente na TDT, em que existem várias centenas de modelos e de marcas. Não existe um padrão para todos eles, cada marca, cada modelo tem as suas próprias definições. Por norma, a RTP emite os programas com o áudio correto. O áudio da audiodescrição é sempre emitido em vias de áudio em pistas de áudio alternativas. As pessoas em casa se têm, é porque as boxes têm esse sistema por defeito acionado. Assim, sendo assim, só tem mesmo que desligar nas definições de áudio”.

OFF

A RTP não pode solucionar o problema em cada recetor lá em casa, terão de ser os próprios telespectadores a desligar a funcionalidade no respetivo equipamento nas definições de áudio numa box TDT, numa box de uma qualquer operadora de TV cabo ou numa smart TV. Este conselho vale também para quem, no sentido contrário, quer ligar a função.

OFF

O mês de junho é sinónimo de festas dos santos populares com destaque para o Santo António de Lisboa e o São João do Porto. Ambas as festas tiveram largas horas de transmissão na RTP 1. Nas festas de Lisboa não houve queixas, mas já em relação ao São João, no Porto...

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Venho por este meio demonstrar a minha insatisfação e desagrado por a RTP1 não mostrou o fogo de artifício do S. João do Porto como costuma ser habitual e dando preferência a um programa repetido do The Voice. A RTP que se pauta por ser pública é cada vez mais RTP Lisboa não tendo o mínimo respeito pelas pessoas do Norte”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Sou cidadão do Porto e gostava de saber o porquê da não transmissão do fogo artifício na noite de São João. Será que não tinham funcionários para assegurar uma transmissão durante 16 minutos? Sinceramente não entendo, para eventos na capital não haveria problema”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Acho absolutamente incompreensível a RTP não ter feito a reportagem em direto do fogo-de-artifício do São João”.

OFF

As festas do Santo António de Lisboa e do São João do Porto são diferentes em vários aspectos e têm em comum o facto de levarem a população às ruas. Em Lisboa, envolvem os casamentos de Santo António e as marchas populares cuja transmissão era este ano contratualmente atribuída à RTP. Quanto ao São João do Porto, a RTP esteve em direto durante todo o domingo, dia 23 mas à noite tinha o direto da meia final do The Voice Kids, o que optou por fazer a transmissão dos festejos do Porto na RTP 3 sem que muitos telespectadores se apercebessem dessa situação.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Vários telespectadores faziam a comparação com as marchas de Santo António e os casamentos de Santo António dizendo mostraram Lisboa, mas não mostraram o Porto?

José Fragoso, Diretor de Programas RTP 1

"Sim, não, quer dizer não eu acho que essa, eles não são comparáveis, as marchas são um evento fechado. Mas não é por ser em Lisboa ou no Porto? Não é por ser em Lisboa ou no Porto. As marchas de Lisboa têm uma tradição muito grande e só a RTP é que as pode filmar, a RTP tem os direitos, aliás este ano foi o nosso último ano de direitos e com certeza a câmara de Lisboa fará agora muito brevemente uma nova consulta aos canais de televisão e é uma consulta em que os canais comerciais também vão poder participar seguramente. Estamos a falar de um evento que tem as características praticamente de um jogo de futebol, num espaço fechado, com direitos de exclusivos de emissão e o mesmo se passa em relação aos casamentos, que é também um evento completamente delimitado e só a RTP ou o canal que tem os direitos, já aconteceu com os outros, tem os direitos. As festas do Porto são festas fantásticas que qualquer Televisão filma as festas do Porto, aliás eu estava aqui a dizer eu próprio vi os canais de informação e estão todos a transmitir os festejos da cidade do Porto e muito bem".

OFF

E por falar em conteúdos a que os telespectadores não puderam assistir.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"A transmissão do último dia dos Europeus na RTP2 terminou após o saltador Armand Duplantis conseguir a medalha de ouro no salto com vara, com o comentador a despedir-se apressadamente, o que seria compreensível dado o atraso com o Jornal 2, face ao previsto. No entanto, não se esperou o tempo suficiente para saber se Duplantis iria tentar bater o seu recorde do mundo. O saltador sueco tentou bater este recorde, o que viria a não acontecer. Se tivesse acontecido, a RTP2 teria passado ao lado de um dos principais momentos destes Europeus".

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"A RTP2 interrompeu a transmissão do europeu de atletismo quando um atleta ia competir para quebrar o recorde do mundo do salto com vara. Na minha opinião é uma falta de respeito para quem acompanha várias horas de emissão".

OFF

Os telespectadores queixaram-se da opção de não transmitir um dos momentos mais importantes da prova para colocar no ar o Jornal 2.

Apesar do atleta em causa não ter conseguido bater o recorde do mundo era um momento exultante para quem estava a acompanhar os Europeus de Atletismo na RTP 2.

As provas atrasaram-se e a transmissão prolongou-se provocando consecutivos atrasos na programação seguinte. Alguns telespectadores queixaram-se de não ter conseguido ver o final do episódio de "Hotel à Beira-Mar" nessa noite quando o procuraram na box. Recordo que situações semelhantes têm acontecido na RTP 1 com os jogos do europeu de futebol que precisaram de prolongamentos para lá do tempo regulamentar, toda a programação seguinte fica atrasada e ninguém se queixa.

No caso da tentativa do recorde mundial do salto com vara comprehendo a frustração de quem não pôde assistir à tentativa. Creio que um acontecimento como este poderia ter sido acompanhado no noticiário que iniciou, entretanto.

O Programa Voz do Cidadão fica por aqui, voltamos na próxima semana para a última edição do Programa antes de entrarmos em período de férias de verão.

EPISÓDIO 29 – 27 DE JULHO 2024

DURAÇÃO: 14:10 MINUTOS

As desigualdades na distribuição étnico-racial de profissionais de Televisão tem motivado vários estudos e as conclusões continuam a demonstrar a fraca diversidade e visibilidade de apresentadores, jornalistas, apresentadores convidados. Hoje revemos esta representatividade nos ecrãs da estação pública de televisão.

Numa breve análise aos quatro canais generalistas é possível observar a sub-representação de pessoas não brancas na função de apresentadores ou jornalistas.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

António José Teixeira há dois anos fiz um programa no Voz do Cidadão, no meu primeiro mandato, no início do meu primeiro mandato a falar sobre diversidade étnica entre as pessoas que são apresentadores, pivots, jornalistas desta casa, de então para cá parece-me que não mudou muita coisa?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

*“Sim, também não mudou porque nós também não temos muito mais gente a trabalhar connosco. **Não tem havido contratações é isso?** Não tem havido contratações, tem havido algumas, temos feito algumas evoluções ainda aquém daquilo que precisamos e de que devemos sobretudo se tivermos em conta que a sociedade portuguesa sofreu muitas transformações e é hoje diferente do ponto de vista da diversidade, bastante diferente que era há umas décadas mas estes processos também são lentos, ou seja, o recrutamento nem sempre é também é o suficientemente diverso ou das possibilidades. Procuramos não ter preconceitos, mas seremos sempre maus avaliadores de nós próprios em relação ao quadro cultural em que nos movemos, mas é uma questão que temos em cima da mesa sim e que passou a fazer parte das nossas preocupações. A evolução curta que houve possibilitou ter repórteres já de outra origem ou quando construímos um programa novo, que está aí há algum tempo, não é um projeto é já uma realidade, estou a lembrar-me do Algarve à Lapónia que é um programa europeu, onde fomos propositadamente procurar dois apresentadores que mostram essa diversidade”.*

Mensagem de Telespectador

“Num País que se diz acolhedor e multicultural é desconcertante não haver na televisão pública jornalistas, pivots, comentadores de outras raças e etnias. Penso que o mote da RTP 2 é ser culta e adulta, devia ser também o mote da RTP 1. É função da televisão pública ser o exemplo e normalizar a multiculturalidade”.

OFF

É na RTP Africa que se concentram os rostos de jornalistas africanos e afrodescendentes que normalmente não chegam a ter visibilidade noutras canais.

No fundo na RTP Africa estão acantonados as pessoas, estão acantonados os jornalistas que são racializados.

João do Rosário, Jornalista da RTP

"Há esta ideia de que para ser, porque é um canal para Africa, de que então os rostos dos jornalistas devem ser africanos ou de origem africana como é o caso da generalidade dos que aqui estão. A minha questão é que depois, sendo uma estação que tem relação, tem dependências, delegações nos vários países africanos, nas capitais onde essas equipas são constituídas por jornalistas da RTP áfricos, esses jornalistas não aparecem na antena nacional. Quando há um assunto nestes países, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, que interessa, vamos assim dizer à pauta do Telejornal ou da informação na RTP nacional em vez de entrar um desses jornalistas que são nacionais, que conhecem o território entra o delegado que habitualmente é um cidadão português, branco, que saiu de Lisboa da delegação, de outra delegação nacional do Continente ou dos Açores e foi em mandato nestas funções. Até aí foi, quando a RTP tem essa possibilidade de mostrar essa diversidade, mostrar que é uma televisão inclusiva, adaptar-se a estes tempos em que vimos, que estamos a travessar e ainda bem mesmo quando há essa oportunidade há um, vou chamar um preconceito, que se coloca à frente o que aparece é um rosto de no caso, um homem, porque são todos homens nesta altura, um homem branco a falar a partir das ex-colónias e acho que isto é muito significativo".

Mensagem de Telespectador

"Gostaria de sugerir que os quadros de repórteres possam ser mais diversos e representar de forma mais ampla a diversidade cultural e étnica de Portugal. Sei que isso é uma questão de grande complexidade, que as oportunidades e até a formação académica e posteriormente a vida profissional não são as mesmas para todos mas recuso-me a pensar que não exista no corpo de funcionários estagiários, processos seletivos, pessoas negras aptas a integrar a equipa".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A Flávia apresenta o causa efeito, o programa causa efeito, que é um magazine de atualidade centrado em Africa, há quanto tempo? Há dois anos?

"Há cerca de dois anos, sim. Apresento há cerca de dois anos, trabalho na produção do programa, na pesquisa de conteúdos há cerca de...vai fazer 4 anos! Então passou de uma fase mais estava nos bastidores passou para...e então essa mudança deu-se a? Deu-se a uma oportunidade que surgiu, o João Rosário é que conduzia este programa, eu entrei inicialmente para a pesquisa de conteúdos, de produção e depois surgiu a oportunidade de apresentar o programa com a saída do João e assim foi. Eu queria perceber se a Flávia acha que teve mais obstáculos na sua carreira, ao longo da carreira, do que outras pessoas? Se calhar mais importante do que pensar se me foram colocados obstáculos no meu percurso profissional, por eu ser uma afrodescendente, eu acho que seja mais importante refletir o que é que caracteriza a vida da maioria da população racializada e que pode dificultar o acesso a profissões nesta área. Ou seja, os obstáculos são anteriores? Sim, eu creio que são anteriores a nós irmos a uma entrevista de emprego".

OFF

Numa breve análise aos quatro canais generalistas é possível observar a sub-representação de pessoas não brancas na função de apresentadores ou jornalistas.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Não é possível uma fluidez maior, ou seja, recorrer que estão a colaborar com a RTP Africa e trazê-las também para os canais generalistas.

"Sim, o caso de que falávamos do Algarve à Lapónia digamos já tem, vem daí a experiência também que o Vítor nos trouxe para aqui e experiência em relação à radio e em relação também à RTP Africa. As pessoas que estão na RTP Africa estão na mesma redação de autonomização que se fez mais recentemente no canal digamos que o que está à nossa disposição seja das delegações que temos em Africa onde temos obviamente naturais desses países, de Angola, Moçambique, da Guiné a trabalhar connosco e eles aparecem na nossa antena sempre que se justifica portanto também trabalhamos com essas pessoas mas o que temos é insuficiente. Desse ponto de vista claro que um vetor, uma área que por si só mostra mais essas identidades e essa diversidade, enfim contamos com ela, desse ponto de vista é já um adquirido, o que precisamos é de fazer mais, descobrir mais pessoas, mais talentos que tenham outras cores e outras experiências culturais".

OFF

O estudo Diversity Index of European Broadcasters desenvolvido pela consultoria dinamarquesa mediacatch analisou 25 canais públicos e privados de 21 países europeus. Recorrendo à inteligência artificial este estudo verificou 13 500 horas de conteúdo transmitido 24 horas por dia, 7 dias por semana durante duas semanas de maio e na primeira semana de junho de 2023. Foram escolhidas as maiores emissoras dos países e no caso português o canal principal foi a RTP 1. As conclusões deste índice apontaram que a RTP ficou em segundo lugar no que à igualdade de género diz respeito. A diversidade étnica nas televisões também foi analisada durante este período e neste parâmetro a RTP ocupou o sexto lugar pois tem 61% dos rostos caucasianos.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Estamos só a falar de jornalistas de origem africana, mas há outras etnias, outras em Portugal que não estão representadas aqui, estou a pensar por exemplo na etnia cigana.

João do Rosário, Jornalista da RTP

"Acho chocante que a RTP sendo o serviço público não tenha essa representação da comunidade cigana, são sempre os outros que falam em nome desta comunidade e depois é como se as pessoas que são racializadas, no caso estamos a falar, a resposta é sobre a comunidade cigana, não houvesse dentro da comunidade cigana pessoas que fossem advogados de políticos, desportistas, cientistas, jornalistas...".

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

"Nós já tivemos a experiência de acolher pessoas, nomeadamente em estágio, na RTP que têm essa origem, a origem cigana e que estiveram aqui e também por direito próprio e não por serem ciganos ou não serem ciganos, tiveram aqui porque tinham estudado, tinham manifestado

interesse, procuraram-nos e nós acolhemos e isso deixou-nos uma boa impressão. Temos pena que muitas vezes o passo seguinte, a contratação, seja difícil para nós muitas vezes impossível”.

OFF

Os meios de comunicação social onde a televisão assume um papel de grande influência podem ser entendidos como um espelho e uma janela para a sociedade, mas quando se mostra esse reflexo, quando se abre a janela as percepções e opiniões são díspares. Como já vimos nas mensagens anteriores há quem reclame mais representatividade de todos e para todos, mas quando esse passo é dado em frente...

Mensagem de Telespectador

“Como pode a televisão pública de Portugal ter um programa chamado viagem a Portugal sendo essa viagem aparentemente guiada por um comediante brasileiro Fábio Porchat?”

Mensagem de Telespectador

“Porque é que é um humorista angolano a apresentar um programa cultural de um canal público português? Para onde é que estamos a caminhar?”

João do Rosário, Jornalista da RTP

“Eu entendo que as pessoas, muitas pessoas se queixem pelo facto de haver pessoas na televisão com outras, outros sotaques e de outras nacionalidades, eu entendo porque está na raiz da cultura contemporânea portuguesa esta ideia de que os outros são menos do que nós. Nós, neste caso, as pessoas que são brancas e que se queixa de haver outras que não são brancas e não falam português de Portugal”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

No momento em que há racismo, a xenofobia, todas essas, esses monstros estão aí muito vivos é mais importante a RTP dar um exemplo de maior diversidade?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“É, eu acho que é precisamente nestas alturas que o serviço público tem outras responsabilidades e, portanto, essa é uma delas e julgo que muito desse combate que é preciso fazer em tempos tão polarizados e que dividem tanto a sociedade é integrar melhor as pessoas e dar exemplo, mostrar. O serviço público é também um fator de regulação, não é apenas por ter transmissões ou por ter mais responsabilidades é também por exemplo, fazer regulação pelo exemplo, e sim temos de ser mais ambiciosos, é algo que não vale a pena iludir estamos aquém daquilo que devíamos”.

OFF

Hoje mais do que nunca é necessário dar visibilidade a quem tem competências para aparecer nos ecrãs da RTP independentemente da origem, da cor ou da etnia. Os discursos populistas e extremistas não podem encontrar na televisão pública argumentos a seu favor e têm de ser combatidos com a representatividade que a diversidade tem hoje no nosso país. A diversidade dos protagonistas serve melhor todos os públicos e favorece a inclusão.

O programa da Provedora fica por aqui, até setembro e boas férias.

EPISÓDIO 30 – 21 DE SETEMBRO 2024

DURAÇÃO: 15:04 MINUTOS

OFF

Terminada a época estival, o Voz do Cidadão retoma as emissões habituais para mais uma temporada. Os espectadores não fizeram férias da programação da RTP e durante o último mês manifestaram críticas, alertas, elogios e sugestões. O destaque de hoje vai para as competições desportivas mais aguardadas: os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Espanta-me a RTP, meu canal de eleição, escrever a palavra paralímpico. Nas notícias do Telejornal do dia 28 de agosto do presente ano que o jornalista disse a palavra (pensei que ele se tinha enganado) e para meu espanto vejo-a também escrita no rodapé. Não é paralímpico, mas sim paraolímpico desde 2005 que assim é. Ou estarei enganada?”

OFF

Apesar de se considerar que as duas formas estão corretas, neste caso a RTP adotou a terminologia usada pelo Comité Paralímpico de Portugal.

OFF

Ainda no domínio da Língua Portuguesa, outras mensagens expõem problemas maiores.

OFF

Uma palavra usada por um comentador foi abundantemente criticada por telespectadores.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Não é admissível que a RTP tolere linguagem discriminatória muito menos no acompanhamento dos jogos paralímpicos. Um comentador a acompanhar um jogo de parabadminton, apresentou a classe SH6, short stature como: são os anões. Esta palavra é altamente discriminatória. Peço que este e todos os jornalistas e comentadores da RTP sejam devidamente informados que pessoas com displasia óssea têm baixa estatura. Existem mais de 1500 pessoas com displasia óssea em Portugal e pedimos respeito e inclusão por todos”.

OFF

Têm toda a razão os que protestaram. Ainda que usada uma única vez e depois corrigida, esta terminologia não é admissível. Transmisi^o esta minha opinião aos responsáveis pela transmissão dos Jogos Paralímpicos, pedindo que a fizessem também chegar não só ao comentador que utilizou esse termo, mas também aos restantes comentadores, para que situações como estas não voltem a acontecer.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Como é possível os nossos atletas da missão Portuguesa dos Paralímpicos, iniciarem hoje a suas participações e a RTP Play está a transmitir Basquetebol cadeira de rodas, modalidade que não temos. Também natação sem o nosso atleta em ação, assim como Badminton etc. Penso que os atletas Olímpicos sempre que participaram, e não interessa a fase de apuramento, tiveram direito a transmissão em direto”.

OFF

Nos jogos Paralímpicos, a RTP não teve ao dispor todas as provas em que participaram atletas portugueses. Em resposta a esta questão, o responsável pela transmissão dos eventos desportivos da RTP indicou que.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Tal como nos Jogos Olímpicos, nem todos os eventos têm direito a cobertura televisiva, a qual é, neste caso, organizada pelo Comité Paralímpico Internacional (CPI) com a Olympic Broadcast Services (OBS). O que a RTP pode garantir é que a participação de atletas portugueses, sempre que devidamente coberta pela OBS, será transmitida em direto na RTP. Ao contrário da dimensão da delegação portuguesa, a cobertura televisiva planeada pela RTP para os Jogos Paralímpicos de 2024 é a mais extensa da história da competição e do Serviço Público português, com mais de 100 horas de emissões na RTP 2 e 6 canais em permanência na RTP Play, superando largamente aquilo que foi efetuado nos recentes Jogos Olímpicos”.

OFF

O verão de 2024 foi palco do maior evento desportivo mundial, os Jogos Olímpicos de Paris. A RTP assegurou os direitos televisivos e, de 26 de julho a 11 de agosto, a RTP2, foi o canal oficial para quem assistiu às transmissões das provas em direto. Estas emissões foram elogiadas, mas também receberam duras críticas.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Venho mostrar o meu profundo lamento e também a minha indignação pela forma como foi conduzida a transmissão da Prova Olímpica de Madison, de ciclismo de pista, no passado dia 10 de agosto na RTP2. Prova essa que acabou por dar medalha de ouro para Portugal. Já a prova entrava no seu último terço, quando a RTP2 interrompeu a transmissão para mostrar (e bem) a entrega da medalha de prata a Pedro Pablo Pichardo. No entanto, esse momento televisivo tornou-se demasiado longo, mais 2 minutos e 35 segundos que o necessário, apenas com comentários jornalísticos em que nada acrescentaram ao momento. Como se não bastasse, a transmissão televisiva ainda foi para um intervalo com a duração de mais de 3 minutos. Ou seja, por opção da estação, os portugueses ficaram privados de acompanhar a prova de ciclismo de pista durante o seu momento mais decisivo. Foi completamente incompreensível esta opção”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Hugo Gilberto vamos falar sobre jogos olímpicos, eu sei que já passou algum tempo, mas como não tive oportunidade de fazer um programa antes por causa das férias, tenho de usar este momento. Tive algumas queixas sobre sobreposições de provas que não eram transmitidas em direto, provas de atletas portugueses. Como é que isto foi organizado?

Hugo Gilberto, Diretor adjunto de Informação da RTP

“Olá Ana, primeiro eu gostava de dizer que, não será a única coisa, mas se há algo que define bem aquilo que é a missão do serviço público de televisão é a transmissão dos jogos olímpicos. Nós tínhamos duas missões principais nos jogos olímpicos, a transmissão de todos, sublinho, de todos os portugueses e a transmissão dos grandes momentos, das grandes provas de jogos olímpicos e portanto havia desde logo o planeamento que tinha que ser feito, o planeamento que começou há mais de 3 anos a ser feito mas que depois obviamente nos últimos meses, quando os calendários começaram a ficar definidos fomos àquilo que se chama o pormenor, a

malha fina, e ver as eventuais colisões de horários e naturalmente todos os dias havia colisões de provas de atletas portugueses. Aí o critério tem de ser o critério jornalístico-desportivo. Ou seja, nós temos, pegando no Fernando Pimenta, no Pedro Pablo Pichardo ou noutras atletas portugueses, que são crónicos favoritos à conquista de uma medalha. Quando temos um atleta português, crónico favorito à conquista de uma medalha numa final e temos outro atleta português que não está a disputar uma final ou que tem muito menos possibilidade de ganhar essa medalha no plano teórico e o plano teórico quase sempre confirmou-se no plano prático a decisão tem de ser essa. Houve todos os dias um desafio diário, tomada de decisão na régie do estúdio da RTP Olímpicos mas a decisão foi sempre tomada com base na experiência, no bom senso, e na abordagem editorial previsível, claro que se houvesse uma surpresa nós teríamos de reagir na hora mas as abordagens baseadas no bom senso e na experiência correram todas bem, e portanto, por isso é que nós transmitimos todos os atletas portugueses que estiveram nos jogos olímpicos de Paris.

OFF

Para alguns telespectadores, alguns comentários inapropriados e deram lugar a considerações laterais à competição.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Hoje domingo de manhã o comentador da prova olímpica feminina na rtp2, teve vários devaneios e comentários que em nada tinham a ver com a prova olímpica a decorrer, desde comparações de cidades europeias e outras, depois perde-se a falar da guerra fria, e o topo da cereja no bolo foi dizer que não sabemos se vamos ter jogos olímpicos de Los Angeles porque vamos estar envolvidos na terceira guerra mundial”.

Hugo Gilberto, Diretor adjunto de Informação da RTP

“Um comentador RTP tem de ser alguém que tenha um conhecimento de excelência sobre a prova que está a comentar, esse foi o primeiro critério aplicou-se a todos os comentadores desde as provas mais conhecidas de atletismo às provas de skate ou de breaking que são provas menos conhecidas dos portugueses, portanto tem de ser alguém que tenha um conhecimento de excelência das respetivas provas, depois temos de ter em conta a dimensão de comunicação e depois há aqui o fator G que é o fator Gosto do telespectador. Há telespectadores que gostam de alguém que seja um narrador omnipresente e extraordinariamente falante para lhes contar tudo, há outros telespectadores preferiam que o comentador quase não falasse e que se limitasse a sublinhar um resultado de 3 em 3 minutos ou de 4 em 4 minutos. Nas semanas antes das transmissões temos conversas com os comentadores dizemos que é a abordagem da RTP, que é uma abordagem na linha das televisões de serviço público na Europa que estiveram empenhadas nestes jogos olímpicos, portanto a ideia do comentador que conhece bem o assunto sobre o qual que está a falar, o comentador que esclarece aquelas que devam ser as principais duvidas do telespectadores, que não deve falar demais nem de menos mas este demais ou de menos tem sempre uma dimensão subjetiva para qualquer um que pega no comando e que liga a televisão na RTP para ver os jogos olímpicos. Felizmente eram muitos e por isso também a paleta de gostos também há-de ter sido”.

OFF

Outros preferiam que as provas com uma dimensão mais artística não fossem acompanhadas por qualquer comentário.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Venho desta forma apresentar a minha consternação relativamente ao relato na RTP2, nas provas de Natação Artística dos Jogos Olímpicos. Numa prova com música associada, seria importante podermos escutá-la enquanto assistimos à prova, e deixar os relatos para os intervalos entre provas. Assim, poderíamos apreciar melhor toda a beleza desta modalidade. Fica a ideia para as próximas provas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Porque houve aqui um contraste, por exemplo quando são as provas de tapete de ginástica que têm música associada, os comentadores fizeram silêncio, mas já na natação artística, apesar de haver musica, os comentadores continuaram a falar.

Hugo Gilberto, Diretor adjunto de Informação da RTP

“Continuaram a falar de forma parcimoniosa e comedida. As provas têm uma dimensão histórico apelativa diferente. Nós quando vemos a prova dos 100 metros ou a fase final da prova dos 5 mil ou dos 10 mil metros, nós naqueles últimos, naquela última volta ao estádio há toda uma emoção dos espectadores que se colocam todos em pé e o próprio narrador confere a essas provas uma emoção no momento em que se chega à meta, em que se bate um record olímpico, em que o atleta que ia em primeiro de repente foi ultrapassado pelo terceiro ou pelo quarto ou pelo segundo. Quando temos outro tipo de provas não são baseadas na força ou na velocidade ou num ímpeto final, mas que tem uma avaliação mais técnica, que tem uma componente musical. A própria prova vai ser comentada numa avaliação que tem uma subjetividade maior, uma avaliação de uma prova de ginástica tem uma subjetividade maior quando um atleta que corte primeiro a meta ou chegue ao primeiro lado da piscina, portanto tudo isto acaba por contagiar os telespectadores. Como eu disse no início tem que haver aqui uma dimensão de bom senso, experiência acumulada, tentar perceber qual é o perfil medio do telespectador, excelência no conhecimento e não falar nem demais nem de menos”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Quero expressar o meu descontentamento e enorme desagrado por a RTP, televisão pública, não transmitir a participação da Atleta Portuguesa, Inês Barros, na prova de tiro aos pratos com arma de caça, sendo esta alem de mais uma atleta, a primeira a representar Portugal nesta modalidade, que proporcionaria a divulgação e um incentivo à prática da modalidade. Em vez disso a transmissão repetiu provas onde não estava em prova nenhum atleta em representação da bandeira de Portugal”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Houve uma prova que me chegaram queixas que não tinha sido transmitida...uma prova de tiro? Uma prova de tiro exatamente.

Hugo Gilberto, Diretor adjunto de Informação da RTP

“Certo, nós acompanhámos a prova de tiro, mas a organização só transmitiu as finais de tiro. Como a atleta portuguesa não foi às finais, nós não podemos transmitir, mas não foi porque

temos a opção de transmitir nós não transmitimos, embora tivéssemos reservado antena para essa transmissão, porque a própria organização decidiu não transmitir essa prova, era uma eliminatória e só transmitiu as finais nesse dia. Naturalmente não havendo essa transmissão nós fomos ao local da prova, acompanhamos a atleta portuguesa e fizemos reportagem com a atleta portuguesa”.

OFF

Globalmente, considero que a cobertura feita pela RTP aos jogos olímpicos e aos jogos paralímpicos foi adequada e bastante ampla.

É muito complexa a gestão das sobreposições de provas com a participação de atletas portugueses e de provas de grande impacto, mas penso que houve um enorme esforço para proporcionar aos telespectadores uma visão alargada e consistente.

Penso também que deve ser criteriosa a seleção dos comentadores. Nas cerimónias de abertura e encerramento os comentários devem ser doseados com sensibilidade e bom senso. Os mesmos que devem presidir ao que é dito durante as provas. Dentro de 4 anos, Los Angeles voltará a dar-nos grandes feitos desportivos e grandes provas de humanidade e esperemos que seja o serviço público a trazê-los aos portugueses.

EPISÓDIO 31 – 28 DE SETEMBRO 2024

DURAÇÃO: 18:47 MINUTOS

OFF

O verão de 2024 foi marcado por gravíssimos incêndios em Portugal. Primeiro na ilha da Madeira e depois no norte e no centro do continente, deixaram desoladoramente cinzentas e negras vastas áreas de florestas, matos, campos antes cultivados, e atingiram povoações, queimando casas e instalações agrícolas e industriais. À data em que preparamos este programa, tinha subido para nove o número de vítimas mortais e estavam contabilizados 120 feridos. O número de animais mortos é elevadíssimo.

Estão em curso investigações para determinar as causas e os efeitos destas catástrofes e só mais tarde conhiceremos as dimensões globais dos estragos. Neste Voz do Cidadão vamos analisar a cobertura informativa que a RTP fez nestes dias terríveis e responder a críticas que alguns telespectadores levantaram.

Comecemos pela Madeira. A 14 de agosto, uma quarta-feira, deflagrou um primeiro incêndio rural na Serra d' Água a que se seguiram fogos noutras frentes. Num período de onze dias, ficaram devastados cinco mil hectares. Recebi no primeiro dia uma mensagem de um telespectador da Madeira que se queixava de falta de informação por parte do serviço público da região autónoma.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Escrevo esta mensagem numa altura em que deflagram incêndios de grande dimensão na Madeira e a RTP Madeira mal passa informação sobre o estado deste incidente! Os madeirenses estão a ser obrigados a recorrer a redes sociais para se manterem informados neste momento crítico em que o papel da RTP Madeira seria o de informar os telespectadores de forma a se

sentirem mais calmos ou de forma a estarem preparados para o pior, que infelizmente é o que se tem verificado.

Gil Rosa, Diretor do Centro Regional da Madeira

“A RTP Madeira esteve desde a primeira hora no terreno, desde logo na quarta-feira no dia 14 de agosto, quando os incêndios deflagraram na Serra de Água, fizemos reportagem do início do incêndio. Depois as coisas mais para o fim de semana começaram a se complicar e ao longo desses dias foi como sabemos o que acabamos por ver. A partir do sábado tivemos equipas de reportagem em direto no terreno. Tivemos duas equipas praticamente a transmitir em direto de vários pontos, nomeadamente do Curral das Freiras, também da zona da Serra de Água, e chegámos até a ter três equipas de reportagem no terreno, nomeadamente no domingo, por exemplo, onde fizemos diretos para a RTP no seu conjunto, a partir de um dos pontos que era precisamente a zona do Paúl da Serra. Nós, a nossa aposta foi um pouco também concertada com a RTP três a RTP a nível nacional porque nós aqui a RTP em Madeira temos grande parte da nossa emissão que está em simultâneo com a RTP três. Portanto, as nossas equipas estavam no terreno, foram acompanhando em direto e esses diretos que abriram praticamente ao longo de uma semana todos os noticiários, estavam também em simultâneo na RTP Madeira”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Os incêndios da Madeira foram, pensávamos nós, aqueles que seriam os mais graves, digamos deste ano, também foram muito graves, mas sucederam-se depois no Continente outros. Os incêndios na Madeira tiveram características também difíceis, isto é, o acesso aos locais é um acesso muito difícil, foi difícil para os bombeiros e para o combate. Aliás, só numa fase já posterior é que os meios aéreos, por razões várias, entre elas as dificuldades do terreno, é que vieram combater os incêndios, mas os acessos eram muito difíceis e eram muito difíceis e estavam cortados para muita gente e obviamente, por maioria de razão cortados a pessoas que não estavam diretamente a combater os incêndios. Portanto, houve ali, digamos que precisámos de algum tempo para o arranque. Os nossos colegas da RTP Madeira aproveitaram a oportunidade para os homenagear, no sentido de que fizeram um enorme esforço durante aqueles dias, beneficiaram as emissões da RTP nos vários canais na RTP 3 na RTP 1, na RTP 2 e sobretudo, obviamente, na RTP Madeira, que eu acompanhei menos, mas o trabalho foi comum. Houve uma equipa de Lisboa que se deslocou também para a Madeira para, digamos, ajudar na cobertura do que estava a acontecer, mas o trabalho, o grosso do trabalho foi dos nossos colegas da RTP Madeira. Acho que no geral fizeram um bom trabalho”.

OFF

Um mês mais tarde, a 15 de setembro, os insistentes alertas para os graves riscos de incêndio lançados nos dias anteriores pela Autoridade Nacional da Proteção Civil e pelo Governo vieram a confirmar-se. Vários fogos de enormes dimensões deflagraram nas regiões norte e centro do país, avançando vertiginosamente. Chegaram a estar envolvidos no combate mais de seis mil bombeiros e militares, ainda assim insuficientes para acorrer a todas as localidades atingidas. Em muitas situações, foram as populações que enfrentaram o fogo com os meios de que dispunham.

A RTP desencadeou desde o primeiro dia uma vasta operação, mobilizando as delegações e os correspondentes das regiões atingidas, reforçadas com equipas deslocadas das redações e de distritos não afetados pelos incêndios.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Há uma tragédia no país, a Centro e Norte, com muitos incêndios. Mas, será necessário que todos os telejornais estejam a 100% dedicados a isso?”

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Convém dizer. E nesta altura obviamente há muitas opiniões nem sempre consensuais sobre a cobertura dos incêndios. Mas convém dizer que a nossa primeira preocupação em relação aos incêndios é a ameaça que paira sobre as pessoas e julgo que essa preocupação que é também de outras autoridades e é das generalidades dos portugueses, particularmente das populações mais afetadas ou ameaçadas, é algo que nos mobiliza para acompanharmos a situação no terreno. Nós não vamos para o terreno porque há muitas chamas e as chamas são muito luminosas. Isso é absurdo, até porque as nossas equipas também sofrem muito no terreno. Não é um exercício fácil do ponto de vista físico. Do ponto de vista psicológico, de serenidade e sobriedade que é preciso ter de objetividade que é preciso procurar da ameaça também que paira sobre as equipas, e isso foi acontecendo também connosco e, portanto, é um motivo. Houve situações de risco? Tivemos situações de risco, obviamente que tivemos sempre uma recomendação minha de direção de informação, para as equipas acautela, desde logo em primeiro lugar, a sua própria segurança e manterem as distâncias devidas em relação aos incêndios, mas há estes fenómenos têm um contorno imprevisível, muitas vezes não é, e por isso às vezes há vidas humanas que não resistem, como foi o caso daqueles bombeiros. Mas é sobretudo isto o que nos mobilizou. O que nos levou a estar permanentemente atentos a este fenómeno foi o facto de haver pessoas em perigo, não apenas bens, não apenas floresta. Isso já não seria pouco, não apenas locais de trabalho, não apenas viaturas, não apenas casas, mas pessoas sobretudo e a aflição das pessoas precisa também de ter informação, sinais de alerta ou porque há abandono ou porque a ameaça está ali perto. E é preciso, é preciso estar com as pessoas, portanto esse convém dizer para todos aqueles que obviamente têm o seu ponto de vista e muitas vezes o trabalho pode não correr da melhor maneira. Nem sempre conseguimos fazer o nosso melhor, mas se me permitem, eu presto aqui uma homenagem a um esforço enorme que as várias equipas da RTP fizeram ao longo destes dias para estar o mais perto possível, em segurança, obviamente e com a serenidade que se aconselha perto das populações portuguesas”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Há cerca de uma década, as Direções de Informação dos canais generalistas (RTP, SIC e TVI), haviam combinado não difundir (pelo menos profusamente) imagens dos incêndios florestais que ocorram. Isto para evitar “premiar” os incendiários que, perante tais imagens, poderiam pensar: “fui eu que fiz isto!”.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

“Já não é o primeiro ano que me insurjo contra a exibição constante de imagens e comentários sobre fogos. Estão a “impingir” imagens que podem levar o espectador a agir de forma imprópria. Os espectadores não são “todos santos”. Será necessária a exibição de tanta imagem?

Ana Sousa Dias, Provedora do telespectador da RTP

Mais uma vez como aconteceu noutras situações de incêndios eu recebi protestos por serem emitidas tantas imagens de fogo dizendo que aquilo potencia digamos as fantasias dos Pirómanos. Isso corresponde a uma realidade. Vocês têm isso em conta?

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

"Essa questão é uma questão antiga, no sentido em que não há evidência científica total de que mostrar as imagens é suficiente para um estímulo dos pirómanos, mas sabemos temos provas de que esse espetáculo do fogo, chamemos-lhe assim, pode atrair, digamos, mentes mais perturbadas e portanto, temos que ter algum cuidado com ele. Eu, aliás, costumo dizer que é mais impressionante uma imagem como aquela que temos agora em fundo e que nós usámos muitas vezes este tipo de imagem de cinza, de destruição, do que às vezes uma imagem de fogo. Eu sobre esta matéria queria dizer duas coisas, uma primeira é, nós não podemos apagar o fogo, ele existe, é uma ameaça. E essa ameaça merece visibilidade com conta peso e medida, mas não podemos ignorar a ideia de que os incêndios diminuem porque não são mostrados pelas televisões é uma ideia falsa. Desde logo, porque as televisões não são suficientes para apagar os incêndios. Hoje, vivemos num tempo em que o imediatismo das redes sociais, da troca de vídeos entre as pessoas, da partilha de vídeos, é muito rápido, muito mais rápido muitas vezes do que as televisões e, portanto, essa matéria não pode ser vista assim desse modo, e eu acho que os portugueses precisam de saber que realidade têm, não precisam de uma realidade mascarada, diminuída. A realidade é aquela. Dito isto, obviamente que nós não queremos um espetáculo do fogo. As imagens que aparecem das frentes de incêndio são as imagens necessárias e suficientes para se ter uma ideia da extensão da intensidade que os incêndios têm muitas vezes. Se eles estão próximos de uma casa e nós temos populações ao lado preocupadas com o incêndio é evidente que as chamas vão aparecer, mas nós não queremos as chamas pelas chamas. Eu tenho dito, usámos precisamente neste local, sempre imagens de destruição do fogo, nunca imagens de chamas vivas. Do fogo? E mesmo quando nas conversas em estúdio, com especialistas, precisamos de ter imagens que complementem a mensagem. Eu recomendei sempre a direção de informação, recomendou sempre não imagens de labaredas, mas imagens de destruição que o fogo deixa, a cinza que o fogo deixa. Naturalmente durante uma reportagem a imagem tem de lá estar? No direto, na peça jornalística em que documenta, digamos, a dimensão das coisas e dá um retrato daquilo que aconteceu obviamente que aparecem, o fogo não se apagou. Seria estranho, então, falarmos em gravidade ou alguma coisa de importante".

OFF

Trago agora dois assuntos que também suscitaram mensagens de telespectadores, ocorridos no final de agosto.

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"Na abertura do Telejornal de 26 de agosto de 2024, em que informaram que "há mais de meio século que não havia um sismo de tão grande magnitude em Portugal"... tenho a dizer o seguinte: Portugal não é Lisboa; 1980 foi há 44 anos, Os Açores são Portugal. tenham respeito por mais de 70 mortos à altura".

OFF

Têm razão os telespectadores, Portugal não é apenas a área continental, e a destruição causada pelo sismo de 1 de janeiro de 1980 nos Açores não poderá ser nunca esquecida.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

"Pode-se corrigir e sobretudo pode-se não repetir o erro e essa às vezes é uma tentação, porque obviamente a intenção era dizer em Portugal continental, Portugal não é apenas o Continente, tem as regiões autónomas dos Açores e da Madeira e obviamente, quando nos apercebemos dessa situação, fomos rapidamente corrigir essa repetição do erro. Quando o erro se comete está cometido, a seguir temos que o corrigir. É isso que devemos fazer mas ele decorreu apenas do erro, precisamente de querendo dizer Portugal Continental esquecer que os Açores têm sido ao longo dos anos, nomeadamente nos anos noventa, no final dos anos noventa, vítimas de sismos graves que provocaram mortes e umas dezenas de mortes".

OFF

Um helicóptero despenhou-se no rio Douro, causando a morte de quase todos os seus ocupantes. Mas num dado momento a RTP anunciou, erradamente, que todos tinham sobrevivido.

O erro foi rapidamente corrigido, mas como pôde isto acontecer?

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"A boa notícia era que todos estavam com vida". Ora, tal informação exigia-se no mínimo que fosse confirmada antes de ser noticiada. Qualquer fonte tem que ser verificada antes de ser noticiada, mas numa tragédia como esta exigia-se um cuidado maior em noticiar factos verificados e verdadeiros, até pelo sofrimento causado junto dos familiares".

MENSAGEM DE TELESPECTADOR

"No dia 30 de agosto no final do jornal da tarde foi dada a notícia de que os militares da GNR envolvidos no acidente do helicóptero teriam sido todos resgatados com vida, o que infelizmente não correspondia à verdade. No meu modesto entender e no alto da minha quarta classe exigia-se um pedido de desculpa pelo lapso logo no início do jornal da noite, que não aconteceu".

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

"Nós tínhamos duas fontes, uma fonte da GNR que teria avistado pessoas na margem do Douro, que seriam os ocupantes, os outros ocupantes do helicóptero. Houve uma segunda fonte de forças que estavam a fazer a fazer, a participar na tentativa de resgate e de encontrar o helicóptero e os seus ocupantes, que também coincidiu na mesma informação e nós confiamos nessa informação. Confiamos que, do mesmo modo que já havia notícia da do piloto do helicóptero ter ficado a salvo de que isso também tinha acontecido com os tantos ocupantes que estariam numa margem. O erro foi, enfim, das fontes que também digamos, caíram, caíram nessa informação errada, pessoas que tinham que estavam vestidas, digamos, de um modo parecido, mas que eram precisamente pessoas que estavam empenhadas na procura e no socorro das pessoas de helicóptero. Foi um erro e um erro lamentável. Um erro, obviamente que significativo, que nos ocupa ainda internamente e que esperamos não repetir, mas eu nestas situações, digo sempre uma coisa, e isso também é uma garantia que deixamos aos nossos espectadores é que só quem reconhece os seus erros é que pode merecer confiança e nós não somos infalíveis. Às vezes erramos, tentamos que errermos poucas vezes, mas quando erramos temos que corrigir os erros e aprender com eles. Lamentavelmente, as fontes eram até de uma instituição que também obviamente não tentou enganar-nos, estava animada de pensava que

eram esses homens, mas acho que temos que ter às vezes muito mais cuidado do que o cuidado que tivemos”.

OFF

Manifesto aqui a minha comovida solidariedade para com as vítimas destes acontecimentos trágicos. Compete-me fazer uma análise do trabalho desenvolvido pela Informação da RTP, em particular aquando dos incêndios de setembro no Continente.

Nas muitas horas que vi da informação da televisão pública, é evidente a presença dos repórteres, por vezes em aldeias cercadas pelas chamas, com imagens de fogo sempre presentes. Justificam-se, na minha opinião, todas as horas dedicadas pela RTP a esta tragédia e, claro, as alterações na programação, com a supressão de alguns programas previstos. Não o fazer seria uma negligência imperdoável. No conjunto de reportagens a que assisti, detetei um esforço para não expor nem explorar gratuitamente o sofrimento das pessoas, preferindo mostrá-las na sua dignidade. É muito difícil manter esta linha de demarcação entre o espetáculo da dor e a coragem de enfrentar uma tragédia profundamente humana.

A questão tão discutida de mostrar ou não imagens de fogo, pressupondo que podem estimular instintos de pirómanos, esbarra com a necessidade de informar, de mostrar a realidade. Nem sempre foi possível, no entanto, manter a distância aconselhável das chamas, até porque o fogo teve por vezes desenvolvimentos imprevisíveis e extremamente rápidos. Elogio a opção por, logo que possível, destacar o cenário da destruição - são imagens de enorme impacto e desolação. Agora é tempo de fazer balanços e, sobretudo, de tomar medidas que ajudem as populações a retomar as suas vidas, e a Informação deve manter o foco nesta realidade.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 32 – 05 DE OUTUBRO 2024

DURAÇÃO: 13:52 MINUTOS

OFF

Um ano depois dos ataques do Hamas ao sul de Israel em 7 de outubro, depois de dezenas de milhares de mortos e milhões de desalojados, não se vislumbram tréguas no Médio Oriente. Apesar dos sucessivos apelos do secretário-geral das Nações Unidas e de pressões de dirigentes de vários países, o risco deste conflito envolver diretamente mais países da região é cada vez mais evidente.

No momento em que preparamos este programa, Israel ataca o Líbano e já causou a morte de vários dirigentes do Hezbollah e da Frente Popular para a Libertação da Palestina, numa situação que evolui rapidamente.

No último ano, a RTP enviou para Israel os jornalistas Cândida Pinto, José Manuel Rosendo e Paulo Jerónimo, com os repórteres de imagem David Araújo, Marques de Almeida, José Pinto Dias e João Oliveira. Rosendo e Sérgio Ramos encontram-se neste momento em Beirute, Paulo Jerónimo regressou à redação da RTP no Porto, Cândida Pinto é hoje correspondente da RTP em Washington.

O trabalho de um correspondente de guerra é complexo e nesta região carateriza-se pela impossibilidade de cobrir a região de Gaza. Criticado por alguns por só dar voz a Israel e por outros, por só dar voz a palestinianos, Paulo Jerónimo fala das suas experiências em situações de guerra e, em concreto, da mais recente reportagem naquele território, numa estadia de um mês e uma semana.

Paulo Jerónimo, Jornalista da RTP

"O estado de espírito é um estado de espírito de missão, ou seja, é preciso estar lá. Alguém tem que fazer chegar cá as informações daquilo que possa vir a acontecer. Desta vez, efetivamente, o objetivo era cobrir um potencial, estava por horas esse ataque do Irão a Israel e, portanto, a direção de informação, quando pede para avançar, é nesse sentido, é de estar junto de onde vai estar esse acontecimento e relatar dentro do que fosse a partir do momento, porque nunca sabemos de que forma é que vai ser e o que é que vai ser mas dentro do possível, fazer o relato daquilo que vai estar a acontecer e, portanto, chegando a Israel, desta vez a preocupação foi de imediato começar a perceber como é que estava a população, os civis israelitas perante essa ameaça que estavam a sofrer e que estava iminente a acontecer de um ataque por parte do Irão. Depois ouvir também a oposição em termos políticos. A oposição a Benjamin Netanyahu, o primeiro-ministro israelita porque é um homem muito contestado não só em termos da população, mas até em termos políticos. E portanto, era também muito importante ouvir a oposição política, também ir perceber como é que estava a parte do norte do território israelita, a preparar-se para um conflito com o Hezbollah que acabou por se concretizar e, portanto, ver como é que estava a ser organizado. Descobri, por exemplo, um hospital que está construído no piso menos três, um subterrâneo, um bunker autêntico, mas que tem capacidade para dois mil doentes num piso menos três e portanto, é uma dimensão e é algo que não nos passa pela cabeça sequer que um país está, já que ser construído e organizado para enfrentar guerras. E isso foi a preocupação nos primeiros dias naturalmente, desta viagem, foi mostrar como é que Israel se estava a preparar perante o ataque estava iminente do Irão. Depois passando esse período, esvaziando-se um pouco a tensão, sobretudo porque acabou por não se concretizar essa ameaça por parte do Irão. Então, aí a preocupação passou a ser também ir à Cisjordânia, ver de que forma é que os palestinianos estão a viver depois de praticamente um ano de guerra perceber as dificuldades do dia-a-dia e depois termina num momento talvez um pouco normal dentro de um espírito de guerra, que é ir para uma zona onde sabíamos que o risco era muito mais elevado e que acabou também por como se costuma dizer, sobrar para nós, que é quando decidimos. Porque houve um incidente com a equipa da RTP? Sim, Foi um incidente que acontece, mas que é um incidente que resulta do espírito e do ambiente que se vive de guerra e, portanto, nós íamos para Jenine as forças de defesa israelitas estavam a fazer uma incursão na Cisjordânia, em Tulkarem e em Jenine. Nós... falei com o fixer que nos acompanha, o produtor local, o tradutor que nos acompanha, com a intenção de irmos para o quanto antes. Só ao fim de três dias é que conseguimos ir porque não havia condições de segurança mínimas para podermos chegar a Jenine, convém dizer que para chegar a Jenine só há uma estrada, há depois montes e estradas pelo meio do monte mas essas não eram o nosso caminho, o nosso caminho tem de ser o caminho que é legitimamente reconhecido para que se algum incidente acontecer a própria empresa poder justificar e exigir esclarecimentos a quem de direito e portanto fomos para Jenine. À entrada em Jenine, o carro perfeitamente identificado como press, ou seja, imprensa no Internacional em várias zonas do carro e à entrada de Jenine quando o motorista se apercebe que estão militares ao fundo de uma avenida que já no interior de Jenine onde não andava ninguém na rua, um silêncio total, tudo fechado. Apercebe-se, partilha connosco todos nos apercebemos que estávamos perante um carro de combate israelita posicionado ao fundo da

rua. Mais duas viaturas militares também a cortar a estrada e vários militares israelitas, que começam de imediato a fazer-nos um a empunhar armas automáticas na nossa direção, e começamos a fazer um sinal de afastem-se sem dar sequer a oportunidade de estabelecer diálogo. De imediato o que fizemos foi abrandar a marcha do carro ligado, os quatro piscas tentar demonstrar que não estávamos com uma atitude hostil, abrimos os vidros. Colocamos as mãos de fora para tentar expressar exatamente isso mas, como vimos que continuavam a apontar, as armas, continuavam com os sinais para nos afastarmos decidimos retirar daquele local e quando estámos a fazer a manobra de inversão de marcha para voltar para o sítio de onde íamos, somos alvo de uma rajada de metralhadora que foi disparada de uma arma automática, vinda daqueles militares na nossa direção”

OFF

No último ano, tenho recebido queixas de telespectadores descontentes com o que consideram ser simpatias ou posicionamentos políticos dos repórteres da RTP no Médio Oriente. Também em relação a Paulo Jerónimo.

TELESPECTADOR QUEIXA

“A reportagem que o jornalista Paulo Jerónimo, enviado a Israel, faz diariamente no telejornal é grosseiramente parcial. Para quem não soubesse mais nada, tudo se resumiria a um exército israelita, que inexplicavelmente destrói escolas, hospitais e mata indiscriminadamente civis, em especial crianças. Nunca ouvimos autoridades israelitas e raramente ouvimos israelitas, a não ser para exporem a crítica à condução do conflito por parte de Israel. A impressão que se tem é que o jornalista entende a sua missão como sendo a da denúncia de Israel de um ponto de vista militante do lado palestiniano”.

Paulo Jerónimo, Jornalista da RTP

“Há muita pressão para um jornalista fazer trabalho, desenvolver trabalho num cenário como é aquele que se vive atualmente no Médio Oriente, em Israel, na Faixa de Gaza. Para começar, a Faixa de Gaza é um território interdito a jornalistas internacionais. Portanto, nós não podemos entrar livremente como entramos em outros cenários de guerra, sabendo do risco que correríamos, porque vamos para um cenário desses, mas não nos é permitido, não há acesso nenhum. Pontualmente as forças de defesa israelitas estão a convidar jornalistas de grandes cadeias de televisão internacionais, mas para irem com eles? sob condições em que vão numas circunstâncias muito, muito restritas, não lhes é permitido falar com a população. Não lhes é permitido sair de um determinado raio que é selecionado, escolhido pelas forças de defesa de Israel e, portanto, é uma forma muito estranha de se fazer jornalismo, ir de forma independente de forma livre, de forma a poder auscultar por exemplo os civis é de todo nesta altura, impossível de o fazer e, portanto, o foco tem que ser sempre procurar, relatar com o rigor, com a verdade que nós na nossa casa temos e temos que continuar a manter e perceber que o estamos a fazer de uma forma totalmente transparente, sem tomar posição sem tomar qualquer tipo de iniciativa ou a favor de uma das partes ou da outra. E, portanto esse é o foco e tem que ser esse o objetivo dá um desgaste muito grande porque obriga-nos a pensar muito sobre tudo aquilo que dizemos, tudo aquilo que fazemos, aonde nos posicionamos de forma a que por um lado a nossa integridade física não seja posta em causa, não é, mas também temos a certeza de que aquilo que estamos a transmitir é a verdade dos acontecimentos que nós presenciamos. E esse tem sido sempre o foco que tem desenvolvido, não só em Israel, mas também nos outros conflitos por onde já estive no passado. Por exemplo, na Ucrânia também recentemente, mas aqui em

Israel, ainda nos obriga a um a um rigor ainda mais, muito mais intenso, por parte de tudo aquilo que fazemos para evitar problemas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quando voltas, quando chegas a tua casa, como é que estás? Estás com aquelas imagens todas na cabeça? Estás aliviado? Estás, como é o regresso?

Paulo Jerónimo, Jornalista da RTP

“O regresso é sempre muito difícil e é um regresso difícil porque o desgaste que nós temos começa no dia zero, ou seja, quando vamos já estamos com algum desgaste naturalmente pela tensão. Nós temos que sentir medo porque só sentindo medo é que vamos respeitar e vamos ter os cuidados necessários para nos protegermos porque se vamos de alguma forma convencidos, que somos heróis ou que a mim nada me acontece, o mais provável é que venha a acontecer e, portanto eu defendo o contrário e portanto, eu e quem está comigo, a preocupação é sempre defendemos, protegemos um ao outro. Nós vamos sempre dois. O jornalista e o repórter de imagem e portanto, somos uma equipa que tem que estar muito unida”.

OFF

Também os comentadores, quer sobre a guerra da Ucrânia, quer sobre este conflito, têm sido objeto de queixas dos telespectadores, mas até agora, nenhum convidado foi alvo de tantas críticas como Rafael Rosenshein, Major e porta-voz das IDF, isto é, Forças de Defesa de Israel.

TELESPECTADOR QUEIXA

“O porta-voz das Forças de Defesa de Israel, um exército envolvido num genocídio, foi entrevistado em direto sem qualquer contraditório ou contextualização crítica. A ausência de uma postura jornalística equilibrada num assunto tão delicado e grave como este coloca em causa a responsabilidade da RTP enquanto serviço público de informação. A RTP tem uma responsabilidade acrescida no combate à desinformação e à apologia de crimes contra a humanidade, e acredito que garantir a pluralidade e a ética nas suas transmissões é essencial para cumprir essa função”.

TELESPECTADOR QUEIXA

“É inaceitável que a RTP sirva de megafone a um exército acusado credivelmente de genocídio e crimes de guerra. Dar tempo de antena a um propagandista de um exército genocida é espalhar desinformação e ser cúmplice dos crimes deste exército. Tudo isto sem contraditório”.

TELESPECTADOR QUEIXA

“O senhor em questão justificou o massacre de vários civis no Líbano, usando propaganda pura. A RTP tem o dever de realizar serviço público, e compete-lhe informar. Se considerarmos ser um espaço de opinião, o mínimo exigido é existir um contraditório. Tal elemento nunca poderá usar a RTP como veículo de propaganda, muito menos sem direito a contraditório”.

OFF

Pedi esclarecimentos à Direção de Informação.

NOTA DA DIREÇÃO DE INFORMAÇÃO:

"A entrevista ao porta-voz da IDF foi uma oportunidade de o confrontar com a situação e com as críticas à atuação de Israel. Não podemos deixar de ouvir as partes. Nesse dia, procurámos ter também em antena um responsável palestiniano, mas não foi possível. Optámos por pedir a um antigo responsável da ONU, Victor Ângelo, um comentário à entrevista.

Os equilíbrios não podem ser analisados em segmentos de uma hora ou de um dia. No geral estamos conscientes de que temos tido uma abordagem apropriada, seja na desconstrução dos discursos, seja na pura análise das motivações e das ações, seja no debate crítico, seja na audição das partes em confronto.

OFF

Não foi a primeira vez que este porta-voz, de origem brasileira, foi ouvido na RTP 3. Numa anterior intervenção, as suas declarações foram seguidas de um contraditório feito por um especialista bem documentado. Desta vez, a sua intervenção durou mais de dez minutos, logo a seguir a duas declarações do primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Alguns minutos depois, foi ouvido o embaixador Victor Ângelo, que rebateu brevemente parte do que fora dito. Foi desproporcionada a atenção dada ao militar. Cabe à RTP defender o pluralismo, a transparência e o debate de ideias e neste caso isso não aconteceu.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 33 – 12 DE OUTUBRO 2024

DURAÇÃO: 15:38 MINUTOS

OFF

Terminei recentemente a minha série de visitas às Delegações e Centros de Informação Regional da RTP por todo o País.

Comecei no final do ano de 2022 com a visita ao Centro Regional dos Açores da RTP e fechei a ronda já em 2024 com a deslocação mais a Norte, Viana do Castelo e Bragança.

Ao longo desse tempo fui ainda ao Centro Regional da Madeira, ao Centro de Produção do Norte, em Vila Nova de Gaia, e aos Centros de Informação Regional de Faro, de Évora, de Coimbra e Castelo Branco.

Foram visitas importantes que me permitiram ter uma imagem global da RTP em Portugal, ouvir os seus profissionais, saber das suas dificuldades e especificidades territoriais.

Não tenho o condão mágico de resolver os problemas que encontrei, nem tenho sequer esse papel, mas faço questão de revelar aos telespectadores o que poderá limitar o desempenho da RTP no todo nacional. Principalmente quando me questionam porque a RTP não cobriu este ou aquele evento, poderá encontrar aqui uma resposta que justifique essa ausência.

No topo da lista das maiores dificuldades está a falta de pessoal. Um problema que ouvi repetidamente em todas as delegações e centros da RTP que visitei.

Rui Goulart, Diretor da Centro Regional dos Açores da RTP

“Diria que a principal preocupação que é um problema transversal à empresa são os Recursos Humanos. A empresa necessitava de mais Recursos Humanos, é um processo que estamos sempre em luta permanente, mas também sabemos que é uma decisão que compete ao acionista dizer sim ou não a essa necessidade de recursos humanos”.

Tânia Spynola, Coordenadora da Informação da RTP Madeira

“Somos cerca de 20 jornalistas entre efetivos e colaboradores externos, operadores de imagem temos alguns que são afetos à casa e que fazem apenas informação e recorremos também a trabalho externo, infelizmente são poucos esses colegas e mesmo que os queiramos recrutar lá fora eles não existem com a formação adequada para trabalhar na área da informação que como todos sabemos exige uma carteira profissional”.

Helena Figueiras, jornalista da RTP (Faro)

“Venho do tempo da rádio, em que chegámos a ter 30 e tal 40 pessoas e ao longo do tempo de rádio as pessoas foram saindo, reformando-se, nunca acabaram por serem repostas e substituídas e o mesmo aconteceu depois ao longo do tempo de televisão, chegámos a um ponto em que somos muito poucos”

Teresa Marques, Jornalista na RTP (Évora)

“Dava jeito ter mais alguém, para isso, para conseguir fazer mais coisas, para conseguir dividir o trabalho de outra maneira, para conseguir por exemplo não acontecer o que acontece muitas vezes, marcar uma reportagem e no dia de manhã ligar e dizer desculpe não podemos ir”.

António Nunes Farias, coordenador do Centro Regional de Castelo Branco da RTP

“Se calhar fazia-nos falta, eventualmente, mais uma equipa completa de televisão, porquê? Por uma razão muito simples, é que eu costumo dizer que aqui em Castelo Branco temos uma equipa e meia, sem menosprezo para o colega jornalista redator mas ele está vinculado à radio, à antena 1, e faz televisão porque quer e daí a necessidade de termos a necessidade de alguém que pudéssemos contar com ele permanentemente em relação à Televisão para às vezes não haver aqueles choques bom tenho de fazer isto para a radio e para a televisão e às vezes à mesma hora”.

Pedro Ribeiro, coordenador do Centro Regional de Coimbra da RTP

“Eu ficaria muito satisfeito, em termos de televisão se tivesse mais um jornalista e mais um repórter de imagem, mais uma equipa para dar mais atenção ao distrito de Leiria”.

Patricia Lopes, Jornalista RTP

“Acho que a falta de pessoal é que a principal dificuldade, porque nós já tivemos aqui quando havia as emissões regionais das regiões, éramos quinze pessoas ao longo do tempo foi-se esvaziando a delegação e neste momento somos três”.

Ana Sousa dias, Provedora do Telespectador da RTP

“Parece-me pouca gente, 30 jornalistas é pouca gente porque implica ter folgas, férias, etc, é preciso um gole de rins não?

Hélder Silva, Editor Executivo no Centro de Produção do Norte

“É preciso um jogo de cintura muito grande e fico contente que a provedora concorde que é pouca gente para fazer tanta coisa”.

OFF

O problema da falta de Recursos Humanos na RTP, como ouvimos, é transversal a todo o território nacional.

É sobretudo no interior que a falta de meios humanos é mais notada, mas também existe nos grandes centros como Lisboa e Porto onde estão as maiores redações do País.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Temos falta de recursos humanos. Não há como dizer que não temos, porque temos. Eu falo dos jornalistas, mas obviamente que trabalham na RTP, muitos outros profissionais e são eles que põem de pé as nossas emissões. O esforço que temos feito no fundo é de pelo menos não deixar agravar a situação. Isto é, sempre que alguém sai tentar sempre substituir para manter alguns equilíbrios de funcionamento, sendo certo que o País, também com as vias de comunicação se tornou um pouco mais próximo e sempre que é necessário, deslocamos equipas para as áreas do território em que seja necessário, seja de Lisboa do Porto e, portanto, contamos com todos. No fundo tentamos aproveitar o trabalho de todos o melhor possível e quando é preciso deslocar jornalistas de Lisboa para Faro ou para Coimbra ou Castelo Branco, também o fazemos do mesmo modo e em abono da verdade e queria deixar aqui essa homenagem também a todos os profissionais que estão de norte a sul do território, nos Açores e na Madeira, que todos eles têm feito um esforço enorme para representar a RTP e para cobrir tudo o que acontece à sua volta”.

OFF

Além da falta de trabalhadores, as delegações da RTP deparam-se com territórios cada vez mais extensos para cobrir uma vez que existem cidades, algumas até capitais de distrito, que não têm equipa da RTP e acabam por sobreregar as Delegações existentes.

É o caso de Beja e Setúbal que não têm qualquer jornalista residente da RTP e há muito se fala na necessidade de os preencher.

A ilha de Porto Santo, na Madeira, também não tem qualquer jornalista residente da RTP.

Martim Santos, Diretor do Centro Regional da Madeira

“É complicado. Mas é uma das coisas que nós temos no topo da nossa, das nossas preocupações que é consolidar a nossa aposta na ilha do Porto Santo de uma forma mais permanente. Nós temo-lo feitos com programas específicos do Porto Santo, vamos lá com muita regularidade, agora a verdade é que estamos vulneráveis é que se acontecer alguma coisa que exija uma resposta rápida não temos essa presença, é um tema que temos estado a trabalhar mas que não é de solução assim tão simples como pode parecer à primeira vista”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Temos uma presença no território aquém daquilo que seria desejável, apesar de termos vindo a tentar recuperar algum terreno. Há dois anos reabrimos uma delegação de Vila Real e é preciso

continuar esse esforço. Há distritos do país onde não estamos presentes. Já há delegações que têm um raio de ação enorme, uma faixa de território muito significativa e é verdade que faltam recursos humanos. Está previsto alguma nova delegação? Temos a ambição de conseguirmos lá fora ter uma presença mais alargada, abrindo a delegação de Londres, no território continental foi Vila Real. Temos algumas ideias sobre outras prioridades, nomeadamente o Alentejo que tem uma faixa enorme. Não estamos no distrito de Beja, Beja, Setúbal, sendo certo que obviamente Setúbal está aqui mais perto de Lisboa, mas perto de Lisboa estão muitas áreas em que também não temos uma presença permanente. Santarém, Leiria, tudo são áreas que estão perto mas que simultaneamente estão longe... Podemos dizer Amadora, Sintra, etc.? Exatamente e esse problema pode ser conjugável. Isto é, nós temos território e temos pessoas. É evidente que temos pessoas muito concentradas no litoral e nos grandes centros, a Amadora é um bom exemplo, e muitas vezes a dificuldade de cobertura passa por zonas que estão geograficamente muito próximas".

OFF

A falta de meios técnicos é outras das queixas que mais ouvi na minha deslocação a Delegações e Centros Regionais da RTP de Norte a Sul do País.

Faltam equipamentos vários, desde câmaras mais leves e atualizadas a veículos adaptados ao território onde intervêm determinados centros da RTP, sobretudo no interior de Portugal.

Há ainda quem trabalhe para o canal público de televisão em condições muito precárias ou em edifícios degradados como são os casos do Centro regional de Castelo Branco e do Centro Regional da Madeira.

Mas para mim o caso mais gritante é o do Centro de Informação Regional do Algarve da RTP, em Faro. O edifício que acolhe os profissionais da RTP, no Campo da Senhora da Saúde, remonta aos anos 50 aquando a inauguração do emissor regional do sul da emissora nacional.

Além de encontrar uma delegação desfalcada de pessoas cuja porta de entrada é aberta a partir da central em Lisboa, deparei-me com um edifício degradado a precisar de melhoramentos e condições condignas a quem lá trabalha.

Tânia Spynola, Coordenadora da Informação da RTP Madeira

"E umas obras aqui na redação também, penso que já é de conhecimento público que nos chove dentro, porque a administração tem conhecimento disso, esperemos que as obras também sejam feitas brevemente".

António Nunes Farias, coordenador do Centro Regional de Castelo Branco da RTP

"No início era um edifício, há 25 anos, era um edifício fantástico e é, pelo espaço, mas depois notam-se passados 25 anos, deficiências complicadas".

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

"Temos feito um esforço em abono da verdade de ir resolvendo problemas. Sei lá problemas informáticos, tínhamos algumas carências a esse nível, temos feito alguma renovação de equipamentos informáticos, dotámos todas as delegações de meios direto próprios que não tínhamos e tem sido feito esse esforço nos últimos anos. Até duas delegações, tem dois meios próprios de diretos permanentes e isso foi uma conquista importante. Temos feito alguma renovação de instalações. Évora passou a ter instalações novas, que não tinha e que foi também

*nos últimos anos que o conseguimos, vamos fazendo obras aqui e ali em Coimbra, por exemplo, é um exemplo também de alguns melhoramentos recentes, ligações técnicas ou servidores que dificultavam o nosso trabalho. Tem sido feita alguma formação também, mas temos carências, por exemplo, que são gerais na empresa toda, que tem a ver, por exemplo, com meios móveis de deslocação. As chamadas frotas automóveis, que estão muito envelhecidas, com algumas dificuldades de trabalho, nem sempre adaptadas aos terrenos a que somos chamados, sejam os incêndios, sejam as montanhas, etc... **Essa foi uma das queixas que eu recebi de os carros não estarem adaptados. Por exemplo, no Alentejo, ser um carro leve não faz sentido.** A RTP, enfim, precisa, obviamente, de renovações em várias áreas, precisa de recursos, a empresa está consciente desse problema. Estão previstos investimentos, a administração tem revelado preocupação com estas áreas em reforçá-las, seja na área da formação, seja na área de manutenção do que temos, mas mesmo de investimento em novos equipamentos. E isso é necessário para o nosso trabalho”.*

Luís Pinto, Repórter de imagem da RTP

“É evidente, não digo que o caso de Viana de Castelo seja diferente de todos os lados da RTP. Eu acho que a RTP, em geral, mais tarde ou mais cedo, vai ter que investir em equipamentos novos como esta Câmara, que já tem muitos anos vão se desgastando.”

OFF

Não basta apetrechar as delegações e Centros da RTP de meios humanos e técnicos, é preciso também dotá-los de formação aos profissionais que lá trabalham.

Esta é outras das lacunas que ouvi em vários pontos do País.

É o caso dos estúdios da Horta, na ilha açoriana do Faial, beneficiaram de um investimento de meio milhão de euros em tecnologia, mas não houve formação para trabalhar com os novos equipamentos.

Roberto Moraes, coordenador da Delegação da Horta da RTP

“Não houve qualquer tipo de formação em relação ao equipamento que foi aqui instalado. Isso pode querer dizer que está subutilizado? Quer dizer continua a fazer falta essa formação? Eu estou convencido que quem aqui trabalha com os equipamentos, se tivesse formação, as coisas eram muito mais fáceis e aproveitáveis no trabalho diário”.

Nelson Sousa, Repórter de Imagem RTP

“Para mim foi mais duro, agressivo porque eu saí dos estudos e passado pouco tempo entrei logo para a RTP e secalhar devido à necessidade que era precisa na delegação da Guarda de um repórter de imagem não tive aquele tempo inicial, de preparação, foi dado pelo tempo que era possível pelos colegas aqui de Castelo Branco. Algum tempo livre que eu ia aprendendo também com eles, iam-me ensinando e depois de saída para saída em reportagem era aí que eu ia aprendendo e de umas para as outras ia melhorando”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Temos feito das duas maneiras alguma formação feita, digamos, no centro, mas também algumas formações dedicadas quando há novos equipamentos à deslocação de pessoas de Lisboa às delegações também para fazerem alguma formação. É um setor que precisa de mais

investimento. Há indicações nesse sentido para que este ano se invista mais informação em geral na empresa e isso vai abranger todos e todos serão chamados. Hoje é possível, nalguns casos, fazê-lo à distância, noutras tem que ser presencial e, portanto, é uma área em que em que vamos investir".

OFF

Não trago apenas queixas a este Programa Voz do Cidadão, trago também esperança por termos algumas promessas por um lado de que tudo será feito para melhorar as condições dos jornalistas que nos mostram o País que está para além das grandes cidades e também porque são eles que dão tudo por tudo para trazer aos ecrãs da RTP, e de uma forma muito digna apesar das dificuldades, a vida dos portugueses.

São estes trabalhadores que nos mostram o País e que cumprem o propósito de aproximar os territórios mais vastos dos centros urbanos onde parece que tudo acontece e por isso é tão importante a continuidade de programas como o Portugal em Direto e o Eixo Norte Sul, na RTP 3. Dotar as delegações da RTP espalhadas pelo país dos meios adequados técnicos e humanos é garantir que o telespectador fica melhor servido.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 34 – 19 DE OUTUBRO 2024

DURAÇÃO: 16:04 MINUTOS

OFF

Hoje, o Voz do Cidadão vai além-fronteiras ao encontro dos que se dedicam à cobertura noticiosa internacional. Na maioria das vezes, a política, os conflitos e as convulsões sociais são a matéria-prima dos correspondentes internacionais da RTP que a muitos quilómetros do seu país, da sua família e das suas referências, são testemunhas do nosso mundo e dos tempos que vivemos. Mas todas as áreas da informação estão contempladas.

OFF

Além dos enviados especiais que pontualmente viajam para onde há notícia que interesse aos portugueses, os correspondentes da RTP espalhados pelo mundo são: Tiago Conteiras em Moçambique, Viriato Teles em Angola, Waldir Araújo na Guiné Bissau. A Paris chegou recentemente a Rosário Salgueiro com o Repórter Paulo Lourenço. Em Bruxelas Paulo Dentinho com o repórter Rui Silva, Pedro Sá Guerra está há vários anos no Brasil. Em Cabo Verde está Ricardo Mota, em Espanha, Ana Romeu. Paulo José Martins em São Tomé e Príncipe. Cândida Pinto é a correspondente nos Estados Unidos e em Moscovo, o já histórico Evgany Mouravich.

OFF

Com mais de 30 anos de profissão, há oito que Rosário Salgueiro é correspondente internacional da RTP.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Como é que é ser correspondente? É ter que fazer todos cobrir tudo o que se passa num país, tudo, enfim, dentro do possível, num território que ainda por cima é. É enorme. É um país muito vasto?

Rosário Salgueiro, Correspondente da RTP em Paris

“E onde a comunidade portuguesa é também muito, muito grande. O que ajuda no nosso no nosso trabalho? Ser correspondente em França, por comparação ao Reino Unido, onde estive antes, É mais fácil, porque a marca RTP é muito reconhecida na rua. Lembro que em 2018, quando aconteceram os coletes amarelos. Nós éramos das poucas estações de televisão internacionais que estávamos no chão junto da manifestação, porque, por regra, por questões de segurança, as outras estações estavam nos terraços. Para nós era muito fácil. Havia uma tensão entre os manifestantes e os meios de comunicação social. Mas, como entre os coletes amarelos havia muitos portugueses e lusodescendentes eles diziam essa marca é boa porque se lembravam. Nem que fosse dos teus pais dizerem que as marcas boas, então davam-nos entrevistas e era muito fácil em francês, em português, na língua que eles falavam e era muito fácil. Agora é preciso fazer tudo, desde o trabalho de produção, os contactos, a produção de meios”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E preparar-se para todos os temas do futebol, ao desenho animado, sei lá à grande política?

Rosário Salgueiro, Correspondente da RTP em Paris

“Eu costumo dizer que o correspondente é um clínico geral, com muitas especialidades e pode acontecer que de manhã estamos a fazer política, aquela política muito fragmentada e depois à tarde já temos futebol, o que nos obriga a estar a mudar sempre o chip e uma preparação muito, muito intensiva”.

OFF

Cenários muito diferentes compõem o percurso de Paulo Dentinho.

Depois de ter sido enviado especial e repórter de guerra, hoje o jornalista ocupa a posição de correspondente em Bruxelas

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Paulo depois de teres sido correspondente em Maputo, em Dili e em Paris, agora estás em Bruxelas, começaste recentemente, são situações muito diferentes?

Paulo Dentinho, Correspondente em Bruxelas

“São de facto situações muito diferentes. Aqui em Bruxelas é um jornalismo mais institucional, há uma agenda mais fixa, enquanto que, por exemplo, em Maputo, em Dili, em Dili apanhei duas fases apanhei aquele momento antes da independência e depois da independência até a independência todos os dias era possível fazer notícias. Depois da independência, praticamente deixamos de ter espaço nos noticiários e era muito mais difícil em conseguir fazer histórias que fossem suscetíveis de interessar aos coordenadores e aos editores. Aqui não, aqui há uma agenda de facto mais fixa, vêm cá muitos ministros, é um centro de poder global mundial e por isso acaba por ser um pouco mais fácil, poder fazer notícias. Embora não tenham aquele lado mais, eu diria, divertido entre aspas de ir à procura da história eh como aconteceu no as paragens, como aconteceu em Maputo, por exemplo, onde basta, às vezes, virar a câmara para o lado. As mulheres que comem areia, há imensas histórias que eu contei, os caçadores de mosquitos... Há imensas histórias interessantes sobre essas propriedades, que são diferentes das

nossas e por isso são jet de criar aqui. Algum fascínio pela descoberta desses mundos eh mais longínquos daquele que é a nossa vivência aqui na Europa Ocidental”.

OFF

A 2500 quilómetros de Bruxelas, o jornalismo perde os valores tradicionais, e transforma-se.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

EVGANY, obrigada por falar connosco. O que eu queria saber é se é possível fazer o seu trabalho livremente? Se tem se sente restrições?

Evegeny Muravich, Correspondente da RTP na Rússia

*“Muito obrigado por ter convidado. Eu sempre tenho que escolher entre duas coisas entre dizer o que penso e pensar o que lhe digo, é assim, portanto há sempre uma restrição de censura, censura própria, autocensura e neste sentido até disciplina o jornalista. Isso não é mau, mas também eu estou a sentir por trás do ombro ou sempre uma força capaz de me indicar a mim como como traidor, como indesejável como agente estrangeiro. Aliás, o sistema montado por Vladimir Putin inventou vários degraus, várias classificações de pessoas, de indivíduos e profissionais, vários rótulos que são aplicados a profissionais para isolá-los para, para fazê-los, fugir do espaço mediático e público. **Mas o seu nome está nessa lista?** Não, graças a Deus não, mas a qualquer momento, as leis estão configuradas de forma a poder de imediato imediatamente escolher um fulano qualquer e aderir a esta lista ou rotular de indesejável ou de agente estrangeiro ou de agentes de influência e por aí fora. Portanto, ainda não está nesta lista o meu nome, mas também não é muito cómodo quando, por exemplo, há duas semanas estávamos a fazer um direto a partir da Praça Vermelha e chegou um agente da segurança do Serviço Federal da Segurança e começou a chatear mesmo durante o tempo de antena. **Em direto?** Em direto, mas ele não compareceu perante a câmara, mas começou a chatear mesmo durante o tempo de antena. Pois é, mas ele não compareceu durante a câmara, mas começou a chatear com o meu a dizer a perguntar o que é que fazem? Eu tirei mesmo continuando direto, tirei a minha credencial, ele disse sim, eu sei que vocês são, mas vocês têm que pedir autorização para fazer diretos na praça Vermelha. Isso não ajuda”*

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Já tens larga experiência porque estiveste cinco anos, precisamente em Paris, e agora três anos no Reino Unido. É muito diferente a sociedade francesa e a sociedade britânica? Bom as diferentes sociedades britânicas?

Rosário Salgueiro, Correspondente da RTP em Paris

“Sim, é muito, muito diferente, desde logo, na forma como olham, por exemplo, para o o correspondente internacional. Eu, quando cheguei a França, estávamos em 2016, depois de ter de termos ganho europeu de futebol, havia alguma atenção, mas também havia alguma curiosidade sobre que país era este que tinha ganho o europeu de futebol, porque aí, nessa altura, ainda havia muito a marca de que os portugueses eram porteiros e maçons e trabalhadores da construção civil. E essa curiosidade, mas também as circunstâncias políticas de Francois Hollande ter aplicado impostos sobre a riqueza, fez com que muitos franceses procurassem Portugal e viessem viver para Portugal. E lá está e o peso da comunidade portuguesa nos diferentes setores da sociedade facilitou o trabalho e eu nunca senti que era colocada numa lista e enquanto correspondente, não tinha espaço. Por exemplo, no Eliseu não

tinha espaço na Câmara de Paris, não tinha espaço na Câmara de Lyon, ao contrário, em Londres é tudo muito estratificado e eles olham muito para a posição geopolítica do país. A importância que o país tem para a Inglaterra, sobretudo para a Inglaterra, e eu para conseguir ir a um briefing, em Downing Street, em que há todos os quinze dias, eu demorei quase seis meses e a ir lá muitas vezes mostrar o meu cartão dizer quem sou”.

OFF

No desempenho da sua função, os correspondentes internacionais enfrentam desafios e responsabilidades únicas. Muitas vezes são deslocados para outros pontos geográficos para cobrir acontecimentos mediáticos de última hora.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Bruxelas de facto, como estavas a dizer é um sítio de poder. Qual é a sensibilidade que tens neste momento, ao fim de três semanas? Sei que é pouco tempo, mas da relação com Portugal?

Paulo Dentinho, Correspondente em Bruxelas

Portugal é um dos países que faz parte deste grande clube. Há regras comuns, todos nós procuramos perceber estes os da burocracia em Bruxelas. Eu devo-te dizer que o grande desafio aqui é tentar evitar entrar na bolha mediática e política de Bruxelas, porque depois acabamos todos a falar uns para os outros, e esquecemos de falar para o cidadão comum dos nossos respetivos países. E o que o que torna muitas vezes esta linguagem eurocrática indecifrável para a maioria das pessoas. Porque estamos a falar uns para os outros aqui, falar para os políticos, para os comissários, para os eurodeputados e falar entre nós jornalistas”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Evegeny Muravich, Correspondente da RTP na Rússia

Com a situação da guerra, as coisas complicaram-se mais do que antes, sentiu maior pressão a partir do início do conflito, da invasão?

“Sim, sentimos, sentimos todos e sabemos que muitos profissionais já são impedidos de trabalhar muitos colegas das cadeias de televisão ocidentais. Isso é feito pelas autoridades russas com base na reciprocidade”.

OFF

As dificuldades no terreno não se revelam só em cenários de guerra. A cobertura da agenda política europeia também apresenta particularidades que condicionam a execução do trabalho jornalístico.

Rosário Salgueiro, Correspondente da RTP em Paris

“Nós somos muito mais claros, não é? Nós não temos, em quase todos os políticos, há algumas exceções poucas, não temos um discurso nem maquiavélico, nem muito rebuscado. E temos uma abertura para com jornalistas que não há em nenhum destes dois países onde eu estive. Lembro-me de o primeiro-ministro António Costa ter ido ao Palácio do Eliseu para um encontro já em período de pandemia e a indicação que há é os jornalistas não fazem perguntas a nenhum dos dois. Estavam a discutir-se pastas na União Europeia e eu lancei uma pergunta primeiro ao Dr. António Costa e automaticamente a assessora do Eliseu puxou-me e disse-me Rosário não podes

e foi por causa da vacinação também. E, portanto, Rosário não podes, mas ainda aí essa aproximação. No Reino Unido é mais difícil o acesso ao público político. Faz se sobretudo pela mediação dos órgãos de comunicação nacionais britânicos".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Evgany, apesar de tudo, tem que ter fontes de informação. Imagino que as fontes de informação também não tenham grande facilidade em divulgar, em fazer-lhe chegar a informação. Como é que ultrapassa esses obstáculos?

Evegeny Muravich, Correspondente da RTP na Rússia

"Bom, havia muito mais possibilidade, muito mais espaço de manobra quando tínhamos internet livre. Agora, com a redução da velocidade premeditada, redução da velocidade da internet, nomeadamente da youtube e dos canais banidos, temos mais dificuldade porque temos muito mais reduzida a variedade de pontos de vista e alguns funcionários públicos procuram ser mais papistas que o Papa e adivinhar a linha mestra, portanto daquilo que se diz e do que se pensa no Kremling e isso é triste, mas temos que corrigir. Temos que balancear, equilibrar as fontes de informação e também pessoas na rua evitam falar perante as câmaras ou dizem aquilo que se espera que eles digam".

OFF

Nunca como agora foi tão importante para a RTP ter jornalistas preparados para trazer aos telespectadores temas tão relevantes como as guerras da Ucrânia e no médio oriente; as eleições americanas; a escalada na Europa de movimentos radicais e os problemas com refugiados e a imigração.

Num mundo tão polarizado, em que as redes sociais ganham protagonismo, mas perdem fiabilidade com tanta informação falsa, resta-nos o tradicional jornalismo, feito por homens e mulheres em quem podemos confiar. É isso que os telespectadores esperam da RTP.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 35 – 26 DE OUTUBRO 2024

DURAÇÃO: 14:11 MINUTOS

OFF

A RTP voltou a ser a marca de notícias em que os portugueses mais dizem confiar.

O Reuters Digital News Report 2024, feito pelo Reuters Institute e pela Universidade de Oxford, com a participação em Portugal da Obercom, revelou que 79% dos portugueses confiam na informação veiculada pelo serviço público de media e em matéria de confiança a marca RTP até subiu um ponto percentual em relação a 2023.

No ranking da confiança, Sic e Jornal de Notícias aparecem logo atrás da RTP com 78% e 77% respetivamente.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma espécie de paradoxo na entre a confiança que os portugueses dizem ter na RTP e as audiências que comparada com os outros canais, isto é, a RTP não é o canal mais visto. No entanto, a informação da RTP é que é mais confiável. Como é que isto acontece?

Gustavo Cardoso, Diretor OberCom

"Isto tem a ver não é caso único, tem muito a ver com o facto de a RTP ser a marca de comunicação social original no campo da televisão. Portugal é o país da televisão, como nós já vimos, portanto, as pessoas informam-se nas notícias pela televisão, a maioria, embora seja a maioria constituída muito pelos mais velhos, mas é a maioria com a televisão e a RTP é a marca original da televisão. Portanto, quando as pessoas respondem, tem muito a ver com a sua representação, com a ideia que fazem da RTP, não quer dizer que vejam a RTP para formar essa opinião. Essa é uma opinião que é cultural, ou seja, está imbuída na forma de ser, nas conversas, na forma de ver Portugal por parte dos portugueses. Se isso pode ser aproveitado ou não pela RTP, isso já é uma outra questão agora não tem a ver com audiências. É essencialmente isso, portanto, não há muito mais para juntar, é a representação na prática é uma outra coisa".

OFF

Gustavo Cardoso é o Diretor do Obercom - Observatório da Comunicação – que foi o parceiro em Portugal do Reuters Institute for the Study of Journalism e da Universidade de Oxford neste relatório anual.

Em 2024 participaram 95 mil pessoas de 47 países, neste estudo em que Portugal está incluído pela 10ª vez.

A Direção de Informação da RTP olha para os dados apurados pelo estudo de maneira diferente e lembra que a forma como as audiências são medidas não contabiliza muitos dos telespectadores do canal público de televisão.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

"A permanência da RTP como tendo a informação mais confiável em Portugal acontece ao longo de seis anos, é uma constante, e isso diz-nos alguma coisa sobre talvez, não que eu não queira boas audiências, não que a RTP não queira ter boas audiências, mas a confiança naquilo que fazemos é, talvez um valor ainda maior, não substitui a relevância que queremos ter mas a confiança na informação é talvez o principal capital que um jornalista, a informação da RTP pode desejar. Esse reconhecimento é uma mais-valia inestimável. Muitas vezes as audiências também, a forma como os medimos é muito incompleta, isto é, os portugueses consomem a informação em muitos canais e muitas plataformas da RTP. Nem toda a informação nem todo o consumo é medido suficientemente e, portanto, nós dizemos sempre que as audiências da RTP são bastante maiores do que aquelas que vemos reportadas ao canal 1 ou a RTP 3, porque a informação da RTP passa em todos os canais da RTP, na RTP África, na RTP Açores, na RTP Madeira, na RTP 2 na RTP, um na RTP 3, em plataformas digitais, as mais variadas pelo mundo inteiro. Na RTP internacional, e isso é impossível medir? E nós não medimos tudo isto".

OFF

Profissionais da casa realçam que os resultados do estudo demonstram a credibilidade do canal público de televisão ao mesmo tempo que reforçam a confiança na democracia.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

“É algo que revela muito sobre o país. É um país onde nós temos efetivamente liberdade. As pessoas que vivem cá, às vezes não percebem, queixam-se, mas quando comparamos com o que se passa noutras países, é muito raro um país onde as pessoas escolhem a televisão pública como o local de o órgão de maior confiança de todo o país, isto é muito revelador que normalmente as televisões públicas são manipuladas pelos governos e em Portugal nós conseguimos de facto, devido também a uma luta que foi feita dentro da própria RTP, mas também uma maturação da nossa democracia. Conseguimos de facto ganhar grande independência e eu acho que isso é um grande elogio que nós fazemos não só a RTP, mas também à democracia em Portugal”.

Carlos Daniel, Diretor do Centro de Produção do Norte da RTP

*“Pois eu creio que acontece por um lastro que a informação da RTP tem ao longo dos anos, que reforça essa ideia de credibilidade, mas eu destacava três dimensões, uma o facto de ser um estudo internacional e credível, portanto, não é um estudo de vão de escada e é um estudo que se repete e que recorrentemente dá este resultado. **Vem desde 2015...** Não é por acaso. Depois o facto de A RTP enquanto serviço público dever ter na sua própria credibilidade um fator essencial as pessoas acreditarem na informação da RTP e terceiro por maioria de razões no contexto em que vivemos, duvidamos cada vez mais de notícias que vemos, haver um sítio onde as pessoas quando estão a ver notícias acreditam que é verdade e esta é uma sensação que eu tenho muito em relação à RTP. Quando falo com pessoas genericamente, numa conferência, num Congresso, sente-se que as pessoas quando veem na RTP podem não ter a ideia de que veem primeiro, mas têm a ideia que veem profundo e que veem verdadeiro e isso para nós é o mais relevante”.*

OFF

Em maio deste ano, a RTP já tinha sido eleita como “Marca de Confiança” numa iniciativa das Seleções do Reader’s Digest.

José Rodrigues dos Santos foi considerado pelos leitores desta publicação o jornalista em que os portugueses mais confiam.

José Rodrigues dos Santos, Jornalista da RTP

“Eu acho que é importante para mim, o mais popular que é agradável isso acontecer e isso significa que há confiança no trabalho que eu faço e que a RTP em geral faz mas o mais importante para mim é de facto, o que é que isto diz sobre o nosso país? Porque lá está um jornalista que é incómodo com os políticos e com políticos que estão no poder. Não é só a oposição que estão no poder, mas que procura fazer o seu trabalho, procura apurar a verdade sobre as coisas e informar o público sem medo. E o facto de o público reconhecer Isto diz muito sobre o nosso próprio país”.

OFF

Voltemos ao estudo que estávamos a falar. O Reuters Digital News Report 2024 mostra que Portugal acompanha uma tendência mundial para o decréscimo da confiança na informação produzida pelos meios de comunicação tradicionais.

No nosso país, o grau de confiança nas notícias desceu para 56%, menos 10 pontos percentuais do que em 2015.

Gustavo Cardoso, Diretor do OberCom

“A tendência é a de perda de confiança por parte das pessoas nas notícias produzidas pelos jornalistas. Isso é um fator que é, acontece em todo o mundo, em todos os países e Portugal não está imune a esse fator, embora tenha começado uma posição muito elevada em 2015 face a outros países de confiança, o que quer dizer que a nossa desconfiança que vai aumentando não é ainda tão grande quanto outros países”.

OFF

Mas quais as razões para haver perda de confiança nas notícias?

A explicação pode estar na desinformação e na maneira de fazer jornalismo que passou a apostar no comentário.

Gustavo Cardoso, Diretor do OberCom

“No caso português, por exemplo, há uma grande preocupação com a desinformação. Não quer dizer que haja assim tanta desinformação, mas há um medo perante a mesma, porque quando nós fazemos outro tipo de estudos e vamos vendo aquilo que se passa nas eleições, etc., não há ... há muito mais discurso de preocupação com a desinformação do que a quantidade de desinformação que efetivamente se manifesta ou que chega até às pessoas. Mas isto ajuda a criar essa ideia de desconfiança, também porque nós vivemos ao mesmo tempo que temos estas coisas da desinformação nas redes sociais. As pessoas também entendem a desinformação de forma diferente, por vezes, às vezes até nas práticas jornalísticas e naquilo que está no quadro mais alargado do jornalismo, como o comentário. O facto de nós termos insistido muito, muito, muito na ocupação do tempo televisivo pelo comentário e a televisão em Portugal é como nós falámos há pouco o grande meio para chegar às notícias cria algumas disfuncionalidades, ou seja, as pessoas começam a confundir o que é um facto e uma opinião porque parece ser tudo feito pelos mesmos. Há jornalistas que fazem opinião e dão factos nas notícias ao mesmo tempo, no mesmo ecrã. São as mesmas caras a falar de coisas diferentes ou a não separação, ou seja, o ter notícias e comentários, todos eles misturados. Isso cria na percepção das pessoas uma certa confusão sobre o que é o quê e o que é que se pode acreditar”.

OFF

O estudo identifica ainda outro problema... a saturação dos telespectadores com as notícias.

Gustavo Cardoso, Diretor do OberCom

“Aí nós não sabemos se a saturação é um fator conjuntural, porque a saturação tem vindo a aumentar, desde que nós tivemos mono temas na cobertura noticiosa, ou seja, Covid, Guerra da Ucrânia. Nós temos em termos do estudo do jornalismo, nós temos uma designação que é a novelização noticiosa, ou seja, as novelas, a maneira, a estrutura narrativa da novela influenciar a forma como as notícias são dadas. O que é que isto quer dizer? isto é a novela é possível ter sessenta e tal episódios ou duzentos ou trezentos? Porque há uma história central e depois há a capacidade de ir buscar os personagens secundários e fazer a história avançar muito, muito, muito, muito lentamente. Nós estamos a fazer a mesma coisa com os nossos canais de notícias, temos a notícia factual e depois temos o comentário que são histórias laterais e a história não avança e as pessoas percebem que a história não avança e vão ouvindo o comentário e o comentário não tem factos suficientes para alimentar e vamos ficando nesta lógica que capta a atenção das pessoas durante um certo tempo, mas ao mesmo tempo cria fenómenos, uma

espécie de loop, ou seja, isto alimenta as redes sociais. As pessoas nas direções de informação acham que se as pessoas estão a falar aquilo que elas querem e depois nunca se sabe quando se para”.

António José Teixeira, Diretor de Informação da RTP

“Mas há uma saturação ou porque há uma repetição excessiva ou porque não damos resposta suficientemente variada, alargada, àquilo que as pessoas precisam de saber, ou precisam de conhecer, não é apenas necessariamente só as guerras ou as doenças ou as pandemias”.

OFF

O papel da inteligência artificial no jornalismo foi também analisado neste relatório.

Gustavo Cardoso, Diretor do OberCom

*“Neste ano em que nós nos encontramos em 2024, as pessoas continuam a achar que preferem as notícias produzidas, selecionadas, editadas por jornalistas humanos e não por programas de software que sejam capazes de aprender com os gostos das pessoas. Há aqui uma questão fundamental que nós sabemos desde sempre em termos do jornalismo, que é se o jornalismo der às pessoas aquilo que elas querem, as pessoas fartam-se do jornalismo, **como é que é isso?** Se as pessoas, se os jornalistas derem apenas às pessoas aquilo que elas querem, não há novidade. Ou seja, as pessoas cansam-se e portanto, se os algoritmos ou a inteligência artificial derem apenas aquilo que as pessoas querem, também é natural que elas não fiquem satisfeitas. Por isso, o fator humano da surpresa da capacidade de inovar e surpreender e funcionar ao contrário daquilo que seria expectável é fundamental para o jornalismo. Se essa peça se perder da engrenagem, o jornalismo terá mais problemas do que aqueles que têm hoje em dia”.*

OFF

Portugal continua a ser um dos países onde menos se paga por notícias em formato digital.

Apenas 12% dos inquiridos admitiram ter pago por notícias on line no ano anterior.

Gustavo Cardoso, Diretor do OberCom

*“É um valor bastante baixo, comparativamente para Portugal, face aos outros países, e não parece ter grande alteração. Há várias questões no caso português que explicam essa não alteração porque nós, ao contrário de outros países europeus, pagamos muito, mas não está aí no estudo. Ou seja, as pessoas, quando pagam a ligação ao cabo em casa ou à fibra, estão a pagar um valor **um pacote?** por aquilo que já recebem, aos canais de televisão e, portanto, isso não é exatamente assim, em todos os países. Nós temos em Portugal um caso que não é o mais generalizado na Europa e que tem a ver com esses pagamentos que são pagamentos indiretos. Portanto, é preciso ler também aquilo que aí está dessa forma. Por outro lado, para os mais jovens e mesmo para os mais velhos, parece claro que não existe a percepção de que haja um valor económico, valorizado, social, ou seja, precisa-se, tem-se, confiança, mas acha-se que não se deve estar a pagar diretamente por isso”.*

OFF

É ainda do relatório do Instituto Reuters a conclusão de que o público acede às notícias principalmente através das redes sociais, 29% dos inquiridos dão essa resposta seguindo-se as pesquisas na internet com 25% e o acesso direto aos meios de comunicação social usados por 22%. Os alertas no telemóvel levam 9% das pessoas a chegar às notícias. Este estudo demonstra

bem como a realidade da comunicação social ou a percepção e utilização que o público dela fazem mudou nos últimos anos.

A confiança demonstrada pelos telespectadores na RTP que como se viu é tangencial com as dos outros canais e meios de comunicação é um motivo de reflexão e simultaneamente uma responsabilidade.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana!

EPISÓDIO 36 – 02 DE NOVEMBRO 2024

DURAÇÃO: 14:00 MINUTOS

OFF

Hoje, dedicamos o programa a procurar compreender se a televisão tem futuro e que futuro podemos antecipar.

É inegável que os avanços tecnológicos dos últimos anos trouxeram melhorias significativas em diversas áreas das nossas vidas. Mas a Era Digital comporta desafios cada vez mais complexos e exigentes, que influenciam e determinam também o mercado audiovisual aos quais a RTP tem procurado responder.

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Como sempre os telespectadores é que decidem, eles é que têm a oferta que está disponível e decidem o que é que querem ver, consumir no fundo, em que plataforma e o que está a acontecer é uma grande transformação nos últimos dez quinze anos em que as pessoas acedem a conteúdos vídeo audiovisuais em múltiplas plataformas. Portanto, vêm particularmente no telemóvel que também foi um aparelho que evoluiu muito ao nível da sua tecnologia, que está subjacente com as redes cinco G, etc. E as pessoas estão disponíveis para consumir conteúdos audiovisuais em múltiplas plataformas. Veem na televisão, veem no computador, veem no iPad, vêm no telefone e isso faz com que a oferta também se tenha multiplicado muito também de um ponto de vista internacional e as pessoas escolhem. É importante que as televisões, que ainda continuam a ter um papel muito grande e vê-se pelas audiências que somadas, continuam a ser o grande, o grosso do consumo audiovisual, mas começam a aparecer as plataformas de streaming, que cresceram muito as Disney's, as Netflix, etc cresceram muito durante a pandemia. As pessoas habituaram-se também a subscrever esse tipo de serviços que têm que têm também filmes, documentários etc. Portanto, as televisões, de certa forma, estão a procurar entrar nesse território das plataformas de streaming, lançando elas próprias as suas plataformas, o caso da RTP PLAY. Mas depois também estamos a assistir ao movimento inverso das plataformas de a procurar eventos ao vivo, nomeadamente desportivos, espetáculos, entretenimento e modelos, também construídos em cima da publicidade”.

OFF

A televisão está em transformação e num vertiginoso movimento de mudança, mas a ideia de que o seu consumo está a diminuir pode ser um mito.

Comparando os tempos de consumo de televisão nos países da Europa, verificamos que o maior é o da Roménia e o menor o da Noruega. Portugal tem um valor de 4 horas e 32 minutos bastante superior à média europeia que é de 3 horas e 18 minutos.

Há depois um valor total de 5 horas e 23 minutos para Portugal que junta o tempo de televisão a todas as outras utilizações dos equipamentos de televisão em casa. Por exemplo, as plataformas de streaming,

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

A relação dos portugueses com a televisão é diferente da relação que existe noutras países?

Rui Almeida, IGP Media Brands

“É. Há uma série de fatores que explicam essa relação muito mais intensa e mais próxima que os portugueses têm com a televisão. Isso materializa-se por exemplo em indicadores como o tempo despendido a ver televisão, em 2023 foram 5 horas e 21 minutos em média... Por português? Que o português viu. O que nos coloca num patamar muito acima do que é a média europeia neste tipo de indicadores e há fatores que explicam isso, nomeadamente a estrutura da nossa população, o facto de termos um peso muito grande de pessoas de mais de 65 anos, muitas delas a viverem sós e onde a televisão tem um papel fundamental na sua vida, Simultaneamente, a questão da baixa penetração digital que ainda se verifica no mercado português e haver aqui uma característica que é o facto de termos 96% das famílias em Portugal têm acesso a um leque muito alargado de canais, através dos pacotes de TV por subscrição 96% ? 96% que é um valor muito acima do que nós vemos noutras mercados. Isto dá, no fundo o acesso a um conjunto de conteúdos muito, muito alargado e se somarmos a isto agora à entrada recente das plataformas de streaming, então temos a televisão no centro do entretenimento da informação, com múltiplas possibilidades de acesso a esses conteúdos”.

OFF

A experiência de ver televisão é hoje mais diversificada. A Televisão está em todo lado, a toda a hora, e em múltiplos ecrãs. Será que estas movimentações ameaçam a televisão como meio de comunicação convencional/tradicional?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Eu penso que a capacidade de os negócios se reinventarem, está patente e acontece nos media. A rádio reinventou-se muito quando a televisão dizia-se que a televisão ia matar a rádio, e isso não aconteceu e eu penso que também o ecossistema audiovisual vai se alterar, isso não há dúvida. E é importante que as empresas que hoje fazem televisão procurem esses novos modelos e ajustem a sua oferta a esses modelos de uma forma sustentável e procurando os interesses das pessoas. A vantagem dos meios portugueses agora aí é muito importante esse aspeto é que o que nós vivemos em Portugal, as pessoas falam português, querem ver conteúdos que estão relacionados com a sua cultura, com a sua língua, e esse provavelmente, é o caminho que as televisões generalistas e também as temáticas nacionais vão continuar a procurar encontrar conteúdos que são específicos e que não vão estar disponíveis através das plataformas multinacionais, que não têm esse tipo de vocação”

E, portanto, essa é a estratégia que a RTP tem adotado?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Sim, este caminho tem sido feito no desporto, tem sido feito nas artes performativas com o lançamento da Plataforma RTP Placo, tem sido feito relativamente às camadas mais jovens com os desportos do igaming através da plataforma RTP Arena e, portanto, temos vindo gradualmente ao longo dos últimos anos a diversificar muito a oferta que as pessoas associam

muito ao canal um, mas que é muito mais do que do que do que a RTP 1. Tudo isto, todo este universo e que no lado digital já é muito, muito muito significativo”.

OFF

Ao olharmos o panorama audiovisual verificamos que a oferta de canais é massiva.

As plataformas de transmissão também se multiplicam, mas persiste a dúvida: no meio deste universo tão povoado de imagens, os jovens ainda vêm televisão?

Rui Almeida, IGP Media Brands

“Eu diria que é mais um daqueles mitos que se construiu, uma ideia feita que não tem sustentação na realidade nem nos dados que nós temos. O facto é que os jovens continuam a consumir, mas de uma forma diferente. Consomem sobretudo não em direto, mas em diferido, consomem cada vez mais as plataformas de streaming e depois simultaneamente com isso, acumulam com o consumo de vídeo numa série de plataformas nas redes sociais, os vídeos que vêm online, mas só focando no consumo de televisão não é verdade que em termos comparativos e evolutivos, os jovens estejam a consumir menos televisão”.

OFF

Como se tem adaptado a RTP a estes consumos do público mais jovem?

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“As faixas mais jovens procuram os seus conteúdos audiovisuais essencialmente através das plataformas móveis. Hoje em dia é mesmo o telemóvel, que é o principal aparelho através do qual os jovens consomem os conteúdos audiovisuais e têm vindo a consumir cada vez, numa lógica de clipes não é, de conteúdos muito curtos e isso é um fenómeno geracional e muitas vezes há programas, como é o caso do Taskmaster, que conseguem voltar a uma sensação mais antiga em que a família toda se juntava à volta do ecrã para ver um determinado programa, isso, de facto, foi um enorme sucesso da RTP.

OFF

Tomando este exemplo que consegue a proeza de juntar novamente as famílias em torno da televisão, quisemos saber quais serão as apostas da RTP no futuro.

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Cabe aos programadores, sejam eles temáticos, sejam eles dos canais estar sempre atentos àquilo que são as grandes tendências do mercado audiovisual, perceber se as pessoas gostam de ficção, de que tipo de ficção é que gostam e é evidente que a RTP tem uma obrigação de cobrir um conjunto de géneros o mais alargado possível, essa é a sua missão de serviço público também fazer, exibir, transmitir, disponibilizar conteúdos que não estão no fundo na vocação dos outros generalistas privados. Isso esteve sempre presente desde a génesis da RTP, mas ainda quando surgirem os privados e acaba por ser no fundo a sua missão de serviço público. Tudo o que tem a ver com a língua portuguesa, no aspecto da ficção, dos documentários, da produção musical, da produção teatral, das óperas da dança, portanto, tudo que tem a ver com as artes de palco são aspectos absolutamente críticos mas também depois os aspectos que tem a ver... culturais do nosso povo. É o caso das marchas de Lisboa, que demonstram sempre grande interesse, o natal dos hospitais, que é também um dos um dos programas icónicos da RTP, por onde desfilam no fundo todos os grandes artistas do panorama nacional de todos os géneros e esse essa, essa

atenção, a essa tipologia, aos temas da sociedade civil, aos temas de debate, são magazines, nós temos que continuar a produzir essas tipologias de programas. Depois, o que é que acontece também, a própria linguagem do programa é que também se vai alterando com o tempo”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E depois há a informação evidentemente, que é central na RTP?

“É um tema um bocadinho pessoal. A informação eu considero que é digamos, a espinha dorsal do serviço público, porque aí estamos numa lógica de defesa da democracia, do pluralismo e acho que os media têm esse papel, que é um papel central e que no caso da RTP ainda se torna mais importante. Ou seja, de todas as missões que a RTP tem essa é aquela que que tem um provavelmente o maior impacto naquilo que é a defesa do pluralismo da democracia, da, da nossa sociedade moderna, do século XXI e portanto, esse esse, e aliás isso está patente na no peso que a informação tem no canal 1, que é o maior de todos, comparado com os com os outros canais generalistas, a RTP tem entre 20 a 40% mais informação do que têm esses canais. Temos um canal dedicado também às áreas de informação, na antena 1, também na rádio e não esquecendo esse lado do serviço público também tem um peso muito grande em todas as horas da rádio na antena 1 particularmente, portanto, a informação é absolutamente essencial e agora também nas plataformas digitais”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Será que num futuro mais ou menos próximo as plataformas de streaming vão tomar o lugar totalmente da televisão?

Rui Almeida, IGP Media Brands

“Eu não acredito que isso aconteça nos anos mais próximos, pelas características do mercado português, concretamente, porque há todo este tema geracional que vai ser sempre um fator que vai permitir garantir alguma continuidade à televisão mais no seu formato convencional. De facto, todas elas vão estar em competição e há aqui algum risco de haver um desgaste no que são as formas tradicionais de consumir televisão que já se verifica e que se vai acentuar”.

OFF

O governo tem em marcha o plano de ação para a comunicação social, que prevê o fim da publicidade nos canais da RTP.

No momento em que realizamos este programa são muitas as decisões por tomar ou, pelo menos, por revelar.

Hugo Figueiredo, Administrador da RTP

“Foi feito um anúncio relativamente genérico de um conjunto de intenções, de medidas, de trinta medidas para o setor da comunicação social, algumas delas são muito dirigidas à RTP. Nessas medidas, o corte da publicidade é uma das medidas que foi anunciada, não está ainda muito claro exatamente em que, como é que vai ser regulamentado, etc., etc. Estamos ainda numa fase um bocadinho embrionária desse anúncio, aguardamos agora os próximos desenvolvimentos. Havia também uma série de indicações sobre a revisão do contrato de concessão que está muito atrasado, as leis de televisão e rádio e imprensa que estão ainda mais desatualizadas relativamente a tudo o que estivemos a falar aqui até agora. Portanto, são tarefas de grande dimensão para o governo, importantíssimas para a comunicação social, mas

é um pouco prematuro também perceber quais são os impactos de todas elas, uma vez que ainda não assistimos, como é que elas estão de facto concretizar, há um conjunto de intenções, mas que depois é preciso levar ao papel e levar à realidade”.

OFF

Voltaremos a esta questão do financiamento da RTP e da redução da publicidade, até porque se aguarda o novo projeto de Contrato de Concessão do Serviço Público que poderá vir clarificar as opções do Governo.

A RTP continua, entretanto, a cumprir uma missão que não é substituível pelos canais privados, ao manter os sete canais de televisão e as plataformas digitais e ficando atenta aos novos tipos de utilização por parte dos diferentes públicos.

Dos telespectadores que se mantêm fiéis aos modelos tradicionais aos novos modos mais dinâmicos, há toda a uma audiência plural que é preciso acolher, acompanhar e satisfazer.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana!

EPISÓDIO 37 – 09 DE NOVEMBRO 2024

DURAÇÃO: 12:05 MINUTOS

OFF

Hoje vamos à descoberta de serviços que ocupam salas na sede da RTP, em Lisboa, e que, apesar de passarem despercebidos até aos próprios funcionários, são imprescindíveis ao funcionamento do canal público de televisão.

A RTP não é feita apenas de jornalistas e de repórteres de imagem, há muitos outros profissionais que têm um papel preponderante no resultado que chega ao telespectador. Vamos conhecer alguns desses serviços.

Começamos pela área técnica: apresento-vos a régie de emissão ou Multicanal ou ainda vulgarmente chamada de “sala de continuidade”, que várias vezes é usada como espetacular cenário de entrevistas.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

José Lopes depois de já ter feito vários programas de voz do cidadão com este cenário, vamos finalmente explicar aos telespectadores o que é este lugar? O que é que se passa aqui? O que é que se faz?

José Lopes, Responsável pela área de emissão

“Ora é aqui deste local que saem as emissões do universo da RTP. Há quatro equipamentos similares ou iguais a estes, digamos assim, há este que é o maior que é sediado em Lisboa temos um na cidade do Porto com a três, outro equivalente no Funchal, na Madeira, e um quarto, digamos assim, em Ponta Delgada, nos Açores. São todos equipamentos iguais, menos infelizmente, nos Açores”.

OFF

É a partir da régie de emissão que se controla todo o que é apresentado nos ecrãs da RTP, de todos os canais.

José Lopes, Responsável pela área de emissão

“E normalmente, as emissões que nós recebemos, do nosso planeamento, que é um setor também igualmente importante, dão-nos de facto o último alinhamento em termos administrativos. Ao termos esse alinhamento, vamos trabalha-lo de forma antecipada, colocando todos os elementos gráficos, por exemplo, que cada emissão necessita e depois desse trabalho estar executado, digamos que há acertos de vias, ou seja, origens e também acertos de intervalo por hipótese, vou dar só um exemplo: o telejornal dá em cinco antenas diferentes se o intervalo estiver no canal 1, por hipótese, 6 minutos, obviamente, os outros têm de acompanhar o tempo de seis minutos para que a retoma da segunda parte do telejornal, seja o momento exato igual para todos”.

OFF

A Régie de emissão da Sede tem atualmente 7 canais em produção: Três internacionais, RTP África, RTP1, RTP2 e RTP Memória, mas na verdade até tem capacidade para 8 canais. O canal “estudo em casa” foi aberto em tempo record no início da pandemia de Covid 19, quando os alunos estavam impossibilitados de ir à escola. A presença ininterrupta de funcionários na régie de emissão é fundamental porque a qualquer momento pode ocorrer uma anomalia.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O que é que pode ser uma anomalia em que eles têm de intervir?

José Lopes, Responsável pela área de emissão

“Pode por exemplo, haver uma falha de sinal na origem em que eles têm de intervir por exemplo, vamos supor que está a dar o programa à Praça da Alegria, que há uma quebra de sinal. Eles estão igualmente bem treinados. O facto, primeiro aguardam um pouco, é preciso manter a calma, não reagir logo de imediato, perguntar o que é que se passa e depois, podem por porventura criar um falso intervalo ou executar o intervalo para que haja, digamos assim, um tempo ou uma almofada para que a origem possa reparar um incidente ou uma avaria que possa lá eventualmente ocorrer”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quantas pessoas trabalham aqui vinte e quatro horas por dia, 7 dias por semana?

José Lopes, Responsável pela área de emissão

“Dezassete pessoas, são dezassete pessoas que aqui laboram, dezoito comigo que eu também faço parte do lote e vinte e quatro, vinte e quatro. Como eu disse nos natais no ano novo, nas páscoas estão sempre cá profissionais são repartidos por três turnos entre as oito e as dezasseis da tarde das dezasseis e vinte e quatro e se quisermos, das zero até às oito do dia seguinte, claro que há folgas e férias, essas coisas, mas é um local onde nós estamos a sentir um pouco o peso dos anos devido à elevada mediana de idade que temos neste serviço”.

OFF

Outro dos locais onde a média de idades é bastante elevada é na Manutenção da RTP. É um Laboratório onde são feitas reparações todo o tipo de material usado pelos profissionais da rádio e da televisão públicas. Funciona 24 horas por dia e quando o telefone toca aqui nunca é uma boa notícia.

José Carlos Silva, subdiretor de suporte técnico e operações

“Portanto, aqui é onde residem as equipas de manutenção que temos que trabalham vinte e quatro horas, sete dias por semana por turnos e recebem solicitações das diversas áreas, quer sejam estúdios de televisão, estúdios de rádio, centrais, técnicas, salas de edição, enfim, todas as zonas que temos broadcast de televisão e rádio, portanto, recebem os pedidos deslocam-se ao local”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Pedidos relativos a?

José Carlos Silva, subdiretor de suporte técnico e operações

“Avarias. Portanto avarias... Não se consegue, um equipamento que esteja avariado, um circuito qualquer que não seja possível de estabelecer. Portanto, eles deslocam-se ao local, avaliam a avaria ou é resolvida de imediato no local ou muitas vezes os equipamentos têm que vir para aqui para o laboratório, onde são intervencionados e reparados.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quantas pessoas trabalham aqui?

José Carlos Silva, subdiretor de suporte técnico e operações

“Aqui temos dez pessoas a trabalhar por turnos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Isso é um bocadinho apertado para sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia, não?

José Carlos Silva, subdiretor de suporte técnico e operações

É apertado.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Mas as pessoas que aqui trabalham, já cá trabalham também há muito tempo?

José Carlos Silva, subdiretor de suporte técnico e operações

“Também, também temos uma média de idade elevada aqui na na manutenção”.

OFF

Passamos da parte técnica para os conteúdos... Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, a chamada Sala da Eurovisão nada tem a ver com o famoso Festival. É aqui que são recebidos conteúdos internacionais, das instituições europeias, das agências de notícias ou de canais estrangeiros.

Nesta altura em que vivemos um conflito no médio-oriente e outro na Europa de Leste, é nesta pequena sala que três jornalistas são os primeiros a receber imagens, muitas vezes em bruto, tantas vezes chocantes. Só depois são disponibilizadas aos jornalistas da casa.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Luísa Mariano obrigada por me receber aqui. Esta é uma sala essencial e ninguém sabe que esta sala existe. Eu não sabia que existia o que é que se passa aqui. O que é que fazem aqui?

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“Esta sala é essencial sobretudo para a informação. Nós aqui recebemos e monitorizamos e coordenamos todos os sinais de feeds internacionais que nos chegam de informação de notícias, aqui temos até três monitores, três são da Eurovisão, um é da Associated Press e outro da Reuters. Aqui nestes sinais só chegam as transmissões em direto que nós mandamos gravar. Já sabemos, no dia anterior, O que é que vai haver amanhã de importante mandamos logo gravar o resto... É tudo na hora, muitas vezes em cima da hora, gravar uma coisa muito importante, importante, uma declaração muito importante. Hoje até foi um dia bastante cheio, porque foi o Conselho Europeu, a reunião dos ministros da Defesa da NATO e a Ucrânia, Ucrânia, sempre a Ucrânia e o Médio Oriente”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Este trabalho já faz, há quanto tempo?

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“Acho que há trinta e quatro anos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Ao longo destes 34 anos, evidentemente que as tecnologias mudaram completamente, como é que era no princípio, ainda se lembra?

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“Lembro-me quando eu comecei a trabalhar na Eurovisão, o que nós a informação toda que nós agora temos nos computadores, vinha por telex e iam chegando não é, as peças iam chegando a Genebra é sempre Genebra que mandava e nós íamos pulando umas assim atrás das outras, umas a seguir às outras”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eram papéis, era em papel?

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“Era em papel... ficava assim uma espécie de um jornal enorme. Depois os jornalistas iam consultar. Nessa altura também só havia três transmissões por dia, três ou quatro, e eram todas com hora marcada. Havia uma às 11, havia uma às quatro, havia uma acho que às cinco e havia duas de desporto mas era coisa pequena”

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quer dizer como é que chegavam cá as imagens, por exemplo?

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“Chegavam por satélite por satélite sim”.

OFF

O jornalismo mudou... O fluxo informativo é maior e as tecnologias permitem agora uma atualização ao segundo. A RTP não se limita a receber pois também envia muitas imagens para as suas congéneres.

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“E essa é mesmo a parte mais importante aqui do nosso trabalho, porque também é a parte que mais prestigia e a RTP. Nós enviamos notícias, quase todos os dias, de atualidade, seja qual o assunto for, de cultura, desastres ambientais, conferências de imprensa, seja o que for e que nós como jornalistas achamos que é importante ser partilhado com os outros membros da eurovisão. Quando são eventos maiores mandamos enviamos também em direto através da eurovisão sim, sempre através da eurovisão. E é aqui que controlam? nós marcamos com o planeamento, mas aqui é que estamos a controlar e, se for, por exemplo, as eleições ou uma comunicação do presidente da República, do primeiro ministro, há eventos que sim que os coordenadores da eurovisão que estão em Genebra estão interessados em receber em direto e portanto nós marcamos com o planeamento e a central lá faz chegar o sinal”

OFF

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Portanto, sem vocês, sem esta sala, a informação ficava um bocado...aflita, coxa!

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“Ficava um bocado de coxa... Coxa? Acho que sim, acho que sim ficava um bocado de coxa. Nós enviamos muito material. Chegamos a enviar quatro peças às vezes por dia, enviamos material para os nossos correspondentes e enviados especiais fazem, nomeadamente agora os que estão no Líbano e em Israel, passa por aqui? passa por aqui? Não passa por aqui, mas nós vemos as peças e pegamos nelas e editamos como, como é preciso editar para ir para a eurovisão, não pode ir com a voz do jornalista. Tem que ir só com o seu ambiente e com as declarações que houver na peça não é, e depois temos que enviar com a história em inglês e a descrição detalhada das imagens e os soundbites tudo em inglês, e é enviado por ficheiro”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E sabem o feedback disso se esse material é utilizado?

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“Sabemos, há um link, não sei se chama link, na página da Eurovisão que diz os mais vistos e a pessoa pode ver quais são as estações de televisão que tiveram os itens mais vistos”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E então qual é? Os resultados da RTP?

Luísa Mariano, coordenadora Serviço Eurovisão

“É bom, É muito bom, é muito bom. Até já recebemos um prêmio de um ano que fomos a estação que mais contribuiu com notícias para troca, notícias de serviço troca, notícias da UER, nomeadamente dos Palop também enviamos. Então tudo o que mexe, se pudermos, nós enviamos”.

OFF

Acredito que a transparência do que se faz na televisão pública só pode ajudar a melhorar a relação do telespectador com a RTP. Há um trabalho meticuloso e uma história invisível de cada uma destas pessoas que fazem o melhor que sabem e podem pelo serviço público de televisão. Transmitem aos telespectadores a minha própria curiosidade, imaginando que vão gostar também destas descobertas.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 38 – 16 DE NOVEMBRO 2024

DURAÇÃO: 13:03 MINUTOS

OFF

Hoje, o Voz do Cidadão ocupa-se de diferentes tipos de mensagens que os telespectadores me fazem chegar.

São muitos os pedidos que chegam às redações da estação pública de televisão e que procuram promover eventos culturais, desportivos ou de outros âmbitos. Muitas destas iniciativas não encontram espaço nas grelhas de programação de outros órgãos de informação e os interessados veem na RTP a montra acessível para promoverem as suas atividades.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“No passado dia 28 de setembro, realizou-se a terceira edição daquela que é a corrida de Trail mais Ocidental da Europa, na ilha das Flores e o maior evento desportivo de competição no Grupo Ocidental: o Trail do Queijo da Fajãzinha. Atempadamente foram enviadas notas à redação e agenda da RTP-Açores bem como press release sobre o evento. Até hoje, nunca fomos contactados oficialmente pela RTP-Açores. Lamentamos, em primeiro lugar, que o critério editorial da RTP-Açores seja restrito a eventos extremos ou ao protocolo das figuras mais altas da democracia. Os florentinos vivem num extremo para o bem e para o mal. Contamos com o serviço público de televisão sempre”.

OFF

Procurei esclarecimentos junto da RTP Açores e obtive resposta rapidamente.

RESPOSTA RTP AÇORES

A RTP Açores tem acompanhado provas de Trails Run, com atletas nacionais e internacionais. Acresce que a correspondente da RTP na ilha das Flores encontra-se em licença de maternidade e a RTP Açores não dispõe de orçamento nem de recursos para garantir a cobertura de todos os acontecimentos que aí ocorrem. Recentemente, foram feitas três deslocações de equipas às Flores, por ocasião de três eventos: A passagem do furacão “Kirk”, a Visita do Presidente da Assembleia a todas as ilhas e a visita da Ministra do ambiente que anunciou investimentos de 321 milhões de euros”.

OFF

Estou certa de que, em futuras ocasiões, a RTP Açores dará novamente a devida atenção a mais eventos na sua bela ilha e num futuro próximo farei questão de visitar esta delegação para perceber quais os constrangimentos de quem produz e realiza televisão num território tão particular.

OFF

De 1960 a 1990, o engenheiro agrónomo José de Sousa Veloso manteve o magazine TV Rural, dedicado ao sector da agricultura. No fim de cada episódio, despedia-se “com amizade”, uma expressão que ficou na memória de quem acompanhava esse programa. Um telespectador escreveu-me sugerindo que fosse dada mais atenção à temática da agricultura.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Parte da falta de jovens a abraçar a agricultura deve-se, no meu entender, à falta de divulgação da mesma nos meios de comunicação. A RTP tem por missão principal o desenvolvimento de Portugal, sobretudo nas áreas mais críticas. Tem feito um bom papel, mas falta dar relevo ao que é essencial em detrimento do acessório. A RTP já tem programas de grande qualidade sobre agricultura como o “Faça Chuva ou Faça Sol” na RTP2. É absolutamente necessário que este tipo de programas transite para a RTP1 e em horário nobre”.

OFF

Este é um dos assuntos a que a RTP tem dado respostas variadas, com uma abordagem atualizada e uma preocupação focada nas questões climáticas. Há vários programas dedicados à agricultura disponíveis na RTP Play. É o caso de Terra 4.0, sobre o mundo rural, que dá a conhecer jovens agricultores e empresários rurais.

Tem razão o telespectador sobre a relevância de programas como Faça Chuva Faça Sol, todos os sábados na RTP2. Estes conteúdos são uma forma de serviço público, como compete a esta empresa. Mas também a RTP1 emite em horário nobre o programa ‘Entre o Mar e a Terra’, dedicado a projetos nacionais inovadores e ao empreendedorismo na área da agricultura e das pescas. Foram já produzidas duas temporadas e todos os programas estão disponíveis na RTP Play. Está em produção uma 3ª temporada.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“A afirmação da escritora brasileira Eliane Brum, na peça do dia 25 de Outubro sobre a violência em Lisboa ter raízes desde o período colonial demonstra um desconhecimento profundo da nossa história recente. Ignorar as profundas transformações sociais e políticas ocorridas desde 1974, incluindo a consolidação do Estado de Direito e a luta por direitos civis, é um equívoco grave. Como serviço público, a RTP tem a responsabilidade de oferecer à população informações de qualidade e promover o debate democrático. No entanto, a veiculação de peças curtas descontextualizadas e redutivas compromete esse papel”.

OFF

A responsabilidade do que é dito pelos convidados, entrevistados e comentadores é dos próprios. A missão da RTP é mostrar discursos distintos e livres que promovam o pensamento crítico dos telespectadores. A diversidade deve ser sempre garantida.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“A isenção e pluralismo dos comentadores não existe. Onde está o pluralismo? Os 45% de Portugueses de "esquerda" que não votam AD não merecem comentadores da sua área ideológica? ”

OFF

Recebo com frequência mensagens idênticas a esta e de sinais diferentes. Isto é, protestos por a RTP convidar comentadores só de direita e ou só de esquerda. Analisando os programas, verifico que tem havido a preocupação de incluir comentadores de diferentes áreas e com pluralidade de opiniões. Pode acontecer que num segmento surjam apenas opiniões de um sector, mas na generalidade observo que há uma procura do pluralismo.

OFF

Numa altura em que está em discussão o papel da publicidade na RTP surgiu-me esta mensagem que não está bem dentro desse âmbito.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Venho pedir que termine o escândalo que consiste na publicidade gratuita passada no programa preço Certo. Não é admissível que os concorrentes tragam "ofertas" de Restaurantes, Pastelarias, Supermercados, Oficinas de automóveis, etc... trazem garrafas de vinho de marcas conhecidas, ou um chouriço oferecido pelo supermercado X, ou um presunto oferecido pela Automecânica Y. Isto é publicidade clandestina, e ilegal”.

OFF

A direção comercial da RTP esclarece que:

COMUNICADO DA DIREÇÃO COMERCIAL

“Isso não é publicidade. Não há qualquer acordo ou pagamento. São momentos característicos do programa em que os convidados fazem questão de trazer presentes e recordações das suas localidades ao apresentador Fernando Mendes. Não há qualquer contrapartida comercial ou valor associado, nem é combinado ou planeado. Os concorrentes são selecionados sem qualquer intervenção ou objetivo comercial.”

OFF

O consumo de tabaco surgiu em duas mensagens recentes.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Seria muito importante a RTP promover a divulgação da proibição de fumar em locais de restauração, sejam eles cobertos ou não! Porque razão um não fumador à refeição tem de inalar o fumo de tabaco?”

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Hoje, vi durante 5 minutos um episódio da série "Irreversível" e, durante esse tempo dois personagens fumaram os seus cigarros e lançaram as beatas para o chão. Fazem-se tantas campanhas contra o lixo no chão, principalmente beatas de cigarros e continuo a ver este tipo de situação na televisão”

OFF

Trata-se de duas questões bem diferentes. O desabafo do primeiro telespectador sobre o consumo de tabaco em locais de restauração é compreensível. Existe legislação sobre este assunto e há mecanismos para a sua fiscalização. Quanto à série irreversível, realmente tem sido discutida a utilização de imagens de fumadores em obras de ficção, mas não há legislação que a proíba. O contrário do que acontece com a publicidade que tem proibição total, mas recordo a série *Conta-me como foi*, tão familiar e tão bem acolhida pelo público, na qual apareciam personagens a fumar constantemente. Está provado que fumar traz malefícios à saúde, não questiono esse dado científico, mas não vamos deixar de ver o filme *Casablanca* por ter tantos fumadores. Quanto a atirar as beatas para o chão, realmente não dá para entender como há ainda pessoas que o fazem.

Não compete à provedora decidir as temáticas a abordar quer na área da Informação quer no entretenimento ou na ficção. Essa é uma responsabilidade das direções dos canais, dos programas e da informação. Transmitem a estes responsáveis as chamadas de atenção dos telespectadores que considero relevantes para o cumprimento da lei e do serviço público de televisão.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Venho por este meio manifestar a minha insatisfação com a qualidade da transmissão do debate sobre o Orçamento do Estado para 2025 na RTP3. Mais especificamente, gostaria de chamar a atenção para a presença de um som constante e extremamente incomodativo que, ao longo de toda a emissão tem prejudicado significativamente a compreensão e o acompanhamento das discussões. Lamento que um debate de tão grande importância para o país seja marcado por uma perturbação sonora tão evidente”.

OFF

Tinha razão o telespectador. No início do debate parlamentar do Orçamento de Estado detetou-se um ruído estranho na emissão. Identificado o culpado, um microfone com deficiência, esse ruído foi eliminado. Mas surge sucessivamente um outro som a que a RTP é alheia. É o aviso sonoro no plenário da Assembleia da República que indica o fim do tempo destinado a cada orador.

A diversidade de mensagens que trouxemos ao Voz do Cidadão demonstra a vastidão das áreas de intervenção do serviço público de televisão e, simultaneamente, a multiplicidade dos interesses e atenções dos telespectadores na prestação da RTP. Os telespectadores querem vida sempre melhorada, interessante e próxima.

O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 39 – 23 DE NOVEMBRO 2024

DURAÇÃO: 16:16 MINUTOS

OFF

Hoje, dedicamos o programa a um tema que consistentemente faz parte das mensagens que me chegam. Errar é humano, todos sabemos. Com toda a legitimidade, os telespectadores esperam que a máquina invisível que opera por trás de uma emissão de televisão seja perfeita. Estou a

falar dos erros e gralhas que surgem nas legendas, rodapés, títulos, oráculos. Cada erro cometido é um erro a mais, indesculpável. Para tentar perceber porque acontece, vamos ver como é feita a informação em direto e o potencial de erro que constantemente envolve.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Já há alguns anos que o meu descontentamento com o serviço de legendagem vem crescendo e hoje foi derramada a gota d’água que me faz escrever-lhe. No telejornal da noite, a reportagem sobre Alqueva tem como legenda “ABASTEÇE...” COM “Ç””.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Adília Godinho recebo com frequência queixas porque surgem erros ortográficos nos, eu digo rodapés, mas presumo que o termo técnico não é esse. Como é que isto é feito? Porque o mais importante é saber como é que a coisa aparece?

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação

“Dado o número de horas de emissão que temos em direto a emissões informativas durante quase vinte e quatro horas, dada a enorme pressão que temos de informação que nos chega a toda a hora e a que temos que responder na antena, não é? Existem muito poucos erros, pouquíssimos erros, para as horas de emissão que que todos fazemos. É claro que não estou a desvalorizar o erro, que é uma coisa que é algo com que, que todos abominamos, mas na verdade, dada a quantidade de horas de emissão que fazemos em direto, dada a pressão informativa com que todos lidamos todos os dias, a quantidade de erros é muito, é menor, é muito pouca. Tudo o que é possível prever, rever, corrigir previamente é feito. A questão é a pressão do direto, os programas que são feitos em direto e todos os programas de informação, praticamente todos são feitos em direto e nesse momento há alguém que está ou porque, por exemplo, estamos a ouvir um protagonista político, e consideramos que o que ele está a dizer, na altura, que estamos a ouvi-lo em direto, consideramos que o que ele está a dizer na altura é relevante e, portanto, vamos destacar para uma citação desse protagonista político para inserir em título que chamamos título, que é a barra de texto que acompanha essa imagem e isso é feito em direto e isso Ah, quem é que decide Qual é a frase? A maior parte das vezes, a coordenação que está, o coordenador, que está na regi e que está a ouvir ao mesmo tempo. E, portanto, está a ouvir, está a tecla e está a dizer ao colega que está ao lado, Tens aí um título, podes colocar no ar e isto está sempre a suceder. Não acontece com um título ou dois ou três, acontece ao longo de uma hora de uma hora e meia de duas as que forem necessárias”.

OFF

O caso mais recente de que me apercebi - e para o qual um telespectador me chamou a atenção - foi a legenda que durante sete minutos esteve no ar, durante a conferência de imprensa de Rúben Amorim antes do último jogo do Sporting que dirigiu.

Estavam patentes três erros: Rúbem em vez de Rúben, Treinador do Sport Lisboa e Benfica em vez de Sporting, Alcochete em vez de Alvalade. O potencial de erro aqui foi largamente concretizado, num momento de grande pressão e quando havia várias conferências de imprensa de treinadores de futebol em sucessão.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Escrevo para chamar gentilmente a atenção para um pequeno deslize gramatical na RTP3 ao utilizar o termo “aderência” no lugar de “adesão”, houve um leve escorregão ortográfico que,

embora não tenha comprometido a compreensão da mensagem, chamou a minha atenção. Confesso que, ao ver esse "erro de palmatória" não pude deixar de sorrir. Acredito que é importante sinalizar esses momentos para que possamos juntos contribuir para a melhoria contínua do conteúdo apresentado".

OFF

Há erros que são ditos e outros que são escritos. Em ambos os casos, são detetados por telespectadores atentos. Há mesmo quem faça questão de deixar recomendações.

MENSAGEM TELESPECTADOR

"Gostaria de perguntar se na RTP existe algum mecanismo de ajuda/correção dos profissionais da comunicação quando estes sistematicamente cometem um erro de Português. Sinceramente sinto vergonha alheia ao ouvir vezes sem conta os profissionais a pronunciar "Rónaldo", ou "Rôncaldo". Como é evidente, prenuncia-se "Runaldo", assim como se prenuncia "Ruberto", "Rudrigo", "Rugério" e "Rumeu". Se algum profissional se lembrar de pronunciar "Jóão" ou "Tómás", também o pode fazer?".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Há uma dúvida que vários telespectadores me colocaram e eu própria tenho. Não há corretor automático? Não, não há possibilidade de corretor automático para não aparecerem erros como aquesição? Com e?

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação

"Não, não. Nós tínhamos um corretor automático que muitas vezes dava. Já não me recordo. Sabemos que os corretores automáticos dão coisas um pouco malucas, que tínhamos que corrigir, dava sempre uma coisa que era completamente diferente. Portanto, não funciona, não funciona porque não é eficaz na verdade? O processo é escrever, olhar, rever e dar indicação para pôr no ar. Há outra há outra coisa que se calhar também é relevante, outra informação que também é relevante o espaço onde nós escrevemos é limitado, são poucos caracteres e, portanto, queremos escrever uma frase temos que corrigi-la. Temos que aceitar, temos que corrigir, às vezes falamos para o colega que está no lado consegues dar, ver se ele cabe se não? e tudo isto acontece em direto quando temos que escrever a frase seguinte, Portanto, a vida numa régie de um programa em direto é muito acelerada na verdade".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Quando detetam uma gralha, porque presumo que acontece isso em direto, é possível corrigir imediatamente.

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação

"Esse é outro aspeto que é bastante relevante sempre que é destetado uma gralha e isso é detetado, seja por quem for que está na regi na redação, avisa por telefone, a própria pessoa que escreveu o título revê. Essa gralha é corrigida. Nós vivemos num tempo em que os nossos erros ficam eternizados nas redes sociais é possível voltar atrás e mesmo que essa nas nossas não é, e mesmo que esse erro essa gralha seja corrigida muito rapidamente, podemos sempre isolar o momento em que a gralha foi para o ar, foi emitida e muitas vezes é isso que se perpetua. Se esperássemos mais uns mais trinta segundos já a gralha estaria corrigida eventualmente? Desejavelmente".

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Com demasiada frequência exibem erros ortográficos nas notícias de rodapé. Por vezes dá ideia de que estou a ver um outro canal, que não a RTP. Tenham atenção por favor”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

É claro que há o também a hipótese de haver um erro que não é uma gralha que não é uma coisa que aparece por um erro de por estar a escrever muito rapidamente. Há erros de português que aparecem, há alguma medida que se possa tomar o que é que se pode fazer para evitar isso? Ou há alguma seleção prévia das pessoas que fazem a inserção de caracteres?

Adília Godinho, Diretora adjunta de Informação

“As pessoas, se há uma seleção prévia? Sim, uma seleção prévia que garanta...minimizar todos os passos que possam originar.... Acontece muitas vezes...A equipa.... As equipas de régie são equipas que funcionam muito bem. Nós não temos por exemplo, a figura de line producer que é uma pessoa que faz exclusivamente isso. Nós, apesar de termos uma equipa grande na régie, trabalhamos com menos pessoas do que o que seria desejável para o género da operação que fazemos, para estas horas todas em direto, de informação contínua e sem parar, don't stop, ponderamos eventualmente, estamos a pensar, analisar como é que nos poderemos organizar melhor de futuro para colmatar algumas falhas que sabemos que existem ou algumas formas de trabalhar que queremos corrigir, como é evidente. Dentro de uma régie para um programa de informação que está, que é emitido em direto, como por exemplo o telejornal. Vamos dar o exemplo do telejornal, muitas das peças que compõem o telejornal e, portanto, se estão emitidas entre as oito e as nove, ficam prontas, declaradas prontas pelo jornalista, depois muitas vezes depois do início do telejornal. Portanto, um coordenador que está na régie e que entre outras coisas, tem que olhar para os títulos, tem que olhar também para aquilo que está a emitir no momento em que está a emitir, tem que saber o que é que vai pôr a seguir no Telejornal e está preocupado com as peças que está a receber essas peças. Os primeiros, as primeiras pessoas a inserir estes dados, todos valiosos para a compreensão das peças são os jornalistas que está a editar a sua própria peça sob pressão. Portanto, coloca lá os oráculos e só quando a peça está pronta é que isto fica disponível para a régie também. Portanto, uma peça que vai, que será emitida daqui a trinta segundos é no momento em que a gente a está a emitir, que nós estamos a emitir-la que estamos a olhar para isso tudo”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Nélia, vou lhe pedir para me explicar como é que isto se faz. Como é que se consegue dar atenção a tantas coisas ao mesmo tempo?

Nélia Nobre – Coordenadora Operacional de Infografismo

“Temos que ter uma capacidade de múltipla atenção muito grande para conseguirmos dar conta de tanta informação? Os coordenadores e os jornalistas que são os responsáveis por cada um por cada peça pela sua peça disponibilizam essa informação no alinhamento. Esse alinhamento está disponível para todos, todos podem colocar indicações respeitantes à sua função nesse alinhamento e nós recebemos esse alinhamento desta forma. Acho que é importante as pessoas verem como é que isto, como é que isto nos chega porque nós não temos...Não sei se a percepção das pessoas é que nós estamos aqui a ver cada coisinha isoladamente, mas não, isto chega-nos desta forma, vou fazer aqui um pequeno SCROLL isto é um alinhamento de um jornal que está no ar neste momento, E portanto já estão ali, já estão escritos os textos que vocês vão inserir?

Nós vamos inserir à medida que vamos vendo a emissão, não é, à medida que vamos vendo a peça. Se aparece alguém a falar em vivo, nós se conhecermos a pessoa é ótimo se não conhecermos a pessoa, temos um problema, porque se o oráculo não estiver colocado na ordem correta, que também pronto por lapso pode acontecer, quando se arrastam esses conteúdos para lá, para a linha, pode estar na ordem inversa, E aí, se nós não conhecermos a pessoa pode ser colocado o nome da pessoa de forma errada não é. Nesses momentos, às vezes, conseguimos perceber que estava errado e conseguimos corrigir. Mas às vezes não conseguimos, porque, entretanto, a peça já acabou, a pessoa não voltou a falar e não conseguimos fazer essa correção”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

O alinhamento que recebem no início pode não corresponder ao alinhamento que de facto vai para o ar, há alterações?

“É muito raro acontecer isso mesmo. Acho que é impossível ser o mesmo. É impossível. Há sempre mudanças, porque há inúmeras coisas a acontecer. Portanto, uma das coisas que também altera muito a ordem do alinhamento é se, para além da atualidade, não é, as intervenções de políticos e outro tipo de eventos que possam acontecer é também o facto de as peças estarem ou não prontas para serem emitidas porque nós somos os últimos a olhar para isto não é”.

OFF

O erro espreita e revela-se, provocando indignação e descrédito e, ainda que seja, como vimos, impossível anular a sua presença, alguns telespectadores propõem estratégias de programação que contribuam para as questões da língua portuguesa.

MENSAGEM

“Por que razão a RTP não tem um espaço sobre a língua Portuguesa permanentemente na sua programação? Não me refiro a um programa de “entretenimento”, hoje tudo serve para entreter, ocasional, mas um programa, a sério, permanente, com menos piadas e mais substância, como eram alguns programas do passado”.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

É possível, está previsto a RTP voltar a ter um programa sobre a língua portuguesa?

José Fragoso, Diretor de Programas da RTP

“Nós temos muito pouca vocação na RTP 1 para programas temáticos. Esse será um programa temático, eventualmente terá cabimento no outro, num canal com outras características, mas na RTP 1 a nossa tendência é para colocar esse tipo de situações dentro dos próprios programas como rubricas, como acontece com o bom português, como acontece muitas vezes com o Praça da Alegria ou com a nossa Tarde, que aborda temas relacionados com a língua portuguesa, mas na rádio também existem formatos com esse trabalho. Portanto, a RTP é um grupo muito grande, o nosso portal ensina também tem muitos exemplos, mas na verdade o que o que é impossível é pôr dez milhões de pessoas ou pelo menos as pessoas que têm mais dificuldade e até às vezes, as próprias pessoas da casa a corrigir todos os erros”.

OFF

Cada erro é, como disse no início, um erro a mais e indesculpável. Podemos perceber como é complexa a emissão de um noticiário, com a pressão da atualidade e os imprevistos que constantemente surgem.

Dentro de uma régie de informação, manter a serenidade e a atenção às diferentes vozes e indicações é um exercício dificílimo. Pode acontecer, como no caso da legenda sobre Rúben Amorim, que três erros estejam à frente de todos durante sete minutos ninguém os veja realmente. Encontrei grande preocupação e grande sentido de profissionalismo nas pessoas com quem falei sobre este assunto. Estou certa de que todos os dias há enormes esforços para evitar erros e gralhas.

O Programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana

EPISÓDIO 40 – 30 DE NOVEMBRO 2024

DURAÇÃO: 15:51 MINUTOS

OFF

De vez em quando recebo na minha caixa de correio mensagens de telespectadores que não aceitam que a RTP transmita a missa dominical, argumentando que se trata de uma televisão de serviço público num estado laico.

A Eucaristia Dominical é transmitida em direto todos os domingos de manhã na RTP 1 com emissão em simultâneo na RTP Internacional e na RTP África.

São celebrações que ocorrem em diversas igrejas católicas por todo o país.

TELESPECTADOR QUEIXA

“Sendo Portugal um estado laico e tendo consagrado no número 5 do Artigo 41 da Constituição da República Portuguesa o seguinte: É garantida a liberdade de ensino de qualquer religião praticado no âmbito da respetiva confissão, bem como a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas atividades, questiono-me se a Igreja católica paga à RTP para emitir a eucaristia dominical aos Domingos ou se essa emissão é da total responsabilidade, em termos de custos, da RTP e dos contribuintes? Se assim for, o preceito do artigo que referi parece-me estar invertido, pois não é a igreja católica que promove a sua religião, mas sim a RTP com o dinheiro de todos os contribuintes, sendo que nem todos são católicos”.

TELESPECTADOR QUEIXA

“A difusão semanal em direto de missas ou eventos religiosos, apenas e só referentes a uma religião, é uma propaganda gratuita e descriminada da mesma. Recordo que de acordo com a constituição Portugal é considerado um estado laico”

OFF

Para me ajudar a melhor responder aos telespectadores da RTP ouvi especialistas e responsáveis nesta área.

João Gouveia Monteiro, doutorado em história, é professor catedrático da Universidade de Coimbra onde ensina história das Religiões.

É autor de diversos livros e responsável por centenas de artigos de investigação nesta área.

Defende que o Estado Português deve cooperar com as Religiões existentes em Portugal e procurar equilíbrio entre as diferentes confissões.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Eu recebo queixas de alguns telespectadores, protestam porque a RTP transmite aos domingos a missa dominical. Dizem que, sendo um Estado laico, não deveria privilegiar uma religião. O que é que acha sobre isso?

João Gouveia Monteiro, Professor da Universidade de Coimbra

"Bem, temos que perceber o que é que estamos exatamente a falar e o que é que se entende sobre estado laico. O que a nossa Constituição diz no seu artigo 41º é que existe separação entre o Estado por um lado e as igrejas e comunidades religiosas que têm toda a liberdade para se organizarem, para professarem os seus cultos etc... E, nesse sentido, o Estado português é um Estado não confessional, não toma partido, não discrimina religiões, não abre a porta a umas e fecha a porta a outras, portanto, dispensa um tratamento que não é inspirado por nenhuma confessionalidade por parte do Estado, o que não significa que estejamos a falar de laicismo, laicidade e laicismo são coisas diferentes. O laicismo significaria o estado assumir uma posição hostil em matéria religiosa, remeter a religião exclusivamente para a vida privada, um bocadinho na tradição da "laïcité française", inspirada pela revolução de 1789 e também um pouco na linha do que em parte, pelo menos a Primeira República Portuguesa faz".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Portanto, vamos deixar isso claro. A Constituição portuguesa não diz que Portugal é um Estado laico. Não utiliza essa expressão?

"Não. Essa expressão não está na Constituição portuguesa. O Estado não toma partido mas o Estado não esquece a dimensão social e cultural que as religiões cumprem e nesse sentido deve na medida daquilo que for razoável e também tendo em conta a representatividade das diversas comunidades religiosas que existem em Portugal, cooperar com elas".

OFF

O Jurista José Vera Jardim, presidente da comissão da liberdade religiosa desde 2016 e coautor da Lei da Liberdade Religiosa defende a transmissão da eucaristia dominical na televisão e na rádio do serviço público e baseia-se nas estatísticas que indicam que a maioria dos portugueses é composta por católicos.

José Vera Jardim, Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa

"A religião é um fenômeno social. Há muita gente que tem direito a ter também uma informação religiosa e, digamos, a possibilidade de assistir ao culto até porque muitas vezes porque é a única possibilidade que têm pessoas que estão acamadas, pessoas que estão em casa, que não podem ir à Igreja, à sua igreja. Porque você falou e bem a transmissão da missa católica. Mas como sabe melhor que eu há na televisão pública, na rádio pública, vários programas que dizem respeito não apenas à Igreja Católica mas a várias religiões que estão em Portugal, regiões radicadas em Portugal e, portanto, o Estado não pode esquecer e até deve dizer-se que, mesmo antes da Lei da Liberdade religiosa, foi uma das preocupações do legislador permitir ou melhor impor, ser um direito das religiões de terem um espaço público, digamos em que pudessem em

que os seus crentes pudessem de algum modo satisfazer essa necessidade, que é a necessidade do culto”.

OFF

José Vera Jardim foi o principal impulsor político da Lei da Liberdade Religiosa.

Cerca de 20 anos depois da sua criação, o presidente da Comissão da Igualdade Religiosa continua a considerar que é uma das leis mais abertas, senão mesmo a mais aberta da Europa.

José Vera Jardim, Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa

“A lei portuguesa, o mesmo se passa na Itália, aliás, porque são aqueles países que de certo modo, mais se assemelham, desde sociológico e histórico, com a evolução que houve em Portugal, são países de raiz católica qualquer deles, não interessa saber agora qual é a percentagem de católicos, mas é dominante, quer na Espanha quer na Itália, e comparando os vários sistemas, o nosso sistema é muito mais aberto a qualquer grupo, desde que tenha o mínimo de implantação social obviamente. Não são três ou quatro pessoas que vão dizer temos aqui uma nova religião, não é, a Comissão de liberdade religiosa, pode, sempre que o registo, o registro das pessoas coletivas, de emitir o seu parecer. É o que fazemos para saber se há uma implantação social que justifique o reconhecimento do Estado de certos direitos das religiões”.

OFF

Segundo os censos de 2021, cerca de 80 % dos portugueses são católicos e 14% assumiram-se sem religião. Seguem-se 2% dos cidadãos que confessam a Religião Protestante ou Evangélica e 1% de outra religião cristã.

Com menos de 1% de representatividade cada, aparecem religiões como as Testemunhas de Jeová, os ortodoxos, os muçulmanos e outras religiões não cristãs.

Mas para além dos censos, há outros instrumentos que permitem melhor saber a dimensão da representatividade de outras religiões.

João Gouveia Monteiro, Professor da Universidade de Coimbra

“Há várias maneiras de fazer isso, por exemplo, em Espanha, e isso está muito regulamentado têm um princípio que é o princípio do “notório Arraigo”, significa o enraizamento notório na sociedade espanhola, há quanto tempo estão na sociedade espanhola? Quantos espaços de culto têm, quantas associações têm e, em função disso, o Estado concede mais ou menos apoio, reconhece formalmente ou não chega sequer a reconhecer? Digamos, há uma métrica que está mais organizada em Espanha do que creio estar em Portugal. Mas de qualquer maneira, eu acho que o princípio é o mesmo. Só que Portugal não é constitucionalmente um Estado que tome partido do ponto de vista religioso, é de facto um estado, um Estado laico não é hostil à religião, mas coopera com as organizações religiosas porque reconhece a sua importância no tecido social português e, claro, também não podemos deixar de ver porque isso não se pode esconder que Portugal é um país maioritariamente católico”.

OFF

Os telespectadores que me escrevem acerca do assunto, defendem na grande maioria que todas as religiões deveriam ter igual tratamento no canal público de televisão.

Contestam o que consideram um privilégio dado à igreja católica e defendem que os atos de culto de outras religiões também deveriam ter espaço na RTP.

José Vera Cruz diz que não seria viável ao canal público de Televisão dar o mesmo tempo de antena a todas as Religiões radicadas em Portugal.

José Vera Jardim, Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa

"Isso seria praticamente impossível, não é? Quer dizer, nós temos que ter em conta o peso específico de cada religião na sociedade portuguesa, Ora, há realmente uma imensa maioria de pessoas que se dizem católicas e que são muitas delas católicas praticantes, outras dizem que não praticam mas que são católicas e, portanto, seria praticamente impossível a televisão e a rádio terem programas religiosos que incluíssem nos atos de culto dessas religiões e, portanto, nós temos que ter em conta o princípio da proporcionalidade, digamos, qual é a presença de cada religião na sociedade portuguesa? O mesmo se passa, por exemplo, no ensino, não é, o ensino como sabe hoje não é obrigatório, longe disso, o ensino da religião católica. Foi, aliás, mudado porque antigamente, os pais tinham que fazer uma declaração de que não queriam ensino religioso. Agora é o contrário os pais têm que dizer que querem ensino religioso. Ora bem, mas nós não podemos organizar, o Estado não pode organizar ensino religioso para dois alunos, três alunos é impossível, tem que haver um mínimo de pessoas que possam justificar a existência de um ensino religioso em diversas escolas".

TELESPECTADOR QUEIXA

"Venho, deste forma, propor um novo formato para um possível programa semanal. Vivemos num mundo cada vez mais impulsivo e intolerante. Devemos dar palco e voz a todas as ideologias e confissões religiosas, num mesmo espaço mediático, com igual oportunidade para expressar os seus pontos de vista e contribuir para uma melhor compreensão sobre os acontecimentos da actualidade. O painel deverá contar com representantes de todas as confissões religiosas oficiais e oficiais em Portugal assim como aqueles que são ateus, agnósticos, etc.".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Neste momento, em Portugal temos um como nunca tivemos uma grande quantidade de imigrantes que trouxeram um reforço para várias religiões que não a católica. Também precisamos de nos adaptar a isso a essa nova realidade?

João Gouveia Monteiro, Professor da Universidade de Coimbra

"Sim, evidentemente. E até por isso eu acho que, por exemplo, era muito importante e eu, em Coimbra, dirijo uma academia que é a academia para um encontro de culturas e de religiões, que é um projeto especial da reitoria da Universidade de Coimbra. Nós promovemos exatamente iniciativas que são iniciativas que procuram dar visibilidade a essas práticas religiosas a essas tradições e defendemos o princípio do ensino da história das religiões, o ensino não confessional da história das grandes tradições religiosas na escola pública, coisa que não existe em Portugal e uma estação pública de televisão, como a RTP, também poderia investir perfeitamente nisso".

OFF

“Caminhos” e a “Fé dos homens”, são dois programas da RTP 2 dedicados às várias confissões religiosas existentes em Portugal.

O programa Caminhos é transmitido uma vez por semana, aos domingos, e a Fé dos Homens de segunda a sexta-feira.

A diretora da RTP 2 assume a importância da apostila neste tipo de conteúdos que podem não ficar por aqui.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

*“Eu acho que a RTP deve focar-se em tudo o que contribuir para que a sociedade seja mais esclarecida sobre tudo e na história das religiões é até provavelmente uma prioridade, uma vez que muito, uma grande parte dos conflitos tem a ver com questões de ordem religiosa que depois se tornam mais de ordem política mas na verdade também têm alguma coisa de religioso e sim, mas não me sinto fora disso. Não sinto a RTP 2 fora disso, porque já passamos várias séries com a história das religiões. Passámos uma série chamada *Nexos*, que era a partir do mesmo livro, como é que nasceu o judaísmo, o islamismo e a religião católica. Portanto, passámos já séries, esta era uma série de documental, por exemplo, passámos uma série para crianças também sobre outras religiões. Temos o *Caminhos* que é, enfim, um programa sobre outras religiões. Não é da nossa responsabilidade. Digamos que é da responsabilidade das religiões. E na fé dos homens, há sempre um espaço para o proselitismo de outras religiões se quiser, permite-me a dizer que preferia ter uma história das religiões permanentemente, de todas, até a religião católica, que tem muitas dissidências, não é os católicos do Líbano, não é, não é bem igual aos católicos da Índia. Portanto, até isso acho que valeria muito a pena, mas para já e pode-se evidentemente incluir, mas acho que seria do meu ponto de vista mais interessante para todos e mais abrangente do que ter um espaço apenas para a propaganda das religiões”.*

OFF

Apostar na formação em história das religiões, num momento histórico que vivemos a nível internacional e também quando em Portugal residem pessoas de tantos países, culturas e religiões deve ser um desígnio da RTP, mas não só. A sociedade deve empenhar-se em compreender a história das religiões tantas vezes deturpada e manipulada para fins menos pacíficos, é preciso apostar no esclarecimento para combater a desconfiança e a ignorância, a RTP cumpre a lei e o seu papel, cabe aos telespectadores fazerem as suas escolhas. O programa da Provedora fica por aqui, até à próxima semana.

EPISÓDIO 41 – 07 DE DEZEMBRO 2024

DURAÇÃO: 13:36 MINUTOS

OFF

Quando um telespectador ou uma telespectadora entram em contacto com a provedora, são quase sempre motivados por alguma irritação que os fazem apontar o dedo a este ou àquele programa.

Muitas mensagens desaprovam temas ou abordagens em determinados assuntos. E outras, poucas, aludem a sugestões de como o serviço público pode servir melhor o seu público.

Hoje e em movimento contrário ao que habitualmente é visto no programa da provedora, procurámos os elogios que são dirigidos aos canais, programas e conteúdos emitidos pela RTP.

MENSAGEM TELESPECTADOR

Programa Alexandria, um programa para refletir com convidados muito interessantes e ótimo moderador. Um descanso para a mente. E o respeito pela RTP 2 aumenta. Parabéns!

OFF

O nome do programa é uma homenagem a uma das mais importantes bibliotecas do mundo e um dos maiores centros de produção do conhecimento da antiguidade, a Biblioteca de Alexandria.

Este espaço de cultura, feito de livros, fotografias, factos e trocas de ideias, foi exibido na RTP 2 ao longo de oito episódios e quem não assistiu em antena pode encontrar todos os episódios na página da RTP Play.

OFF

Além das séries, a programação da RTP 2 é conhecida por estar atenta aos mais novos, com várias horas diárias preenchidas com conteúdos infantis e juvenis.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“A maior parte das pessoas tem tendência apenas para escrever quando quer reclamar de algo e tenho que confessar não sou exceção. Hoje resolvi quebrar esse padrão e exigi de mim mesma fazer um elogio. Não costumo ver o zig-zag, mas hoje liguei a televisão de manhã na RTP 1 e apanhei um programa chamado Duarte, que explicava a palavra sublime. E ao mesmo tempo e complementando o assunto, apresentava um quadro do pintor Caspar David Friedrich, “Caminhante sobre o mar de Névoa”, e o momento foi verdadeiramente sublime. A palavra foi bem explicada e a introdução à obra de arte foi muito boa. Parabéns!”

OFF

A sensação manifestada por esta telespectadora demonstra que os desenhos animados são para todas as idades, porque há sempre algo a aprender. E demonstra também que o cuidado a ter com a programação infantil é da maior importância na formação dos públicos mais jovens.

E do particular, partimos para o geral, pois existem telespectadores que elogiam a programação da RTP 2 na sua globalidade.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“É, sem dúvida, o melhor canal da televisão portuguesa. Adoro os programas culturais, os infantis, as séries que têm transmitido, em especial a última, Hotel à beira-mar. Continuarei a ser uma telespectadora assídua porque vale a pena”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Gostaria de felicitar a RTP dois pela escolha criteriosa das séries que nos transmite. Destaco o bom gosto da série Hotel à beira-mar, série cómica, mas que ao mesmo tempo nos faz pensar. Neste horário tenho visto excelentes séries e gostaria de continuar a poder fazê-lo”.

OFF

Hotel à Beira-mar é uma série dinamarquesa que acompanha a vida num hotel de luxo no final da década de 1920.

Teve estreia internacional em 2013 e já vai na décima temporada.

Esta última está disponível na RTP Play.

OFF

Nos relatórios anuais que analisam as mensagens dos telespectadores, a área da informação está em clara vantagem sobre qualquer outro tema e destaca-se em número de mensagens.

Na grande maioria, estas mensagens refletem descontentamento e insatisfação.

Mais uma vez, fomos em busca da exceção que confirma a regra.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Acabo de assistir à reportagem sobre a situação dramática que tem estado sujeita a comunidade LGBTQIA+ húngara. Quero felicitar muito vivamente o jornalista por este trabalho e agradecer ao jornalista e à RTP por exibirem tal reportagem. Isto é serviço público!”

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Expresso a minha satisfação pela transmissão da reportagem sobre a utilização abusiva do SNS por pessoas estrangeiras, que foi transmitida no programa Linha da Frente. Foi verdadeiro jornalismo aquilo a que assisti, sem medo de expor a verdade, mesmo que esta não se enquadre no discurso politicamente correto”.

OFF

Não basta a RTP ser a marca de notícias mais confiável para os portugueses, como se tem visto em diversos relatórios independentes, e ficar acomodada nesse lugar. A RTP tem que continuar a apostar nas delegações regionais e reforçá-las para trazer o País ainda mais para junto dos telespectadores.

Tem de investir no grande documentário e na investigação e tem de continuar a demonstrar ser isenta.

Já se percebeu que as audiências não traduzem a percepção dos telespectadores quanto à fiabilidade da informação da RTP.

Mas não cabe à informação da RTP tentar contrariar esse paradoxo, apenas fazer o seu caminho e trazer-nos melhor informação.

OFF

É também na área da informação que os telespectadores assinalam a importância de uma boa entrevista.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Obrigado pela grande entrevista ao Almirante Gouveia Melo. Não tenho partido porque metade da minha família é de direita e a outra é de esquerda. Espero que a RTP continue assim”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Acabo de ver o Janela Global com a entrevista a Anne Applebaum e cito o dever de consciência de felicitar a jornalista Márcia Rodrigues e a RTP, pela excelência deste contributo que

continuemos a ter esta janela de observação sobre um mundo que, para não cair no precipício, precisa de ter discernimento”.

OFF

Os elogios dos telespectadores estendem-se também a formatos de entretenimento.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Venho por este meio felicitar a RTP pela ousadia de ser a única estação em Portugal, a fornecer entretenimento de qualidade, em particular com as estreias do The Floor e da 12ª temporada do The Voice Portugal. São programas bem-dispostos, positivos e que entretêm na verdadeira aceção da palavra”.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Serve a presente mensagem para dar os parabéns pelo excelente programa em Casa da Amália, transmitido do Brejão. Programa despretensioso e respeitador do gosto dos portugueses. Parabéns! Não são precisas grandes e dispendiosas produções para se fazerem grandes programas”.

OFF

A concorrer com grandes formatos internacionais, não deixa de ser curioso que o programa em Casa da Amália, tenha ganho este ano o prémio de melhor programa de entretenimento da Sociedade Portuguesa de Autores.

Já vai na 7ª série de programas apresentados pelo autor José Gonzales, e esta parece ser de facto uma fórmula vencedora.

Há talento, há arte, há cultura e há também audiências.

OFF

Há espaço ainda para elogiar a memória.

A saudade da televisão de ontem, de há muitos ontens, é sublinhada pelos elogios à programação do canal que traz para a frente o que está guardado nos preciosos arquivos da estação pública.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Venho por este meio mostrar o meu agrado para com programação da RTP Memória, principalmente para as séries que passam depois de jantar, especialmente a “Casa na Pradaria” e “Um Anjo na Terra”, mas também para as restantes antigas e mais recentes, como os “Soldados da Fortuna” ou “Serviço de Urgência”.

OFF

É importante referir que o universo RTP é cada vez mais vasto, que a sua missão de serviço público extravasa dos seus canais de televisão ou rádio, adaptando-se aos novos tempos e exigências de consumo, quer por oferecer a todos o acesso à RTP Play, quer por disponibilizar outros serviços que muitos ainda desconhecem.

MENSAGEM TELESPECTADOR

“Quero felicitar a RTP Arquivos pela publicação de genéricos de telejornais dos mais variados anos. Considero que tal representa um elemento importante na divulgação histórica dos grafismos da informação, que tem acompanhado a RTP desde o início”.

OFF

Lançado em março de 2017, o portal RTP Arquivos disponibiliza hoje mais de 150 mil conteúdos. Em 2023, o site teve 9 milhões e meio de visualizações. Este é um dos maiores tesouros nacionais.

A digitalização, com acesso gratuito à história dos últimos 70 anos, tem um valor incalculável e valoriza o serviço público que merece uma visita de todos os que acompanham e gostam da RTP.

Fico muito satisfeita quando os telespectadores se dão ao trabalho de escrever à provedora, não apenas para criticar, mas também para agradecer e elogiar.

Faço questão de transmitir a quem tem responsabilidades na RTP estas manifestações de agrado, como faço com as críticas.

Ambas ajudam a melhorar o serviço que a RTP presta aos telespectadores.

O programa da provedora fica por aqui até a próxima semana.

EPISÓDIO 42 – 14 DE DEZEMBRO 2024

DURAÇÃO: 13:28 MINUTOS

OFF

Estamos em contagem decrescente para o Natal e para o fim de 2024.

Faltam poucos dias para uma das épocas festivas mais aguardadas por muitos.

E se é certo que muitos telespectadores desligam a televisão neste tempo em que as famílias se reúnem, muitos outros não dispensam ligar o televisor, sozinhos ou acompanhados, à procura de uma programação diferente oferecida nos canais de televisão.

OFF

Na RTP 1, o Taskmaster que vai para o ar na noite de 31 de dezembro dá as boas vindas a 2025. A pensar no Natal haverá edições especiais de programas como The Voice, MasterChef, Joker e Preço Certo.

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

Está a Aproximar-se, a época de Natal e a passagem de ano. O que é que a RTP vai dar aos telespectadores?

José Fragoso, Diretor de Programas RTP 1

“Os nossos grandes formatos, todos eles, acabam por receber essa relação com a quadra. Vamos ter a gravação do Circo de Natal, como fazemos todos os anos no Circo do Coliseu, aqui em Lisboa, onde vão participar os nossos apresentadores e muitas das nossas caras vão fazer

números de circo juntamente com a equipa do próprio circo. Vamos ter a passagem de ano este ano com o Taskmaster, portanto, o programa vai ser a nossa companhia na noite de 31 para o primeiro de janeiro de 2025. Vai ser uma emissão especial, com muitos mais convidados, com mais jogos, com música também dentro do próprio programa, vamos ter um The Voice especial também de Natal com surpresas, com muitos artistas convidados e também com os próprios jovens que estão a participar na temporada deste ano. O próprio MasterChef vai ter também um programa especial com figuras conhecidas que vão cozinar num ambiente de brincadeira também com música, também com boa disposição. E depois temos os programas de grelha diária. O Preço Certo faz sempre emissões solidárias nesta época e, portanto, vamos fazer seis ou sete emissões solidárias com os bombeiros, com organizações de solidariedade social para que os prémios revertam para essas organizações. O Joker também vai ter exatamente o mesmo perfil. Vamos ter seguramente circos franceses, circos belgas, circos suíços. Fazemos sempre ali um um conjunto de aquisições para essa época e vamos ter ficção nacional também, vamos manter a nossa presença junto do cinema português, todas as semanas estamos a exibir um filme português na RTP 1 e vamos estrear uma série que se chama o Americano, que vai estrear logo no início de dezembro e que estará no ar até o início de 2025".

OFF

O Natal dos Hospitais transmitido na última quinta-feira marcou o arranque da programação de Natal do canal público de televisão em 2024. É o programa de entretenimento mais antigo da televisão em Portugal, foi emitido pela primeira vez em 1958. À semelhança do ano passado, voltou a ser transmitido a partir do Hospital de Alcoitão com ligações ao país inteiro, Açores e Madeira incluídos.

Na RTP Memória, haverá uma programação a pensar em toda a família com muita ficção histórica portuguesa, mas também cinema e séries internacionais.

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

"Todos os anos temos o cuidado, nesta altura natalícia, a quadra festiva, Natal e Fim de Ano, de alterar um pouco a nossa grelha e adaptá-la a algo que é muito importante na vida das pessoas. Primeiro, há crianças em férias e há pessoas que tiram férias nesta altura também. E, portanto, teremos seguramente mais ficção do que alguma vez temos. Fazemos sempre aqui uma busca aos grandes telefilmes produzidos na RTP de ficção para servir nessa altura, ficção histórica nossa mas também ficção e cinema internacional que é um clássico destas quadras de Natal. Algum cinema divertido, multigeracional, como as academias de polícia, temos este ano uma coleção que há muito tempo não passa na televisão, que são os famosos "Regresso ao futuro", essa saga muito gira e muito divertida. Procuramos cinema que acima de tudo seja multigeracional e que possa responder a esta ideia de que há filhos, pais e avós, pelo menos, juntos com a televisão ligada e que possam pelo menos viver esse momento em conjunto. Além disso, vamos estrear já muito próximo do final do ano a série "Perry Mason", uma série... Neste caso é estrear na RTP Memória a série Perry Mason, uma série de barra de tribunal clássica, mas que faz parte do nosso imaginário e vamos servi-la precisamente nessa altura entre o Natal e o fim de ano, começará também aí. Contamos também, não tão na ótica do entretenimento, contamos exibir nessa altura um projeto no qual temos estado a trabalhar este último ano, ainda na senda dos cinquenta anos do 25 de Abril, que é uma coleção documental de dois episódios com o professor António Barreto, designada "Rumo à Liberdade" que contará um pouco o que foram os laivos de liberdade tidos até ao 25 de Abril. Manifestações, tentativas ao longo do Estado Novo que cheiraram um pouco o tom da liberdade e depois uma segunda coleção de

laivos de liberdade, mas já pós 25 de Abril, do processo da democratização, da modernização e também enfim algum delírio ideológico desta ideia livre. É uma produção autóctone da RTP Memória, a estrear nessa altura do ano. São dois episódios de 50 minutos, a Coleção chama-se Rumo à Liberdade e o professor António Barreto teve a genialidade de chamar ao primeiro "O Andante" e ao segundo "O Alegro" e portanto estamos muito expectantes porque achamos que é um momento ao fechar o ano, trazer esta coleção belíssima e o privilégio de esta equipa da RTP Memória ter trabalhado intrinsecamente com o professor António Barreto neste projeto".

OFF

A passagem de 2024 para 2025 na RTP Memória contará com dois nomes de peso.

Gonçalo Madaíl, Diretor da RTP Memória

"Normalmente o que fazemos é vamos buscar as melhores passagens de ano que a RTP serviu. Estão sempre no pódio as passagens de ano do Herman naturalmente, que são históricas, fazem parte até do meu próprio imaginário. É muito provável que coloquemos uma destas ou o "Crime na Pensão Estrelinha", ele fez várias, felizmente algumas que foram projetos especiais feitos para este fim de ano que eu penso que são a melhor forma de celebrarmos. O Júlio Isidro com o "Inesquecível" faz sempre um especial de Natal e um especial de Fim de Ano que, com o seu toque, sabe muito bem como jogar com a quadra natalícia e no fim de ano faz sempre também uma espécie de resenha não só do ano, mas destes últimos anos para nos ajudar um bocadinho a pensar o que tem acontecido e o que virá para o ano seguinte".

OFF

Na RTP 2, a Programação será mais virada para as crianças que estão nesta altura em férias escolares.

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

"A programação infantil aumenta pelo menos mais uma hora para dar oportunidade às crianças que estão em casa, para terem alguma coisa para fazer de qualquer maneira, sendo um canal alternativo teremos como normalmente uma programação de Natal, que é que é uma programação de família, uma programação festiva, mas não necessariamente de Natal. No entanto, porque a contradição também é uma norma da vida costumamos transmitir a missa do Galo de Roma, que antigamente era às onze da noite. Mas agora comprehende-se que as pessoas têm frio, que os Papas estão muito envelhecidos, que as pessoas mais velhas também querem assistir e, portanto, normalmente é às oito, às vinte horas de Portugal e transmitimos essa Missa. Pode parecer um bocadinho contraditório, mas não é porque também é uma oportunidade de ver uma missa que, na verdade, também é um espetáculo de televisão, é um monumento absolutamente fantástico e, portanto, transmitimos essa Missa diretamente com o sinal da RAI".

Ana Sousa Dias, Provedora do Telespectador da RTP

E na passagem de ano, fazem alguma programação especial? A assinalar a meia-noite, por exemplo?

Teresa Paixão, Diretora da RTP 2

"Na passagem de ano, costumamos sempre ter um filme, um filme daqueles um blockbusters digamos. Já tivemos "E tudo o vento levou" esses filmes de grande produção, e assinalamos

normalmente o filme é feito de modo a quando chegar à meia-noite, seja possível assinalar. Aliás, o canal dois é conhecido por ter pouca produção americana, mas os filmes americanos têm um nível de produção e o valor de produção desde há muitos anos que também tem um bocadinho esse tom da festa”.

OFF

A RTP Madeira arrancou a programação natalícia com a participação no Natal dos Hospitais, este ano a partir do Concelho da Calheta.

Gil Rosa, Subdiretor de Conteúdos da RTP Madeira

“Neste Natal destacamos também três momentos musicais que preparamos com três concertos músicas da festa é a designação, um concerto com Cristina Barbosa com várias crianças que cantam músicas de Natal, depois também um outro com a Orquestra dos Serviços de Educação Artística da Madeira, também com alguns sulistas, ainda uma outra iniciativa com a Associação de Folclore da Madeira, com vários grupos que cantam as romarias da festa na Região. Destaque também para dois documentários um sobre a entrada dos Pastores, uma das tradições que acontece na noite de Natal em muitas das igrejas da Madeira, vamos mostrar como é que isso acontece, por exemplo, na Igreja da Camacha, aqui no concelho de Santa Cruz. Um outro documentário também sobre os as doçarias, a gastronomia do Natal vamos mostrar também muitas das tradições nesta área que acontecem aqui na Região. Destaque naturalmente para a noite do mercado esse que será um dos momentos altos no dia vinte e três vamos estar com uma emissão especial a partir das 19:30, até para além da meia-noite para darmos conta de uma das noites mais emblemáticas da festa madeirense, também aqui no Funchal”.

OFF

A RTP Madeira vai ter uma emissão especial na passagem do ano com destaque para o fogo de artifício que atrai todos os anos à Região milhares de pessoas.

Também a RTP Açores preparou uma programação especial para o Natal e Passagem do ano.

Na noite de 24 de dezembro, os telespectadores poderão assistir, a partir da meia-noite, à missa do Galo, em direto da igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel.

No dia de Natal, esta televisão regional estreia o musical Operação Natal 2024, um concerto gravado nos Estados Unidos pela RTP Açores.

Na noite da passagem de ano, a RTP Açores tem uma emissão especial para mostrar o fogo-de-artifício e as festas de boas vindas a 2025 com emissões em direto das cidades de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta.

Estamos a caminho de um novo ano, mais uma vez carregado de incertezas, mas uma coisa é certa: a RTP tem de ficar sempre do lado dos telespectadores. Os telespectadores em particular que têm a televisão como única companhia.

Voltaremos no início do próximo ano com um Programa dedicado a problemas técnicos que afetaram gravemente as emissões da RTP, nomeadamente, a transmissão do concerto inaugural da inauguração da catedral de Notre Dame.

O programa da provedora fica por aqui com desejos de boas festas para todos e um feliz 2025.

